

ROBERTO YUTAKA SAGAWA

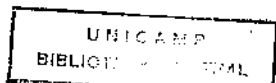
OS INCONSCIENTES NO

DIVÃ DA HISTÓRIA

*Este exemplar corresponde à redação
final da Tese defendida pelo
Sr. Roberto Yutaka Sagawa e aprovada
pela Comissão julgadora.
Campinas, 23/06/89. In mLe*

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da UNICAMP, sob a orientação
da Profa.Dra. Mariza Corrêa.

Campinas, 1989.



Í N D I C E

VOLUME I

<u>INTRODUÇÃO: DE VIENA PARA SÃO PAULO</u>	1
Contexto histórico brasileiro	5
O lugar da Psicanálise importada.....	9
A importação "alternativa"	15
Um recorte local	19
Pesquisa de campo	25
O questionário; a questão ética	31
Notas	34

CAPÍTULO I: OS PRIMEIROS ANOS (1920-1936):

<u>PERÍODO AUTO-DIDÁTICO</u>	35
Introdução	35
Franco da Rocha, o pioneiro da psicanálise em São Paulo	36
O auto-didatismo de Durval Marcondes e as elites intelectuais paulistanas	44
Um concurso público: Durval Marcondes Versus A.C.Pacheco e Silva.....	63
Os primeiros pacientes da psicanálise	72
É uma nova visão do mundo ?	84
Conclusão parcial	90
Notas	91

CAPÍTULO II: OS ANOS DE INICIAÇÃO (1937-1960):

<u>PERÍODO INSTITUCIONAL HEGEMÔNICO</u>	110
Introdução	110
A formação dos primeiros psicanalistas brasileiros	111
Em busca do reconhecimento "oficial" da IPA	124
Uma Sociedade de Psicanálise legítima e sem concorrentes.....	140
A incorporação na comunidade psicanalítica internacional.....	162
Conclusão parcial	172
Notas	175

CAPÍTULO III: OS ANOS DE EXPANSÃO (1961-80):

PERÍODO DE CONCORRÊNCIA INSTITUCIONAL..... 183

Introdução	183
A criação do Instituto de Psicanálise e da Comissão de Ensino...	184
O "kleinismo" como uma modernização freudiana	194
O surgimento de facções: o "establishment bioniano"	205
A "panelinha" e a "reanálise"	217
Uma "oposição democrática"	226
Os desacordos explicitadospsicanalíticamente	237
As "linhas" e a arbitrariedade simbólica	244
Conclusão parcial	256
Notas	258

CAPÍTULO IV: OS ANOS DE CONCORRÊNCIA (1970-1980):

PERÍODO DE SURGIMENTO DOS NÃO-"OFICIAIS" 264

Introdução	264
O surgimento de "linhas" e instituições concorrentes	265
Como os "alternativos" vêem a si mesmos e aos outros	273
Os rituais de iniciação dos "alternativos"	288
A psicanálise fora do consultório	298
Conclusão parcial	303
Notas	305

EPÍLOGO : A PSICANÁLISE FAZ PSICANALISTAS OU OS

PSICANALISTAS FAZEM PSICANÁLISES ? 306

Os psicanalistas-autores	311
Notas	321

BIBLIOGRAFIA 322

À profa. Lídia de Portugal Marcondes que confiou no meu trabalho,
dando acesso a um precioso material de pesquisa.

Ao dr. Roberto Azevedo que me deixou disponível a sua biblioteca.
Esta incorporou a biblioteca de Durval Marcondes e se
tornou hoje a biblioteca psicanalítica, talvez, mais
completa no Brasil.

Ao prof. Atílio Maniero Júnior em quem pude constatar que o saber,
além de ser um processo gnosiológico, é um modo de in-
terferir e de ser no mundo.

À Maria Aparecida F.M. Bussolotti, pela amizade e pela revisão.

Ao sr. Oscar Farnochi por ter atendido com competência o pedido de
datilografia, dentro do prazo combinado.

À CAPES que tornou possível cumprir os créditos e realizar o pro-
jeto de pesquisa assim como o exame de qualificação.

À FAPESP que financiou o período de pesquisa de campo e de re-
dação desta Dissertação.

AGRADECIMENTOS

Ao Peter H. Fry, ex-orientador, que tornou possível a realização do projeto de pesquisa, o exame de qualificação, a pesquisa de campo e a redação desta Dissertação.

À Mariza Corrêa, atual orientadora, que me deu condições para concluir esta Dissertação.

A ambos deve ser creditado muito do que aparece agora como resultado final, mas não podem ser responsabilizados pelas insuficiências e imprecisões de minha parte.

Aos professores do Mestrado: Bela Feldman-Bianco, Manuela Carneiro da Cunha, Mariza Corrêa, Peter H. Fry, Antonio Augusto Arantes, José Luiz dos Santos e Guilherme Ruben, os quais proporcionaram aos orientados, no período de 1980-83, um habitus intelectual estimulante e produtivo.

Aos amigos que contribuíram, de muitas formas, ao longo destes anos: Talitha Ferraz de Souza, Alice Inês de Oliveira, A. Eymard Cavalcante Porto, Maria José de Mattos Taube, Ana Iverson, Edward MacRae, Cláudio Novaes Pinto, Cil Orsini, Lena Storti, Sueli da Silva Cripa.

Aos inúmeráveis psicanalistas, "candidatos" a psicanalistas e pacientes que valorizaram a minha pesquisa com a expectativa de terem como resultado um produto que acrescentasse algo às suas vivências, práticas e reflexões.

Ao saudoso dr. Durval Marcondes que me recebeu em sua casa para intermináveis diálogos e ainda teve a dedicação de discutir os meus estudos psicanalíticos.

DEDICATÓRIA

À Célia Mieco Sagawa que me dedicou amor e apoio, incentivando-me a desenvolver uma carreira científica num País muito mais justo com os donos do poder e também bastante injusto com os destituídos.

Ao Jorge Shoji Sagawa que me possibilitou dedicar um tempo livre para os estudos, numa fase decisiva de opção profissional.

INTRODUÇÃO

DE VIENA PARA SÃO PAULO

Qualquer história da Psicanálise reconhece unanimemente o médico neurologista vienense Sigmund Freud (1856-1939), que em 1900 lançou sua primeira obra psicanalítica ("A interpretação dos sonhos"), como o único descobridor do inconsciente e criador da Psicanálise como ciência e profissão. Enquanto foi vivo, Freud e seus discípulos pioneiros estiveram às voltas com o empreendimento de organização interna do "movimento psicanalítico" e, praticamente, sem um reconhecimento científico internacional. Somente após a II Guerra Mundial, a Psicanálise foi conseguindo ganhar prestígio científico internacional e, simultaneamente, fundar ou fortalecer as filiais ou Sociedades Componentes da International Psychoanalytical Association (IPA, fundada por Freud e pelo "Círculo do Anel", conforme testemunha Jones, 1989:161-163). Sobretudo na Europa e nos Estados Unidos (neste país, após a II Guerra, o número de psicanalistas contava praticamente a metade do total dos filiados à IPA), a IPA conseguiu tornar-se uma entidade sólida e atraente, passando a recrutar um número de candidatos a psicanalistas que cresceu sempre em progressão geométrica (são cerca de 6.000 psicanalistas hoje filiados à IPA, sem contar os candidatos). E mais ainda, obteve reconhecimento e prestígio científico e social também fora do meio psicanalítico, o que se pode avaliar pela quantidade e qualidade de estudos interdisciplinares como as obras de Politzer (1972), Kaufmann (1980), Gay (1989), Rieff (1979), Bastide (1974), Bleger (1963), Rouanet (1986, 1987), Marcuse (1968), entre outros.

Embora a existência da Psicanálise seja bastante recente quando comparada com outras disciplinas congêneres como a Psiquiatria e a Psicologia, sua história já se tornou um objeto de estudo privilegiado dentro e fora do "movimento psicanalítico". A preocupação ou necessidade de estabelecer fatos e personagens através de uma história da Psicanálise coincide com a própria trajetória científica de Freud que, em 1914, redigiu e publicou uma "História do Movimento Psicanalítico" e, em 1924-25, complementou-a com uma segunda versão, "Um estudo autobiográfico". No início dos anos 50, Ernest Jones (que foi um dos seis discí-

pulos eleitos por Freud como componentes do "Círculo do Anel", criado em 1912) assumiu a missão de escrever sobre a vida e obra de Freud, sob supervisão e controle de sua filha, Anna, por causa de muitas biografias "desvirtuadas" que estavam sendo publicadas até então. Jones conhecia bem a opinião de Freud que era contrário a biografias porque estas inevitavelmente acabam idealizando seu protagonista. "Vida e obra de S. Freud" continua sendo a referência básica para qualquer história da Psicanálise, talvez por ter contrariado o desejo de Freud... e certamente por ser a mais bem-documentada até hoje, com total acesso aos Arquivos Sigmund Freud.

A partir desta obra de Jones, continuam surgindo diversas outras como a de Roazen (1978), Alexander et alii (1981), Schur (1981), Clark (1980), MacGrath (1988), somente para citar algumas delas. Estas obras explicitaram a importância ou pertinência de aliar acontecimentos biográficos e desenvolvimentos teóricos psicanalíticos de Freud. Este propósito de aliar coerentemente vida e obra deu a impressão, na maioria destas obras citadas, de que se tratava apenas de complementar ou trazer à tona dados ainda não revelados por Jones que, por sua vez, imprimiu um certo caráter apologético a sua obra, considerada clássica. Entretanto, o recente surgimento da obra de Gay (1989) demonstrou que, ao invés de se tratar de contestar ou de apresentar novos dados da vida e obra freudianas, existem inúmeras e possíveis interpretações delas e não somente uma predominante, conforme Jones tanto se esforçou em demonstrar.

Mais preocupado com a obra ou com a interpretação da obra do que com a vida ou biografia, surgiu recentemente o estudo-denúncia de Masson (1984) que teve acesso como pesquisador aos Arquivos Sigmund Freud e concluiu que certas postulações teóricas desenvolvidas em 1895-96 haviam sido suprimidas pelos seus sucessores (Anna Freud, Ernest Jones etc.).- Documentos e cartas inéditas a Fliess demonstram que, na opinião de Masson, a primeira teoria foi abandonada por Freud, pois este não pôde admitir que os pacientes adultos haviam sofrido de fato traumas (violências ou abusos) sexuais na infância. Em substituição a esta teoria, Freud pos

tulou que os pacientes haviam sido traumatizados apenas em e pela fantasia infantil. Esta obra de Masson chamou mais a atenção por ter causado polêmica e por ter ousado denunciar os "herdeiros" ou "guardiães" dos Arquivos Sigmund Freud do que por sua contribuição interpretativa substancial.

Inúmeras obras e estudos anteriores a Masson já têm demonstrado ~~que o nascimento da psicanálise ou a descoberta do inconsciente é um~~ período histórico crítico que merece ser estudado exaustivamente, para se abordar e analisar o desenvolvimento psicanalítico posterior, quer da perspectiva comparativa da Psiquiatria Anátomo-Patológica com a "primeira psicologia freudiana das neuroses" (Levin, 1980), quer da perspectiva do contexto simultaneamente cultural e científico do período de ruptura psicanalítica (Ellenberger, 1970), quer da perspectiva epistemológica em termos da constituição de uma nova disciplina ou área do conhecimento (Gabbi Jr., 1981).

Um outro gênero de história da Psicanálise bastante praticado é aquele que, com intenção didática ou para-didática, predominantemente descreve, classifica e avalia a filiação, a evolução ou o desdobramento das teorias e técnicas psicanalíticas, como é o caso de Fine (1981), Gratton (1967), Pontalis (1972), Pacheco e Silva Filho (1976), entre inúmeros outros.

A partir destes referenciais, abordaremos neste estudo, em particular, como a história da Psicanálise, em São Paulo, desenvolveu-se como um "movimento psicanalítico" local e relacionado com o panorama internacional. Embora possua a fama de ter sido pioneira na América Latina, sobretudo no que se refere às Sociedades Componentes da IPA, sua história (desde a implantação do primeiro grupo de formação psicanalítica até sua evolução recente e sua caracterização em termos de agentes, de teorias e de instituições) continua sendo pouco sistematizada e requer um estudo detalhado como o que nos propomos desenvolver a seguir.

A opção por um recorte local da história da Psicanálise faz parte da tradição recente da Antropologia Social, que tem procurado demonstrar a relativização e a construção de experiências e de fatos culturais em seus diferentes contextos, desde Malinowski e Radcliffe-Brown até os antropólogos dos nossos dias. Entretanto, é significativo que até mesmo psicanalistas como André Green admitam que "a obra de Lacan só poderia ter-se desenvolvido na França, e acredito que a obra de Winnicott está intimamente relacionada com aquilo que ele deve à terra pátria" (Green, 1988:10). Apesar de não explicitar assertivamente, pode-se entender que, para Green, não se trata apenas de relacionar história da Psicanálise com local geográfico e sim de levar em consideração o contexto local a partir de fatores geográficos, políticos, culturais, sociais, etc. como constitutivos de tal história. Desta forma, abre-se um enorme campo de estudo e de pesquisa, como os de Castel (1978), Turkle (1981), Nunes (1984), Roudinesco (1988), entre outros, apresentam feições e resultados bem distintos dos outros mais tradicionais já citados anteriormente.

Contexto histórico brasileiro

A construção da história da Psicanálise no Brasil está intimamente relacionada com o estabelecimento das filiais da IPA no País, embora tenha havido muitos precursores que não tiveram ligação institucional com a IPA. Entre estes precursores, já nos anos 10 (segunda metade) e nos 20, existem referências bibliográficas de médicos legistas e de professores universitários que abordam a Psicanálise, em diferentes Estados brasileiros. Podemos citar: Franco da Rocha (em São Paulo); Antonio Austregésilo, José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque, Júlio Pires Porto-Carrero (Rio de Janeiro); Arthur Ramos (em Salvador); João César de Castro e Martin Gomes (em Porto Alegre); Ulisses Pernambucano (em Recife). Estes eminentes nomes da Psiquiatria da época tiveram sobretudo um interesse teórico pela Psicanálise e não se propuseram a se tornar psicanalistas, oferecendo tratamento psicanalítico a pacientes.

Entre os precursores, houve uma exceção: o médico recém-formado em 1924, Durval Bellegarde Marcondes, (1889-1980), influenciado por Franco da Rocha, começou a exercer a clínica psicanalítica e se tornou um dos fundadores da primeira Sociedade filial da IPA no Brasil, cujo início de formação aconteceu em 1937. Nos outros Estados (Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul), houve um lapso de tempo entre os precursores citados e a criação de Sociedades Filiadas a IPA, que aconteceu somente a partir da segunda metade dos anos 40.

Em 1928, o próprio Freud em carta a Ferenczi declarou: "O correio de ontem (dia 3 de janeiro) trouxe (...) um informe de São Paulo, no Brasil, de que aí foi formado um grupo psicanalítico que quer ser aceito 'na Associação Internacional' (Jones, 1989:245, vol.2). Esse grupo foi fundado por Franco da Rocha e Durval Marcondes, mas não continuou a existir porque, segundo depoimento de Durval Marcondes, apresentado no próximo capítulo com maiores detalhes, os seus membros não estavam empenhados em se tornar psicanalistas, exceto ele mesmo. Somente nos anos 30, com e durante a perseguição dos nazistas, ocorreu a imigração dos psicanalistas judeus da Europa Central, principalmente, para os Es-

tados Unidos. Nesta onda imigratória, veio para São Paulo, em 1936, a dra. Adelheid Lucy Koch (1896-1980), analisada por Otto Fenichel (1898-1946), um analista didata da Sociedade de Psicanálise de Berlim. Em 1937, a dra. Koch começou a fazer a análise pessoal de alguns candidatos a psicanalistas (entre eles, Durval Marcondes) e, assim, deu início ao único grupo de formação psicanalítica existente no Brasil, naquela época, e também na América Latina (na Argentina, que se tornou nos anos 50 e 60 o centro psicanalítico latino-americano mais produtivo, o movimento psicanalítico começou somente nos anos 40). Em 1944, a dra. Koch obteve de Ernest Jones, na época o presidente da IPA, o reconhecimento provisório do grupo de primeiros ex-analisandos e ex-alunos, constituindo-se como um "Study Group". Em 1949, no XVI Congresso Internacional, em Zurique, obteve-se o "reconhecimento provisório" como filial da IPA.

Em 1951, no Congresso Internacional de Amsterdam, o grupo de São Paulo obteve o reconhecimento definitivo da IPA e denominou-se Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

No Rio de Janeiro, a iniciativa de criar um grupo de formação psicanalítica esteve ligada ao Centro de Estudos Juliano Moreira, conforme constata Perestrello (1987), que foi fundado em 1944 por um grupo de "jovens psiquiatras residindo no Rio de Janeiro - a maioria trabalhando no Serviço Nacional de Doenças Mentais -, estudiosos, vanguardistas, insatisfeitos com a orientação oficial da SNDM e da cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina regida por Henrique Roxo" (Perestrello, 1987:35). Entretanto, estes médicos não se denominaram psicanalistas por já estarem "cientes e conscientes da necessidade de uma formação analítica" (Perestrello, 1987:35).

A formação dos candidatos a psicanalistas começou, no Rio de Janeiro, somente em 1948, com a chegada, primeiro, de Mark Burke, analista da British Psychoanalytical Society e indicado por Ernest Jones, e depois, no mesmo ano, com a chegada de Werner Kemper. Ambos iniciam seus

trabalhos no Instituto Brasileiro de Psicanálise, fundado em 1947, embora esta entidade não fosse reconhecida ainda como tal pela IPA. Burke e Kemper realizam análise pessoal de candidatos e, logo depois, começaram a dar supervisões e estudos teóricos. Entretanto, houve uma longa história, que começou em 1951, enraizada em dimensões de 3 grupos: "o grupo de Burke", o "grupo de Kemper" e o "grupo argentino" (composto por alguns médicos psiquiatras fundadores do Centro de Estudos Julianos Moreira, que foram realizar sua formação psicanalítica na Argentina), segundo Perestrello (1987:42-50). Depois de uma série de acusações mútuas entre estes grupos, que foram comunicadas à diretoria da IPA (cuja presidência era ocupada por Heinz Hartmann), houve entendimentos com a IPA (intermediada pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo) que levaram à formação de duas Sociedades filiadas a IPA, no Rio de Janeiro.

Em 1953, no Congresso Internacional de Londres, "o grupo de Kemper" é reconhecido como "Study Group", sob a responsabilidade da Sociedade de São Paulo. Em 1955, no XIX Congresso Internacional, em Genebra, o "Study Group" é reconhecido como Sociedade Componente da IPA e recebe o nome de Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Em 1957, no Congresso Internacional de Paris, um grupo de 11 psicanalistas ("o grupo de Burke" e "o argentino") conseguiu obter reconhecimento da IPA como "Study Group", sob responsabilidade da Sociedade de São Paulo. Em 1959, no Congresso Internacional de Copenhague, este "Study Group" foi reconhecido como filial da IPA, sob a designação de Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Em Porto Alegre, diversos professores de Psiquiatria estiveram, desde os anos 30, interessados na Psicanálise como estudiosos e buscaram realizar uma formação psicanalítica somente em meados dos anos 40. "Em 1947, retornou de Buenos Aires o Dr. Mário Martins, tendo feito formação psicanalítica na Associação Psicanalítica Argentina, sendo o primeiro analista oficialmente formado a exercer clínica em Porto Alegre. É ele considerado o verdadeiro fundador do movimento psicanalítico no Rio

Grande do Sul, sendo logo acompanhado pelos Drs. José Lemmertz, Cyro Martins e o Prof. Celestino Prunes, os dois primeiros formados na Argentina e o último no Rio de Janeiro"(...). "O Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre foi fundado em 1957, reconhecido como "Study Group" pela Associação Psicanalítica Internacional sob o patrocínio da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, em agosto de 1961" (Uchoa, 1981:166). Com o reconhecimento definitivo da IPA, este "Study Group" passou a denominar-se Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Em termos numéricos de filiados, o "Roster" de 1987 apresenta os seguintes índices por entidade. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo: 73 membros efetivos (sendo 26 analistas didatas), 105 membros associados e 232 candidatos a psicanalistas (pertencentes ao Instituto de Psicanálise, órgão de formação da Sociedade). Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro: 47 membros efetivos (sendo 32 analistas didatas), 91 membros associados e 57 candidatos a psicanalistas. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: 164 membros titulares (sendo 42 analistas didatas) e 149 membros provisórios. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre: 14 membros efetivos (sendo 12 analistas didatas), 23 membros associados e 30 candidatos a psicanalistas.

Estas 4 Sociedades constituíram, em 6 de maio de 1967, a Associação Brasileira de Psicanálise que "vem exercendo fecundo trabalho de coordenação e unificação da Psicanálise no Brasil" (Uchoa, 1981:167). Segundo o estatuto aprovado em 25 de outubro de 1986, "são objetivos" da ABP: a) estimular o desenvolvimento da Psicanálise no Brasil, de acordo com as normas e finalidades da Associação Psicanalítica Internacional; b) propiciar o intercâmbio, assim como a união, entre as Sociedades Componentes promovendo, patrocinando ou estimulando atividades científicas e didáticas que favoreçam a comunicação entre os psicanalistas brasileiros; c) promover a coordenação de pontos de vista entre as diversas Sociedades Componentes de modo a que, na medida do possível, se venha a obter uma posição unitária em face de assuntos psicanalíticos no âmbito nacional e internacional; d) editar a Revista Brasileira

de Psicanálise, o Boletim Informativo e o Roster da ABP, e estimular outras publicações psicanalíticas no Brasil" (Roster, Associação Brasileira de Psicanálise, 1987:53). Um dos poderes cruciais da ABP é o de regulamentar e executar a admissão ou exclusão de Sociedades Componentes, Grupos de Estudos ou Sociedades Provisórias, conforme os estatutos da IPA. Até o momento, não houve qualquer exclusão de entidade filiada a ABP; pelo contrário, houve reconhecimento do Núcleo Psicanalítico de Recife (que conta com 2 analistas, 3 membros efetivos, 1 membro associado e 14 candidatos) e, sob responsabilidade da Sociedade de São Paulo, formou-se um Núcleo Psicanalítico, em Brasília, composto por 4 membros efetivos, 4 membros associados e 29 candidatos (que estão relacionados no Roster junto com os da Sociedade de São Paulo).

O lugar da Psicanálise importada

Na história da Psicanálise brasileira, considerada em termos de filiais da IPA, constatamos que a produção científica local foi veiculada sobretudo pela Revista Brasileira de Psicanálise, relançada em 1967 junto com a criação da ABP. Seu lançamento original aconteceu em 1928 e foi enviado um exemplar a Freud que respondeu a Durval Marcondes com a seguinte carta:

"Semmering,
Villa Schüller
27 - 6 - 1928

Muito estimado colega.

O aspecto da nova Revista Brasileira de Psicanálise muito me alegrou. Que um fecundo futuro lhe seja reservado!

O efeito que se seguiu a essa remessa foi que eu comprei uma pequena gramática portuguesa e um dicionário alemão-português.

Quero ver se com isso eu consigo ler,
por mim mesmo, a revista, durante es-
tas férias.

Com os agradecimentos e a saudação
cordial do seu

FREUD"

Apesar desta carta animadora, a Revista não conseguiu sobrevi-
ver e ficou fechada durante 4 décadas.

Em sua segunda fase, encontra-se na Revista uma produção cien-
tífica com forte e predominante apropriação de teorias e técnicas for-
muladas fora do contexto local. Embora inúmeros psicanalistas-autores
sejam citados nos artigos, constata-se que alguns são destacados e pri-
vilegiados de forma especial, em detrimento de outros. Em estudo compa-
rativo sobre a produção psicanalítica latino-americana baseada em pu-
blicações oficiais das Sociedades Componentes da IPA, Alves Lima confir-
ma que, nos anos 60, 70 e 80, os autores ingleses (sobretudo Klein e
Bion) aparecem entre as "primeiras escolhas" (Alves Lima, 1988:95 e 96).
Em compensação, as escolhas dos autores norte-americanos são "bem mais
dispersas", assim como simultaneamente não se pode "definir uma influên-
cia preponderante" deles (Alves Lima, 1988:96), sendo possível apenas
discriminar que no México, Venezuela e Colômbia encontram-se as presenças
da Psicanálise culturalista, da Psicologia do Ego e da Psicologia do
Self, porque os analistas destes 3 países foram formados nos Estados Uni-
dos (Alves Lima, 1988:95). Em relação aos autores franceses, a constata-
ção excludente é ainda mais flagrante: "a tabulação só confirmou a expe-
riência vivida de que nos mantivemos distantes deles por largo tempo" -
(Alves Lima, 1988:96). E para não dizer que os franceses foram totalmen-
te excluídos, constatou-se que, em algumas Sociedades como Associação
Psicanalítica Argentina e Associação Psicanalítica de Buenos Aires, sur-
giram preferências por Lagache e Lacan, já nos anos 60. (Alves Lima, -
1.988: 97).

Nas filiais da IPA no Brasil, a Psicanálise inglesa conhecida como "escola" ou "linha" kleiniana exerceu predominância desde os anos 50, quando alguns psicanalistas brasileiros formados na Inglaterra ou na Argentina (onde também houve forte adesão ao kleinismo) retornaram de lá. Estes psicanalistas reforçaram o vivo interesse já despertado pela obra de Melanie Klein. Referindo-se ao impacto da "escola" kleiniana neste período, Virginia Bicudo, uma analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, declarou: "A receptividade ao novo é característica da SBPSP. Noto semelhante disposição ao novo nas Sociedades Brasileiras e nas Sociedades da América Latina" (Bicudo, 1987:30).

Passada uma década, Klein continua sendo considerada novidade como se observa por ocasião do lançamento, em 1966, de uma tradução da obra de Hanna Segal, "Introdução à obra de Melanie Klein", contendo as aulas de um curso dado aos candidatos do Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica de Psicanálise. Em resenha desta obra, Lygia A. Amaral, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, afirmou: "A prof. Virgínia Leone Bicudo, diretora do Instituto de Psicanálise da SBPSP, prefaciou a edição brasileira e soube muito bem escolher, para a Editora Nacional, o livro que "responde à curiosidade científica dos que se interessam por novas contribuições da Psicanálise, relacionadas com o desenvolvimento psíquico da criança, com a psicopatologia e com a psicoterapia" (Amaral, 1967:145).

Por outro lado, a novidade kleiniana parece já estar bastante disseminada. Em 1969, no I Congresso Brasileiro de Psicanálise, em Porto Alegre, Frank J. Philips, membro da Sociedade Britânica de Psicanálise, apresentou um trabalho sobre depressão no qual declarou: "presumo que não haja necessidade de qualquer explanação acerca das teorias de Melanie Klein. Reforo-me aqui às posições esquizoparanóide e depressiva" (Philips, 1970:61).

Antes de prosseguir, vejamos breve e esquematicamente quais são os progressos psicanalíticos atribuídos a Melanie Klein. 1) Teoria: o desenvolvimento da estruturação psíquica é crucial desde o primeiro ano de idade em que se apresentam as posições fundamentais esquizoparanóide e depressiva, ao contrário da postulação "freudiana ortodoxa" que atribui ao complexo edípico, ao redor de 4-6 anos de idade, o núcleo de formação dos conflitos originários de sintomas neuróticos. Além de definir uma espécie de ponto zero do processo de estruturação psíquica muito mais precoce cronologicamente do que a teoria freudiana, Melanie Klein assumiu a dualidade das pulsões (que o próprio Freud tomava cuidado em considerá-la mais uma "especulação" do que uma constatação empírica) em termos de amor-ódio, culpa-reparação, inveja-gratidão, como ponto nevrálgico de sua teoria que se baseou sobretudo em análise de crianças.

2) Técnica. "Sua contribuição básica à terapia analítica de adultos reside em um novo enfoque da interpretação, que agora visa os pontos de angústia e as defesas contra a angústia, mas revividos - angústia e defesa no campo transferencial" (Herrmann e Alves Lima, 1982:35). Esta ênfase maior no manjeio da transferência opõe-se à técnica freudiana que privilegia mais a reconstrução do passado infantil do paciente adulto. Ao enfatizar a transferência, coloca-se, em primeiro plano, o "aqui e agora" da relação analista-paciente.

Na medida em que estas inovações kleinianas estavam relativamente incorporadas na Sociedade de São Paulo, já nos anos 60, começou a surgir o interesse de alguns analistas por uma variante do kleinismo representada por Wilfred Bion, que foi analisado por Melanie Klein e membro da Sociedade Britânica de Psicanálise. Nos anos 70, ouviram-se comentários de analistas das outras Sociedades referidas à Sociedade de São Paulo: esta era a mais "bioniana" no Brasil. Um psicanalista de São Paulo, César Ottalagano, declarou a respeito do Congresso Latino-Americano de Buenos Aires: "Os venezuelanos enfatizam muito a teoria kleiniana, e, em São Paulo, Bion. Gecel L. Szterling e Bernardo Blay Neto, por exemplo, intervieram predominantemente na linha bioniana. Eu também - as intervenções que fiz foram mais nessa linha" (Ottalagano, 1976:32).

Já nos anos 70, constata-se que Bion foi incorporado na formação psicanalítica da Sociedade de São Paulo. Segundo Virgínia Bicudo, analista didata desta Sociedade, "a tendência para a integração das teorias psicanalíticas caracteriza a produção do psicanalista desde a organização dos programas do Instituto de Psicanálise, iniciando o curso básico com Freud, seguido de Melanie Klein e de Bion. Essa sequência nos é sugerida pela contribuição dos Autores, na evolução dos conceitos, sem alteração dos significados básicos do corpo de teorias sistematizadas por Freud" (Bicudo, 1987:32). Como se vê, Bion foi alçado à condição de Mestre-Pensador ou Psicanalista-Autor.

Apenas a título de apresentar um pequeno esboço da produção psicanalítica de Bion, vejamos a repercussão de uma tradução da obra "Os Elementos da Psicanálise", lançada em 1966 no Brasil. Em resenha desta obra, Laertes M. Ferrão, analista didata da SBPSP, declarou "que reputo de grande importância para o futuro do movimento psicanalítico" (Ferrão 1967:281).

Um extrato expressivo da produção bioniana está contida na resenha:

"Bion aponta a necessidade de encontrar e definir certos 'elementos de psicanálise', que através de variações em sua combinação expressem quase todas as teorias essenciais para o exercício profissional.

O primeiro elemento que descreve está constituído 'pelo traço essencial da concepção de identificação projetiva', de M. Klein, e é o que estabelece uma relação dinâmica entre continente (no qual um objeto é projetado) e conteúdo (objeto que é projetado no continente). Representa graficamente esta relação através dos sinais Φ e Ω (continente-conteúdo). O segundo elemento, que considera represen

tando aproximadamente a relação entre as posições esquizo-paranóide e depressiva, descritas por M. Klein, ele simboliza por $EP \leftarrow \rightarrow D$. A inter-relação entre estes elementos serve fundamentalmente para o desenvolvimento dos pensamentos e do pensar. 'A operação $EP \leftarrow \rightarrow D$ é responsável por manifestar a relação de 'pensamentos' já criada por $\varnothing \rightarrow \varnothing$ (continente-conteúdo)'. Na realidade parece que $EP \leftarrow \rightarrow D$ gera tanto o pensamento como $\varnothing \rightarrow \varnothing$ (continente-conteúdo).

Bion, por outro lado, preconiza a utilização da 'grade', como um instrumento de anotação para auxiliar o analista a pensar sobre os problemas analíticos na base de um registro e de uma categorização dos fatos ocorridos durante 'uma sessão analítica, tanto os relativos ao material associativo do paciente como os referentes às interpretações formuladas pelo analista. Para ele, os 'elementos da psicanálise' são idéias ou sentimentos que podem estar representados em uma das 48 categorias da 'grade'.

A 'grade' tem a finalidade de verificar se a interpretação psicanalística foi exata e dirimir indecisões" (Ferrão, 1967:282-283).

Esta longa citação deixa entrever duas características bionianas predominantes: "filosófica" ou alto grau de abstração teórica; "matemática" ou rigoroso esquema formal. A justificação destas características é feita nos seguintes termos pelo resenhista: "(...) É um livro cujos temas são condensados em cada capítulo, complexo em seu conteúdo e de exposição igualmente complexa e obscura; livro, portanto, de difícil leitura. O próprio Bion na introdução afirma: "O livro tem sido estruturado para ser lido de uma só vez sem deter-

se nas partes que de início possam ser obscuras... Lamentavelmente, subsistem pontos obscuros devido à minha incapacidade de aclará-los". Embora isto seja verdadeiro, acho que o livro é de leitura menos difícil para o analista que tenha experiência no tratamento de psicóticos e, quando em grupo de estudos, é estudado, discutido e comentado, detidamente, em cada um de seus capítulos"(Ferrão, 1967:2810).

Embora a aceitação de Bion tenha sido generalizada na Sociedade de São Paulo, surgiu reação contrária a ele (o que não aconteceu com Melanie Klein), como a de Durval Marcondes. Em artigo de homenagem póstuma, Luiz de A.P. Galvão, analista didata da SBPSP, enfatizou: "Foi então que surgiu a obra de outro talento criador, W.Bion. Durval Marcondes leu-lhe a obra, como lia qualquer autor com algo a dizer. Fez-lhe restrições. Não concordava com alguns conceitos desse autor e concordava menos com a forma, a seu ver desnecessariamente sinuosa, com que ele escrevia. Via em algumas de suas idéias velhos conceitos, conhecidos alhures, esparramados pelas obras de outros psicanalistas, em Bion vestidos com novas roupagens"(Galvão, 1982:15).

A importação "alternativa"

Até os anos 60, a formação psicanalítica é um monopólio exclusivo das Sociedades Componentes da IPA no Brasil. Entretanto, nos anos 70, esse monopólio começou a ser contestado por alguns grupos e instituições não-filiadas a IPA, que surgiram nesse período. Esta contestação foi (e continua sendo, em menor grau) baseada numa denúncia da "ortodoxia institucional" que teria transformado tanto o exercício da clínica e da teoria/técnica quanto a formação psicanalítica num "ritual burocrático", descaracterizando, portanto, a subversão ou ruptura freudiana. Estes não-filiados a IPA passaram a se identificar e serem identificados como "alternativos", embora os critérios da IPA simplesmente nem os avaliassem como psicanalistas e nem lhes dessem qualquer crédito de existência.

Por outro lado, o surgimento dos "alternativos" está relacionado com os Cursos de graduação de Psicologia (e em menor grau, de Medicina). A partir de 1954, a cadeira de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP passou a oferecer um curso de pós-graduação de Psicologia Clínica, com duração de 2 anos, sob coordenação de Durval Marcondes, no qual se ensinava Psicanálise. Foram professores nesse Curso diversos psicanalistas-professores da Sociedade, como Virgínia L. Bicudo, Lygia A. Amaral e Judith Andreuci. Na Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae da PUC-SP, sob coordenação da Madre Cristina, também se ensinou Psicanálise aos alunos de Psicologia Clínica. Estes e outros cursos de Psicologia espalhados pelo País abriram caminho para o reconhecimento da profissão de psicólogo em 27 de agosto de 1962 e a regulamentação do exercício profissional em 1963. Logo após esse reconhecimento, ao longo dos anos 60, o número de psicólogos não passa de algumas centenas. A partir da Reforma Universitária de 1969, no período da ditadura militar, o número de faculdades particulares cresceu muito e, conseqüentemente, o número de psicólogos somou um total expressivo. A partir dos "psicólogos diplomados até 1970, na cidade de São Paulo, 52% dedicam-se, ao menos em parte, a atividades que eles denominam clínicas" (Mello, 1975:43). Embora não tenha feito análise quantitativa como Mello, Mezan afirma que, após 1970, "vêm a se interessar pela formação psicanalítica profissionais diplomados por escolas muito fracas, daquelas que brotaram feito cogumelos pelo país afora. A formação universitária nelas obtida, por razões óbvias, era em geral deficiente; os que vinham de faculdades sérias estavam em melhores condições, mas compartilhavam com os primeiros um dado essencial: quase nada se ensinava de psicanálise em seus respectivos cursos, fossem eles de psicologia, de psiquiatria ou outros" (Mezan, 1988:13). Este contingente de psicólogos e psiquiatras interessados em Psicanálise formou o público-alvo dos "alternativos" nos anos 70 e 80.

Embora a maioria dos "alternativos" não fosse filiada à IPA, também se encontram presentes entre os "alternativos" psicanalistas da IPA que estavam insatisfeitos com a própria Sociedade por não estarem

participando dos grupos que detinham o poder de decisão. Dessa forma, houve possibilidade de ganhar espaço institucional de formação psicanalítica de novos candidatos fora da IPA. Foram os inúmeros casos de "alternativos" que surgiram no decorrer dos anos 70 como o Instituto Sedes Sapientiae, a Sociedade Paulista de Psicoterapia de Grupo, o Núcleo de Estudos em Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise (NEPP), o Centro de Estudos Freudianos, entre outros.

A partir de 1976, devido à diáspora política e psicanalítica (Grupos Plataforma e Documento), diversos psicanalistas argentinos imigraram para a Europa e também para o Brasil. Apesar de terem exercido grande influência entre os "alternativos" no Brasil, essa influência parece estar sendo avaliada de forma um tanto superestimada como é o caso de Berlinck que, em suas "reflexões sobre a dinâmica do campo da psicanálise no Brasil" (Berlinck:1988:63-73), omite a situação prévia de exercício psicanalítico fora da IPA, conforme estamos mostrando aqui, e ressalta exclusivamente os psicanalistas argentinos como únicos modelos de "psicanalistas sem filiação institucional formal". Ao contrário, estamos procurando reforçar que, quando os psicanalistas argentinos chegaram, pelo menos, em São Paulo, já encontraram um terreno fértil e preparado, pelo menos desde os anos 60, para sua atuação psicanalítica fora da IPA. Nem por isso pode-se avaliar que a chegada dos argentinos não tenha sido decisiva e irreversível até os nossos dias.

Em termos de "linhas" ou escolas psicanalíticas, os "alternativos" marcavam posição ao afirmar ou resgatar o caráter disruptivo da Psicanálise, mesmo quando se tratava de linhas adotadas pela Sociedade, como é, por exemplo, o caso de Melanie Klein. Entretanto, a "linha" mais radical e representativa dos "alternativos" foi a de Jacques Lacan (1901-1981). Esta influência lacaniana permeou a grande maioria dos "alternativos" no sentido de realizar um "retorno a Freud" que foi o leit-motiv de Jacques Lacan em sua ruptura teórica e dissidência institucional da IPA, contestando o caráter adaptacionista da Psicologia do Ego, por exemplo, assim como denunciando as distorções das traduções

como a da Standard Edition, editada por James Strachey. Em 1976, César Ottalagano, um psicanalista da SBPSP, comentou a respeito de um Congresso reunindo as filiais latino-americanas da IPA: "Há alguns anos atrás pareceu-me que prevalecia, na Argentina, Uruguai e Brasil o pensamento psicanalítico de escola kleiniana; a Revista Argentina de Psicanálise traduziu e publicou os principais trabalhos de M. Klein e sua escola. A impressão que trouxemos do Congresso Latino-Americano é que na Argentina há uma volta a Freud" (Ottalagano, 1976:37). Obviamente, é inusitado que, no âmbito das filiais da IPA, se constate um "retorno a Freud", justamente a bandeira de luta do dissidente francês da IPA.

Teórico-tecnicamente, o "retorno a Freud" implicou uma maior valorização das obras freudianas sobre sonhos, atos falhos, chistes, etc., enfim as chamadas "formações do inconsciente". A respeito desta valorização lacaniana, Cesarotto e Souza Leite explicam:

"(...) Pois, por detrás dos tropeços de linguagem e dos jogos de palavras, esconde-se um outro sentido que não o corriqueiro. Quem fala nem sempre sabe o que diz, ou, quando diz o que quer dizer, não sabe o que está falando.

Além disso, quem fala, não sabe que está dizendo algo que tem a ver com a verdade, quando, no momento em que se atrapalha com as palavras, sem deixar de dizer, não diz o que quer...

É assim que o inconsciente freudiano, que nada tem de inefável, manifesta-se concretamente através da linguagem, que, por sua vez, constitui o campo específico da prática do psicanalista.

Muitos analistas, no entanto, principalmente depois da morte de Freud, pretenderam encontrar o inconsciente em outros lugares.

Neste deslocamento, até mesmo se minimizaram seus efeitos para justificar outras práticas, que de psicanálise só teriam o nome" - (Cesarotto e Souza Leite, 1984:14).

A partir desta releitura freudiana de Lacan é que se fundaram diversos grupos como o Centro de Estudos Freudianos, a Escola Freudiana de São Paulo, a Biblioteca Freudiana, entre outros. Além disso, entidades "alternativas" como o Instituto Sedes Sapientiae e o NEPP abrigaram entre seus psicanalistas-professores aqueles que se identificavam como lacanianos.

Um recorte local

A partir das considerações feitas sobre as histórias da Psicanálise e do contexto psicanalítico brasileiro, vamos passar a apontar qual será o recorte deste estudo. Ao contrário das histórias sobre os pioneiros e seus descendentes europeus ou norte-americanos ou sobre teorias e técnicas pós-freudianas, procuraremos pesquisar agentes, circunstâncias e instituições em um contexto local, a partir de versões apresentadas pelos envolvidos nestas diferentes esferas (nas quais se incluem obviamente referências a Freud, aos pioneiros, e aos principais psicanalistas-autores, à IPA etc.). Em particular, escolhemos abordar a Psicanálise em São Paulo (e não no Brasil, o que exigiria trabalhar com variáveis mais complexas ainda) para que, em uma pesquisa de campo mais detalhada, pudéssemos explicitar os processos de construção, conflitos, convergências etc.

Sobretudo, não se trata de sacramentar personagens e fatos "oficiais" como dados consumados do passado, mas sim de situá-los num processo de história viva em que o passado também está no presente e este não deixa de determinar a recuperação daquele, segundo tendência atuais.

Mais ainda, passado e presente dependem da interpretação inerente à constituição da história que estabelece critérios para os fatos considerados significantes ou insignificantes (ou, ainda, os vários significados possíveis) e vice-versa. (cf. Carr, 1982:28).

Se fôssemos levar em consideração apenas a sacramentação de um passado consagrado ou "oficial", poderíamos chegar à conclusão simplificada de que a história da Psicanálise em qualquer região brasileira se reduz, no final das contas, à mera importação da Psicanálise europeia. Entretanto, subjacente a esta importação, pode-se revelar que houve também um processo de construção de uma história local. Justamente para poder revelar este processo de construção, é preciso explicitar também uma interpretação dos fatos vividos pelos próprios agentes, instituições etc., a fim de poder descrever e analisar, ao longo do tempo, como a psicanálise e os psicanalistas fazem história em suas ações e representações.

Nesta perspectiva, a Psicanálise não depende mais exclusivamente dos critérios e do monopólio da IPA, como aconteceu na fase de transmissão da herança freudiana durante as primeiras três ou quatro décadas deste século, mas hoje depende de um sistema de interações que não se restringe à instituição psicanalítica "oficial" (IPA) como única entidade reconhecedora de psicanalistas e formadora de novos psicanalistas. Se fôssemos adotar este critério da IPA, os "alternativos" não existiriam como psicanalistas e nem as intervenções dos próprios membros da IPA, fora da Sociedade, possuiriam qualquer realidade. Entretanto, não é o que acontece quando adotamos um critério mais abrangente do que o meramente institucionalizador da IPA.

Para dar conta da psicanálise como um sistema de interações, recorremos ao conceito de campo psicanalítico⁽¹⁾ que pode ser definido como um conjunto de relações e de situações sociais estabelecidas, conjunta ou separadamente, pelos diferentes agentes, grupos, categorias e instituições num determinado contexto. Este conceito encontra uma definição

diversa daquela feita por Herrmann que considera o Campo Psicanalítico a partir das "características definitórias do método psicanalítico, isto que distingue a interpretação psicanalítica de outras interpretações e de outras atividades" (Herrmann, 1979:2). Embora o Campo Psicanalítico possa ser delimitado fora da relação terapêutica analista-paciente, como demonstra Herrmann em suas aplicações sobre o real cotidiano (Herrmann, 1985), esta abordagem apresenta uma especificidade muito maior do que a adotada aqui.

A nossa definição é mais convergente com a de Bourdieu, conforme se segue:

"Um campo se define, entre outras coisas, através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos (não se poderia motivar um filósofo com questões próprias dos geógrafos) e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar nesse campo (cada categoria de interesses implica na indiferença em relação a outros interesses, a outros investimentos, destinados assim a serem percebidos como absurdos, insensatos, ou nobres, desinteressados). Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas etc." (Bourdieu, 1983:89).

Este modo de abordar o campo encontra ainda maior propriedade para o nosso estudo quando Bordieu o aplica à religião. Se podemos comparar a religião com a psicanálise, ambos cumprem uma "função de associação e de dissociação, ou melhor de distinção" (Bourdieu, 1974:43) numa luta pelo monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos (sobretudo os candidatos neófitos) e da gestão dos bens de salvação. Nesse campo, há oposição entre Igreja ou IPA (embora estas nem mesmo reconheçam a existência de outros no discurso oficial e, portanto, aparentem inexistir disputa declarada) e os profetas (ou "alternativos") e suas seitas. Para explicitar tal analogia, podemos utilizar dois parágrafos de Bourdieu sobre as religiões, que primeiro serão transcritos literalmente e depois, nos mesmos parágrafos, os termos religiosos serão substituídos pelos psicanalíticos.

"Na medida em que consegue impor o reconhecimento de seu monopólio (extra ecclesiam nulla salus) e também porque pretende perpetuar-se, a Igreja tende a impedir de maneira mais ou menos rigorosa a entrada no mercado de novas empresas de salvação (como por exemplo as seitas, e todas as formas de comunidade religiosa independente), bem como a busca individual de salvação (por exemplo, através do ascetismo, da contemplação e da orgia). Ademais, a Igreja visa conquistar ou preservar um monopólio mais ou menos total de um capital de graça institucional ou sacramental (do qual é depositária por delegação e que constitui um objeto de troca com os leigos e um instrumento de poder sobre os mesmos) pelo controle do acesso aos meios de produção, de reprodução e de distribuição dos bens de salvação (ou seja, assegurando a manutenção da ordem no interior do corpo de especialistas) e pela delega-

ção ao corpo de sacerdotes (funcionários do culto intercambiáveis e, portanto, substituíveis do culto do ponto de vista do capital religioso) do monopólio da distribuição institucional ou sacramental e, ao mesmo tempo, de uma autoridade (ou uma graça) de função (ou de instituição). Com isso, os sacerdotes ficam dispensados de conquistar ou confirmar a todo momento sua autoridade, e protegidos das conseqüências do fracasso de sua ação religiosa. Por sua vez o profeta (ou o here-siarca) e sua seita, pela ambição que têm de satisfazer eles mesmos suas próprias necessidades religiosas sem a mediação ou a intercessão da Igreja, estão em condições de constatar a própria existência da Igreja colocando em questão o monopólio dos instrumentos de salvação, estando obrigados a realizar a acumulação inicial do capital religioso pela conquista (e/ou pela reconquista incessante) de uma autoridade sujeita às flutuações e às intermitências da relação conjuntural entre a oferta de serviço religioso e a demanda religiosa de uma categoria particular de leigos" (Bourdieu, 1974:58-59).

Agora, nestes mesmos parágrafos de Bourdieu, os termos religiosos serão substituídos pelos psicanalíticos e obteremos as seguintes afirmações:

Na medida em que a IPA consegue impor o reconhecimento de seu monopólio e também porque pretende perpetuar-se, ela tende a impedir de maneira mais ou menos rigorosa a entrada no mercado de

novas empresas de "cura" (como, por exemplo, as seitas e todas as formas de comunidade psicanalítica independente), bem como a busca individual de "cura". Ademais, a IPA visa conquistar ou preservar um monopólio mais ou menos total de um capital psicanalítico (do qual é depositária por delegação e que constitui um objeto de troca com leigos e um instrumento de poder sobre os mesmos) pelo controle do acesso aos meios de produção, de reprodução e de distribuição dos bens psicanalíticos (ou seja, assegurando a manutenção da ordem no interior do corpo de especialistas) e pela delegação ao corpo de analistas didatas (funcionários intercambiáveis e portanto substituíveis, do ponto de vista do capital psicanalítico) do monopólio da distribuição institucional e, ao mesmo tempo, de uma autoridade, de função (ou de instituição). Com isso, os analistas didatas ficam dispensados de conquistar ou confirmar a todo momento sua autoridade, e protegidos das consequências do fracasso de sua ação psicanalítica.

Por sua vez, o "alternativo" e sua seita, pela ambição que têm de satisfazer eles mesmos suas necessidades psicanalíticas sem a mediação ou a intercessão da IPA, estão em condições de constatar a própria existência da IPA colocando em questão o monopólio dos instrumentos psicanalíticos, estando obrigados a realizar a acumulação inicial do capital psicanalítico pela conquista (e/ou pela reconquista incessante) de uma auto-

ridade sujeita às flutuações e às intermitências da relação conjuntural entre a oferta do serviço psicanalítico e a demanda psicanalítica de uma categoria particular de leigos.

Esta definição de campo psicanalítico expressa-se em termos de dinâmica e estrutura sincrônica da Psicanálise num contexto local. Uma vez chegado a essa definição, podemos finalmente explicitar o objetivo desta Dissertação: a partir deste enfoque sincrônico do campo psicanalítico, procuraremos aliá-lo ao diacrônico no sentido de reconstituir a construção histórica desse campo (conforme já foi descrito em linhas bastante gerais no item anterior desta capítulo, "Contexto histórico brasileiro"), de tal maneira que se demonstre como o passado pode estar relacionado ou não com o presente e vice-versa, através de visões e de versões dos agentes, das instituições, das categorias simbólicas, das circunstâncias etc. Ao realizar esta reconstituição da história, procuraremos deixar explicitados, com dados da pesquisa de campo, os mecanismos recorrentes ou presentes na dinâmica e na estrutura do campo psicanalítico em São Paulo.

Pesquisa de campo

A pesquisa de campo começou de forma casual em 1980, foi sistematizada e desenvolvida de forma intensiva no período de julho de 1981 a dezembro de 1983 e de forma mais esporádica até dezembro de 1984. A maior parte da redação foi realizada em 1984 e 85. Desde então, foi reescrita em diversas partes até chegar a redação final apresentada agora.

Foram abordados 62 psicanalistas filiados à Sociedade Componente da IPA e cerca de 30 psicanalistas não-filiados, em São Paulo, através

dos seguintes instrumentos de pesquisa de campo: a) observação participante; b) entrevistas/depoimentos; c) questionário; d) documentos de arquivos e fontes bibliográficas. Embora todos estes instrumentos tivessem sido relevantes, o acesso a cada psicanalista revelou-se como uma fonte de dados das mais significativas. Tal acesso se efetiva com o uso da observação participante, na medida em que o pesquisador também é um agente reconhecido como parte do contexto pesquisado, ou seja, do campo psicanalítico.

Retrospectivamente, o início mais remoto da pesquisa de campo teve início em meados dos anos 70, quando Durval Marcondes foi assistir a uma palestra de um psicanalista da Sociedade de São Paulo na Faculdade de Psicologia da PUC-SP, a convite de sua esposa, profa. Lúcia de Portugal Marcondes, de quem eu era aluno da graduação. Nessa época, pelo menos no ambiente acadêmico, a psicanálise freudiana era considerada "ultrapassada", "conservadora" e muitos outros adjetivos desse mesmo gênero. Entretanto, meu interesse havia sido despertado pela leitura de obras de Freud como "A interpretação dos sonhos", que então começaram a aparecer em português na versão brasileira da "Standard Edition", de James Strachey. Em consequência desse meu interesse, solicitei à profa. Lúcia uma apresentação ao doutor Durval para poder frequentar a biblioteca dele, que pode ser considerada uma das mais completas no Brasil. No intervalo das leituras, Durval vinha conversar comigo, discutir as minhas leituras, sugerir novas áreas de estudo, e, algumas vezes, fazia comentários sobre a época "heróica" da implantação da Psicanálise no Brasil. Ele acabou suscitando a minha curiosidade sobre esse passado que nem era tão distante de nós.

Em 1980, quando já tinha me formado psicólogo e iniciado o Mestrado de Antropologia Social, surgiu a oportunidade de incluir na revista Cadernos Freud/Lacan/ianos um depoimento de Durval sobre a história da Psicanálise em São Paulo. O resultado deste depoimento saiu publicado com a revisão feita cuidadosamente por ele. Posteriormente, Durval

passou a indicar sempre este depoimento a todos os que lhe fizessem o mesmo pedido, feito antes por mim.

Antes de prosseguir, é preciso observar que nessa época não tinha ainda tomado conhecimento de diversas obras que abordavam a psicanálise e os psicanalistas através de etnografias, dando destaque a suas ações e interações num contexto social, simbólico, político etc., como é o caso de Turkle (1981) e de Nunes (1984), os quais vim a conhecer somente depois que havia praticamente feito a primeira sistematização dos dados e sua primeira redação.

A partir do contato com Durval Marcondes, foi possível ter acesso a diversos analistas da Sociedade⁽²⁾ como Alberto (74 anos), Alda (73 anos), Dario (50 anos) e Carman (60 anos). Ao me apresentar como uma pessoa conhecida de Durval (que nessa época havia falecido) e interessado em escrever uma história da Psicanálise em São Paulo, eles se mostraram com muito boa vontade em me receber, colaborar e fornecer informações. Alguns deles foram, com Durval, os primeiros analisandos da dra. Koch, como Alberto, Alda e Amadeu. Outros como Dario e Carmen haviam trabalhado com Durval no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP (o qual havia sido fundado e coordenado por Durval). Ao relembra-rem de Durval, todos eles deram a impressão de que estavam prestando simultaneamente uma gratidão e uma homenagem, contribuindo para definir um certo perfil que era o de consagração de uma carreira científica dedicada à psicanálise.

Entretanto, houve analistas da Sociedade que se mostraram refratários ao meu pedido de prestarem um depoimento, como no caso de Amauri e de Aquiles, que também foram "analisados" pela dra. Koch nos anos 40. Em princípio, nada alegavam contra a cessão de seus depoimentos e apenas afirmavam que não possuíam um horário "vago" no consultório e, quando tivessem algum, me comunicariam. Nunca me procuraram e, quando voltei a insistir depois de algum tempo, deram a mesma resposta esquivada.

Em geral, o acesso aos psicanalistas da Sociedade, formados nos anos 40, 50 e 60, foi bastante facilitado pelo fato de ter conhecido Durval Marcondes, assim como já ter entrevistado alguns dos primeiros analisandos da dra. Koch, citados acima. No entanto, foi crucial constatar que esse acesso estava contrariando certa orientação "oficial", conforme se apregoeou a respeito da vida societária num Relatório do Instituto de Psicanálise: "Sugere-se com veemência o afastamento de atividades de cunho político, prejudiciais à vida do Instituto, com o fito de evitar-se a formação de grupos ou sub-grupos, mais voltados para interesse personalistas do que para o aprimoramento da formação psicanalítica" (Galvão e outros, 1976:85). A diretoria do Instituto que assinou esse relatório foi composta de Luiz de Almeida Prado Galvão (diretor), Orestes Forlenza Neto (secretário) e Deocleciano Bendochi Alves (tesoureiro), correspondente ao biênio 1975-76.

Ao contrário desta orientação institucional, observamos que havia grupos ou facções entre os membros da Sociedade. Uma destas primeiras evidências é que havia aliados ou oponentes em torno de alguns analistas-líderes muito mais prestigiados e valorizados do que outros. Bráulio, considerado um aliado de Aquiles, foi um destes. Simplesmente, ao nomear no primeiro contato pelo telefone que havia entrevistado Bráulio, o interlocutor imediatamente se dispunha a me conceder uma hora marcada para entrevista/depoimento. Assim aconteceu com analistas como Bruno, Benvindo (62 anos), Borges (62 anos), César (50 anos), Clóvis (47 anos), Calvo, Cássio, Celso e Clay que, por sua vez, me levaram a poder entrevistar outros. Entre estes analistas, percebi rapidamente que não deveria pronunciar o meu contato com certos analistas da Sociedade. Seria muito mais estratégico omitir estes contatos e citar apenas aqueles que certamente agradariam a estes interlocutores. Justamente estes analistas (que apregoavam que não se deveria formar grupos ou facções dentro da Sociedade) davam a impressão de que subrepticiamente formavam um grupo, mas ao mesmo tempo, representavam o todo da Sociedade.

Este "ethos" (Geertz, 1978:143-145) relativo aos grupos de psicanalistas tem a característica de ser, a princípio, inefável para o pesquisador que começou a se mover, recentemente, neste mundo. Entretanto, passou a adquirir verossimilhança quando se constatou que diversos deles se tornaram "analistas didatas", entre meados dos anos 70 e início dos 80, assim como faziam parte das Diretorias da Sociedade e do Instituto de Psicanálise. Dessa forma, pareceu muito pertinente concordar com a denominação de "establishment" que descobri posteriormente ser muito atribuído a essa facção ou grupo pelos seus oponentes.

Confirmamos a existência de grupos ou facções pelos contatos com outros analistas que não se referiam como próximos ou aliados de Bráulio (60 anos), ou de Aquiles e, sim, de Antônio (62 anos). Entre eles, Branco (56 anos), Deise (46 anos), Boris, Carla (46 anos), Cristina (49 anos), Denis (39 anos), Dimas (45 anos), Cátia (47 anos), que me indicaram outros colegas. Ao contrário dos outros, estes aliados de Antônio aceitaram com maior facilidade o meu pedido de entrevista quando apenas mencionava o meu interesse em fazer uma história da Psicanálise em São Paulo e não me via na iminência de precisar declinar alguns analistas prestigiados e entrevistados por mim, previamente.

Nas entrevistas, estes analistas se referiram abertamente como "oposição" aos aliados de Bráulio e de Aquiles, assim como não se mostravam tão preocupados com a pertinência ou hegemonia intra-societária ou, muito pelo contrário, alguns deles se relacionavam com analistas não-filiados da IPA e os mencionavam nas entrevistas. Mais ainda, eles se posicionavam em termos políticos nacionais. No País, viveu-se em 1982 a realização de eleições pluri-partidárias, após duas décadas de bi-partidarismo imposto pelo governo militar, e os aliados de Antônio se identificavam com o PMDB que representou uma frente ampla contra a ditadura militar. Na Sociedade de Psicanálise surgiram pela primeira vez, durante esse período de ditadura militar, duas chapas concorrendo à eleição das diretorias da entidade e uma delas, considerada de "oposição", foi apoiada pelos aliados de Antônio.

O acesso aos analistas "alternativos" ou não-filiados a IPA foi ainda mais fácil do que aos analistas da "oposição" da Sociedade porque havia o interesse daqueles de se incluírem em uma história da Psicanálise na medida em que, por princípio, poderiam estar totalmente excluídos dela. Dessa forma, a reação dos não-filiados da IPA era a de se colocar à disposição do pesquisador e demonstrar sua boa vontade. Às vezes, tornava-se até dificultoso acompanhar as numerosas indicações de outros não-filiados da IPA.

A primeira observação sobre os "alternativos" é que os grupos e seus membros tendem a mudar rapidamente, ao longo do tempo, em função das mudanças de "linhas" ou de saídas/entradas de membros nos grupos. Por exemplo, um "alternativo" pode deixar de ser "kleiniano" para se tornar "lacaniano" e com essa mudança de "linha" automaticamente muda também de grupo porque, com frequência, os grupos adotam uma única "linha" e não admitem a existência de outras em seu âmbito. Às vezes, ocorrem disputas ou discordâncias a respeito de assuntos como, por exemplo, a formação psicanalítica, que levam a "rachar" o grupo, resultando em dois ou mais grupos. Em suma, pode-se afirmar que os "alternativos" não possuem a continuidade ou longevidade de adesão dos seus membros como se observa na Sociedade "oficial".

Os primeiros contatos com os "alternativos" foram quase simultâneos: Sedes Sapientiae, Núcleo de Estudos em Psiquiatria, Psiquiatria, Psicologia e Psicanálise (NEPP) e Escola Freudiana/Centro de Estudos Freudianos. Destes grupos, o Sedes tinha mais estrutura administrativa e maior capacidade didática, porque estava ligado à Faculdade de Psicologia da PUC-SP e também era muito conhecido fora da PUC. O NEPP já tinha alguma infra-estrutura administrativa e didática porque existia há alguns anos. A Escola Freudiana estava iniciando suas atividades, após ter rompido com o Centro de Estudos Freudianos que havia sido fundado há menos de um ano, e por isso mesmo possuía menos infra-estrutura, mas também procurava demonstrar maior ânimo de trabalho.

Os contatos iniciais com os analistas do Sedes foram feitos através de Rita e de Bento que, inicialmente, pertenceram como professores-fundadores ao mesmo curso, mas depois se separaram em dois outros cursos, embora tenham permanecido na mesma instituição. De um lado, tinha ficado o grupo de Rita (60 anos) no qual se incluíram alguns alunos recém-formados do próprio curso na condição de novos professores. De outro lado, ficou o grupo de Bento,

onde permaneceram diversos professores do grupo inicial. Ambos os cursos receberam em 1977 e 78 a adesão de psicanalistas argentinos que imigraram para cá devido o governo de ditadura militar vigente então. Estes analistas foram dissidentes da IPA ou se consideravam "independentes", no país de origem; mas a característica comum é que todos eles reafirmaram aqui serem "independentes" e contestatários da IPA. Tanto no caso de Rita quanto no de Bento, esses contatos permitiram ter acesso aos demais professores e supervisores dos cursos do Sedes.

Com os lacanianos, os contatos iniciais foram feitos através de Toledo (36 anos) e de Tadeu (33 anos) (da Escola Freudiana) que haviam sido dissidentes do Centro de Estudos. Em seguida, foi possível ter acesso a Roni (do Centro de Estudos) assim como a Tarso (35 anos) (que pertencia ao NEPP nessa época, mas havia acabado de aderir ao Centro de Estudos). Através destes lacanianos, foi possível chegar aos outros e assim se tornou viável montar um panorama destes grupos.

O questionários; a questão ética.

A fim de aprofundar mais os dados que estavam sendo coletados pelas entrevistas, através da observação participante, resolvemos com o orientador que aplicaríamos um questionário referente a três itens: perfil do psicanalista, perfil da instituição e perfil dos clientes. A proposta foi a de poder aprofundar mais as informações obtidas pelas entrevistas, pois deu mais uma oportuni-

de de tocar nos assuntos de interesse da pesquisa. Isso se confir mou pelas respostas obtidas. Entretanto, nem todas as respostas foram usadas, como as relativas ao perfil dos clientes porque esse item acabou por mostrar que ampliaria demais o âmbito de estudo proposto inicialmente.

Resta ainda discutir nesta seção algumas implicações da pesquisa de campo específicas ao contato com os psicanalistas. Em primeiro lugar, deve-se citar uma implicação estratégica referente ao lugar do pesquisador no campo psicanalítico. No decorrer da pesquisa de campo, constatamos que existiam limitações explícitas ao pesquisador por não ser membro de uma instituição psicanalítica; sobretudo, no caso da Sociedade filiada à IPA, houve impossibilidade de participar diretamente das reuniões científicas, das supervisões, das aulas etc. Nas outras entidades não-filiadas à IPA, houve maior acesso às atividades desenvolvidas.

Justamente essa limitação imposta à pesquisa de campo revelou-se, por outro lado, como uma espécie de benefício para o pesquisador, na medida em que este foi encarado - até certo ponto - como um elemento "neutro". É preciso explicar que esta "neutralidade" se refere apenas ao fato de o pesquisador ter podido fazer contato com diferentes psicanalistas, grupos e instituições, sem estar comprometido com a adesão a uma única instituição. Mais ainda, foi possível declarar a uns que outros também estavam sendo entrevistados, de forma seletiva. Isto se tornou revelador não só no caso das entidades não-filiadas à IPA (as quais não se cansavam de marcar posição como contestatárias da IPA) como também, especialmente, entre os grupos oponentes da Sociedade. Assim, em algumas ocasiões, era muito mais compensador para o pesquisador ser parcial, ao citar os supostos aliados e omitir os "inimigos" declarados ou potenciais, para que não houvesse indisposição imediata do entrevistado, embora não os omitisse sempre que indagado de forma específica.

A implicação ética da pesquisa de campo refere-se acen-
tuadamente à necessidade de manter o anonimato feita por diversos
psicanalistas. Atendendo a esse pedido, optei pelo recurso de a-
dotar pseudônimos e idades aproximadas. Esse procedimento pare-
ce mais adequado do que o adotado por Turkle (1981:17) que sem-
pre expõe indireta ou alusivamente o discurso dos sujeitos da
pesquisa, sem dar condições de reconhecer como eles se expressa-
ram. Embora Nunes (1984) transcreva literalmente algumas falas
de psicanalistas e até descreva circunstâncias de certas insti-
tuições de Saúde Mental ligadas aos psicanalistas, omite quais-
quer características de identidade destes sujeitos, as quais não
levariam ou dificultariam demais a identificação dos mesmos quan-
do tomados alguns cuidados.

A demanda de anonimato estava ligada à preocupação em
preservar sua imagem profissional, sobretudo referente a seus
analisandos e supervisionandos. Além disso, o reconhecimento en-
tre os próprios pares quanto a suas posições de aliança ou de
confronto no campo psicanalítico é um problema político coloca-
do por eles. Na medida em que podem ser reconhecidos pelos não-
aliados, interferem de maneira indesejada nos seus relacionamen-
tos, em muitas ocasiões, embora o fato de serem reconhecidos pe-
los aliados seja um reforço de suas alianças. Com a garantia de
anonimato, os analistas ficam predominantemente com a segunda
opção, enquanto a primeira fica aparentemente descartada ou, no
mínimo, muito mais remota.

Como toda regra, há exceções a ela. Nesta pesquisa, as
exceções foram Durval Marcondes e Adelheid Koch que não solici-
taram anonimato. Muito pelo contrário, eles foram incentivados
a encarnarem o papel de pioneiros da Psicanálise brasileira e
como tal são reconhecidos tanto em conversas informais quanto
em ocasiões científicas, sociais etc.

NOTAS

(1) Com o objetivo de obter uma maior exatidão no uso deste conceito, podemos discriminá-lo em dois outros: campo restrito e campo am plo. Enquanto o campo restrito inclui os especialistas, os pacientes e as instituições psicanalíticas, o campo amplo abrange toda e qualquer situação social e simbólica que se refira à Psicanálise, entre os "leigos", podendo incluir, ou não, os agentes sociais do campo restrito. Para um estudo do campo psicanalítico deve-se abranger tanto o campo restrito quanto o campo amplo. Entretanto, este objetivo de pesquisa sobre o campo como um todo não foi exequível para o âmbito desta Dissertação de Mestrado. Foi preciso optar pelo enfoque do campo psicanalítico restrito que revelasse condições e ações estruturais do campo co mo um todo, embora o campo amplo não tivesse sido descartado e sim colo cado em segundo plano.

(2) A partir daqui serão usados pseudônimos e idades aproximadas dos psicanalistas e "candidatos" a psicanalistas, com exceção de Durval Marcondes e dra Koch. A justificativa deste procedimento de manter anonimato é feita logo a seguir na seção "O questionário; a questão ética" (inserida neste capítulo de Introdução). A convenção do uso dos pseudônimos baseia-se em: 1) o gênero do nome adotado como pseudônimo corresponde à identidade masculina ou feminina do psicanalista; 2) a idade aproximada (quando foi possível descobri-la, pois na maioria das vezes esse dado era deliberadamente omitido) foi modificada para um pouco a mais ou a menos, arbitrariamente, para dificultar a identificação; 3) a inicial do pseudônimo (A, B, C e D) corresponde à geração a que pertencem os psicanalistas, conforme o período cronológico de sua formação psicanalítica. Assim, a inicial A identifica os psicanalistas formados até início dos anos 50 (que, a rigor, abrangem duas gerações: a primeira seria a de Durval, Alberto, Amadeu e Alda; a segunda seria a de Aquiles, Américo, Ângela, Arlete, Antonio, Alexandre, Augusto, Alfredo), a inicial B corresponde aos anos 50, a inicial C corresponde à primeira metade dos anos 60, e a inicial D corresponde à segunda metade dos anos 60.

CAPÍTULO I

OS PRIMEIROS ANOS (1920-1936): PERÍODO AUTO-DIDÁTICO

Introdução

Neste capítulo, serão apresentados os dois maiores responsáveis pela implantação da psicanálise em São Paulo: Franco da Rocha, que publicou em 1920 um livro de divulgação científica, O Pansexualismo na Doutrina de Freud, e Durval Marcondes, que foi o primeiro psiquiatra a praticar a psicanálise no meio médico paulistano em meados dos anos 20. Esses dois médicos psiquiatras foram os primeiros agentes das idéias psicanalíticas, que encontraram um respaldo significativo também fora do contexto médico, em certos segmentos da elite intelectual paulistana, incluindo alguns modernistas de 22. Mas também vamos procurar discutir o outro componente da relação psicanalítica, os primeiros pacientes, que foram considerados "doentes" numa visão medicalizadora avaliada hoje como incompatível com a Psicanálise, conforme Clavreul (1983:36).

Trata-se, enfim, de uma descrição e discussão da implantação local da psicanálise em seus três aspectos complementares, que, de fato, não se encontram dissociados: 1) um corpo de idéias inspiradas na obra de Freud; 2) uma visão de mundo que vai informar a vida cultural de certos segmentos da elite intelectual paulistana; 3) uma nova forma de tratamento que fatalmente acabou entrando em conflito com o "establishment" neuropsiquiátrico até então hegemônico.

O critério cronológico adotado aqui procurou seguir as versões dos personagens dessa história reconstituída aqui e nas quais também têm sido baseadas as versões "oficiais" existentes, como a de Galvão (1967), Bicudo (1948) e Uchoa (1981).

Franco da Rocha, o pioneiro da Psicanálise em São Paulo.

Desde a segunda década deste século, a divulgação das primeiras idéias da psicanálise em São Paulo é atribuída a Franco da Rocha, que representava a autoridade mais consagrada no "establishment" psiquiátrico local. Segundo Galvão, Franco da Rocha foi o "precursor" que, tomando contato com uma investigação científica nova, teve a sensibilidade especial de captar toda a sua força, o terreno fértil a ser explorado devidamente" (Galvão, 1967:48). Numa homenagem póstuma, o professor da Faculdade de Medicina de São Paulo, Raul Briquet declarou: "Dos títulos que hão de perpetuar o nome de Franco da

Rocha na medicina nacional, não é menor o de primeiro divulgador da psicanálise em São Paulo. Certo, não é pelo vulto das suas contribuições neste particular que se tornou credor do nosso reconhecimento, senão por que concorreu, com o prestígio do seu nome, para difundir a psicologia do inconsciente.(...) Socorreu-se Franco da Rocha da teoria psicanalítica para explicar aspectos da psiquiatria clínica, que não pudera esclarecer pelos ensinamentos clássicos" (Briquet, 1934-35:35 e 36).

A biografia e a carreira profissional⁽¹⁾ de Franco da Rocha seriam as seguintes: Francisco Franco da Rocha nasceu em 1864, na cidade de Amparo (interior de São Paulo), e faleceu em 1933, na cidade de São Paulo. Filho do dr. José Joaquim Franco da Rocha e de Maria Izabel Galvão Bueno Franco da Rocha.⁽²⁾ Realizou os seus estudos secundários na cidade de São Paulo e cursou a Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, onde recebeu o título de doutor em 1890. Ao retornar a São Paulo, dedicou-se à psiquiatria e foi nomeado médico psiquiatra do Hospício dos Alienados, que estava localizado na Varzea do Carmo. Idealizou e, obtendo a aprovação do governo, conseguiu concretizar o projeto de um hospital psiquiátrico moderno, o Hospital do Juqueri, que recebeu os primeiros pacientes em 1898 e em 1902 estava totalmente concluído. Foi diretor do Hospital do Juqueri até a sua aposentadoria

em 1923. Esse Hospital foi posteriormente rebatizado com o nome do seu fundador, que se mantém até hoje.

Os méritos de Franco da Rocha não foram apenas os de um fundador, como também os de um cientista atuando dentro do Hospital do Juqueri. Na opinião de Uchoa,

"(...) Sua obra em favor do doente mental deve ser considerada como uma das mais importantes realizações da Psiquiatria Clínica e Social em nosso país. Imprimiu ao hospital toda uma orientação científica na metodização das observações clínicas, nos diagnósticos, nos arquivos médicos, nas terapêuticas de tipo medicamentoso e ergoterápico. Introduziu o regime de "open door" e na laborterapia deu ênfase ao setor agrícola. Implantou, em 1908, o sistema de assistência familiar com a instalação de pacientes em ambientes domésticos, aos cuidados de famílias da região denominadas 'nutrícios'. Instalou, além do asilo fechado para os doentes mentais, colônias agrícolas, fazendas e dependências agrícolas, assistência familiar dentro e fora do hospício, laboratório de anatomia patológica, insistindo junto ao Governo na construção de um Manicômio Judiciário, realização esta somente concretizada em 1927" (Uchoa, 1981:49).

Franco da Rocha foi também o primeiro professor de Clínica Neuropsiquiátrica, nomeado em 1918, na Faculdade de Medicina de São Paulo que iniciou as suas atividades didáticas em 1913, numa sede própria de 3 prédios residenciais, na rua Brigadeiro Tobias. Em suas aulas, Franco da Rocha fez as primeiras exposições sobre as idéias psicanalíticas. Em 1919, a aula inaugural da cadeira de Clínica Neuropsiquiátrica dada por Franco da Rocha versava sobre algumas idéias psicanalíticas. Essa aula inaugural foi transcrita e

publicada no jornal "O Estado de São Paulo", em 20 de março de 1919, com o título "Do Delírio em Geral" (transcrição na Revista Brasileira de Psicanálise, vol. I, nº 1, 1967). Nesse mesmo ano, Franco da Rocha foi convidado para ser paraninfo da turma de doutorandos e lhes ofereceu como "brinde um opúsculo, A Doutrina de Freud" (Briquet, - 1934-35:37), cuja cópia não foi possível encontrar.

Na biografia de Franco da Rocha escrita por Durval Marcondes⁽³⁾, pode ser ressaltado o seguinte parágrafo:

"Em suas dissertações naquela escola, incluía a compreensão das doenças mentais por meio das idéias de Freud, que eram, na ocasião, uma novidade entre nós. Desse modo, teve início, no meio científico de São Paulo, a passagem de uma psiquiatria exclusivamente descritiva e organicista para uma psiquiatria que se tornava também descritiva e psicodinâmica".

Em 1920, Franco da Rocha percebeu o interesse que as idéias psicanalíticas estavam despertando⁽⁴⁾ e publicou uma obra de divulgação científica, "A Doutrina Pansexualista de Freud". Nessa obra, conseguiu sistematizar de uma maneira bastante fiel as fases do desenvolvimento psico-sexual elaboradas por Freud nas suas primeiras obras, incluindo os "Três Ensaio sobre a Sexualidade", o que demonstra uma leitura aprofundada delas. No entanto, Franco da Rocha acrescentou às diferentes fases evolutivas examinadas por Freud os seus próprios pontos de vista. Merece ser feita uma citação das descrições minuciosas dos "modos de excitação sexual" e as zonas erógenas correspondentes que foram acrescentadas ou enriquecidas, a seu modo, por Franco da Rocha.

Sobre o bebê, afirmou:

"Freud considera os impulsos parciaes infantis como componentes mais ou menos desenvolvidos, conforme a pessoa, do instinto sexual. O amor físico, brutal, da criança

por sua própria mãe (ou ama) tem sua satisfação no acto de mamar, nas carícias, nos cuidados de asseio, no acalentamento, etc....(Rocha, 1920:29).

Sobre a criança (o autor não determinou em torno de quantos anos):

"A ternura da filha se dirige mais ao pae; a do filho para a mãe. (...) Essa ternura tem grande alcance para os psicoanalistas; forma um complexus de que eles falam amiudamente - o complexus de Édipo. É uma atração sentimental incestuosa, absolutamente inconsciente"(Rocha, 1920:30).

E na puberdade ocorre

"(...) uma rápida passagem da sexualidade geral, difusa, móvel e autoerótica, para a localização anatómica e com adaptação dessa função ao objectivo normal do adulto. (...) Todas as zonas erógenas se subordinam à zona anatómica genital. As excitações das zonas visuaes e tacteis (beijos, dentadas na orelha, olhares gulosos aos seios e as pernas, etc.) servem de prelúdio ao acto principal, ao desenvolvimento psíquico da tensão sexual. (...) A busca do objectivo sexual na puberdade se faz paralelamente à busca do objeto sexual - o sexo oposto. (...) Desaparecem as tendências de character incestuoso e a libido se transfere para o objecto do sexo oposto, fora dos paes, numa escolha em que influe ainda um resto dessas tendências (Oedipus complex)" (Rocha, 1920:38).

"A Doutrina Pansexualista de Freud" obteve um relativo sucesso, segundo contou Durval Marcondes⁽⁵⁾, foi objeto de muitos comentários e algumas reações bastante contrárias à psicanálise. Até chegou a haver uma acusação de "loucura" contra Franco da Rocha, que vai ser descrita abaixo, segundo um depoimento do dr. Durval Marcondes.

"Por volta de 1925, num domingo à tarde apareceu na casa dele (Franco da Rocha) o doutor Luiz Pereira Barreto. O dr. Luiz Pereira Barreto era um grande cirurgião, um homem de grande cultura e foi um dos mais destacados próceres do positivismo brasileiro. (...) Franco da Rocha me disse que tinha a impressão de que estava sendo submetido a um interrogatório psiquiátrico. Depois de uma certa conversa, Pereira Barreto levantou-se e disse: 'Eu vou contar para você o que é que eu vim fazer aqui. Eu vou voltar agora para a casa de Arnaldo Vieira de Carvalho (que era o diretor da recém-criada Faculdade de Medicina de São Paulo) onde estão reunidos vários colegas e amigos nossos. Estamos reunidos para estudar o seu caso porque consta por aí que você está louco, porque você escreveu um livro absolutamente incompreensível, um livro muito estranho. Eu não acreditei, mas me deram um exemplar para ler e acabada a leitura eu tive que aceitar que você estava mesmo louco. Mas agora, depois dessa conversa, vejo que você não está louco. Eu vou lá para a casa do Arnaldo. Eles estão ansiosos à minha espera. Você pode ficar tranqüilo porque você está em perfeita saúde mental" (Depoimento de Durval Marcondes, em 12/11/1976).

Com base nesses dados apresentados acima, procurarei elaborar uma interpretação da ênfase local da psicanálise, o "pansexualismo" na versão de Franco da Rocha, e também procurar explicitar o significado mais amplo dessa acusação de "loucura" feita contra Franco da Rocha por seus colegas médicos.

A psicanálise foi apresentada como uma novidade científica na sociedade paulistana através da medicina.⁽⁶⁾ Isso aconteceu inicialmente por intermédio do médico psiquiatra Franco da Rocha que era uma autoridade de muito prestígio e reputação em sua especialidade na quela época.

A psicanálise apresentada por Franco da Rocha era apenas a "doutrina de Freud" considerada enquanto um conjunto de idéias. Franco da Rocha havia estudado as diversas obras de Freud publicadas até então e também as obras de alguns dos primeiros discípulos de Freud, mas não possuía qualquer pretensão de querer aplicar e confirmar ou não a técnica psicanalítica no tratamento de distúrbios mentais.⁽⁷⁾ Nesse sentido, poderia ser considerado mais um erudito expondo, à sua maneira, uma "doutrina" no conjunto de suas idéias do que um discípulo freudiano convicto, tentando confirmar a psicanálise nos seus postulados e nas suas aplicações terapêuticas.

A releitura da psicanálise feita por Franco da Rocha deu ênfase aos instintos sexuais e sobretudo à sexualidade infantil na psicogênese dos distúrbios mentais. Tanto é que foi usado no título da obra o termo "pansexualismo"⁽⁸⁾ para caracterizar e ressaltar aquelas idéias e hipóteses freudianas consideradas principais na compreensão dos impulsos e desejos inconscientes.

Se esta ênfase sobretudo no pansexualismo pode ser considerada como uma compreensão correta dos argumentos elaborados por Franco da Rocha, então a obra de Franco da Rocha não pode ser considerada apenas mais uma obra de divulgação das idéias de Freud. Deve ser considerada como uma obra com uma leitura própria e onde é acrescentada uma releitura psicanalítica que não se encontra necessariamente na fonte original, mas serve para enfatizar os elementos que não tinham sido tão enfatizados assim. Ainda que seja um tanto difícil comprovar com maiores detalhes, valeria talvez arriscar a hipótese de que o pansexualismo foi o aspecto mais característico da leitura brasileira da psicanálise no período da sua disseminação entre nós, embora também tivesse sido muito problemática em outros países ocidentais.

Em todo caso, foram os aspectos pansexualistas ressaltados por Franco da Rocha que serviram de base para expressar a acusação de "loucura" contra ele próprio. Não foi por acaso e nem poderia ser outra a linguagem de acusação, pois a linguagem psiquiátrica é considerada a única competente. Se Franco da Rocha não desse provas de continuar manipulando o instrumento psiquiátrico (pois foi justamente munido com este instrumento que seu colega médico foi examiná-lo), estaria comprovada a sua "loucura". Mas Franco da Rocha foi absolvido e pôde continuar mantendo a sua autoridade.

A constatação mais reveladora é que o próprio Franco da Rocha também levantou as suas acusações contra os outros desavisados que poderiam apropriar-se indevidamente da psicanálise. No prefácio da primeira edição de

"Pansexualismo na Doutrina de Freud", o autor adverte contra os "charlatões" para os quais "a psicoanálise, é bom dizer claramente, tem como o hipnotismo e a homeopatia, um atrativo todo especial (...) Pudera! Não se faz mister, para isso, estudar anatomia, histologia, fisiologia, patologia geral, etc., coisas difíceis e amolantes; basta supor-se possuidor de conhecimentos de psicologia e está tudo feito. A sabença em psicologia; por sua vez, é como água benta e presunção; cada um toma quanto quer" (Rocha, 1920 :V)⁽⁹⁾. Ao fazer essa constatação de que não são somente os colegas de Franco da Rocha que o acusam mas ele próprio também faz as suas acusações, fica patente que a acusação de "charlatanismo" ou de "loucura" é o idioma indicativo das tensões e conflitos existentes dentro de um mesmo grupo em relação a determinados membros ou mesmo como uma advertência ao público.

De fato, as acusações explicitam os pontos de atrito entre a Psiquiatria e a Psicanálise. Enquanto a psiquiatria parecia ter sido bem assimilada pelos médicos, a mesma coisa não acontecia com a psicanálise que estava justamente introduzindo novos conceitos, mé-

todos e questões na medicina, mas mantendo uma distância estratégica e não se confundindo com ela, em termos de disciplina científica. A psiquiatria de base anátomo-patológica era plenamente reconhecida como uma ciência no meio médico local, mas a psicanálise não merecia sequer qualquer suspeita mínima acerca da sua cientificidade de acordo com os padrões médicos vigentes.

Mais adiante, espero poder explicitar progressivamente esse relacionamento conflituoso, pois a psicanálise se constrói historicamente vis-a-vis a psiquiatria, senão no seu aspecto de desenvolvimento de disciplina científica⁽¹⁰⁾, pelo menos em relação ao contexto social e cultural no qual ambos disputam o seu lugar.

O auto-didatismo de Durval Marcondes e as elites intelectuais paulistanas

A disseminação da psicanálise em São Paulo, feita por Franco da Rocha, acabou transformando pelo menos um médico psiquiatra recém-formado, Durval Marcondes, num discípulo de Freud. Antes de relatar os fatos e os acontecimentos considerados decisivos na implantação da psicanálise em São Paulo, vamos descrever a biografia e a carreira profissional de Durval Marcondes, que tem sido considerado o principal personagem desses fatos e acontecimentos ao lado de Franco da Rocha, em duas partes: a primeira descreve a sua carreira nos órgãos públicos de maneira mais breve e, a segunda, a sua carreira de profissional liberal em consultório particular, que se confunde com a implantação da psicanálise em São Paulo.

1) Durval Bellegarde Marcondes nasceu em 1899, na cidade de São Paulo, e faleceu em 1981. Seu pai era um funcionário burocrático de um escritório de advocacia e sua mãe era dona de casa. As relações matrilaterais foram as mais importantes na carreira profissional de Durval Marcondes, pois incluíam as famílias aristocráticas cujos membros ocupavam altos cargos burocráticos nomeados pelo governo estadual. Formou-se em 1924 na Faculdade de Medicina de São Paulo e, em seguida, foi contratado como médico psiquiatra da Inspetoria de Higiene Escolar e Educação Sanitária, na Secretaria de Educação.⁽¹¹⁾ Em 1932, participou da Revolução Constitucionalista como "médico da hospedaria de emergência para civis refugiados das zonas de combate do interior do Estado, a qual foi instalada no Grupo Escolar Pereira Barreto" e esteve "em contato com os chefes revolucionários, os quais merecem confiança"⁽¹²⁾. Em 1938, foi fundada uma Seção de Higiene Mental, na Secretaria de Educação, por Durval Marcondes que até a sua aposentadoria, em 1954, foi o seu diretor. A Seção de Higiene Mental abrangia "os seguintes setores de atividades: 1) clínicas de orientação infantil e consultórios psicológicos; 2) classes especiais para

débeis mentais; 3) setor de pesquisas, de ensino e de divulgação”(13). Em 1954, Durval Marcondes foi convidado a lecionar a disciplina de Psicologia, cuja titular era a professora Annita de Castilho e Marcondes Cabral, na Faculdade de Filosofia da USP, que mais tarde se tornou um curso de especialização em psicologia clínica. Com a aprovação da lei de 1962 regulamentando a profissão de psicólogo e estabelecendo um currículo mínimo, o curso de especialização em psicologia clínica passou a fazer parte do curso de graduação em psicologia da USP. Durval Marcondes era responsável pela clínica psicológica e pela coordenação de psicologia clínica, afastando-se da USP em 1968.

II) Durval Marcondes relata que tomou o primeiro contato com Freud através de um artigo de Franco da Rocha, publicado em 1919, no Jornal "O Estado de São Paulo" e, em seguida, através da obra "O Pansexualismo na Doutrina de Freud" (Sagawa, 1980:108 e 109). Em seu ensaio sobre a história da psicanálise em São Paulo, Galvão relata:

"(...) o jovem estudante percebeu que uma compreensão revolucionária estava contida nas investigações freudianas; a corda de sua curiosidade científica aliada a seu entusiasmo juvenil foi vibrada; e assim de imediato tornou-se assinante do International Journal of Psychoanalysis" (Galvão, 1967:48).

Pouco depois de estar formado médico, inicia a sua atividade clínica em consultório particular, aplicando a técnica psicanalítica. Apesar de não ter sido aluno de Franco da Rocha na Faculdade de Medicina, pois este havia acabado de se aposentar quando aquele chegava no último ano do curso em que era dada a Cadeira de Neuropsiquiatria, Durval passou a freqüentar a residência de Franco da Rocha, para trocar idéias e expor as suas próprias experiências clínicas na aplicação da psicanálise (14).

Em 1926, Durval Marcondes prestou um concurso para a cadeira de Literatura no Ginásio do Estado e apresentou a tese, "O Simbolismo Estético na Literatura. Ensaio de uma orientação para a crítica literária baseada nos conhecimentos fornecidos pela psycho-analyse". Apesar de não ter vencido o concurso, o saldo foi bastante positivo e motivo de "uma grande surpresa" (Sagawa, 1980:110). Ao enviar esta tese a Freud "apenas para que ele tomasse conhecimento de que aqui neste recanto do mundo havia alguém que estava se interessando pelas idéias dele" (ibidem, 1980:110), recebeu uma resposta de próprio punho de Freud, animando-o a prosseguir no aprofundamento da psicanálise⁽¹⁵⁾. Iniciava-se, então, uma correspondência que não chegou a ser muito extensa mas foi bastante estimuladora e oportuna para quem estava começando a se debater contra os preconceitos locais vigentes: a palavra do "mestre" mostraria no futuro que os outros refratários estavam "errados" e mais cedo ou mais tarde haveriam de reconhecer os seus "erros"⁽¹⁶⁾.

Em 1927, Durval Marcondes idealizou e fundou uma Sociedade Brasileira de Psicanálise⁽¹⁷⁾ que tinha o objetivo de "reunir as pessoas interessadas no estudo da teoria freudiana e fazer a divulgação dessas idéias" (Sagawa, 1980:114), através de palestras, cursos e artigos na imprensa local. Na reunião inaugural realizada no salão nobre do Lyceu Nacional Rio Branco, Franco da Rocha fez uma palestra que parece ter sido muito concorrida e despertado muito interesse na platéia.

Na seção "Noticiário" da Revista Brasileira de Psychoanalyse, o órgão oficial lançado no ano seguinte da fundação da Sociedade⁽¹⁸⁾, foi feito o seguinte resumo da palestra de Franco da Rocha: "Acha o ilustre psiquiatra que a applicação therapeutica da psychanalyse apresenta ainda entre nós innumeras difficuldades de ordem pratica, porque suas vantagens ainda não foram bem apprehendidas pela opinião publica, para a qual os factos psychicos de natureza sexual não podem ser expostos abertamente. Esse preconceito prejudica inteiramente o trabalho clínico, principalmente quando se trata de pacientes de sexo feminino. Entende, porém, que já é bom tempo de se fazer uma

propaganda mais intensa dos princípios psychanalyticos nas suas multiplas applicações, devendo-se procurar interessar sobretudo a classe dos professores" (Revista Brasileira de Psychanalyse, vol. I, nº 1, 1927, p.109).

Na reunião inaugural, foi eleita a seguinte diretoria provisória: presidente, Prof. Dr. Franco da Rocha; vice-presidente, Prof. Dr. Raul Briquet; secretário, Dr. Durval Marcondes; tesoureiro: Prof. Lourenço Filho. Inscreveram-se como sócios 24 membros, entre eles, diversos professores universitários (além dos já citados, Flaminio Favero, A. de Sampaio Doria), médicos psiquiatras (James Ferraz Alvim, Pedro de Alcantara, Osório Cesar, A. de Almeida Junior etc.) e intelectuais (Menotti del Picchia, Candido Motta Filho, Lourenço Filho etc.)⁽¹⁹⁾.

As palestras da Sociedade Brasileira de Psicanálise eram consideradas um verdadeiro "acontecimento social". Saíam estampados comentários e fotos numa revista da moda na época, chamada "Vanetas", segundo Durval Marcondes, "uma revista chic da época, uma espécie da página de hoje do Tavares de Miranda" (Depoimento de 12/11/1976). Entre inúmeros outros frequentadores, podem ser citados: Olívia Guedes Penteado (a criadora do Salão dos Artistas de Arte Moderna), Tarsila do Amaral, Pepita Guedes Nogueira, sr. e sra. Raul Briquet, sr. e sra. Osório César⁽²⁰⁾, dona Noemia Nascimento Gama (grande declamadora de versos da época), sr. e sra. Benjamin Pereira.

Depois de alguns anos em atividade, a Sociedade Brasileira de Psicanálise deixou de promover as palestras e os cursos de divulgação,⁽²¹⁾ sendo considerado que "já havia cumprido a sua finalidade", segundo Durval Marcondes (Sagawa, 1980:115). Como a maioria dos membros da Sociedade não estava interessada em se tornar psicanalista, Durval Marcondes perdeu a motivação em permanecer comprometido com eles, pois sentia a necessidade de formar novos psicanalistas⁽²²⁾.

Nessa época, Durval Marcondes recebeu de "Max Eitingon,"⁽²³⁾ que era então o presidente da International Psychoanalytical Asso-

ciation e diretor do Instituto de Psicanálise de Berlim, um livro com a descrição minuciosa do curso de formação psicanalítica que ali havia sido criado, funcionando a partir de 1920" (Sagawa, 1980:114 e 115). O Instituto de Berlim tinha sido o primeiro centro de ensino psicanalítico a surgir e acabou servindo de modelo e padrão à formação psicanalítica, vigente até hoje em todas as Sociedades filiadas à IPA. Esse modelo se baseia em três exigências básicas: a "análise didática", a supervisão de dois casos clínicos bem-sucedidos e cursos teóricos.

Ao tomar conhecimento desse sistema de ensino psicanalítico que começava a ser adotado nas Sociedades filiadas à IPA, Durval Marcondes decidiu que o próximo passo na sua luta de implantação da psicanálise em São Paulo seria a criação de um Instituto de Psicanálise nos moldes preconizados pelo de Berlim.⁽²⁴⁾ A partir de então, inicia-se uma correspondência ininterrupta de Durval Marcondes com os líderes da IPA, na tentativa de conseguir trazer alguns analistas professores para cá.

Em 1932, surge a primeira oportunidade de "que viria o jovem psicanalista de então René Spitz"⁽²⁵⁾, disposto a trabalhar em São Paulo (Sagawa, 1980:115), mas é deflagrada a Revolução Constitucionalista, toda correspondência com o exterior é proibida e, enquanto Spitz esperava as últimas instruções acertando a sua vinda ao Brasil, devido à demora da resposta, que interpretou como uma perda do interesse antes manifestado, acabou decidindo ir para Nova York.

Em 1934, A.A.Brill⁽²⁶⁾, na época o presidente da IPA, enviou uma carta a Durval Marcondes explicando e fazendo o seguinte apelo:

"(...) Indubitavelmente, você sabe que a presente situação na Alemanha fez com que certo número de médicos muito competentes e de notoriedade ficassem praticamente sem lar. A maioria deles é de Judeus, alguns são apenas libe

rais e antinazistas. Certo número veio para os Estados Unidos e alguns me falaram sobre a conveniência de se estabelecerem na América do Sul. Há, então, algum futuro para médicos desse tipo no seu país ou em qualquer outro país sul-americano? Você conhece os movimentos psicanalítico e psiquiátrico na América do Sul melhor que qualquer outra pessoa e eu ficaria muito grato se me informasse se médicos muito capazes nessa linha de trabalho, que já atingiram reputação na Europa, poderiam estabelecer-se em algum lugar da América do Sul". (27)

Com a posse desta carta, Durval Marcondes foi procurar as autoridades educacionais a nível estadual, pois o seu ideal seria promover a vinda de alguns dos analistas, que se refugiavam da Alemanha nazista, e criar um Instituto de Psicanálise vinculado a alguma instituição universitária existente (28). Essa tentativa também não teve êxito e mais uma vez estava frustrada a oportunidade de trazer analistas para cá. (29)

Outra oportunidade concreta só surgiria novamente em 1937, mas esta já é uma outra história que contaremos um pouco mais adiante, no próximo capítulo.

Antes, porém, vamos procurar esboçar uma interpretação sobre esse período histórico, breve, mas decisivo na implantação local da psicanálise. Uma primeira questão relevante suscitada pelos próprios dados apresentados é a presença não só de médicos mas também dos intelectuais e artistas do Movimento Modernista de 1922 na Sociedade Brasileira de Psicanálise, fundada por Durval Marcondes. Como veremos em seguida, as ligações entre Modernismo de 22 e Psicanálise não são acidentais e, sem dúvida, podem ser encontradas tanto na apropriação da psicanálise pelos modernistas como na apropriação da literatura por um psicanalista.

Outra questão relevante se refere às explicações sobre a importação de idéias européias no Brasil. No caso da psicanálise, essas explicações vão partir de um enfoque weberiano do carisma freudiano e vão ser direcionadas depois aos debates sociológicos existentes no Brasil sobre as importações das idéias européias.

Em 1922, Durval Marcondes fez publicar um poema, "Symphonia em Branco e Preto"⁽³⁰⁾, na revista Klaxon, "o mensário de arte moderna". Justamente na época em que os escritores modernistas brasileiros estavam no auge da sua produção literária e dos acontecimentos artísticos detonados pela Semana de Arte Moderna.⁽³¹⁾ Mas o que nos interessa discriminar aqui são as relações e influências mútuas entre o modernismo brasileiro e a psicanálise, nessa época de efervescência social e cultural, procurando fazer algumas reflexões sobre essas inter-relações.

Os escritores modernistas brasileiros (sobretudo Mário e Oswald de Andrade) nada ficaram a dever aos seus colegas europeus (Stefan Zweig, Thomas Mann, Lou Andréas-Salomé, etc.) na sua rápida assimilação das idéias freudianas⁽³²⁾. Os modernistas brasileiros encontraram na obra de Freud uma fonte atualizada dos seus ideais estéticos. A obra de Freud exerceu um papel renovador em termos do uso de um novo vocabulário e foram mais profundas ainda as repercussões produzidas por ela. A psicologia freudiana do inconsciente forneceu aos escritores modernistas uma nova visão sobretudo dos conflitos psicológicos dos personagens, do processo de criação literária e também como um instrumento de crítica literária.

O novo vocabulário inspirado na psicanálise pode ser encontrado fartamente nos manifestos literários da primeira etapa do modernismo brasileiro. No "Prefácio Interessantíssimo", de Mário de Andrade⁽³³⁾, encontramos a substituição de termos mais antigos e conhecidos como "inspiração" por outros mais recentes e desconhecidos na época como "subconsciente" ou "inconsciente", assim como

os termos que até poderiam ter sido usados, mas passaram a ser empregados com novos sentidos nitidamente baseados nas concepções psicanalíticas, a exemplo de "sublimação" e "instinto".

Ainda no "Prefácio Interessantíssimo", Mário de Andrade descreve em parte o que entende por processo de criação literária, através de comparações flagrantes com o processo psíquico no sentido psicanalítico, nessas duas passagens:

"Ribot disse algures que inspiração é telegrama cifrado transmitido pela actividade inconsciente à actividade consciente que o traduz. Essa actividade consciente pode ser repartida entre poeta e leitor. Assim aquele não escorcha e esmiuça friamente o momento lírico; e bondosamente concede ao leitor a glória de colaborar nos poemas" (Andrade, M. (1972:27)

"Dom Lirismo, ao desembarcar do Eldorado do Inconsciente no cáis da terra do Consicente, é inspeccionado pela visita médica, a Inteligência, que o alimpa dos macaquinhos e de toda e qualquer doença que possa espalhar confusão, obscuridade na terrinha progressista. Dom Lirismo sofre mais uma visita alfandegária, descoberta por Freud, que a denominou Censura. Sou contrabandista! E contrário à lei da vacina obrigatória" (Andrade, M. - (1972:27 e 28).

Em 1929, Oswald de Andrade escreveu o romance Serafim Ponte Grande,⁽³⁴⁾ no qual faz uma crítica social das elites intelectuais paulistanas, a um só tempo cosmopolitas e provincianas, e onde a própria psicanálise é transformada num elemento a mais nessa crítica social. Essa intencionalidade pode ser confirmada pelo fato de

ser recorrente e não ser tomado ao acaso. Tal crítica social foi veiculada simplesmente numa frase avulsa como esta:

"Pires de Melo, a quem narro detalhadamente o meu caso, resolve-o pelo pan-sexualismo de Freud. Acha que Dorotéia não me largará por causa de certas vantagens..."(Andrade, O, 1977: 162).

Ou então foi trabalhada literariamente como no caso desta citação:

"CONFESSIONÁRIO

Prezado e grandíssimo Sr. Sigismundo.
De regresso a Paris encontrei minha ex-amante, Dona Branca Clara inteiramente nervosa.
Vive sonhando que tem relações sexuais com Jesus-Cristo e outros deuses. Isto é demais! Peço-lhe o socorro da psicanálise. Junto lhe envio o pesadelo de um dos seus espécimens ou um espécimen dos seus pesadelos.

Grato pela solução.

P.G."(Andrade, O, 1977:218).

Segue a descrição do sonho de Dona Branca Clara que não é necessário citar aqui. Em seguida vem a seguinte resposta:

"RECEITA

Ilustre balaústre
Só um acôrdo com o subconsciente de Dona Branca Clara poderá esclarecer o magnífico negativo que tenho em mãos e revelá-lo. Parabéns pelo monstro que tem em casa. Mande-o.

Sigismundo.

Diagnóstico: Dona Branca Clara é uma vítima da cristianização do Direito Romano também conhecida pelo mote de Civilização Ocidental.

Seu José, assistente" (Andrade, O., 1977:219)

E ainda outras duas citações poderiam ser feitas aqui⁽³⁵⁾.

Um dos textos de ficção mais exemplares revelando o enriquecimento fornecido pela obra de Freud numa nova visão dos conflitos psicológicos dos personagens é o conto de Mário de Andrade, "O Peru de Natal"⁽³⁶⁾. A trama deste conto é bastante familiar, para não dizer que é quase banal. Havia morrido o pai do personagem principal, Juca, que na véspera da ceia de Natal se vê complicado entre o dilema de realizar um desejo antigo e proibido pelo pai, que era uma farta e festiva ceia de Natal com peru e tudo, e um culto interminável - e talvez nem tão sincero assim - da sua família pela memória do falecido. Esta trama narrativa ganha força e complexidade ao ser aplicada e trabalhada literariamente a teoria freudiana. De fato, o dilema manifesto de Juca não é tudo: existe um outro permanentemente latente que é a luta dos dois mortos⁽³⁷⁾, o pai e o peru, para, dependendo de quem vence, ser realizado ou não o gozo e a satisfação total dos vivos. Quem sai vencendo é o peru que é comido pelos vivos na maior festa. Assim, este conto poderia ser interpretado como uma "simbolização do repasto totêmico", segundo Berta Waldman⁽³⁸⁾. Acrescentaria ainda que quem sai ganhando entre os vivos é Juca e suas "três mães" (a mãe, a tia e a irmã mais velha) numa alusão específica ao conflito edípico, que se unem de maneira total após vencerem os conflitos e até deixam totalmente de lado o outro irmão de Juca que nem sabemos direito quem é ou poderia ter sido. Da maneira mais insinuante possível, mas sem deixar de ser sutil na sua arte, Mário de Andrade faz realizar o desejo infantil de Juca, que, segundo a versão freudiana, seria o de eliminar o pai (e irmãos também) para possuir todo o amor da mãe ou no caso das "três mães".

Além de propiciar o enriquecimento da visão ou concepção dos conflitos psicológicos dos personagens literários, a psicanálise também expressou uma outra concepção do processo de criação artística, isto é, dos motivos pelos quais a obra artística teria sido realizada. Essa constatação pode ser encontrada novamente em Mário de Andrade de que, em seu breve ensaio, "Do Cabotinismo", desenvolveu uma analogia da concepção de sublimação (conteúdo manifesto e latente) com a do processo de criação artística ("~~móveis secretos~~" e os "aparentes"). Nas palavras de Mário de Andrade, "A psicologia contemporânea também começou esmiuçando com suas mais fortes luzes, o mecanismo da individualidade artística, as razões do indivíduo se tornar artista, as razões e efeitos anestésicos da artes, e com isso muita verdade nova surgiu. Hoje falamos em sublimação, em transferência e muitas outras palavras importantes e incontestavelmente valiosas" (Andrade, 1972:77). Para Mário de Andrade, os móveis secretos "são recalçados, são vencidos dentro de nós, embora vencidos só aparentemente, ou só momentaneamente derrotados" (Andrade, M., 1972:79), devido ao constrangimento criado pelas normas de socialização e pela vida em sociedade. Além disso, estes motivos secretos acabam sendo transformados pelo artista em "móveis aparentes, as idéias passíveis de apresentação, não mais idéias-origens mas idéias-finalidades, cujo destino é realmente caridoso e nobilitador. Pura falsificação de valores, cabotinismo puro. Cabotinismo nobre, necessário, maravilhosamente fecundo. Ele é que conserta e salva as nossas obras" (Andrade, M., 1972:80). Num ensaio sobre o romance Macunaíma, Gilda de Mello e Souza considera que estas teses de Mário de Andrade sobre o processo de criação literária podem ser verificadas de maneira flagrante no desenvolvimento do conteúdo narrativo dessa obra literária. "De fato, o motivo central do livro (Macunaíma) fora a busca da muiiraquitã, condição da volta ao Uraricoera e da realização da identidade brasileira; ora, este móvel nobilitador era, no entanto, insincero e escondia como uma máscara a realidade primeira, inconfessável e recalçada; a aspiração ao progresso, e o desejo de embarcar para a Europa a bordo do Conte Verde" (Souza, 1979:95).

Até aqui, a analogia do processo de criação artística com o conceito de sublimação corresponde a uma leitura das teses ou argumentos freudianos. Entretanto, Mário de Andrade pretendeu acrescentar à tese freudiana algumas idéias próprias sobre o assunto em termos de finalidade da obra artística. A tese freudiana seria restrita, nesse assunto, à transformação das pulsões sexuais em obras de arte para poderem ser aceitas pela sociedade, ou seja, as obras de arte são intermediários das pulsões sexuais que conseguem obter nas obras de arte uma forma de expressão substitutiva. Para Mário de Andrade, o processo de criação artística tem uma especificidade ao assumir as suas formas de expressão mas que, no final das contas, não deixa de ser convergente com a tese freudiana pois acrescenta a ela argumentos específicos relacionados com as obras de arte, enquanto a tese freudiana generaliza acerca de qualquer utilização substitutiva das pulsões sexuais.

Através da produção literária dos modernistas de 22, podemos constatar que a psicanálise se torna uma fonte inspiradora de idéias e ideais estéticos de uma maneira que a Neuropsiquiatria jamais chegaria a ser. E essa interação profunda da psicanálise com o modernismo de 22 não se restringe ao plano intelectual e se encontra também nas próprias relações sociais dos artistas modernistas com os psicanalistas.

Como já foi indicado na seção anterior deste capítulo, as reuniões da Sociedade de Psicanálise eram freqüentadas por modernistas como Tarsila do Amaral, Menotti del Picchia, Olívia Guedes Penteado, etc. que pertenciam a famílias da aristocracia cafeeira paulistana. A alta posição social deles é um favor importante, porque nessa época a psicanálise ainda é objeto de suspeitas e alvo de críticas denegridoras, devastadoras etc. Apesar de se constituírem num grupo numericamente pequeno, a sua alta posição social fez com que houvesse certa desestigmatização da psicanálise.

Não é possível esgotar aqui as interrelações do modernismo de 22 com a psicanálise, mas pelo menos podemos apontar que essas interrelações são muito mais do que fortuitas. Naquela época, estavam ocorrendo pelo menos dois processos em alguma medida relacionados entre si:

I) De um lado, a psicanálise começava a se desligar da medicina enquanto o seu único referencial pois a Sociedade de Psicanálise se tornou freqüentada igualmente por médicos e não-médicos, ganhando até mesmo uma maior reputação social por causa da presença dos não-médicos. A psicanálise começava a surgir como um sistema sui generis em relação à medicina, com sua dependência e domínios próprios, conforme tentaremos mostrar na próxima seção deste capítulo sobre os pacientes da psicanálise.

II) De outro lado, a psicanálise e o modernismo de 22 seriam os elementos de um processo constitutivo de formação de um segmento social e cultural da elite brasileira. Tanto na psicanálise como no modernismo de 22, existe a produção da categoria do "indivíduo" que vai ser enfatizada inicialmente pelos conflitos edípicos infantis (e não vai ser a sexualidade que transparece como tendo sido o "locus" privilegiado desses conflitos na versão brasileira da obra freudiana) numa nova linguagem criada pela psicanálise. Mesmo se a referência não é feita diretamente ao Édipo freudiano, o simples uso do vocabulário freudiano demonstra uma sensibilidade social e cultural para a categoria do "indivíduo", pois os termos como "subconsciente", os conflitos "neuróticos", a "censura", etc. subentendem em princípio a existência e o reconhecimento dessa categoria. Nesse sentido, o individualismo não surge como um reflexo social e cultural da formação de um segmento da elite brasileira, mas vem a ser o processo constitutivo da formação desse segmento.

Resta ainda explicar como a psicanálise conseguiu ser aceita no contexto social e cultural paulistano, pois é razoável supor que

não foi assimilada simplesmente por ser a última moda intelectual européia. Uma explicação mais convincente pode estar baseada nas teorizações de Weber⁽³⁹⁾ sobre a importância fundamental do carisma no nascimento e na consolidação das instituições.

O ponto de partida para se entender a psicanálise no Brasil vem a ser a importância de Freud como um líder carismático⁽⁴⁰⁾. Nos termos weberianos, um líder carismático pode ser diferenciado das demais pessoas comuns pelas características da sua personalidade consideradas como sobrenaturais, sobrehumanas ou dotado de poderes e qualidades excepcionais (Weber, 1968:48). Em sua interpretação de Weber, Fry enfatiza com muita propriedade que "Weber não concebeu o carisma como um fenômeno puramente individual mas como um fato social. Autoridade carismática só existe desde que o indivíduo implicado consegue "beneficiar" os seus seguidores; desde que as suas palavras e atos são de alguma maneira relevantes no contexto social em que ele próprio está inserido" (Fry, 1976:46).

Em relação a Freud, a autoridade carismática foi atribuída a ele (que era considerado um "gênio", dotado de poderes excepcionais, etc.) pelos seus discípulos e seguidores fiéis espalhados pelos diversos países ocidentais⁽⁴¹⁾. Entre eles, Durval Marcondes que também compartilhava a sua existência em São Paulo, mesmo à distância, com a liderança carismática de Freud. O que pode ser demonstrado pela correspondência de Durval Marcondes com Freud e pela própria dedicação integral de Durval Marcondes como um discípulo de Freud na implantação da psicanálise em São Paulo.

Uma aspecto importante a ser ressaltado no fenômeno carismático é a forma de recrutamento dos discípulos que se baseia "numa forma emocional de relacionamento comunical" (Weber, 1968:50). Não existem órgãos ou equipes administrativas, nem estatutos, regras formais ou vantagens econômicas regulamentando esse recrutamento. Os discípulos são escolhidos como "agentes que foram considerados dotados de autoridade carismática pelo seu líder ou que possuem o seu próprio carisma" (Weber, 1968:51).

Freud e seu grupo de discípulos escolhidos, que formaram o Comitê Secreto (Roazen, 1978:366), constituem o exemplo mais típico, pois a base dessa escolha foi a capacidade criadora e criativa na produção teórica e técnica da Psicanálise. Também houve outros discípulos (como Durval Marcondes) que não foram escolhidos com base nestes critérios científicos, mas escolheram a Psicanálise freudiana com base num interesse científico e adesão incondicional. Portanto, o relacionamento de Freud com seus discípulos diretos (no primeiro caso), ou não (no segundo caso), pode ser caracterizado como um fenômeno carismático nesse momento de constituição da Psicanálise e organização do "movimento psicanalítico".

Essa explicação weberiana pode ser enriquecida mais ainda em relação à implantação da psicanálise em São Paulo, dando uma maior ênfase à conjuntura local do que à correlação entre o séquito de discípulos e o líder carismático. Isso vai exigir que se penetre num debate aberto sobre as diferentes interpretações sociológicas da importação de idéias e modelos na sociedade brasileira.

As idéias são produzidas na Europa e também passam a encontrar uma ressonância no Brasil. Esta é uma constatação óbvia, mas a partir dela as interpretações são feitas em diferentes direções. Começemos com a interpretação de Roberto Schwarz (1981) e depois passemos para a de Maria Sylvia de Carvalho Franco (1978).

Em seu ensaio, Schwarz estabelece correlações explicativas entre o processo de reprodução social no Brasil e a produção (ou no caso, a importação) de idéias, em termos de história das sociedades ocidentais. Ao serem transplantadas para a sociedade escravocrata brasileira, as idéias liberais européias podem ser interpretadas como sendo uma "disparidade" dentro desse novo contexto social e econômico. Enquanto na sociedade burguesa européia o liberalismo correspondia ao modo de produção capitalista a partir da revolução industrial com suas transformações sociais e econômicas, no Brasil "as ideologias não descrevem sequer falsamente a realidade, e não gravitam segundo uma lei que lhes seja própria - por isso a chamamos de

segundo grau. Sua regra é outra, diversa da que denominam; é da ordem do relevo social, em detrimento de sua intenção cognitiva e de sistema" (Schwarz, 1981:17). Essas "ideologias de segundo grau" no Brasil foram consideradas de acordo com "uma explicação histórica para esse deslocamento, que envolvia as relações de produção e parasitismo no país, a nossa dependência econômica e seu par, a hegemonia intelectual da Europa, revolucionada pelo Capital. Em suma, para analisar uma originalidade nacional, sensível no dia-a-dia, fomos levados a refletir sobre o processo de colonização em seu conjunto que é internacional" (Schwarz, 1981:24).

Foi dada uma refutação teórica aos argumentos de Schwarz por Carvalho Franco ao criticar "uma variante das interpretações que combinam diferentes modos de produção: a sociedade e a economia brasileiras no século XIX aparecem como escravistas e articuladas aos grandes mercados mundiais, estes sim capitalistas, esta belecendo-se relações entre essas partes heterogêneas de um todo que as transcende" (Carvalho Franco, 1978:72).

Com essa crítica, Carvalho Franco pretendeu revelar como não existe uma oposição maniqueísta entre o modo de produção da colônia (escravocrata) e o da metrópole (capitalista). Tampouco os "processos reais de produção ideológica no Brasil" (Carvalho Franco, 1978: 62) podem ser compreendidos através desse esquema de oposição e separação de termos. Para tanto, será preciso considerar "o processo interno de diferenciação do sistema capitalista mundial, no movimento imanente de sua constituição e reprodução. (...) Assim, a produção e a circulação de idéias só podem ser concebidas como internacionalmente determinadas, mas com o capitalismo mundial pensado na forma indicada, sem a dissociação analítica de suas partes" (Carvalho Franco, 1978:62). Nesse sentido, pode-se concluir que o liberalismo europeu na sociedade escravocrata brasileira não deve ser entendido como uma "ideologia de segundo grau" no sentido empregado por Schwarz mas nos seguintes termos: "(...) o ideário liberal burguês em um de seus pilares - a igualdade formal - não "entra" no

Brasil, seja lá como for, mas aparece no processo de constituição das relações de mercado, às quais é inerente. O conceito de igualdade emergiu no processo de dominação sócio-econômica vinculado ao conceito e ao direito de propriedade e por essa muito forte razão cumpre aqui, como lá fora, sua função prática de encobrir e inverter as coisas. Enfim, a "miséria brasileira" não deve ser procurada no empobrecimento de uma cultura importada e que aqui teria perdido os vínculos com a realidade, mas no modo mesmo como a produção teórica se encontra internamente ajustada à estrutura social e política do país" (Carvalho Franco, 1978:63).

Ao dar ênfase ao processo interno de diferenciação do sistema capitalista mundial, Carvalho Franco não trata a importação de idéias enquanto um bloco monolítico, imposto de fora para dentro, como se tratasse de uma variável explicativa em si mesma. Ao contrário, a importação de idéias passa a ser entendida numa relação dialética de dinâmica cultural e processos sociais.

Dessa maneira, torna-se significativa a análise das condições locais e dos processos peculiares pelos quais a importação de idéias passa a configurar nos diferentes contextos sociais e econômicos. Essa orientação teórica vem de encontro a uma tradição das Ciências Sociais representada pela proposta de pesquisar empiricamente a situação histórico-social brasileira. Conforme expõe Florestan Fernandes: "Problemas que ocorreram em comunidades urbanas e industriais da Europa e dos Estados Unidos se vêm repetindo no Brasil, em condições psico-sociais e sócio-culturais marcadamente distintas. Essa circunstância oferece duas oportunidades ao sociólogo que estude tais processos na sociedade brasileira: 1º) a de submeter os referidos processos a investigações baseadas na observação direta e na interpretação sistemática das regularidades descobertas; 2º) a de explorar a comparação de situações histórico-sociais diversas na interpretação e explicação dos processos, o que permite verificar como certos fatores sociais se comportam ao variarem as condições em que eles se manifestam e operam, em sociedades que pertencem a um tipo social determinado" (Fernandes, 1979:15).

Enfatizando as condições locais e os processos sociais, podemos afirmar agora que a importação européia não se resume a uma simples operação de transplante e, muito pelo contrário, só faz sentido num outro contexto social e cultural quando consegue enraizar-se nesse outro contexto sofrendo mesmo os recortes específicos ou mesmo as transformações de significado. Um enfoque congruente com esse argumento foi sustentado também por Dantas (1982), ao examinar etnograficamente a importação dos cultos africanos nos terreiros nagôs brasileiros. Ao realizar uma etnografia dos terreiros de Laranjeiras (no estado de Sergipe), Dantas constatou que a "pureza" nagô era reivindicada por determinados terreiros como prova de fidelidade e de continuidade africanas em oposição aos "misturados" que estariam distanciados da origem africana ao terem introduzido nos seus cultos os elementos do Toré, da Umbanda, do Malé, do Protestantismo, etc. considerados "impuros". Entretanto, essa "pureza" nagô não foi interpretada como uma preservação dos mesmos traços culturais atribuídos aos cultos nagôs africanos, pois foi possível constatar que esses traços culturais não eram os mesmos nos terreiros de Sergipe em comparação com os da Bahia que por sua vez comparados com os de Pernambuco apresentavam diferentes traços culturais na caracterização da mesma "pureza" nagô. Essa "pureza" nagô foi interpretada por Dantas como uma categoria nativa usada para marcar a diferenciação em relação aos outros terreiros, atribuindo a si uma identidade original e manipulando a concorrência com os outros a seu favor. Portanto, a cultura nagô não deve ser interpretada como uma totalidade originalmente existente - e que, na versão dos nagôs "puros", foi degradada pelos "misturados" e preservada por eles - mas um certo conjunto, cujos traços culturais passam a ser recortados enfatizando uns e não outros, num processo permanente de reelaborações e de novas combinações.

No caso da implantação da psicanálise em São Paulo, esse processo pode ser interpretado ainda a partir da abordagem de Sahlins, ao pretender dar conta da "verdadeira armadura da ordem cultural" na

qual "os mercenários do símbolo" (que seriam determinados agentes como um publicitário, um pesquisador de mercado, um desenhista de modas, etc.)⁽⁴²⁾ exercem uma função sináptica. "É função deles ser sensível às correspondências latentes na ordem cultural cuja conjugação num produto-símbolo possa significar sucesso mercantil" - (Sahlins, 1979:238).

Assim como os "mercenários do símbolo", Franco da Rocha e Durval Marcondes foram os agentes de uma "sinapse simbólica" em relação à psicanálise em São Paulo. Franco da Rocha e Durval Marcondes tiveram uma sensibilidade específica para captar a aceitação das novas idéias produzidas pela psicanálise, que se tornaram atraentes para um segmento da elite intelectual paulistana, antecipando-se aos outros e tornando-se os agentes ativos do processo de implantação das novas idéias psicanalíticas. Isso não quer dizer simplesmente que Franco da Rocha e Durval Marcondes tenham criado algo de novo e nem que a novidade tenha sido mais um modismo, mas que a ênfase deles correspondeu a demandas culturais latentes e que se houve uma rápida aceitação foi devido ao próprio terreno propício existente na elite intelectual paulistana da época.

Entretanto, essa aceitação da psicanálise nunca foi unânime. Por mais que Durval Marcondes tivesse sido aceito pelos segmentos da elite intelectual paulistana, nunca chegou a ser reconhecido pelo poder médico formal. Os neuropsiquiatras permaneceram encarando Durval Marcondes e sua psicanálise com desprezo. Isso ficou cabalmente demonstrado num concurso público realizado na Faculdade de Medicina de São Paulo, conforme vai ser descrito e analisado na próxima seção deste capítulo. Continuando, a seguir, a cronologia dos acontecimentos, vai ser dado um destaque particular a esse concurso público que deixou de interessar apenas ao ambiente acadêmico, para envolver também um público mais amplo.

Um concurso público: Durval Marcondes versus A.C.Pacheco e Silva

Ao poder apreciar retrospectivamente a sua obra de implantação da psicanálise, Durval Marcondes sempre expressou a sua indignação contra a rejeição, o desprezo e as acusações de "charlatanismo" dirigidas à psicanálise pelos principais representantes do "establishment" neuro-psiquiátrico, cuja liderança tinha sido deixada por Franco da Rocha com a sua aposentadoria no início da década de 20. Essas reações depreciativas assumiram a forma de ataques pessoais dos neuro-psiquiatras a Durval Marcondes, que era acusado de "charlatão," com inúmeros comentários a seu respeito e a suas idéias "esquisitas". Mas tais ataques eram feitos somente entre os colegas porque nenhum médico atacaria um outro diante do público senão ele próprio correria o risco de cair em descrédito. Além disso, não deixavam extravasar dos limites do grupo médico para não levantar suspeitas ou dúvidas do público sobre a sua profissão.

Mesmo sendo um tanto depreciado por alguns colegas médicos, Durval Marcondes pode participar e concorrer de igual para igual num concurso público que exigia como pré-requisito a especialização em psiquiatria. Tratava-se de um concurso para preencher a vaga na Cadeira de Neuropsiquiatria da Faculdade de Medicina de São Paulo, deixada por Franco da Rocha que se aposentou em 1923. Desde então, essa Cadeira tinha ficado a cargo do neuropsiquiatra Enrojas Vampré. Em 1936, três anos após a morte de Franco da Rocha, foi decidido desdobrar essa Cadeira em duas: a parte da Neurologia continuava a cargo de Vampré e a de Psiquiatria deveria ser ocupada através de um concurso público. Os dois candidatos concorrentes foram A.C.Pacheco e Silva, que previamente possuía uma predileção da banca examinadora, e Durval Marcondes que, ao contrário, não parecia estar contando com qualquer espécie de apoio dentro da Faculdade.⁽⁴³⁾

Ao final das provas do concurso, a vaga da Cadeira de Psiquiatria foi confirmada para Pacheco e Silva. Mas esse concurso estava atraindo também a atenção do público leigo. Ao ser divulgado o resultado,

"um grupo de colegas, amigos e admiradores do professor Durval Marcondes, livre-docente da Faculdade de Medicina de São Paulo lhe ofereceu (um banquete) por motivo do brilhante concurso que há pouco prestou na congregação daquela casa de ensino" ("Homenageado o prof. Durval Marcondes", in Revista de Neurologia e Psychiatria de São Paulo, vol. III, nº4, p. 217).

O banquete-homenagem a Durval Marcondes aconteceu no Automóvel Clube de São Paulo, promovido pela Clínica Neuro-Psiquiátrica da Policlínica de São Paulo, com o comparecimento de 34 pessoas da elite local (muitos deles médicos ou advogados). Entre elas, uma figura ilustre e destacável das demais: o prof. dr. Reynaldo Porchat, reitor da Universidade de São Paulo na época, com laços matrilaterais de parentesco com Durval Marcondes, que deu um maior realce à solenidade. Isso pode ser observado numa fotografia tirada na ocasião (ibidem, 1937:218) onde Durval Marcondes e sua esposa aparecem sentados no centro, tendo ao seu lado o reitor Reynaldo Porchat e o dr. J.J. da Nova, proprietário da Policlínica de São Paulo, além de outras cinco senhoras também sentadas. De pé, aparecem todos os demais amigos e admiradores que formam a plateia desse acontecimento social.

Entre os oradores do banquete-homenagem, vale a pena citar o advogado Alexandre Marcondes Filho⁽⁴⁴⁾ que não se restringiu a fazer elogios pessoais a Durval Marcondes, mas desceu no assunto mesmo do interesse de todos os presentes. Falou dos preconceitos existentes em relação ao psicanalista que é ainda visto como um "detective invencível" ou um "perigoso especialista".

"O ramo científico em que você se aprimorou e se fez mestre ainda nos aterroriza um pouco. A notícia de que o psychanalysta quer mergulhar no fundo de nós mesmos, de que nenhum estorvo

podemos crear às suas explorações subterrâneas, de que elle palmilha com segurança o nosso passado incerto, entende os nossos confusos sonhos e interpreta os movimentos mais insignificantes, serve para justificar a impressão, a extranha fama de que é terrivelmente perigosa a sua convivencia. Temos o receio de que o hábito de vigilancia transforme o sentido da attenção que nos concede, e que, em vez de ouvir, insensivelmente perscrute. Pensamos que as nossas palavras deprevenidas, as opiniões immoderadas, um gesto reprimido e quem sabe se até certas manifestações de conjunto, podem desvendar segredos e nos desnudar ao observador agudo e persistente" (ibidem, 1937:219).

Além disso, acrescentou:

"Todo este drama faz do psychanalysta uma espécie de São Francisco Xavier, que padece para espalhar a saúde, como o santo padeceu para espalhar a fé. Está exactamente nesse traço, meu caro amigo, toda a infinita belleza do seu apostolado, num ambiente ainda não preparado para permittir que a sua sciencia produza todos os benefícios de que se sente capaz. A nossa resistência frustra o aproveitamento desse prodigioso capital scientifico e difficulta o seu precioso augmento" (ibidem, 1937:221).

Por sua vez, Durval Marcondes também fez um discurso no qual podem ser ressaltadas as seguintes afirmações:

"Deante do facto verdadeiramente paradoxal de festejar-se um candidato vencido num concurso, desdobra-se meu espírito em divagações, no anseio de explicar a largueza de vosso gesto. Busco e rebusco, dentro de mim mesmo, título que não tenho, méritos que nunca possuí. Concedo que é justo applaudir quem quer que seja em razão de seus feitos e victorias. Mas, na vossa bondade, ides muito além: premiaes em mim nada mais que desejos e intenções. Nunca me foi dado ver, como vejo agora, elogiar alguém tão só pelo favor de suas esperanças. (...) Ao deixar os bancos académicos e affrontando uma especialidade tão penosa e difficil, aspirei, como é de boa norma, collocar-me em condições que me tornassem realmente útil aos enfermos. Não quizei comportar-me como aquelle especialista vienense, de que nos fala Freud, o qual, interpellado sobre o que fazia de proveitoso aos neuroticos de sua clientela, "respondeu num encolher de hombros, que lhes impunha uma multa de certo numero de corôas". Procurando um guia experimentado pelo qual talhasse meu proceder, tive occasião de verificar que, salvo rara excepção, não se estava, entre nós, muito longe de semelhante conduta. No que diz respeito às neuroses, sector clínico que particularmente me interessava, pude notar que a therapeutica não ia, em regra, além de uma reprehensão, um calmante e uma dose de phosphatos. Compreendi, desde logo, que essa situação provinha, antes de tudo, de um erro

muito generalizado entre os mentalistas de nossa terra e que consiste em abordarem-se os problemas psychopathologicos como si fossem questões de medicina geral. Encarando os assumptos de sua especialidade, não pode o psychiatra, com effeito, cingir-se aos methodos empregados em outros dominios da medicina. (...) Essa foi a razão pela qual, sem descurar outros aspectos igualmente importantes, dediquei boa parte de meus esforços ao estudo da psychologia medica, que tem sua maxima expressão na psychanalyse freudiana. Não me inspirou, ao fazel-o, nenhum desejo inconoclasta. Segui, nesse particular, a diretriz que vinha sendo prégada no livro e na cathedra pelo meu querido mestre e inescúvel amigo, o saudoso professor Franco da Rocha. Não lhe sendo possível, pela molestia e pela idade, o rude empreendimento de verificar, na pratica therapeutica, o exacto valor do methodo psychanalytico, suggeriu-me elle o apprendizado de sua technica, que julgo ter manejado pela primeira vez entre nós. Cumpri, dessa forma, o dever de discipulo, acolhendo e ampliando os ideaes do mestre. (...) Em segundo lugar, e em estreita ligação com o que acabo de dizer, ha um grave preconceito, subordinado ao pensamento que dominou a cultura medica na phase anterior à guerra mundial. Sob o estímulo do progresso então alcançado pelos meios materiaes de investigação, ganhou vulto o ideal, em si muito louvavel, de reduzir-se o fundamento das molestias a um substrato anatomo-pathologico

definido. Tomando esse ideal ao pé da letra e não obstante outros rumos abertos pela ciência contemporânea, os partidários mais extremados dessa fórmula se julgam, ainda hoje, no dever de erigil-a em base exclusiva de orientação. Alheios aos princípios rigorosamente biológicos da psychologia moderna e não se dando pressa em conhecê-los, temem cair com ella num supposto mysticismo doutrinário" (ibidem, 1937:221 e 222).

Esses dados que acabaram de ser apresentados vão ser interpretados abaixo, desde a situação social desencadeada pelo concurso público até as fofocas envolvendo os partidários dos dois concorrentes nesse concurso público.

*

As acusações de "charlatanismo" e os comentários depreciativos contra Durval Marcondes eram feitos pelos neuropsiquiatras. Entretanto, nem todos os médicos participavam ou concordavam com esses neuropsiquiatras; mais ainda, existiam médicos que eram muito amigos de Durval Marcondes e também eram entusiastas da psicanálise como Raul Briquet, Osório César, Pedro de Alcântara, James Ferraz Alvim, etc. É interessante comparar essa situação de Durval Marcondes com a de seu "mestre", - Franco da Rocha, que também tinha sido acusado - e por motivos mais comprometedores - de "loucura" por seus colegas médicos. Esses colegas de Franco da Rocha nem eram especialistas no assunto e eles mesmos levaram as acusações adiante. Ao fazer a comparação de Durval Marcondes com Franco da Rocha, uma primeira conclusão a ser tirada é que os grupos médicos mudam ao longo do tempo e nessa medida os acusadores também não são os mesmos assim como os acusados. Na época de Franco da Rocha, as acusações são feitas apenas por médicos que deveriam ter sido um grupo

ainda numericamente pequeno. Na época de Durval Marcondes, as acusações são feitas em particular pelos neuropsiquiatras, que supostamente devem ter sido colegas na Faculdade e igualmente discípulos de Franco da Rocha⁽⁴⁵⁾, quando o grupo dos médicos aumentou com a criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Estas acusações a Franco da Rocha e Durval Marcondes podem ser interpretadas em termos sociais como fofocas no sentido empregado por Gluckman (1963). No caso de Durval Marcondes, as fofocas parecem ser ainda mais esclarecedoras do que no caso de Franco da Rocha. Enquanto este possuía posições hierárquicas superiores nas instituições psiquiátricas e médicas, Durval Marcondes não possuía nenhuma delas e estava em competição com os outros neuropsiquiatras por essas mesmas posições; portanto, as fofocas em torno de Durval Marcondes foram feitas em maior intensidade e com um endereço certo. Mas as fofocas não se constituem apenas num meio de expressão das maledicências ou das insinuações de dúvida sobre o caráter e as intenções de alguém, porque sobretudo servem para explicitar o reconhecimento da pertinência da pessoa sobre quem se fofoca no grupo "fofocador".

Durval Marcondes fazia questão absoluta de enfatizar que o seu interesse pela psicanálise não era um "desejo iconoclasta" e nem estava fazendo proselitismo, mas estava humildemente cumprindo a missão de discípulo legada pelo "mestre" Franco da Rocha e, nessa medida, a sua atuação estava acima dos interesses pessoais. Sua pertinência ao grupo era garantida nos seguintes termos: 1) Franco da Rocha tinha o reconhecimento pleno do grupo médico e autorizava a Durval Marcondes com o seu interesse pela psicanálise nesse grupo, uma vez que, se alguém atacasse a psicanálise, também estava atacando a Franco da Rocha; 2) o nome de Franco da Rocha era o de uma personalidade pública, com uma carreira de serviços prestados à sociedade mais ampla; 3) Ao considerar Franco da Rocha, e não Freud, o seu "mestre", Durval Marcondes reafirmava a sua identidade de médico e cidadão brasileiro sobrepostos ao de psicanalista; o que parece ter sido muito mais adequado nesse período.

Em seu brilhante ensaio, Gluckman sustenta que não é dado aos estranhos o direito de fofocar, o que pertence exclusivamente aos membros reconhecidos do grupo⁽⁴⁶⁾. Mais ainda, a fofoca pode ser transformada num escândalo e a "arte da fofoca e do escândalo" reside justamente em que as partes envolvidas não excedam dos limites considerados aceitáveis em termos dos comportamentos e dos valores do grupo. Esse argumento de Gluckman vem a elucidar mais ainda o caso de Durval Marcondes que, sendo o alvo das fofocas, não se confrontou com os seus acusadores e, ao reagir dessa maneira, não levou a fofoca ao nível do escândalo deixando em aberto a possibilidade de vir a ser reconhecido como injustamente atacado, além de evitar que o escândalo se voltasse contra ele próprio. É muito mais vantajoso e menos insuportável que "falem mal mas falem de mim" do que ser completamente ignorado⁽⁴⁷⁾ num grupo onde a notoriedade e o relevo social contam tanto quanto a competência ou a habilidade técnica. De qualquer maneira, Durval Marcondes respeitou as regras da "arte da fofoca e do escândalo", reafirmando ao mesmo tempo essas regras do grupo enquanto tal e a sua pertinência a esse grupo.

Essa pertinência ao grupo médico vai ser representada socialmente de maneira mais dramática na concorrência da vaga deixada por Franco da Rocha, na Faculdade de Medicina de São Paulo. Esse concurso pode ser visto como uma situação social, na concepção de Gluckman (1958)⁽⁴⁸⁾, que extrapolou o âmbito acadêmico da Faculdade de Medicina e envolveu o grupo médico em dois posicionamentos divergentes entre si: de um lado, Pacheco e Silva; de outro, Durval Marcondes. Se formalmente Pacheco e Silva venceu o concurso, informalmente Durval Marcondes também teve um triunfo ao seu modo, conforme explicitaram os participantes no banquete-homenagem.

Das fofocas sobre Durval Marcondes ao banquete-homenagem, o posicionamento dos personagens envolvidos em relação à psicanálise vai se tornando cada vez mais acirrado no sentido da aceitação ou da rejeição. Esse banquete-homenagem serviu aos propósitos

dos aliados de Durval Marcondes, que estavam tão envolvidos quanto este na competição contra os neuropsiquiatras, na promoção das idéias psicanalíticas, vistas como as mais aceitáveis. Nesse sentido, este banquete-homenagem representa a comensalidade no seu aspecto de ritualização de alianças⁽⁴⁹⁾.

Infelizmente, não foi possível reconstituir nenhuma das fofocas feitas pelos aliados de Durval sobre os neuropsiquiatras. Também devem ter feito as suas fofocas, mas só puderam ser captadas de maneira muito fragmentária e indireta nas insinuações de Durval Marcondes sobre a mentalidade "tacanha" e "bitolada" da neuropsiquiatria daquela época. Não se referiam especificamente a pessoas e provavelmente correspondiam aos valores do grupo de aliados de Durval Marcondes.

De qualquer maneira, as fofocas nessas circunstâncias descritas acima são um meio de delimitação e diferenciação dos grupos diante dos seus "semelhantes" ou "diferentes" (Gluckman, 1963). O que parece perfeitamente constatável nesse banquete-homenagem, onde a ritualização de alianças é feita em oposição ao grupo dos neuropsiquiatras, mas nessa mesma medida é feita também em termos de inclusão no grupo médico mais amplo. Se bem que essa inclusão ocorreu de uma maneira sui generis em relação à Medicina, pois não se tratava de um grupo exclusivamente médico, mas de um grupo constituído por um número significativo de "leigos" na defesa das idéias ou novidades médicas (a psicanálise, no caso), consideradas as mais louváveis. Essa posição sui generis da psicanálise em relação à medicina já tinha sido apontada anteriormente no caso da Sociedade de Psicanálise, através da participação dos modernistas de 22 nas suas reuniões e cursos de divulgação. Pode ser estabelecida uma continuidade nessa posição sui generis da psicanálise em relação à medicina, ao aceitar, estimular ou ser pressionada pela participação ativa dos "leigos", nesses momentos decisivos de implantação da psicanálise em São Paulo.

Se até chegar aqui já falamos das características sociológicas dos primeiros profissionais e agentes das idéias psicanalíticas, resta ainda caracterizar as pessoas que se deitaram no divã como pacientes. Ao contrário da situação de hoje, em que um grande número de pacientes não se consideram necessariamente "doentes", os primeiros pacientes foram considerados "doentes" e chegaram a Durval Marcondes através da medicina. Este vai ser o objetivo da próxima seção deste capítulo.

Os primeiros pacientes da psicanálise

Os primeiros pacientes de Durval Marcondes eram "geralmente de posição social mais modesta. Eram professores primários, pequenos funcionários burocráticos, estudantes de Direito, etc." (Sagawa, 1981:90). Esses pacientes eram considerados "doentes" pelos critérios vigentes e encaminhados para algum tratamento.

Um dos médicos que naquela época encaminharam pacientes para Durval Marcondes foi Franco da Rocha. Numa carta⁽⁵⁰⁾, Franco da Rocha declarou: "(...) Seu caso não é de cura difícil nem é perdido; ao contrário, é fácil de ser curado, com paciência e pertinácia. Eu não posso tratá-lo; ando muito doente e já idoso. O senhor procure o Dr. Durval Marcondes que se tem dedicado com sucesso à psychoanalyse. Ele lhe tratará com pequena remuneração e até talvez sem lhe cobrar; isto depende de falar com elle que é excelente homem e médico estudioso". Outros médicos que também eram favoráveis à psicanálise: o professor de Pediatria, Pinheiro Cintra, e o professor de Obstetrícia, Raul Briquet (Sagawa, 1981:86), dos quais não se pode saber se encaminhavam ou não pacientes a Durval Marcondes nesse período.

Aqueles que não eram favoráveis simplesmente negavam e se recusavam a reconhecer qualquer validade ou cientificidade da psicanálise. Durval Marcondes afirmou: "A hoje chamada Medicina Psicossomática era absolutamente repudiada, naquele tempo, em São Paulo. Eu reconhecia, nas enfermarias e nos ambulatórios, os casos onde o elemento psicológico era evidente. Entretanto, era desencorajado a prosseguir nessa maneira de analisar os casos e até mesmo punido com desprezo, repreensão e repulsa" (Sagawa, 1981:96)⁽⁵¹⁾.

Existe uma discordância da parte de Durval Marcondes quanto ao reconhecimento dos sintomas e ao tratamento proposto, mas sem a sombra da menor dúvida Durval Marcondes não vai chegar a questionar a categoria de "doentes", porque a incompatibilidade existe apenas em relação aos meios empregados e não em relação aos fins a serem obtidos, que é o reconhecimento dos "doentes" com a respectiva proposta de "cura".

Nas próprias palavras de Durval Marcondes, os meios empregados pela medicina "oficial" não são considerados inadequados em si mesmos e até considerados aproveitáveis na experiência da técnica psicanalítica. "Eu costumo dizer que tive dois grandes professores de Medicina, com os quais aprendi muita coisa. Um foi um italiano, chamado Alfonso Bovero,⁽⁵²⁾ que me ensinou a ter um padrão de pesquisa científica. O outro foi um assistente de enfermaria do Rubião Meira, Álvaro Lemos Torres, que se tornou mais tarde Diretor da Escola Paulista de Medicina. O grande mérito do Álvaro Lemos Torres foi que ele me ensinou como é que se examina um doente. Ensinou que técnica a gente usa para a objetividade do exame clínico. Embora Lemos Torres não soubesse nada de psicanálise, ele me deu, sem o perceber, a formação básica para a psicanálise. Eu me explico. Ele, por exemplo, pegava, às vezes, um doente e o colocava despido e imóvel, à nossa frente. Nós não podíamos tocar no doente nem fazer qualquer pergunta. E, pela simples inspeção visual, devíamos tentar fazer nossas hipóteses diagnósticas. Era um exercício interessante. Daí foi que saiu o sinal de Lemos Torres. Então quando fui pegar um doente para psicanálise, eu pensei: o que é que eu faço? Eu boto o

doente deitado no divã e fico esperando para ver o que acontece, o que ele me diz. Assim eu pude ter aquela neutralidade que vai desde a atenção flutuante de Freud até o sem memória e sem desejo do Bion. Aí eu me colocava como um analfabeto: não sabia nada. No momento que me parecia oportuno, eu lançava, de acordo com a minha intuição íntima, minha interpretação" ("A Trajetória Modernista", *Ide*, ano 4, nº 6, 1978, p.10).

Acontece que Durval Marcondes começava a discriminar na categoria ampla de "doentes" uma espécie particular de "doentes" que seriam os "neuróticos". A descrição de Durval Marcondes é a seguinte: "Na verdade, os neuróticos eram tratados aqui em São Paulo, quase que exclusivamente pelos neurologistas. Eles não eram tratados como se tivessem uma doença psíquica. Os métodos usados naquela época eram verdadeiramente bárbaros. Eram medicamentos para produzir abscessos dolorosos, febres altas, tremores, enfim eram mais um castigo do que forma de tratamento. Eu procurei acabar com tudo isso aqui em São Paulo, colocando-me na atitude psicoterápica e, mais particularmente, na atitude psicanalítica que estava verificando ser de maior rendimento. A Psicanálise, na verdade, é o mais profundo, de maior alcance, o método etiológico por excelência para o tratamento das neuroses" (Sagawa, 1981:88).

Em 1930, Durval Marcondes publicou dois pequenos artigos⁽⁵³⁾, "A Therapeutica Psychanalytica da Impotência Sexual" (Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, vol.XIV, nº4, 1930) e "Sobre a Ejaculação Precoce" (ibidem. vol.XIV, nº 10, 1930), cada um deles tratando de um caso clínico que tinha sido submetido à psicanálise. A importância desses dois artigos reside no seu conteúdo (o que eles podem conter de informações sobre os pacientes e sobre a atuação do psicanalista) e também na sua forma (uma revista especializada de médicos e dirigida aos seus colegas de profissão).

Ambos os casos tratados são de homens jovens, com diagnóstico de problemas sexuais. O primeiro paciente é um rapaz de 22 anos, solteiro, estudante, com a queixa de impotência sexual. Seu tratamento durou 4 meses (de maio a setembro de 1928) e com sessões se-

manais. Vejamos alguns trechos da associação livre transcritos e depois as explicações do problema sexual do paciente, segundo o psicanalista.

Dia 19/5/28: "... Os Borgia, O Pae tinha relações sexuaes com as filhas e os irmãos com as irmãs. Pensei si eu fizesse o papel de um delles..." Dia 26/5: "...Um caso que li no jornal: O pae que deflorou a filha. A filha depois ficou pejada. Também um sujeito que violentou uma menina de 12 annos..." Dia 6/7: "... O Febrônio⁽⁵⁴⁾ e o outro são indivíduos dignos de lastima. São anormaes. Lembro de que quando falei nisso passou-me pela idéa ser "estrepado" por um delles, quando eu era mais creança, fazendo um papel passivo. Penso tambem si minha irmã o fosse. Si não tivesse educação e cultura, talvez eu fosse um Febrônio ou um Amaral.." (Marcondes, 1930: 164).

Existem mais alguns trechos no artigo, mas esses já são suficientes para fazer a ligação com as explicações dadas pelo psicanalista. O ponto inicial de compreensão dos problemas do paciente é detectada "desde os primeiros dias do tratamento: o complexo incestuoso" (ibidem, 1930a:164). Justamente o incesto é que vai ser encontrado na formação da personalidade do paciente. Segundo Durval Marcondes, "Tal rasgo de character ("o prejuízo do terceiro", consistindo em que a escolha amorosa não recae nunca sobre uma mulher livre, mas exige, pelo contrátio, uma mulher pertencente ao outro) prende-se, na sua gênese, ao complexo de Édipo e procura restabelecer uma situação infantil, na qual o objecto amoroso tinha por essencial attributo estar dependente de um poderoso rival" (ibidem, 1930a:166).

De acordo com esta explicação do psicanalista, desde a infância o paciente veio escolhendo o "objecto amoroso" que repetiu a situação infantil não-resolvida, quando deveria ter renunciado à pessoa que já possuía um parceiro e ter escolhido uma outra sem parceiro. Isso aconteceu com os amores e ciúmes que sentia pela professora do Grupo Escolar (a qual estava interessada no vice-diretor da escola),

pela antiga namorada que se casou com um outro homem e, finalmente, pela atual namorada. Durval Marcondes descreve: "Sente que o principal factor de haver gostado dessa moça é o impecilho que os irmãos della procuram pôr ao seu namoro. Attribue a estes um zelo excessivo, tramado de despeito, pois acha que "elles têm ciume della como si ella fosse mulher delles". Esta idéia radica - como é facil deduzir - nos proprios sentimentos do paciente com respeito á sua irmã, o que se confirma, no decurso do tratamento, pela frequente ligação associativa entre esta e a namorada. Além disso, ha uma certa parecença physica entre ambas, particularidade que não deve ser estranha á escolha amorosa" (ibidem, 1930a:166).

O segundo paciente é "homem de fina educação" e faz "parte da melhor sociedade" (ibidem, 1930b:459); não sendo discriminada a sua idade, a profissão e qual o número de sessões semanais e a duração do tratamento. A queixa é a seguinte: "(...) um dos principaes symptomas que o impelliram ao tratamento analytico foi a aspereza com que, sem querer, tratava sua mãe. (...) Uma palavra materna era, ás vezes, sufficiente para desencadear a sua colera, que chegava frequentemente até a violência. Além disso, a idéa de agressão physica veio á tona, durante a analyse, em estreita associação com a do acto sexual incestuoso" (ibidem, 1930b:460).

A interpretação do psicanalista nesse caso envolve dois factores: 1) a ejaculação precoce tem origem no "desejo inconsciente (da criança) de ter os órgãos genitales tocados pela mulher (a mãe)" (ibidem, 1930b:458) pois a criança tem uma "alta estima narcisica" de que "particularmente seu penis e sua actividade urinaria exercem um irresistivel encanto sobre a mulher (a mãe)" (ibidem, 1930b:458); 2) "a ejaculação precoce é também uma expressão de despeito e hostilidade resultantes do fracasso do amor edipiano infantil" (ibidem, 1930b:459). Isso pode dar origem ao comportamento exhibicionista como aconteceu com esse paciente que, ao expor o penis às mulheres em situações públicas, estaria demonstrando o desprezo e a humilhação a elas que não possuem um membro igual.

Nos dois casos tratados, a interpretação do psicanalista consiste em encontrar no passado infantil a origem dos problemas adultos que, sendo coincidência ou não, possuem problemas sexuais. Mais especificamente ainda, consiste em reconhecer o "complexo edipiano" que não foi resolvido na infância e continua influenciando o comportamento a dulto de maneira inconsciente. As interpretações desses conteúdos psíquicos infantis seriam a transformação dos desejos e conflitos inconscientes em conscientes. O que parece ter dado resultados, pois ambos os casos são considerados como completamente "curados", pelo menos em relação aos problemas sexuais apresentados na queixa inicial. Nos dois artigos, o último parágrafo é significativamente dedicado a enfatizar que os pacientes apresentaram uma "cura" consta tável e também não tiveram qualquer recaída sintomática.

A forma na qual Durval veiculou esses dois artigos merece algumas observações que, talvez, se mostrem pertinentes. O "Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo" era a publicação médica mais importante da época, onde os professores da Faculdade de Medicina e os médicos mais prestigiados costumavam comunicar os seus estudos científicos. Ao surgir a oportunidade de publicar os seus artigos, Durval nada mais fez do que reafirmar a sua condição de médico diante do público leitor "competente". Os dois pacientes de Durval Marcondes são considerados "doentes", que necessitam de um diagnóstico médico e de um tratamento eficaz, como qualquer outro paciente de outras especialidades médicas. O próprio título dos artigos já apresente qual o diagnóstico médico e, nos dois artigos, o último parágrafo é significativamente dedicado a enfatizar que os pacientes apresentaram uma "cura" evidente e, também, não tiveram qualquer recaída sintomática. O leitor pode tirar essa conclusão sobre a recaída, porque está implícita no fato de haver um espaço de tempo entre os casos tratados (para a observação de uma possível re caída) e a publicação dos resultados terapêuticos, para que não sejam considerados prematuros e nem caiam em descrédito.

Em 1935, Durval Marcondes volta a publicar um outro artigo relevante, "Os Resultados do Tratamento Psychanalytico" (Revista da Associação Paulista de Medicina, vol. 6, nº 1, janeiro de 1935)⁽⁵⁵⁾.

Ao contrário dos dois anteriores que se dedicavam ao exame de um único caso, neste artigo mais recente o enfoque é o de uma experiência acumulada de diversos casos clínicos. Em primeiro lugar, vamos acompanhar a descrição dos casos e depois destacar os aspectos que mais nos interessam, aqui, nos comentários de Durval Marcondes.

Os casos reproduzidos abaixo estão dispostos propositalmente pelo autor numa ordem crescente de dificuldades quanto ao alcance dos resultados terapêuticos a serem alcançados pela psicanálise. Os três primeiros são os mais "indicados" ; os dois últimos são os mais "refratários" ao tratamento psicanalítico.

"Caso I - A., sexo feminino, 23 anos, casada. Há cerca de dois anos e meio: crises quase diárias de angústia, com polypnéa intensa; palpitações, tanathphobia. Às vezes, dores em diversas regiões, aponia accentuada, sensações extravagantes de congestão cephalica e de augmento do volume do corpo. Em varias ocasiões, aconteceu fechar-se as palpebras, sem que, por muito tempo, as pudesse abrir. Crises imotivadas de pranto. Inapetencia. Às vezes, insomnia. O exame somático, feito pelo dr. Jairo Ramos, não revelou molestia organica. Reacção de Wassermann no sangue: negativa. Psychanalyse: 47 sessões. Os resultados foram excellentes. O tratamento foi interrompido prematura e repentinamente, por necessidade de seguir para o interior. Houve uma recaída immediata, mas passageira, pois logo em seguida as melhoras voltaram e consolidaram-se. Tive notícia de que se achava bem um anno depois.

"Caso II - sexo masculino, 22 annos, solteiro. Impotência sexual emotiva. (...) Depois de certo tempo de vida sexual normal, começou a manifes-

tar-se falta de erecção na occasião da copula, o que veio obrigar-o, por alguns annos, a uma abstinencia completa. Tendo-me consultado em certa occasião, utilizei-me do methodo persuasivo, cujos resultados foram beneficos mas passageiros: depois de conseguir copular algumas vezes, voltou a impotencia. Empreguei, então, a psychanalyse (121 sessões) que trouxe a cura definitiva. O resultado permanecia quasi um anno depois.

"Caso III - sexo masculino, 18 annos, solteiro. Desde os 13 annos: actos compulsivos diversos, que bloqueavam toda a actividade do paciente (necessidade de, a todo momento, estar arrumando a roupa, que o incommodava; necessidade de encostar os dedos uns nos outros, de fechar e abrir os olhos, etc.). (III) Impossibilidade de estudar, com reprovações constantes nos exames. Sentimento de inferioridade. Inibição psycho-sexual: nunca se animara a procurar mulheres, por timidez. (...) Psychanalyse: 144 sessões. Ficou inteiramente bom. Os symptomas compulsivos desapareceram. Passou a ter relações sexuais normaes. Tornou-se mais confiante em si e mais apto para os estudos. Nos primeiros exames escolares feitos após o tratamento teve notas excellentes. Os resultados mantinham-se mais de um anno depois.

"Caso IV - sexo masculino, 26 annos, solteiro. Homo-sexualismo: attracção por individuos do sexo-masculino, com alguns dos quaes executa periodicamente varios actos de natureza sexual: masturbação mutua, etc. Não o seduz o

coito anal, que nunca praticou. Tentava antigamente o coito hetero-sexual, que não conseguiu realizar. (...) Além disso, varios symptomas neuroticos, como sejam insomnia, angustia, irritabilidade, phobias, desanimo, etc. Psychanalyse: 54 sessões. Não houve modificação para o lado da conducta sexual. O mesmo, entretanto, não se deu com os outros symptomas (phobias, etc.) que melhoraram consideravelmente. O paciente acha que a psychanalyse veio tornar-lhe a vida mais supportavel, proporcionando-lhe as condições psychicas indispensaveis ao trabalho pelo que julga plenamente compensados os esforços dispendidos com o tratamento.

"Caso V - sexo masculino, 30 annos, solteiro. Manifestou sempre insociabilidade, timidez, excentricidade nas maneiras, reacções violentas no trato com as pessoas da familia. Conflictos constantes no lar. Accentuado narcisismo. Tinha preocupação exaggerada com seu aspecto physico: achava que seu rosto era deformado e fora de proporções, e emprehendia larga serie de medidas correctivas (gymnastica, massagem, etc.). Retrahia-se do convivio social, por achar que os outros reparavam nesse defeito imaginario. (...) Exhibicionismo: impulso incoercível de mostrar o penis a mulheres, o que realizava algumas vezes. Onanismo. Ejaculação prematura. Psychanalyse (emprehendida com prognostico reservado): 61 sessões. Melhorou bastante, com attenuação geral de todos os symptomas. 'Não houve symptoma que não melhorasse', é a a expressão do paciente. Tornou-se mais tratavel no ambiente domestico e tomou maior interesse pela sociedade. 'A psychanalyse, diz o paciente, trouxe maior

compreensão da vida e outro interesse por ella'. Seu retrahimento anterior deu lugar a certo opti mismo, chegando mesmo a pensar em casamento.(...) Os resultados obtidos estavam presentes quatro an nos depois" (Marcondes, 1935:24 a 27).

Ao tratar de diversos casos através do método psicanalítico, Durval Marcondes já não é mais o mesmo médico iniciante da época em que somente podia apresentar uma casuística limitada. Nesta altura da carreira de Durval Marcondes, uma pergunta relevante a ser feita é a seguinte: com uma casuística mais variada, quais os critérios es tabelecidos quanto ao alcance dos resultados terapêuticos?

O critério mais importante foi expresso nos seguintes termos: "os resultados dependem sobretudo do acerto de sua indicação" (Marcondes, 1935:22), ou seja, do seu diagnóstico. Os casos mais "indica- dos" são "as diversas formas de hysteria (phobias, manifestações so- máticas histéricas, etc.) e a neurose de compulsão (actos e idéas ' compulsivos)" (Marcondes, 1935:22). Se nos primeiros tempos a indica- ção de casos de problemas sexuais era conveniente para demonstrar a eficácia terapêutica da psicanálise exatamente nos casos onde os ou tros médicos fracassavam, nesse artigo Durval Marcondes chama a aten- ção para o fato de que a psicanálise não se restringe apenas a esses casos e também se mostra eficaz nos casos "em que os impulsos sexuaes não transparecem na trama sumptomatica" (Marcondes, 1935:22). Portan- to, a indicação acertada de casos para o tratamento psicanalítico se tornou muito mais abrangente, pois a neurose é desvinculada dos pro- blemas explicitamente sexuais para ser definida em relação aos com- portamentos ou conflitos psíquicos (fobias, obsessões, perversões, etc.), que podem ou não surgir sob a forma de sintomas sexuais.

No entanto, existem ainda outras condições tão importantes - se bem que são levadas em consideração num plano secundário como se não fossem tão importantes assim - quanto uma "indicação" acertada. "Para ser bem orientada, a indicação deve considerar não sómente a

natureza da molestia, mas também outros aspectos do caso, como idade, grau de cultura, etc. " (Marcondes, 1935:22). Entre estes outros aspectos, existe um que na verdade é considerado o mais decisivo: o da classe social.

Segundo Durval Marcondes, "(...) o obstáculo em apreço (da longa duração do tratamento psicanalítico e o seu conseqüente alto custo econômico) só existe, em rigor, para as camadas inferiores da sociedade. Para a classe média o gasto acarretado pelo tratamento *psychanalytico* só é excessivo na aparência. Além de que um gasto relativamente moderado nunca pode significar nada em confronto com a saúde e capacidade funcional, se compararmos as continuas despesas exigidas pelo tratamento não *analytico* dos *neuróticos* em sanatórios e consultas com o incremento da capacidade funcional e aquisitiva que os mesmos experimentam ao cabo de uma cura *psychanalytica* levada a bom termo, podemos dizer que o enfermo fez, afinal, um bom negócio" (Marcondes, 1935:24).

Em 1932, um outro médico especialista em Pediatria, Alberto, que havia feito uma viagem a Berlim, relatou⁽⁵⁶⁾ que não encontrou nada de interessante na sua área profissional, mas tomou contato com a psicanálise que foi o saldo mais interessante dessa viagem. Ao retornar ao Brasil, procurou conhecer e se apresentar a Durval Marcondes, de quem já tinha notícias de estar dedicando-se à psicanálise, que o incentivou a se dedicar também à psicanálise.

Indaguei a Alberto sobre a situação sócio-econômica dos pacientes e sua resposta foi a seguinte: "Naquela época, a neurose existia mais nas classes ricas. Os pobres não procuravam a análise e os ricos procuravam".⁽⁵⁷⁾ Ao continuar indagando sobre as justificações desse fato, Alberto continuou afirmando: "Os problemas em

geral são de fundo sexual e devem ser considerados como uma deficiência pedagógica dos pais, principalmente a neurose dos pais' que é a fonte dos problemas. A classe rica tem tanta responsabilidade que deixa os filhos e a esposa sem dar afeto; daí os problemas de neuroses, drogas, etc."

Como se vê, os "ricos" possuem "neuroses" e a explicação encontrada legitima a psicanálise como uma panacéia dos problemas pessoais, sofrimentos e aflições dos "ricos". Essa explicação não tem um fundamento organicista, senão toda a população possuiria "neuroses" e não somente uma determinada faixa, mas explicita uma representação da estrutura social, segundo o psicanalista. Quer dizer que a psicanálise vem a ser usada para reforçar as diferenças de classes sociais, ou torná-las significativas em relação aos problemas pessoais, sofrimentos e aflições de certas classes e não de outras.

A partir destes dados sobre os pacientes, vamos procurar explicitar, através, deles as relações entre psicanálise e medicina. Além disso, procurar elaborar algumas interpretações sobre a eficácia da psicanálise que, do fato, não deve ser restrita aos seus aspectos terapêuticos.

É uma nova visão de mundo ?

Com Durval Marcondes, a psicanálise deixa de ser somente uma cosmologia para passar a ser procurada instrumentalmente pelos pacientes na resolução da sua "doença". Os primeiros pacientes de Durval Marcondes eram "pobres", não pagavam nada ou então pagavam muito pouco e, em compensação, se submetiam a experiências sem poder reivindicar o direito de terem garantido os resultados terapêuticos. Eram considerados praticamente como objetos de experiências científicas e, sem dúvida, não se tratava de nenhuma operação arriscada ou intervenção irreversível feita em laboratório, como uma lobotomia ou extirpação de um órgão. Ao contrário, parece que os primeiros pacientes se beneficiaram - ou certamente não chegaram a ser prejudicados pela aplicação da técnica psicanalítica - a ponto de Durval Marcondes poder insinuar sempre com um certo orgulho de que as suas experiências psicanalíticas "autodidáticas" serviram para realizar um "bem" à humanidade. Mas tais experiências não foram realizadas somente como uma ação humanitária pois, com elas, Durval Marcondes estava começando a construir a sua carreira médica.

Assim como a psicanálise tinha sido introduzida em São Paulo por intermédio da medicina, os primeiros pacientes da psicanálise também foram recrutados segundo os padrões médicos que os definiam como "doentes". Eram os "doentes" cujo diagnóstico (reconhecimento dos "sintomas") e tratamento eficaz ("cura") estavam sendo considerados como as excrescências da medicina e, portanto, não ocupavam um lugar significativo entre as demais "doenças". - Através das teorias e hipóteses psicanalíticas, a categoria de "doentes" vai ser reforçada ao se tornar mais complexa no reconhecimento dos "sintomas" considerados patológicos, anteriormente encarados como descartáveis ou insignificantes. e, simultaneamente, ao ser criada uma ou mais "novas" categorias de "neuróticos". Paradoxalmente, continua-se mantendo válidas as categorias

anteriores, mas redefinindo com bastante acuidade as diferenciações entre estas já existentes e as "novas" categorias.

Seria o caso de fazer um esclarecimento prévio a respeito de uma provável confusão ou mal-entendido entre o fato dos primeiros pacientes serem "pobres" e o de, também, terem sido considerados as excrescências da medicina. A correlação entre estes dois fatos deve ser considerada nesse período histórico como um dado conjuntural. Em alguns anos, os pacientes da psicanálise deixaram de ser os "pobres" e passaram a ser os "ricos" como deve ter sido demonstrado pelos casos tratados por Durval Marcondes e Alberto, desde o início dos anos 30, conforme a descrição na seção anterior deste capítulo.

Mesmo quando os pacientes "ricos" passaram a formar a clientela característica da psicanálise e também considerados os pacientes "ideais", esses pacientes continuam constituindo as excrescências da medicina organicista em relação ao diagnóstico e tratamento. E, em relação às expectativas terapêuticas dos pacientes, a situação começa mesmo a se inverter: se antes os pacientes se submetiam a toda espécie de cirurgias e medicamentos, segundo as prescrições da medicina, mas saíam insatisfeitos sem considerarem resolvidos os seus problemas, com a crescente aceitação da psicanálise, os próprios pacientes "ricos" passam a recorrer à psicanálise e se tornam rebeldes aos tratamentos médicos anteriores. O que pode ser constatável tanto num daqueles critérios de indicação da terapêutica psicanalítica apontados por Durval Marcondes, que seria o de "classe social", quanto na afirmação de Alberto, na qual só os "ricos" possuem neuroses.

O fato de se dar apenas uma certa importância ao recrutamento de pacientes não deve ser obviamente descartado como dado de segunda categoria. Existem razões para que Durval Marcondes e Alberto tenham insistido em certas características dos pacientes: "ricos", "cultos", "esclarecidos", etc. Essas razões tornam-se

mais tangíveis quando se compara o recrutamento de pacientes na psiquiatria e na psicanálise. Enquanto nos casos psiquiátricos, os pacientes são levados ou coagidos pela família (Moreira, 1983: 76-92), pelos "benefícios" da Previdência Social (Moreira, 1983: 42-50), pela Justiça (Moreira, 1983: 92-97), entre outras motivações para internações hospitalares, nos casos psicanalíticos os pacientes em geral procuram "espontaneamente" um tratamento, sem serem internados em instituições, por se sentirem perturbados ou estarem perturbando os seus familiares, amigos etc.

Na psicanálise, tanto a procura "espontânea" do tratamento quanto as despesas e os investimentos de tempo e dinheiro dependem diretamente das motivações dos pacientes. Sem essas condições prévias o tratamento psicanalítico não tem condições de ser realizado e, portanto, a maior garantia nesse caso é o paciente mesmo estar convencido da necessidade desse tratamento e aceitá-lo como um benefício a si próprio, uma vez que possui tempo e dinheiro para investir.

Resta ainda discutir como foi feita a confirmação terapêutica ou o que possibilitou a eficácia terapêutica da psicanálise. De saída, não é mais possível reconstituir a confirmação terapêutica do método freudiano em si mesmo porque a versão do psicanalista - ao relatar sobre os fatos ocorridos - torna-se atualizada na procura de reafirmar que essa eficácia tinha sido confirmada. Portanto, essa confirmação vai ser dada, a posteriori, pela crença nessa eficácia. Tanto é que não se constata nenhum caso mal-sucedido entre todos os relatados e seria razoável supor que os possíveis casos mal-sucedidos (ou simplesmente desistentes) foram guardados em segredo, para não alimentar mais ainda as suspeitas e os descréditos existentes, contando só as vantagens e os sucessos alcançados⁽⁵⁸⁾. Mesmo assim, permanece sendo possível procurar descrever e analisar a eficácia terapêutica com os dados disponíveis.

Os pacientes iam parar no consultório do psicanalista porque algum médico fazia a indicação, dando a legitimidade e apontando esse recurso como uma solução necessária para a resolução dos problemas dos pacientes. O que quer dizer que o processo de legitimação da psicanálise depende do grupo que atribui a alguém o poder da eficácia terapêutica. Por outro lado, o psicanalista precisa produzir um discurso e uma atitude que façam sentido para os seus pacientes. Pretendo chamar a atenção para o consenso coletivo em relação a eficácia terapêutica, no sentido analisado por Levi-Strauss (1970). Tanto no caso do adolescente Zuni como no de Quesalid, que estavam passando pelo processo de "iniciação", fica evidente como a própria construção social do xamã ou do feiticeiro ocorre na vivência pessoal deles em correlação com a crença solitária, num sistema que corresponde às experiências ou expectativas dos grupos aos quais pertencem. Nestes termos, a questão da eficácia da psicanálise não deve ser reduzida aos seus aspectos terapêuticos como se representassem o meio e o fim dessa eficácia. Não se discute aqui se houve ou não a "cura" através do tratamento psicanalítico pois, se o psicanalista afirma que houve a "cura", essa afirmação é aceita em princípio como sendo verdadeira. Mas, se as pretensões do psicanalista e os objetivos da psicanálise foram reduzidos aos aspectos terapêuticos, isso não quer dizer que a psicanálise vem a ser somente uma forma de tratamento. Vejamos a seguir o que significa sustentar esse argumento a respeito da psicanálise.

É interessante observar que os primeiros pacientes de Durval Marcondes foram classificados como "pobres"⁽⁵⁹⁾. Esse critério de "pobreza" se referia de fato ao aspecto econômico, pois, em termos culturais, não se poderia fazer a mesma afirmação sobre a "pobreza" dos pacientes que eram estudantes universitários ou professores primários, entre outros, com acesso a informações e aquisição de conhecimentos produzidos e compartilhados pelas classes sociais altas ou mesmo médias, dependendo da trajetória de ascensão sócio-econômica.

De qualquer maneira, os pacientes "pobres" correspondem ao período "experimental" em que existiam dúvidas sobre a eficácia da psicanálise. No período posterior, essas dúvidas foram afastadas pelo menos para certos segmentos sociais, o psicanalista garantiu que o seu tratamento produz o efeito esperado e desejado pelos pacientes, os quais passam a ser recrutados entre os "ricos". Vejamos a seguir o que, segundo os dados retirados dos artigos de Durval Marcondes, pode ser deduzido a respeito da situação psicanalítica⁽⁶⁰⁾.

Ao refletir sobre o conteúdo das associações livres dos diversos casos descritos nos artigos de Durval Marcondes e também sobre as respectivas interpretações do psicanalista, podemos apontar diversos aspectos constitutivos do tratamento psicanalítico. Começemos com o conteúdo das associações livres que não está dissociado tanto do fato de ocorrer num consultório particular quanto das situações vividas nesse lugar altamente privativo. Qualquer uma das declarações feitas pelos pacientes fora do consultório do psicanalista, certamente seria um motivo, no mínimo, de repreensões dos parentes e dos amigos caso não viesse a ser encarado como uma prova de "loucura", a ponto de ser necessária a internação psiquiátrica (Katz, 1977:161). Mas dentro do consultório não existe qualquer problema dessa natureza, pois a regra fundamental da associação livre é justamente o paciente falar tudo o que vem a sua mente sem exercer qualquer espécie de seleção prévia ou de censura deliberada. Por sua vez, o psicanalista adota uma atitude de "neutralidade", com a qual se compromete a ficar restrito às suas "interpretações" e, sobretudo, a não emitir qualquer espécie de julgamento moral, de valores ou de comportamentos, tanto no sentido da aprovação quanto da desaprovação.

Essa situação psicanalítica propiciou a "cura" de diversos casos, segundo a versão do psicanalista, mas além disso propiciou outras vantagens para os pacientes. Obviamente, essas vantagens não foram ditas pelos próprios pacientes, mas foram ditas por intermédio do psicanalista que as selecionou entre as diversas coisas ditas pelos pacientes. Assim revelam muito mais sobre o próprio analista do que sobre os seus pacientes.

Essas vantagens atribuídas à psicanálise aparecem em diversas frases: "tornou-se mais confiante em si" (caso III); "o paciente acha que psychanalyse veio tornar-lhe a vida mais suportável" (caso IV); "seu retrahimento anterior deu lugar a certo optimismo" e "a psychanalyse, diz o paciente, trouxe maior compreensão da vida" (caso V - Grifos meus).

Como toda terapia, a psicanálise não é só uma terapia mas representa uma maneira de compreender a vida. Mesmo se não consegue "curar", a psicanálise consegue produzir emoções (confiança em si, optimismo, etc.) nos pacientes a exemplo dos sistemas religiosos. Mais ainda, o que o paciente expressa como uma "maior compreensão da vida" não é o maior nem menor, mas uma outra maneira de compreender a vida e a realidade social. Além da terapia propriamente dita, está sendo produzida uma nova visão de mundo informada pela psicanálise. Quer dizer que a psicanálise está sendo oferecida como um sistema cognitivo para perceber e interpretar a si próprio e ao mundo. Assim como os modernistas de 22 expressaram a sua percepção e vivência da realidade social através da psicanálise, os pacientes também expressaram a sua realidade social nesses termos.

Essa nova visão de mundo vai ameaçar os neuropsiquiatras em diversos sentidos. Se a psicanálise é terapeuticamente eficaz também ameaça, mas se trata sobretudo da ameaça que advém da concorrência pela hegemonia da compreensão da vida humana ou da realidade social. Apesar das acusações dos neuropsiquiatras, a Psicanálise é um sistema tipicamente contemporâneo e, por isso, conseguiu ter uma maior legitimidade da elite intelectual paulistana.

Conclusão parcial

Apresentamos até aqui as diversas iniciativas empreendidas por Franco da Rocha e Durval Marcondes na implantação da psicanálise em São Paulo. Na acepção dos psicanalistas, esse período é considerado "auto-didático", porque Durval Marcondes não teve nenhum treinamento formal. Sua aplicação da técnica psicanalítica foi baseada apenas na leitura das obras psicanalíticas e, nessas condições, fez as primeiras incursões no tratamento psicanalítico. Como vimos, essas incursões clínicas foram orientadas pelas noções de "doença" e "cura".

Em relação aos sinais diacríticos, seriam estes os encontrados até o momento:

	Psiquiatria	Psicanálise
explicação da "doença"	organicista	psicológica
tipo de tratamento	medicamentoso e cirúrgico	"interpretação" do inconsciente
recrutamento de membros	exclusivamente médicos	médicos e "leigos"
treinamento de especialistas	universitário/hospitalar	auto-didático/consultório particular

No capítulo seguinte, veremos como ocorreu o fim do "auto-didatismo" e se iniciou uma nova fase caracterizada pela "iniciação", através da "análise didática", além do início da criação de uma instituição formal.

NOTAS

(1) As informações sobre a biografia e carreira profissional de Franco da Rocha foram retiradas de três fontes: 1) verbete em seu nome no Dicionário de História de São Paulo, de Antonio Barreto do Amaral, Governo do Estado, coleção Paulística vol. XIX, - 1980:2) a biografia escrita por Durval Marcondes, que foi encontrada pelo autor, no seu arquivo pessoal; 3) a biografia feita num número de homenagem póstuma a Franco da Rocha na revista Memórias do Juqueri, ano XI-XII, n.ºs. 11/12, 1934-35, p. 33.

(2) Maria Izabel Galvão Bueno Franco da Rocha foi filha de Carlos Mariano Galvão Bueno (1834-1883) o qual matriculou-se na Faculdade de Direito, colando grau em 1860. Em 1867, foi nomeado professor de Filosofia e Retórica no antigo anexo da Faculdade. Em 1874, passou a lente catedrático no mesmo Curso. Em 1877, publicou um trabalho de Filosofia que foi bem aceito e passou a ser recomendado por todos seus colegas da Faculdade.

(3) Esta biografia foi encontrada no arquivo pessoal de Durval Marcondes, mas não foi possível constatar se acabou sendo publicada ou não.

(4) No prefácio da segunda edição, existe um parágrafo que tem sido bastante citado por autores como Bicudo (1948:69) ou Uchoa (1981:161): "Antes deste livro já havia eu escrito diversas preleções sobre a doutrina de Freud somente para meus alunos na Faculdade de Medicina de São Paulo. Pareceu-me, porém, que muitos leitores encontravam dificuldades em compreender toda a doutrina exposta no resumo das preleções justamente por ser mui conciso. A razão mais forte, porém, é outra: é a falta de hábito de estudos psicológicos, e, talvez também, a falta de observação direta dos pacientes nevros e psicopatas" (Rocha, segunda edição, 1930:6).

(5) Comunicação pessoal. Posteriormente na biografia sobre Franco da Rocha pude confirmar esta informação: "Em 1920, publicou um livro de divulgação das teorias freudianas, que teve grande repercussão no meio cultural paulistano".

(6) Embora não se tenha realizado ainda uma pesquisa específica para detectar a importância e a influência dos intelectuais baianos, sobretudo os médicos psiquiatras ou legistas como Artur Ramos, pode ser considerável uma hipótese da "conexão" baiana com outros centros como São Paulo e Rio de Janeiro. Para aprofundar o assunto, consultar Corrêa, 1982.

(7) Franco da Rocha já se considerava "muito doente e já idoso" para iniciar um empreendimento tão ousado e sacrificado naquela altura da sua vida quanto a dedicação à psicanálise. Carta de 8/8/1926 ou 31.

(8) A ênfase no "pansexualismo" atribuído à Psicanálise parece ter sido bastante comum, nas primeiras décadas de existência desta ciência e profissão. No prefácio da quarta edição dos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", publicada em 1920, Freud afirmou: "Certas pessoas chegaram ao extremo, em sua busca de termos pomposos e de fácil aceitação, de mencionar o 'pan-sexualismo' da psicanálise e de acusá-la levianamente de 'tudo' explicar pelo sexo" (Freud, 1972:134). Esse prefácio não deve ter chegado ao conhecimento de Franco da Rocha, mas chegou ao de Durval Marcondes. Por sugestão deste "de que não era exato e não agradava a Freud" (Sagawa, - 1.980:109), Franco da Rocha consentiu em suprimir a palavra "pansexualismo" do título da sua obra surgida, em segunda edição, no ano de 1930.

Para reforçar o argumento de que Franco da Rocha estava dando uma ênfase à sua maneira na sexualidade, vejamos a seguinte citação contida no primeiro número da Revista Brasileira de Psicanalyse (Vol. I, nº 1, 1928). Nesta revista, foi transcrita uma conferência de Franco da Rocha na qual afirmou: "No homem o instinto sexual é o maior perturbador da vida em sociedade; é o mais impertinente, o que exige os mais difíceis recalcamientos. Dahi vêm as nevroses, em sua quasi totalidade. A escola de Freud não faz essa restrição do quasi: tudo é de origem sexual. O homem civilizado tem muito mais

tempo para dar ao instinto sexual do que os animais e o homem selvagem, que têm de trabalhar para o outro instinto - para alimentar-se. Entre os civilizados ha mesmo classes sociaes que quasi só se occupam dos gozos sexuaes porque a alimentação lhes é facil de obter. Assim se vê que o instinto sexual, nesse caso, descamba para o prazer, como puro prazer de todos os dias, a exigir sensações novas; ahí está a porta aberta para o... deboche e a devassidão" ("A Psychologia de Freud", 1928:11 e 12).

(9) Franco da Rocha também fazia a seguinte advertência na sua conferência pronunciada na Sociedade de Psicanálise: - "Freud tinha tanto medo de ser tido por embusteiro ou até por feiticeiro, quando começou a derramar sua doutrina do sonho, que nas cinco conferências na América do Norte, nem tratou desse assunto. Nós, aqui nas nossas reuniões, podemos nos abrir francamente; não há esse perigo" ("A Psychologia de Freud", 1928:21).

(10) O que não vem a ser um objetivo proposto aqui. Existem diversos autores que desenvolveram estudos específicos correlacionando o desenvolvimento das disciplinas com o dos conceitos em relação à Psiquiatria, Medicina e Psicanálise. Cf. Birman, J.- Enfermidade e Loucura, Editora Campus, RJ, 1980; Clavreul, J.- A Ordem Médica. Poder e Impotência do Discurso Médico, Editora Brasiliense, SP, 1983; Katz, C.- Psicanálise e Instituição (capítulo 10, Medicina e Adaptação), Editora Documentário, RJ, 1977; Levin, Kenneth - Freud: A Primeira Psicologia das Neuroses, Zahar Editores, RJ, 1980.

(11) Não foi possível discriminar através de documentos se este contrato aconteceu na Gestão do Secretário Alarico Silveira (1920-24) ou na subsequente, do Secretário José Manoel Álvares Lobo (1924-27).

(12) Manuscrito de cunho pessoal, enviado ao governo, sem a discriminação de data.

(13) Manuscrito de cunho pessoal, sem a discriminação da data.

(14) Numa comunicação pessoal, Durval Marcondes contou que os seus pais moravam bastante próximos da residência de Franco da Rocha, no mesmo bairro, e "ele era pessoa de relações de minha família" (Sagawa, 1980:110).

(15) Carta datada de 18/9/1926 (Sagawa, 1980:104).

(16) Carta de Franco da Rocha para Durval Marcondes: "Há de chegar um dia em que a Psicanálise será coisa assentada e sabida por todo mundo. Os próprios detratores dirão: não fui nunca contrário a ela; sempre a aceitei; era lá um outro tópico que provocava dúvida, mas sempre admirei Freud e sua doutrina (...)" (Galvão, 1967:49).

(17) Franco da Rocha e Durval Marcondes estiveram perfeitamente sincronizados com o que ocorria no "movimento psicanalítico" internacional. Na Europa, o esforço de Freud e seu pequeno grupo de discípulos durante os anos 10 e 20 era justamente disseminar a psicanálise. Nesse período, foi fundada a IPA que promovia os congressos internacionais onde sob o pretexto das discussões teóricas começaram a ocorrer as primeiras dissidências. Na medida em que foram sendo assumidas publicamente as dissidências de alguns dos primeiros discípulos de Freud (Adler, Stekel, Jung, etc.), a tendência foi um recrudescimento da psicanálise freudiana que precisava "zelar" pelo seu nome (Freud, 1974 (1914): 63, 66 e 75), em contraposição aos discípulos dissidentes que começavam a fundar outras "escolas". Durval Marcondes permaneceu incondicionalmente fiel ao grupo freudiano e seguiu as orientações da IPA que, nessa época, ainda não se dedicava a controlar a aplicação da técnica psicanalítica e o ensino da psicanálise nas Sociedades que se filiavam a ela. Tanto é que a Sociedade Brasileira de Psicanálise teve um reconhecimento provisório da IPA pelo fato de estar dedicada ao estudo e a divulgação da psicanálise.

(18) Freud escreveu numa carta de 27/6/1928 acusando o recebimento da revista: "Muito estimado colega. O aspecto da nova Revista Brasileira de Psicanálise muito me alegrou. Que um fecundo futuro lhe esteja reservado! O efeito que se seguiu a essa remessa foi que eu comprei uma pequena gramática portuguesa e um dicionário alemão-português. Quero ver se com isso eu consigo ler, por mim mesmo, a revista, durante estas férias. Com os agradecimentos e a saudação cordial do seu, Freud" (Revista Brasileira de Psicanálise, vol. 1, nº1, 1967, p.2)

(19) Raul Briquet (médico obstetra), Lourenço Filho (pedagogo), A. de Sampaio Dória (advogado), Osório César (médico psiquiatra), entre outros, são intelectuais e figuras públicas que podem ter mantido alguma "cônexão" com os baianos, conforme supomos e citamos na nota (6) deste Capítulo.

Em termos locais, podemos situar, por exemplo, Lourenço Filho que era então um jovem pedagogo e professor que iniciava a sua carreira profissional. Alguns anos mais tarde, foi um dos signatários do Manifesto da Escola Nova de 1932 considerado por Mário Vieira de Mello como uma "renovação pedagógica" (Vieira de Mello, 1986:50) e "assinado por 26 dos mais ilustres educadores do país" (Vieira de Mello, 1986:50). Assim como a adesão de Franco da Rocha e Raul Briquet dava uma legitimidade em relação ao setor médico, a de Lourenço Filho correspondia ao setor pedagógico. Sobretudo, eram caracterizados como setores "renovadores", o que interessava à Psicanálise.

(20) Osório César era um médico psiquiatra contratado pelo Hospital do Juqueri e havia escrito um ensaio em parceria com Durval Marcondes, "Sobre Dois Casos de Estereotypia Graphica Com Symbolismo Sexual" (Memórias do Juqueri, ano III-IV, nºs 3-4, - 1926-27). Separou-se da esposa e, no início dos anos 30, estava acasalado com Tarsila do Amaral com quem fez uma viagem para a Rússia (Gotlib, 1983:81). Ao retornar dessa viagem, Osório César lançou um livro, Onde o Proletariado Dirige, ilustrado por Tarsila (Gotlib, 1983:84).

(21) No Rio de Janeiro, existiram diversos médicos (como Porto Carreiro, Juliano Moreira, Medeiros de Albuquerque, Antonio Austegésilo etc.) que também divulgaram a Psicanálise, nessa mesma época. Só que nenhum deles permaneceu atuante no "movimento psicanalítico" organizado pela IPA, durante várias décadas, como aconteceu com Durval Marcondes. Somente no final dos anos 40, um novo surto de interesse pela Psicanálise voltou a ocorrer por parte de diversos médicos psiquiatras que foram a Buenos Aires para fazer sua formação psicanalítica, ou a São Paulo, também onde foram formados alguns psicanalistas cariocas nesse período. Antes desse segundo surto de interesse, houve também personagens bastante populares, nos anos 20 e 30, que foram "mal vistos" pelos psicanalistas filiados à IPA, como seria o caso do médico carioca Gastão Pereira da Silva. Este foi um dos mais prolíferos divulgadores da Psicanálise para os "leigos", no Rio de Janeiro. Manteve inúmeras seções em jornais (edição matutina de "A Noite"; no jornal "A Noite Ilustrada"), na revista "Carioca" (que foi lançada em 1934, onde possuía uma coluna, "Psicanálise dos Sonhos", que depois foi transformada no livro, "Conhece-te pelos sonhos"). Fez programas de rádio como "No Mundo dos Sonhos", na Rádio Nacional, e também algumas dezenas de "peças radioteatrais", denominadas de "teatro psicanalítico". Em todos esses meios de comunicação de massa, Pereira da Silva recebia uma grande correspondência dos leitores e dava respostas a ela. Além disso, teve vários "best-sellers" psicanalíticos como "Para compreender Freud" (1931, com 6 edições), "A Psicanálise em 12 Lições" (1934, com 3 edições), "Vícios da Imaginação" (1939, com 6 edições), "O Tabu da Virgindade" (1943, com 4 edições) e mais onze obras também sobre Psicanálise, que começaram a ser publicadas desde meados dos anos 20.

É interessante reproduzir aqui o depoimento do próprio Pereira da Silva a respeito de suas atividades de popularização da Psicanálise: "Por essa época (meados da década de 20) só se falava de Psicanálise entre professores ou pessoas cultas. Porto Carrero, então professor na Faculdade de Direito, a incluía no seu programa de Medicina Legal, obrigando, assim, os alunos a conhecerem a

psicologia profunda, hoje tão necessária em certas e determinadas pesquisas médico-legais. Porto Carrero foi, entretanto, um acadêmico. Não desceu de sua cátedra para trazer ao conhecimento do grande público os princípios básicos da nova ciência, de tão grande alcance à vida cotidiana de cada um de nós" (Pereira da Silva, 1959: 10). Gastão Pereira da Silva era procurado pelos alunos de Porto Carrero, "aos quais eu ministrava, em linguagem elementar, as primeiras luzes da cartilha psicanalítica, uma vez que as dissertações daquele ilustre professor estavam, quase sempre, acima da compreensão de seus discípulos, principalmente daqueles que não se interessavam, ou não tinham curiosidade pelo assunto" (Pereira da Silva, 1959:10). Além disso, os primeiros livros de Pereira da Silva, "Para Compreender Freud" e "Psicanálise em 12 Lições" foram vendidos na porta da Faculdade de Direito por um vendedor ambulante. Segundo a versão de Pereira da Silva, foi combatido por Porto Carrero nestes seus empreendimentos de popularização da Psicanálise.

(22) A dissolução da Sociedade de Psicanálise em São Paulo não foi um caso particular no "movimento psicanalítico". Existiu pelo menos um outro caso similar na Inglaterra. Ernest Jones fundou em 1913 a primeira Sociedade de Psicanálise em Londres, mas se arrependeu dessa iniciativa por causa das "ciúmeiras que enfraqueceram o grupo e, em particular, do hábito do secretário Eder que costumava apresentar membros que, duvidando da validade da teoria freudiana, acabaram se tornando junguianos entusiastas" (Glover, 1981:590). Liderando um novo grupo convictamente freudiano, decidiu dissolver a primeira Sociedade e fundar uma outra Sociedade que foi imediatamente reconhecida pela IPA e sobreviveu até hoje. Era uma época em que havia uma flexibilidade institucional maior (a IPA ainda estava sendo organizada e necessitava do maior número possível de filiais), as iniciativas locais eram incentivadas e ficavam ao critério dos líderes dos diferentes países, desde que fosse preservada a fidelidade incondicional aos princípios e teorias estabelecidas por Freud e seus discípulos não-dissidentes.

(23) Max Eitingon (1881-1943) foi "o primeiro a aproximar-se do (Freud) solitário" (Alexander et alii 1981:65), fez parte do chamado "Círculo do Anel", uma sociedade secreta composta por meia dúzia de discípulos eleitos por Freud com a finalidade de organizar o "movimento psicanalítico, o qual posteriormente deu origem à IPA. Além de fundador do primeiro centro didático psicanalítico, o Instituto de Psicanálise de Berlim, Eitingon também foi um dos presidentes da IPA e um dos seus membros mais influentes, desde os anos 20 até os 40.

(24) Mesmo não tendo sido mencionado por Durval Marcondes, é notável que Pereira da Silva estivesse a par deste empreendimento em São Paulo. Na versão de Pereira da Silva, consta: "Na época em que governava o Estado de São Paulo, o dr. Armando Salles de Oliveira, de quem me aproximei por intermédio de D. Thereza de Barros Camargo (na época, prefeita de Limeira), houve idéia de se criar um "Instituto de Psicanálise" cuja direção seria confiada ao dr. Durval Marcondes. (...) Era, naturalmente, intento do governo criar, com aquela medida, não só uma clínica de psicanálise, como também uma escola para psicanalistas" (Pereira da Silva, 1959:13).

(25) René Spitz emigrou para os Estados Unidos, onde desenvolveu uma notável carreira psicanalítica. Tornou-se consagrado como autor de uma obra considerada clássica: "The First Year of Life: a psychoanalytic study of normal and deviant development of object relations". New York, International Universities Press, 1965.

(26) Abraham Arden Brill (1874-1948) "foi o primeiro psicanalista nos Estados Unidos e o primeiro tradutor da obra de Freud, que colocou à disposição do público de língua inglesa" (Alexander et alii, 1981:241). Em 1911, fundou a Sociedade Psicanalítica de New York e, em seguida, participou da fundação da Associação Psicanalítica Norte-Americana. Em 1912, publicou "Psychoanalysis: its theory and application", considerado "o primeiro livro sobre psicanálise escrito nos Estados Unidos" (Alexander et alii, 1981:246).

(27) Carta de A.A.Brill, em 10/07/1934 (Revista Brasileira de Psicanálise, vol.II, nº4, 1969:489).

(28) Comunicação pessoal

(29) Sobre esse episódio, Bicudo afirmou: "Apesar de todos os esforços, não foi possível conseguir o apoio oficial pedido. Assim, perdemos a oportunidade única de receber cooperação cultural de cientistas que hoje ocupam posição de liderança no campo da psicanálise. Evidentemente, não havíamos alcançado maturação para ter interesse na acolhida de tão ilustres exilados" (Bicudo, 1948:71).

(30) Este foi o único poema publicado em vida por Durval Marcondes (revista Klaxon, nº4, agosto de 1922). Apesar de que cultivou o seu ofício poético durante a vida toda, não publicou os poemas para resguardar a sua imagem de psicanalista. Estes poemas inéditos foram guardados a sete chaves e, mesmo depois de estar aposentado, Durval não teve a oportunidade de publicá-los.

(31) Não se trata de simples importação atrasada de modas intelectuais européias, mas de acontecimentos históricos sincronizados. Na cidade de São Paulo, o cenário social e cultural resulta efervescente, florescente e receptivo as mais diversas tendências e inovações. O que antes era um estilo de vida "provinciano" começa a se "modernizar" num novo estilo cosmopolita em relação às antigas metrópoles européias. Pela primeira vez em toda sua história de país colonizado, aconteceu no Brasil simultaneamente o que estava acontecendo nos países industrializados europeus. Este é um período em que o Brasil esteve sincronizado com a Europa em termos sociais, econômicos, políticos e, sobretudo, "pelo desnível cultural menos acentuado" (Cândido, 1967:142). Portanto, o Modernismo brasileiro tem a peculiaridade artística recriadora/renovadora, pois, "ele inaugura um novo momento na dialética do universal e do particular, inscrevendo-se neste com força e até arrogância, por meio de armas tomadas a princípio ao arsenal daquele" (Cândido, 1967:140).

(32) Duas citações bibliográficas podem situar a assimilação e o interesse dos modernistas pela Psicanálise: a) "Os nossos modernistas se informaram pois rapidamente da arte de vanguarda, aprenderam a psicanálise e plasmaram um tipo ao mesmo tempo local e universal de expressão, reencontrando a influência européia por um mergulho no detalhe brasileiro (...)" (Cândido, 1967:142); b) "Fora da bibliografia, rastreando as leituras de Mário de Andrade em confronto com afirmações dele, pode-se estabelecer o início de sua ligação com a Psicanálise, através das datas das edições e de composição de trabalhos seus: provavelmente 1923, ao que se pode inferir da dedicatória de Paulo Prado oferecendo-lhe Trois essais sur la théorie de la sexualité, edição francesa do mesmo ano. Nessa mesma época, aliás, menciona Freud no posfácio de "A Escrava que não é Isaura". Além disso, há um outro elemento: talvez as datas das edições correspondam às das suas leituras, que neste caso teriam ocorrido entre 1922 e 1927: Introduction à la Psychanalyse, 1922; Trois essais sur la théorie de la sexualité, 1923; Cinq leçons sur la Psychanalyse, 1924; Toten et tabou, 1925; Essais sur la Psychanalyse, 1927" (Ancona Lopez, 1972:105).

(33) Andrade, Mário de - "Prefácio Interessantíssimo", in Poesias Completas, 3ª edição, Editora Martins, SP, 1972.

(34) Andrade, Oswald de - Serafim Ponte Grande, 2ª edição, in Obras Completas vol. II, Civilização Brasileira, RJ, 1977. A primeira edição foi publicada em 1933.

(35) Outros dois trechos citáveis seriam estes:

"Ontem à noite, depois de têmos feito as pazes, estávamos conversando sobre Freud, eu e ela ficamos excitadíssimos. Mesmo vestida, tirci-lhe as calças. Mas quando desembrulhei o remédio (que já tinha comprado na Farmácia) e ela percebeu que precisava enfiar uma seringa de vidro, enfezou, protestou e fechou as coxas, dizendo que assim perdia a poesia (...)." (Andrade, O., 1977:153).

"Chamava-se Dona Solanja e revelara-se de uma finíssima intellectualidade. Não fôra difícil para ele, hábil manejador da psicologia feminina, diagnosticá-la. Um dia, sorvendo uma gemada no bar, disse-lhe às de queima-roupa:

-Quer saber o que de si penso, madama? A senhora é uma vítima de sigo mesmo! Uma vítima impassível!

-Explicai-me, senhor Barão!

-É-me fácil, minha senhora. Permiti-me porém uma certa desenvoltura da psicanálise que talvez no entanto não precisa ir até o cinismo de certos escalpelamentos!

-Permito tudo, senhor Barão, menos uma coisa, murmurou ela ruborizada.

Serafim tossiu, (...)" (Andrade, O., 1977:227)

(36) Andrade, Mário de - "O Peru de Natal", in Contos Novos, 7ª edição, Editora Martins, SP, 1976.

Num ensaio considerado antológico sobre Mário de Andrade, Rosenfeld (1973) dá um destaque particular à obra "Contos Novos" ao examinar "as variações de um tema só: o tema do homem disfarçado, do homem desdobrado em ser e aparência" (Rosenfeld, 1973:193). "Ao tecer considerações críticas sobre "O Peru de Natal", ignorou totalmente a "influência da psicanálise" onde esta parece ter sido mais marcante e só a apontou reconhecidamente a respeito de outra citação literária nesse mesmo ensaio (Rosenfeld, 1973:195).

(37) "Principiou uma luta baixa entre o peru e o vulto de papai. Imaginei que gabar o peru era fortalecê-lo na luta, e, está claro, eu tomara definitivamente o partido do peru. Mas os defuntos têm meios visguentos, muito hipócritas de vencer: nem bem gabei o peru que a imagem do papai cresceu vitoriosa, insuportavelmente obstruidora". (Andrade, M., 1976:101).

(38) Comunicação pessoal, a quem agradeço pelo auxílio na análise literária, mas que não tem a responsabilidade pelo desenvolvimento do argumento sustentado aqui.

(39) Weber, Max: On Charisma and Institution Building, ed. S.N.Eisenstadt, Chicago University Press, Chicago, 1968.

(40) Esse argumento é corroborado por outras interpretações teóricas como a de Katz (1982) quando sustenta que "Freud fez a política da Psicanálise, foi um grande vencedor. A enorme maioria dos nomes citados no ensaio de Schorske só ficou na memória do público pela sua ligação com Freud. Isto não significa que Freud se produziu a si próprio, mas que ele é um destes elos individualizados e míticos, através dos quais temos aprendido a pensar os acontecimentos históricos" (Katz, 1982:33).

(41) Em 1909, Freud fez uma série de conferências na Clark University, nos Estados Unidos, e nessa ocasião mencionou que o criador da psicanálise tinha sido Joseph Breuer. Ao surgirem reações contra essa declaração sobre quem teria sido o criador da psicanálise, Freud declarou: "Depois que fiz aquelas conferências, entretanto, alguns amigos bem intencionados suscitaram em mim uma dúvida: não teria eu, naquela oportunidade, manifestado minha gratidão de uma maneira exagerada? Na opinião deles, devia ter feito o que já estava acostumado a fazer: encarado o "método catártico" de Breuer como um estágio preliminar da psicanálise, e a psicanálise em si como tendo tido início quando deixei de usar a técnica hipnótica e introduzi as associações livres. Seja como for não tem grande importância que a história da psicanálise seja considerada como tendo início com o método catártico ou com a modificação que nele introduzi; menciono esse detalhe pouco interessante simplesmente porque certos adversários da psicanálise têm o hábito de lembrar vez por outra que, afinal de contas, a arte da psicanálise não foi invenção minha e sim de Breuer. (...) Como há muito reconheci que provocar a oposição e despertar rancor é o destino inevitável da psicanálise, cheguei à conclusão de que devo ser eu o verdadeiro criador do que lhe é mais característico" (Freud, 1974 (1914):17). Essa declaração deixou à mostra o próprio indicador de um dos aspectos da construção social do carisma no qual não se trata apenas

de um líder dotado de poderes e qualidades excepcionais, mas também que o séquito de discípulos encontra a sua razão de ser ao se reunirem em torno do líder e defenderem uma causa comum. Ao contrário do que se poderia esperar, não é o líder quem impõe "de cima para baixo", mas ele próprio se encontra constrangido também pelos seus discípulos.

(42) Para uma análise da produção antropológica brasileira, consultar o ensaio de Mariza Corrêa, "Traficantes do excêntrico: a antropologia no Brasil dos anos 30 aos anos 60", RBCS (8), São Paulo, 1988.

(43) Os concursos para docentes em Universidades públicas foram vividos nos anos 30, 40 e 50 como um importante momento de disputa que ultrapassou muito o âmbito intelectual e frequentemente revelou outros confrontos, sobretudo por parte de quem não venceu o concurso. Por exemplo, podem ser citados dois "derrotados" nesse período: Oswald de Andrade, o ilustre escritor modernista, e Wilton Cardoso, um menos conhecido crítico literário. Este segundo declarou: "Seja como for, a verdade é que começava o ano de 1958, quando tive a oportunidade de disputar uma cátedra da antiga Faculdade de Filosofia de nossa Universidade. A gente do tempo, que aí anda viva, sabe o que era um acontecimento desses, que provocava manchetes da imprensa, acendia partidarismos e não raro apresentava lances de justa medieval" ("Esplendor e miséria na edição de Machado de Assis", Suplemento Literário Minas Gerais, nº 837, ano XV, Belo Horizonte, 16 de outubro de 1982).

Por sua vez, Oswald de Andrade, que sempre foi avesso aos academicismos, resolveu nos anos 40 disputar um lugar ao sol nesse mundo, sem renunciar a sua irreverência e incessante criatividade. Em 1945, participou de um concurso para Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, submetendo à apreciação da banca julgadora a tese "A Arcádia e a Inconfidência" (Andrade, O., 1972) e foi derrotado por seu concorrente, Antonio Cândido. Cinco anos mais tarde, não

desistiu de entrar na Universidade e apresentou outra tese, "A crise da Filosofia Messiânica" (Andrade, O., 1972), dessa vez para o concurso da Cadeira de Filosofia também na USP. Mais uma vez foi derrotado. Em pleno andamento deste concurso, deixou o seguinte depoimento: "Parece haver uma grave sabotagem, interessada em transformar o concurso aberto na Universidade para a cátedra de Filosofia, numa simples nomeação de professor. Não creio que a isso se preste o nosso querido Cruz Costa, beneficiário da tese estranha de que só ele poderia concorrer, ficando os outros a ver navios e entre eles a melhor vocação de filósofo que temos, que é Vicente Ferreira da Silva. Talvez eu, na minha qualidade de livre-docente, pudesse ser o único a concorrer com o emérito professor que há longos anos detém a cadeira.

Evidentemente, nada disso está certo e principalmente outra notícia que corre, a de que serão afastados da banca examinadora dois professores que convidados, já aceitaram o encargo - os Srs. Alexandre Correia e Versiani Veloso. Todo mundo sabe que não morro de amores pelas idéias desses mestres do passado. Mas daqui lanço o meu protesto contra qualquer golpe de 'jiu-jitsu' regimental que invalide a indicação legítima de ambos. Isso ficaria na história da Universidade como uma tristeza que viria tornar suspeito o resultado do concurso. Não é só uma questão de ética, é também de bom senso. Vamos esperar" (Andrade, O., 1974:104).

(45) Não foi possível checar essa informação com o próprio Durval e, portanto, deve ser explorada ainda se houver algum informante ou documento.

(46) Nas palavras de Gluckman (1963): "(...) Isto é, o direito de fofocar sobre certas pessoas é um privilégio apenas estendido a uma pessoa quando ela, ou ele, são aceitos como membros de um grupo ou de um círculo. É a marca registrada de pertinência. Portanto, o direito de fofoca serve para distinguir um grupo particular de outros grupos. Não há uma maneira mais fácil de colocar

um estranho em seu lugar do que começar a fofocar: isto lhe mostra definitivamente que ele não faz parte. Por outro lado, se um homem não se junta a fofoca e ao escândalo, ele mostra que não aceita ser membro da relação; assim, vemos que fofocar é um dever de pertinência ao grupo".

(47) Um caso semelhante já tinha acontecido com Mário de Andrade. O artigo "Meu Poeta Futurista" (Jornal do Comércio, 27/5/1921) escrito por Oswald de Andrade sobre Mário de Andrade, que acabava de publicar Paulicéia Desvairada e era então um simples professor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, envolve-o num "verdadeiro escândalo". Segundo Brito (1971:231), "Narra Fernando Goes que foi "Tão forte a celeuma provocada nas rodas literárias, que de uma hora para outra o nome de Mário de Andrade, "até aí só conhecido dos "novos", toma conta da cidade, ganha uma popularidade, uma celebridade espantosa. É que pela novidade, pelo atrevido da forma e das idéias do poeta, todos, artistas e público, enxergam no seu autor um cabotino e, o que é pior, um maluco".

(48) Gluckman (1958) chegou a uma definição de situação social através da análise de uma série de eventos inter-ligados; no caso de Zululand, foi escolhida a inauguração de uma ponte considerada importante para a vida social e econômica local. Essa inauguração da ponte reuniu os grupos étnicos principais dos Zulus e dos Brancos que, em outras ocasiões, se comportariam de maneira diferente. No entanto, observou-se ainda que esses dois grupos estão divididos em outros subgrupos que se alteram de acordo com a adesão dos indivíduos e dos seus valores, motivos e interesses, nas diferentes ocasiões. Essas complexas redes de relações e de perti-nências grupais foram observadas na cerimônia comum de inauguração da ponte e consideradas como uma situação social que inclusive forneceu um padrão da "atual estrutura social da Zululândia", onde os Brancos exercem a dominação sobre os Zulus e ambos precisam encontrar atividades ou situações de cooperação enquanto de fato suas relações são conflituosas por causa da "oposição desigual".

(49) "A comensalidade, ou rito de comer e beber em conjunto, (...) é claramente um rito de agregação, de união propriamente material, o que foi chamado um "sacramento de comunhão" (por Robertson Smith)". Essa união pode ser definitiva ou temporária; e se for temporária pode durar "apenas o tempo da digestão, fato constatado pelo capitão Lyon entre os esquimós, que o consideravam individualmente como visita durante vinte e quatro horas" (Van Gennep, 1978:43).

(50) Carta com a data ilegível que pode ser de 8 de agosto de 1926 ou 1931.

(51) Se é consistente o argumento de que "foi o discurso médico que tornou possível a identificação mórbida e não o contrário" (Clavreul, 1983:44), o mesmo seria válido em relação à psicanálise. Nesse depoimento de Durval Marcondes, não foi o paciente quem identificou a causa da doença em termos psicológicos, mas o próprio médico que estava produzindo a confirmação das teorias e hipóteses psicanalíticas. Assim como o considerado "doente" com "idiotia" no argumento de Clavreul "nunca, nem hoje nem outrora, constitui-se como doente, por razões óbvias. São seus parentes que o fizeram, informados que estavam de que um discurso médico podia ter alguma coisa a dizer sobre isso" (Clavreul, 1983:44). Os "neuróticos" não se constituem como "doentes" por razões tão óbvias assim, mas certamente foram levados e convencidos a ouvir o que os médicos tinham a dizer.

(52) Alfonso Bovero (1871-1937) foi médico, professor catedrático da Universidade de Turim e da Universidade de Gagliari. Mudou-se para São Paulo e desde 1914 tornou-se professor da Faculdade de Medicina na qual fundou e dirigiu a Escola Paulista de Anatomia anexa à Faculdade. Em 1931, tornou-se professor catedrático. Publicou mais de 35 obras científicas de Anatomia, Histologia e Embriologia. Foi fundador do Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura.

(53) Também em 1930, Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa publicaram a primeira tradução brasileira de uma obra de Freud, "Cinco lições de Psicanálise" (Companhia Editora Nacional, São Paulo).

(54) Para um estudo de caso do Febrônio Índio do Brasil, consultar: "Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei" (Fry, 1982).

(55) Parece que a publicação dos artigos está relacionada com o fato de Durval Marcondes ou seus colegas médicos mais favoráveis à psicanálise estarem ocupando cargos de direção na associação profissional (inicialmente a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e depois a Associação Paulista de Medicina) ou mais particularmente na redação da revista médica publicada pela associação profissional. Mas não foi possível reunir os dados suficientes para comprovar essa hipótese e apenas deixá-la esboçada aqui.

(56) Depoimento pessoal. A minha tentativa foi a de obter o maior número possível de detalhes e uma maior riqueza na descrição, mas a disposição do entrevistado não era correspondente e até procurou desviar a entrevista deste assunto, pois deu a entender que não era um assunto merecedor de maiores atenções. Feitas as perguntas sobre esse assunto, Alberto deu as respostas rapidamente e gesticulou as mãos como quem dá a entender que se deve passar a um outro assunto.

(57) Alberto refere-se aqui ao período posterior à chegada da dra. Koch, em São Paulo, quando de fato os pacientes parecem ter sido recrutados entre as classes altas. Relatando sobre esse período, a dra. Koch declarou: "A dificuldade que eu senti, quando aqui cheguei, foi a diferença dos costumes burgueses em um país tão diferente do meu" ("Adelheid Koch: uma história que se confunde com a vida de uma instituição". Revista IDE, ano 2, nº 3, - 1976). Nesta afirmação, a dra. Koch não deixa margem às dúvidas: os "pobres" não se deitaram no seu divã ou, pelo menos, se o fizeram, não mereceram qualquer reflexão assim como mereceram os "burgueses".

Historicamente, os depoimentos de Alberto e da dra. Koch correspondem às descrições dos pacientes de Freud e de seus primeiros discípulos. Em 1915, na clínica da Sociedade Psicanalítica de Viena, "havia ainda dois ou três pacientes, todos aristocratas húngaros" (Jones, 1989:188-189). Em meados dos anos 10, os pacientes de Freud são descritos assim. "A prática clínica de Freud nesse período tinha aumentado a ponto de ocupá-lo em tempo integral. Tanto nessa época quanto depois, poucos pacientes eram de Viena. A maioria provinha da Europa oriental: Rússia, Hungria, Polônia, Romênia etc." (Jones, 1989:30). Em 1910, Freud recebeu um paciente muito famoso: o compositor Gustav Mahler que "sofria da folie de doute de sua neurose obsessiva" (Jones, 1989:91). Em 1918, "em fevereiro, um paciente que ele curara lhe deixou em seu testamento dez mil coroas, soma nominalmente equivalente a dois milhões e 26 mil dólares, mas que nesse momento valia apenas uma quarta parte disso. Ele 'bancou o rico', distribuindo o dinheiro entre seus filhos e parentes" (Jones, 1989:202). Todos estes dados sobre os pacientes de Freud são indícios de que certamente pertenciam a classes altas, "burguesas", favorecidas cultural e economicamente etc.

(58) Esta não é uma afirmação válida apenas para o início histórico da implantação da psicanálise no Brasil, mas muito mais abrangente e sustentável até os nossos dias. Esta afirmação nas palavras de Katz é bastante ilustrativa: "Vejam os casos clínicos no Brasil: são todos vencedores e ninguém tem critérios para checar nada. A corporação exige esse tipo de atitude muda e silenciosa. Em boa companhia, eu pensaria com Freud que é preciso fracassar para ser bem-sucedido. Nesse caso, Freud confessando seus fracassos seria um psicanalista anti-ético em relação aos ilustríssimos colegas que o substituíram na Internacional Psychoanalytical Association. Comentei uma vez com um brilhante colega meu, Célio Garcia, que faltava na Psicanálise a história dos seus fracassos, quando o paciente vai embora porque não se sente atendido. Claro, perderíamos a metade da clientela no dia seguinte. Mas seria algo do maior carinho e impor-

tância para com os pacientes, com a Psicanálise e conosco mesmos" ("Ética, um fato político". Psicologia Atual, ano IV, nº 21, p.54).

(59) Deve ser levantada a correlação entre a cultura e a classe social que se refere a uma questão bastante complexa e que vai ser apenas apontada sem possuímos a pretensão de dar conta de la aqui. Segundo Bernstein (1980, 232 e 233), os sistemas de fala das classes trabalhadoras inferiores (as ocupações manuais não-especializadas) são menos propícias do que as outras classes à relação psicoterápica pois esta tem como objetivo "estruturar e rees-
truturar a sua experiência descontínua (do paciente) de forma ver-
balmente significativa" (Bernstein, 1980:231) e as classes trabalha-
doras têm um raciocínio mais concreto do que abstrato; o que não se
deve à incapacidade inata ou inteligência inferior dos trabalhado-
res, mas, sim, aos seus sistemas culturais e de fala no processo de desen-
volvimento social que os tornam inadequados a uma relação muito es-
pecífica como a psicoterapia.

(60) Num ensaio que já se tornou clássico na bibliografia 'psicanalítica, Bleger (1966) teorizou sobre a "situação psicanalí-
tica" considerada como "a totalidade dos fenômenos incluídos na re
lação terapêutica entre o analista e o paciente". Essa situação se-
ria composta de dois níveis complementares: o enquadre constituído
de elementos invariáveis como o contrato, horário, divã, consultó-
rio, etc.; e o processo constituído de elementos variáveis de acor
do com os diferentes pacientes. Estes dois níveis no argumento de
Bleger podem ser "interpretados" pois representam os diferentes me
canismos inconscientes dos pacientes ou da relação dos pacientes
com os analistas. Sem entrar no mérito da questão da técnica psi-
canalítica levantada por Bleger, apenas recorro ao uso desse su-
gestivo termo de Bleger.

CAPÍTULO II

OS ANOS DE INICIAÇÃO (1937-1960): PERÍODO

INSTITUCIONAL HEGEMÔNICO.

Introdução

Este capítulo apresentará o desenvolvimento histórico da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, desde a vinda da dra. Koch ao Brasil, em 1937, até o reconhecimento definitivo da IPA (International Psychoanalytical Association), em 1951. Esse desenvolvimento iniciou-se com o fimado período auto-didático de Durval Marcondes e o começo do período da "análise didática". A partir da vinda da dra. Koch, a psicanálise paulistana vai passar por um processo crescente de institucionalização, que vai ser interpretado em termos weberianos a nível internacional e local. Além da interpretação weberiana, vamos procurar levar em consideração também os fatores históricos e sociais observados nessa institucionalização da psicanálise.

Nesse período, vai ser caracterizado o processo de consolidação da psicanálise no meio científico e cultural local intermediado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, que será a única instituição⁽¹⁾ desse gênero existente no Brasil, durante esse período. Dentro desta perspectiva, a psicanálise não vai ser discutida apenas em seus aspectos terapêuticos, mas também em seus aspectos mais amplos que podem ser evidenciados através das noções dominantes na psicanálise desse período, que passaram a depender cada vez menos de medicina e cada vez mais dos seus próprios critérios e desenvolvimentos.

A Formação dos Primeiros Psicanalistas Brasileiros

A "correspondência intensiva" de Durval Marcondes com os líderes da IPA (Sagawa, 1980:115) pode não ter sido numericamente expressiva, mas o apelo constante e a insistência obstinada atingiram o seu objetivo e ficaram marcados na memória desses líderes. Depois dos dois episódios frustrados da vinda de Spitz e do grupo de "analistas" judeus perseguidos pelo nazismo, a qualquer consulta de "analistas" europeus interessados em emigrar os líderes se lembravam de incluir o Brasil nas suas indicações. Esta é pelo menos a versão do depoimento do próprio Durval Marcondes⁽²⁾ sobre os fatos narrados a ele pela dra. Koch. Também a versão "oficial" dada por Galvão enfatizou os mesmos aspectos: "No Congresso Psicanalítico Internacional de Marienbad, em 1936, Ernest Jones, que era então o presidente da Associação Psicanalítica Internacional, sabendo que a dra. Koch estava pretendendo emigrar para o Brasil, lembrou-se imediatamente que Durval Marcondes, em São Paulo, vinha demonstrando, há já alguns anos, intenso interesse pela vinda de um analista suficientemente treinado para atender às necessidades de implantação do ensino de Psicanálise em nossa pátria" (Galvão, 1967:56).

Adelheid Lucy Koch, "ou simplesmente, a dra. Koch, como é chamada comumente pelos psicanalistas do nosso meio" (Galvão, 1967:55), era médica formada pela Universidade de Berlim, tornou-se psicanalista qualificada pelo Instituto de Psicanálise de Berlim e foi membro da Sociedade de Psicanálise de Berlim ao apresentar em 1935 o trabalho, "Análise de resistência numa neurose narcísica"⁽³⁾. Fez sua "análise didática" com Otto Fenichel,⁽⁴⁾ durante quatro anos e meio. Em 1938, Fenichel mudou-se para Los Angeles, nos Estados Unidos, e já tinha adquirido muita notoriedade no meio psicanalítico europeu. Seu discípulo norte-americano, Ralph Greenson, fez o seguinte relato significativo: "Quando fui ao encontro do famoso Otto Fenichel, em 1938, estava preparado para conhecer o homem que realizara a tremenda façanha de organizar o primeiro manual de psicaná-

lise escrito para psicanalistas. O livro The Outline of Clinical Psychoanalysis (1934) ia além da minha modesta compreensão, mas estava impressionado pela amplitude de sua perspectiva, pelo denso entrelaçamento de suas idéias, pelo raciocínio minucioso e pela clareza sistemática. Acima de tudo, estava espantado com o respeito elevado com que o livro era visto por todos os analistas, candidatos e até mesmo psiquiatras antianalíticos" (Greenson, 1981: 489).

Com o consentimento de Ernest Jones e Otto Fenichel, a dra. Koch desembarcou no Brasil, em 1937, com as devidas credenciais da IPA para formar novos psicanalistas. Esse consentimento era uma iniciativa importante para um reconhecimento posterior do grupo de "analistas", formados pela dra. Koch, virem a ser considerados um núcleo inicial⁽⁵⁾ de uma nova Sociedade de Psicanálise. Não havia ainda em toda América do Sul nenhuma filial dessa instituição internacionalista.

Um ano após a sua chegada, a dra. Koch procurou o dr. Durval Marcondes para iniciar o trabalho psicanalítico. O dr. Durval ofereceu o seu próprio consultório para a dra. Koch atender os seus pacientes. Parece que os primeiros pacientes⁽⁶⁾ foram todos "candidatos" interessados em se tornar psicanalistas e foram recrutados pelo próprio Durval: Alda, 73 anos (na época, professora primária e estudante universitária), Alberto, 74 anos (médico). Amadeu, 74 anos (médico) e também Durval (que, na época, fundou e se tornou diretor da Seção de Higiene Mental Escolar).

Esse grupo numericamente pequeno de "candidatos" possuía em sua maioria posições sócio-econômicas altas e redes de relações privilegiadas. Alberto e Amadeu eram médicos ("na época, médico era sinônimo de gente rica", como diz Alberto,⁽⁷⁾ no início de suas carreiras, e pertenciam também a famílias de classes altas. O pai de Alberto era um industrial bem-sucedido e sua família considerada "tradicional" na sociedade paulistana. Alberto se considera um "descen-

dente de Fernão Dias" e é sobrinho do dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, o primeiro diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo, ocupando esse cargo até a sua morte e realizando nesse período a construção do atual prédio da Faculdade de Medicina com as verbas da Fundação Rockefeller, obtidas através de Júlio Prestes, na época o governador do Estado de São Paulo. Em sua profissão, Alberto fez carreira no Instituto de Criminologia da Secretaria de Justiça, onde se encarregava da triagem e dos diagnósticos dos menores abandonados e psicopatas.

Amadeu é um descendente e herdeiro de latifundiários que se casou também com outra descendente de latifundiários. Não foi possível reconstituir qualquer das redes de relações de Amadeu⁽⁸⁾. Em sua profissão, fez carreira no funcionalismo público e no magistério universitário como médico psiquiatra.

Apesar de o pai de Durval ser um funcionário burocrático assalariado, a família extensa deles incluía os profissionais liberais e os políticos que controlavam as posições mais altas em certos setores do funcionalismo público a nível estadual. Uma das redes de Durval pode ser descrita a partir de um parente matrilinear, Reynaldo Porchat, que foi nomeado o primeiro reitor da recém-criada Universidade de São Paulo, no mandato do interventor no Estado de São Paulo, Armando Salles de Oliveira, que era genro de Júlio de Mesquita Filho, o proprietário do jornal "O Estado de São Paulo" e um dos principais fundadores da USP, com quem Durval mantinha um relacionamento amistoso.

Alda é filha de um professor primário e pertence a uma família de "classe média". Iniciou a sua carreira em 1932 como "educadora sanitária" com a qualificação conferida pelo Instituto de Higiene Pública de São Paulo e foi contratada em 1933 pela Diretoria do Serviço de Saúde Escolar. Em 1938, passou a trabalhar com essa mesma qualificação na Secção de Higiene Mental Escolar, cujo diretor era Durval Marcondes, onde exerceu as funções de "visitadora psiquiátrica social"⁽⁹⁾.

Desses quatro "candidatos" três deles eram psiquiatras contratados como funcionários públicos, que também começaram ou permaneceram trabalhando como profissionais liberais em seus consultórios particulares na qualidade de psicanalistas. A clínica psicanalítica não era rendosa para todos eles, mas cada um a seu modo estava formando uma clientela. Com a exceção de Alda, os outros três "candidatos" possuíam a legitimidade de médico para fazerem o diagnóstico e o tratamento de doenças mentais. No caso de Alda, a sua atividade clínica no consultório particular era supervisionada por um médico psiquiatra e também "candidato", que só lhe entregava os casos depois de ter feito o diagnóstico e a indicação médica para um tratamento psicanalítico. Essa supervisão de um médico nas atividades clínicas de Alda era devido a uma atitude de precaução contra as possíveis acusações de "charlatanismo". Pelo fato de Alda ser um "leigo" ou "não-médico", essas acusações poderiam pesar como no passado recente também contra os psicanalistas em bloco. Afim de evitar novos episódios indesejáveis e que pudessem lançar dúvidas sobre as atividades clínicas dos psicanalistas, foi tomada essa precaução antecipatória que parece ter surtido algum efeito, pois não se constatou nenhuma acusação ou denúncia dos médicos ou do público.

Quando esse primeiro grupo de "candidatos" se reuniu em torno da dra. Koch, o objetivo principal deles não poderia ser considerado como o início da formação de uma instituição psicanalítica naquela época, conforme seria uma tendência retrospectiva de ver com uma ótica contemporânea o passado vivido por eles. A própria Alda contestou e chamou a atenção para este aspecto - quando leu a minha versão histórica anterior onde considerava esse primeiro grupo de "candidatos" como a criação de uma filial da IPA - ao afirmar que "não sabíamos se seria formada uma Sociedade de Psicanálise porque dependeria de muitos fatores"⁽¹⁰⁾. Nem a dra. Koch e nem ninguém poderia garantir com segurança que esse grupo de "candidatos" viria a se transformar numa Sociedade de Psicanálise reconhecida pela IPA, se bem que de fato esse fosse o desejo expresso de todos eles.

Um dos maiores problemas foi a dificuldade de trazer do exterior pelo menos mais um "analista didata"⁽¹¹⁾ e, assim, realizar a formação psicanalítica de acordo com os critérios exigidos pela IPA, além de vir a formar o núcleo inicial de uma nova Sociedade de Psicanálise e ser reconhecido como um "Study Group". Nessas condições, a dra. Koch se encarregou sozinha da "análise didática", das supervisões e das aulas teóricas - estas duas atividades docentes eram dadas na própria residência do dr. Durval - que segundo os critérios da IPA deveriam ser assumidos por diferentes "analistas didatas". Mas, devido à circunstância histórica de escassez de "analistas didatas", a dra. Koch continuou permanecendo a única "analista didata" disposta a trabalhar aqui e, portanto, acabou acumulando as diferentes funções didáticas durante esse tempo.

Além dos critérios formais exigidos pela IPA, a criação de uma nova Sociedade de Psicanálise depende também da continuidade da "linhagem" freudiana que, no caso a partir da dra. Koch, fosse reproduzindo outros novos psicanalistas ao longo do tempo e também mantendo essa continuidade. Tanto a dra. Koch deveria continuar mantendo a fidelidade e o reconhecimento do seu "analista didata" como os "candidatos" da dra. Koch deveriam igualmente continuar mantendo a fidelidade e o reconhecimento dela. Esse foi um empreendimento coletivo que dependeu da coesão interna do grupo e também dos diversos fatores sócio-econômicos e simbólicos, que tornaram muito mais conveniente aos primeiros psicanalistas brasileiros pertencerem a uma instituição reconhecida a nível internacional do que serem francos atiradores e virem a ser classificados como psicanalistas "selvagens".

A seguir, vai ser apresentada uma interpretação desse período inicial de formação dos primeiros psicanalistas, no qual, mesmo existindo a incerteza do empreendimento deles ser bem-sucedido ou não, havia uma continuidade desse grupo local em relação à instituição psicanalítica internacional, através da "linhagem" freudiana representada pela dra. Koch. Essa "linhagem" freudiana adquiriu uma importância de

cisiva para o grupo local, pois representou a possibilidade desse grupo vir a ser reconhecido como uma Sociedade filial da IPA. A interpretação desse período inicial de formação dos primeiros psicanalistas procurará levar em conta as circunstâncias locais e internacionais pois, mais do que nunca, esses primeiros psicanalistas brasileiros não estão isolados no mundo: muito pelo contrário, estão empenhados em obter um reconhecimento da IPA.

*

Se aqueles primeiros discípulos freudianos mais próximos - (Eitingon, Jones, Abraham, etc.) ou mais distantes (como Durval Marcondes) representaram o fenômeno carismático em seu momento emergente, a dra. Koch representou já uma segunda geração de psicanalistas que foram treinados pelos primeiros discípulos de Freud. A "linhagem" freudiana deixou de ser centralizada pelo líder carismático e ocorreu uma institucionalização progressiva da IPA, a partir dos anos 20, com a criação dos primeiros Institutos de Psicanálise, onde passou a ser adotado o sistema de treinamento baseado em três requisitos: a "análise didática", as supervisões de dois casos clínicos bem-sucedidos e aulas teóricas. Esse sistema de ensino não foi inventado por Freud, mas sobretudo por dois dos seus discípulos pertencentes ao "Comitê Secreto": Karl Abraham e Max Eitingon, no primeiro dos Institutos de Psicanálise fundados em Berlim.

Nos anos 30, as instituições psicanalíticas filiadas à IPA começam a adquirir os moldes conhecidos até hoje. A instituição passou a ser dividida em dois órgãos distintos e complementares: 1) a Sociedade de Psicanálise é a associação científica e profissional que reúne os psicanalistas com o objetivo de estimular, gerar ou controlar a produção científica e também defender os seus interesses profissionais; 2) o Instituto de Psicanálise é o órgão de ensino e de formação dos novos psicanalistas, onde são recruta-

dos os membros da Sociedade. Segundo os estatutos da IPA, um Instituto de Psicanálise só poderia ser criado e mantido por uma Sociedade já reconhecida que, por sua vez, se originou de uma outra Sociedade matriz que, também, possuía o seu Instituto de Psicanálise. Portanto, o primeiro passo na busca de um reconhecimento da IPA, por um novo grupo de psicanalistas, é a constituição de uma Sociedade de Psicanálise e, posteriormente, a do seu Instituto de Psicanálise.

De acordo com essa institucionalização crescente da IPA, a forma de treinamento psicanalítico baseada na "análise didática", supervisões e aulas teóricas só será válida e reconhecida se os seus agentes possuírem uma filiação direta a Freud e não forem considerados dissidentes, pois são identificados e querem ser identificados como os agentes da psicanálise. A apropriação do nome de psicanálise, para identificar unicamente o método de investigação, a teoria psicológica e a técnica terapêutica descobertas por Freud, recrudescer historicamente na mesma proporção em que alguns dos primeiros discípulos de Freud (Adler, Jung, Stekel, entre outros) começaram a se tornar dissidentes (Freud, 1974(1914):63-66)⁽¹²⁾.

Ao contrário do que aconteceu com os primeiros discípulos de Freud, a partir da segunda geração houve uma transformação radical tanto no recrutamento quanto na forma de iniciação de novos psicanalistas. Na primeira geração, o relacionamento entre Freud e seus discípulos era puramente carismático como já foi demonstrado no capítulo anterior. A partir da segunda geração, passou a haver uma rotinização do carisma freudiano. Vejamos em primeiro lugar como ocorreu essa rotinização a nível internacional e depois a nível local.

Na sua fase de reconhecimento internacional, o próprio Freud desempenhou um papel ativo nas transformações ocorridas na institucionalização da psicanálise. Como já apontamos no capítulo anterior, Freud criou em 1913 o "Comitê Secreto" que era constituído por uma elite de discípulos escolhidos entre os mais "talentosos" ou "originais", como os seus herdeiros dignos de honrarem o seu

"mestre". Este tipo de rotinização do carisma é justamente aquele apontado por Weber como a designação feita pelo "líder carismático original dos seus próprios sucessores e seu reconhecimento pelos seguidores" (Weber, 1968:55). Esse "Comitê Secreto" atuou dentro da instituição recém-criada, a IPA, e sobretudo Ernest Jones permaneceu atuando durante muitas décadas como um dos principais líderes da IPA⁽¹³⁾.

Ao primeiro tipo de rotinização do carisma freudiano sobre pôs-se um segundo tipo que corresponde à passagem da liderança carismática atribuída ao "Comitê Secreto", para uma liderança burocrática na direção da IPA. Na medida em que a IPA se tornou mais complexa e passou a exercer um maior controle através dos estatutos e das regras administrativas, os líderes deixaram de ser escolhidos exclusivamente em termos carismáticos. O processo da escolha dos principais cargos de liderança da IPA, na verdade, é iniciado por uma consulta aos diversos líderes da comunidade psicanalítica internacional e só depois, quando os nomes foram selecionados e aceitos, é que serão referendados pela Assembléia Geral realizada nos Congressos Internacionais da IPA. Esse segundo tipo de rotinização do carisma freudiano pode ser caracterizado como uma "designação de um sucessor pela equipe administrativa carismaticamente qualificada e seu reconhecimento pela comunidade" (Weber, 1968:55). Essa designação não se baseia na eleição direta, nem na nomeação ou qualquer outro tipo de "escolha livre", mas "na escolha da pessoa certa que é verdadeiramente dotada de carisma" (Weber, 1968:56). Essa escolha correta é feita por uma minoria que consegue obter uma unanimidade relativa em torno dessa escolha. No caso da IPA, esse tipo de escolha passou a ser feita quando, no Congresso Internacional de Innsbruck, em 1927, o "Comitê Secreto" deixou de agir enquanto um "grupo privado" e se transformou num grupo constituído de uma diretoria administrativa, com cargos de Presidente, Vice-Presidente, Secretário e Tesoureiro, sob a liderança dos membros remanescentes do "Comitê Secreto", sobretudo Max Eitingon e Ernest Jones. (Jones, 1989:145, v.3)

Nesse processo de rotinização do carisma freudiano, o recrutamento de discípulos e a sua forma de iniciação passam a ser regulamentados pelas normas e estatutos burocráticos em função da "apropriação dos poderes de controle e das vantagens econômicas pelos seguidores ou discípulos" (Weber, 1968:58). O caráter anti-econômico típico do fenômeno carismático dá lugar a uma "estrutura rotineira permanente" (Weber, 1968:60), na qual todas as atividades de recrutamento, iniciação e pertinência envolvem taxas e contribuições econômicas.

A nível local, essa rotinização do carisma freudiano ocorreu quando a dra. Koch reproduziu com os seus "candidatos" o mesmo padrão ou sistema de treinamento a que se submeteu anteriormente no Instituto de Psicanálise de Berlim. Nem o recrutamento e nem a iniciação permanecem "desinteressadas", mas comprometidas com as regras e normas instituídas pela IPA. Tanto o recrutamento como a iniciação dos "candidatos" da dra. Koch merecem ser discutidos em suas especificidades locais que são tão determinantes quanto o contexto internacional onde se inserem.

O recrutamento dos primeiros "candidatos" da dra. Koch não foi feito por ela própria, mas por Durval Marcondes. Quando a dra. Koch iniciou a sua clínica psicanalítica em São Paulo, a psicanálise já possuía uma história local cujos protagonistas foram Franco da Rocha e sobretudo Durval Marcondes em sua incessante campanha de implantação da psicanálise. A própria vinda ao Brasil da dra. Koch estava condicionada a essa campanha feita por Durval Marcondes. Também em termos de instalações materiais para atender os pacientes e realizar as atividades didáticas, a dra. Koch dependeu de Durval Marcondes nesse período inicial em São Paulo.

Aparentemente pode parecer um tanto anacrônico que o recrutamento dos primeiros "candidatos" fosse feito por Durval, como de fato ocorreu e pelo menos dois deles confirmam esse fato⁽¹⁴⁾. Tal constatação pode ser melhor avaliada considerando o prestígio atribuído

a Durval Marcondes pela sociedade mais ampla. Esse prestígio fez com que Durval Marcondes acabasse detendo um monopólio do encaminhamento de pacientes enviados tanto por alguns médicos também ' prestigiados e colegas de Durval, quanto aqueles pacientes que passaram a procurar diretamente o Durval, devido à divulgação de seu nome, solicitando um tratamento psicanalítico. Isso se explicava pelo fato de Durval Marcondes ser considerado no meio médico local o único médico "competente" e com experiência suficiente na realização de diagnósticos e tratamentos de "doentes" através de técnicas psicológicas. Qualquer paciente deveria passar pelas suas avaliações clínicas mesmo se não viesse a ser tratado por ele. Ao estar detendo o monopólio dos pacientes e o prestígio atribuído ' tanto por alguns setores importantes do meio médico local como pela sociedade mais ampla, Durval Marcondes foi colocado e ao mesmo tempo se colocou numa posição estratégica em relação a dra. Koch e os seus colegas "candidatos".

Os "candidatos" tomam conhecimento da existência de alguém dedicado à psicanálise e se dirigem a Durval, que faz o favor de aceitá-los no seu grupo, os quais contraem com ele uma relação de fidelidade política. Ocupando uma posição sócio-econômica privilegiada, mas estando ainda no início de suas carreiras profissionais e sem poderem pagar o honorário cobrado na Europa, os "candidatos" queriam submeter-se a uma "análise" e em contrapartida a dra. Koch precisava de pacientes para continuar exercendo a sua profissão e obter os rendimentos dela. A intersecção dessas duas demandas complementares somente aconteceu com a mediação de Durval Marcondes.

Embora a dra. Koch tivesse sido paga pelos serviços prestados de "análise" pessoal, de aulas teóricas e de supervisões, Durval e os outros "candidatos" (mesmo após a remuneração) continuavam devendo uma gratidão ou reconhecimento pessoal a dra. Koch. Essa transformação das relações de prestação de serviços em relações pessoais é uma característica traduzível em termos de liga-

ções emocionais entre pessoas sem parentesco como se fossem parte de uma família. Tanto é que, posteriormente, nos anos 60 e 70, a dra. Koch foi considerada por muitos membros da Sociedade de Psicanálise como uma espécie de "mãe" que deu origem à Sociedade.

Depois de discutir vários aspectos do recrutamento dos "candidatos", devemos fazer agora algumas considerações sobre a forma de iniciação desses "candidatos". O requisito considerado o mais importante no sistema de treinamento implantado pela IPA é a "análise didática", pois um psicanalista precisa ser "analisado" antes de "analisar" os outros. Este é, portanto, o ritual de iniciação na psicanálise, definido nos termos de Van Gennep como um estágio intermediário na resolução de uma "incompatibilidade entre o mundo profano e o sagrado" (Van Gennep, 1978:25). A passagem do mundo profano para o sagrado é realizada através dos ritos de passagem que, para efeito de análise, podem ser divididos em ritos preliminares (separação), liminares (marginalidade) e pós-liminares (agregação). Apesar destas categorias secundárias poderem ser desdobradas complexificando o conjunto cerimonial ou mesmo se tornar independentes, elas não devem ser analisadas isoladamente e a principal contribuição de Van Gennep consiste no reconhecimento da importância da sequência dos ritos." (...) a ordem em que os ritos se seguem e devem ser executados constitui, já por si, um elemento mágico-religioso de alcance essencial" (Van Gennep, 1978:86)⁽¹⁵⁾.

Na psicanálise, o rito de passagem é a "análise didática" que se caracteriza como a etapa liminar entre o mundo não-psicanalítico e o psicanalítico quando as pessoas interessadas em ser psicanalistas são colocadas na categoria provisória de "candidatos", deixando de ser "leigos" mas sem serem ainda "analistas". No caso dos "candidatos" da dra. Koch, o rito preliminar se confunde com o próprio rito liminar porque, ao se apresentarem os voluntários para a "análise", imediatamente foram considerados "candidatos"; o que não foi possível saber se foi devido à prioridade de recrutar "candidatos",

e portanto todos os voluntários foram incondicionalmente aceitos, ou se esta foi uma peculiaridade apenas local.

É necessário fazer uma observação sobre a fase liminar que, na verdade, inclui também as aulas teóricas e as supervisões (ou "análises de controle"). Estas duas atividades didáticas não possuem 'tanto peso quanto a "análise didática" na qual os "candidatos" tratam sobretudo de aprender a técnica e a teoria psicanalítica às custas das suas "neuroses" pessoais. A peculiaridade do treinamento 'psicanalítico é que esse treinamento depende muito menos da aprendizagem racional, através de estudos sistemáticos, e muito mais das vivências afetivas que surgem na "análise", dando uma comprovação através dessas experiências pessoais das teorias e técnicas psicanalíticas. Portanto, o "analista didata" exerce ou é atribuído a ele o poder de influenciar os seus "candidatos" pois, via de regra, estes adotam a mesma "linha" daquele, temporária ou definitivamente.

A passagem de "candidato" para "analista", também no caso dos "candidatos" da dra. Koch, é marcada pelo rito pós-liminar que seria a eleição numa assembléia como membro da Sociedade. No caso da dra. Koch, ela mesmo formou e julgou os seus candidatos; portanto, foi uma eleição automática.

O caso específico de Durval Marcondes merece ser discutido à parte, pois resulta esclarecer em alguns aspectos importantes. Durval Marcondes também se tornou um "candidato", apesar de naquela época ser um "psicanalista por ordem escrita de Freud" (Sagawa, 1980:110) e muito bem-sucedido na sua clínica.

Em primeiro lugar, deixou à mostra que a "análise didática" é o rito de passagem específico à psicanálise, podendo ser considerado um sinal diacrítico em relação à psiquiatria que não possui essa espécie de iniciação profissional. Em segundo lugar, o próprio Durval tomou a iniciativa de se submeter a "análise didática" reconhecendo a eficácia dos seus efeitos sociais e simbólicos. Isso quer dizer que

não basta possuir a legitimidade do público e da clientela como vinha ocorrendo há mais de uma década com Durval Marcondes. É preciso o próprio "analista" viver a experiência da "análise" na sua própria pele e dessa maneira obter também a legitimidade da comunidade psicanalítica que vai reforçar e garantir a sua prática e a sua teoria.

A consequência mais imediata do fato de Durval Marcondes ter sido "analisado" pela dra. Koch foi um total controle e garantia sobre a continuidade local da "linhagem" freudiana e uma maior coesão interna no grupo de "candidatos", pois o personagem mais prestigiado que, potencialmente, poderia ter assumido uma ruptura e representado uma ameaça, transformou-se num elemento ativo e participante dessa continuidade.

Retornando ainda mais uma vez a uma discussão sobre os ritos de iniciação, é válido sustentar que com a adoção compulsória da "análise didática" os pacientes deixam de se submeter à "análise" exclusivamente por serem considerados "doentes", de acordo com os critérios médicos. Os "candidatos" da dra. Koch podem ser considerados os primeiros pacientes "sadios" ou "normais" a se deitarem no divã. Sem dúvida, os "candidatos" psiquiatras não se consideravam e nem eram considerados "doentes". Dessa maneira, a psicanálise entra pela porta da frente em sua própria casa: a "análise" dos "candidatos" não entrou em contradição com a "análise" dos "doentes" mas, muito pelo contrário, ampliou ainda mais o seu alcance que não se restringiu somente aos aspectos terapêuticos.

Ao ampliar esse alcance, a "análise" no contexto brasileiro está começando a exercer a sua vocação universalista que nem sempre consegue ser realizada. Na Inglaterra, a "análise" não parece ter conseguido libertar-se da noção de "doença" restando restrita a alguns segmentos da sociedade local (Figueira, 1985). No Brasil, a "análise" começa a libertar-se da noção de "doença", como estamos tentando mostrar aqui. Além disso, podemos afirmar que a "análise" dos "candidatos" é uma espécie de modelo exemplar da "análise" de "leigos". Se os próprios "Candidatos" consideram a "análise" não so-

mente como terapêutico mas também como uma forma de conhecer a si mesmo e aos outros, o alcance da "análise" torna-se quase ilimitado pois a clientela em potencial é aumentada de uma maneira abrangente, em princípio, toda a sociedade.

*

Em Busca do Reconhecimento "Oficial" da IPA

Desde o início dos anos 40, começaram a surgir alguns novos "candidatos". Depois dos quatro primeiros, os próximos "candidatos" recrutados foram quatro "leigos" e dois psiquiatras. O primeiro deles, Aquiles, era um alto funcionário de uma empresa multinacional que, ao assistir uma conferência da dra. Koch na Faculdade de Direito, teve despertado o seu interesse pela psicanálise e foi submeter-se a uma "análise" com a própria dra. Koch. O segundo, Angela, (73 anos), tinha sido educadora sanitária do Serviço de Saúde Escolar (de 1933 a 1938) e, na época do início da sua "análise didática", era "visitadora psiquiátrica social" na Seção de Higiene Mental Escolar, sob a direção de Durval Marcondes. Os outros dois "leigos", Alexandre e Alfredo, foram recrutados provavelmente em meados dos anos 40. Também em meados ou na segunda metade dos anos 40, foram recrutados os dois psiquiatras, Antonio e Augusto.

Em 1944, a dra. Koch e seus cinco primeiros "candidatos" iniciam as tentativas de obter o reconhecimento da IPA. Segundo o livro de atas da Sociedade, transcrito por Barcellos, (1976) essa consulta à presidência da IPA é descrita nos seguintes termos:

"Em 9 de outubro de 1943, a Sra. Dra. Adelheid Koch dirigiu-se por carta ao Dr. Ernest Jones, Presidente da Associação Internacional de Psychoanalyse, em Londres, Inglaterra, perguntando sobre a possibilidade de vir a ser oficialmente reconhecido pela Associação Internacional

um grupo de psychoanalystas, de São Paulo, por ella formados em Psychoanalyse. No mez de Maio de 1944 foi recebida pela Snra.Dra. Adelheid Koch uma resposta do Dr. Ernest Jones, datada de 9 de Dezembro de 1943, na qual, por parte da Associação, o Dr. Jones concede pleno reconhecimento ao Grupo referido pela Snra. Dra. Adelheid Koch. A carta do Dr. Jones, aqui referida, que se encontra devidamente arquivada, está explícita na seguinte forma: "Os dirigentes da Associação Internacional aceitam a recomendação e garantia da sra. Dra. Adelheid Koch referente aos psychoanalystas deste grupo". Nesta mesma carta Jones sugeria que o grupo se denominasse 'Grupo Psychoanalytico Brasileiro', todavia, por unanimidade, decidiu-se pelo primeiro título, "por ser mais aconselhável, em vista das condições geográficas do Brasil e consequentemente impossibilidade para os dirigentes deste Grupo de assumirem, perante a Associação Internacional de Psychoanalyse, a responsabilidade de controle das atividades de analistas em localidades fora da cidade de São Paulo"(Barcellos, 1976;1).

O Grupo Psicanalítico de São Paulo, com sede na residência de Durval Marcondes, elaborou um pequeno estatuto definindo estas duas finalidades:

"(a) desenvolver a psicanálise, ramo científico fundado por Sigmund Freud, tanto no que se refere à teoria como a suas aplicações práticas à medicina e às ciências mentais;(b) estabelecer e manter relações com os demais

grupos e sociedades do mesmo gênero" (Barcelos, 1976:2). E mais, o Grupo impediu a qualquer dos seus membros de "dirigir análises didáticas ou exercer a supervisão de análises dirigidas por estudantes se não for para isto especialmente autorizado pela comissão de ensino" (Barcellos, - 1976:2).

"Como presidente eleito do Grupo, o Dr. Durval Marcondes fez calorosos elogios aos incansáveis esforços da Sra. Dra. Adelheid Koch no trabalho de conduzir análises didáticas e instruir os candidatos, exprimindo a profunda gratidão de todos os presentes pela dedicação e alta competência da Dra. Koch.

A Dra. Adelheid Koch, agradecendo as palavras proferidas pelo Dr. Marcondes, aproveitou o ensejo para salientar o trabalho bandeirante do próprio Dr. Marcondes, que muitos anos antes da sua chegada em São Paulo, havia tão corajosamente defendido os interesses da Psicanálise, e que, presentemente, tão digna e habilmente chefia o Grupo estabelecido. (Barcellos, 1976:2).

Em 1946, Aquiles fez uma viagem à Inglaterra estabelecendo diversos contatos importantes. Em uma carta a Durval⁽¹⁶⁾, escreveu:

"(...) Sobre uma coisa desejo felicitar-lhe especialmente. Esta é a boa fase em que o Amigo opinou, várias vezes, que a psicanálise na Grã-Bretanha é a mais vital e prometedora. Acho sua opinião muito bem acertada, pois, a despeito da contenda entre "Viena" e Melanie Klein ter sido as vezes amarga, é realmente ao meu ver aqui, no "clima" peculiar à Inglaterra, que se acha a fonte da vitalidade. Se sente claramente o vigor

das discussões. Também com respeito à Paula Heimann lembrei-me da sua opinião acertada. Ela é realmente notável. No fim da semana que vem irei para Edimburgh para conhecer o Fairbairn (...)".

Sobre essa viagem de Aquiles, Durval Marcondes relatou em 1968. "Foi ele um dos nossos primeiros sócios e colaborou na fundação da Sociedade, tendo sido um dos emissários que, junto a Ernest Jones, conseguiram o reconhecimento da Sociedade de São Paulo, pela Associação Internacional de Psicanálise" (Barcellos, 1976:4). Mas, quando Aquiles retornou dessa viagem, não tinha sido obtido ainda o reconhecimento da IPA, que permaneceu sendo provisório durante os anos 40.

Nesse período, não foram constatadas as acusações de "charlatanismo" que vinham caracterizando as situações sociais envolvendo os psicanalistas e os neuropsiquiatras. A partir do desdobramento da cadeira de Neuropsiquiatria na Faculdade de Medicina em 1936, houve em São Paulo uma crescente diferenciação dos neurologistas e dos psiquiatras. Embora não fosse encontrada, nos anos 40, nenhuma referência aos neurologistas pelos psicanalistas, a mesma coisa não aconteceu com os psiquiatras. Houve uma série de episódios envolvendo diversos psicanalistas e psiquiatras brasileiros e estrangeiros. Estes episódios são contados na versão de Durval Marcondes, que está baseada também nos documentos consultados em seu arquivo pessoal, a qual não pode ser confrontada com a versão do principal protagonista do "establishment" psiquiátrico, pois esse psiquiatra já havia falecido quando iniciei a pesquisa e também não foi possível descobrir quais eram os outros psiquiatras envolvidos nesses episódios.

A versão de Durval Marcondes é esta:

"(...) Na década de 40, alguns médicos foram a um congresso não de psicanálise mas de psiquiatria. Eram quase todos psiquiatras no Hospital do Juqueri ou tinham alguma ligação com o Hospital do Juqueri. Chegando lá em Buenos Aires,

viram que a psicanálise despertava um grande entusiasmo. O grupo psicanalítico de Buenos Aires, que iniciava as suas atividades, era muito aplaudido e muito bem recebido nesse congresso. Perguntaram aos nossos patrícios e colegas: e em São Paulo, o que há com respeito à psicanálise? Eles responderam: em São Paulo não há praticamente nada. O que há é que chegou uma médica alemã que foi encarcerada por um colega nosso, um médico muito estranho, no consultório dele a sete chaves. Daí Garma, que também fez sua formação no Instituto de Berlim, escreveu a Fenichel que escreveu à dra. Koch". (Depoimento de 27/11/1980).

Da correspondência trocada a partir deste episódio, foram encontradas apenas duas cartas de Durval Marcondes a Otto Fenichel e a Angel Garma.

Carta a Otto Fenichel (3/5/1945)-

"(...) Como você pode ver as dúvidas do dr. Garma, - que, pelo que eu saiba, nunca esteve no Brasil e que muito provavelmente conhece muito pouco do que acontece aqui - não são justificadas. Provavelmente o que aconteceu foi o seguinte. Alguns psiquiatras de São Paulo, que tratam os pacientes com métodos os quais eles denominam de psicanálise e que nunca julgaram necessário procurar o nosso Grupo a fim de se submeter aos incômodos do treinamento técnico estrito (análise didática, etc.), foram a Buenos Aires e lá tomaram contato com Dr. Garma. Estas pessoas de

São Paulo, constatando pela primeira vez as exigências de treinamento feitas pelo centro analítico argentino e não sendo capazes de justificar sua própria situação insatisfatória diante dos analistas argentinos imediatamente puseram toda a culpa em mim e na dra. Koch. Eu não mantenho o isolamento do qual Dr. Garma foi informado. As posições que eu ocupo, inclusive na Universidade, são a prova disso. Até o momento presente nenhuma pessoa que tenha nos procurado para a análise, terapêutica ou didática, deixou de ser atendida. Somente tem havido isolamento daqueles que, por quaisquer razões, não desejaram associar-se a nós. Como você mesmo sabe bem, não é possível fazer concessões na questão dos princípios psicanalíticos e por essa razão nós não podemos estender a nossa mão a todo mundo. (...) Você pode ficar bem orgulhoso de sua aluna, Dr. Koch. Ela tem feito todo o possível para assegurar a mais alta qualidade de ensino de análise para os nossos candidatos, e isso que ela tem realizado até o momento é suficiente para todos nós estarmos bastante gratos".

Carta de Durval Marcondes a Angel Garma (15/06/1945) -

"Estamos organizados numa agremiação intitulada "Grupo Psicoanalítico de São Paulo", da qual tenho a honra de ser presidente (...). Temos em funcionamento, há alguns anos, um centro de preparo técnico psicanalítico, que se acha a cargo da dra. Adelheid Koch, psicanalista formada pelo Instituto de Berlim. Vários psicanalistas já têm seu preparo terminado e se acham atualmente em plena atividade profissional. Outros estão

terminando os seus estudos. Posso assegurar-lhe que só não adquiriram essa formação técnica aqueles que, por comodismo ou desinteresse, acharam desnecessário todo esse trabalho (análise didática, etc.), preferindo, por isso, ficar afastados de nós. Receio que tais fatos, bastante conhecidos nos meios médicos psicológicos de meu país, não o sejam em Buenos Aires e que, ignorando tudo isso, os colegas argentinos corram o risco de tomar contato com certos psicanalistas 'selvagens' que por aqui existem como em toda a parte. É, pois, de se desejar que não estabeleçam nenhum compromisso para um programa de convívio científico antes de verem as coisas de perto. Seria lamentável que os colegas argentinos, cuja atividade tenho acompanhado com grande simpatia, aqui viessem para se desprestigiar e para desprestigiar o único núcleo psicanalítico existente no Brasil".

Certamente a versão dos psiquiatras brasileiros envolvidos nesses episódios seria uma outra. Um fragmento dessa versão dos psiquiatras foi reconstituída pelo próprio Durval Marcondes, que atribuiu essa reconstituição a um outro psicanalista brasileiro, nos seguintes termos:

"No Rio de Janeiro, vim a conhecer - algum tempo depois desse episódio dos psiquiatras do Juqueri que foram a Buenos Aires - um colega nosso que morava no Rio de Janeiro e que havia trabalhado durante alguns anos no Hospital do Juqueri. Então a nossa conversa derivou naturalmente para a estadia dele aqui no Hospital do Juqueri. Eu perguntei - ele estava muito entusiasmado com a psicanálise porque ele não me havia procurado

e como é que eu não tinha tido notícia de que ele tinha estado aqui. Ele me disse: sabe, doutor, lá no Juqueri eles não acham que o senhor seja um cientista. Eles acham que o senhor é mais um empresário do que um cientista. Eu estava tentando o empreendimento de uma instituição, uma tarefa muito difícil e talvez eu não fosse mesmo acabadamente um cientista. Em homenagem à dra. Koch eu quero dizer aqui que eu me sinto muito orgulhoso como empresário. Um empresário que conseguiu trazer para São Paulo uma pessoa da qualidade, do desprendimento, do devotamento da dra. Koch, que aceitava para análise todos os candidatos que apareciam, que eram capazes e promissores e às vezes não tinham condições econômicas para esses custos. Não só era uma pessoa muito devotada ao seu trabalho como era uma pessoa de altas qualidades e conhecimentos psicanalíticos. Aurindo-se das fontes psicanalíticas mais importantes naquela época" (Depoimento de 30/10/1980).

Após a exposição dos dados empíricos no texto acima, vamos passar à interpretação desses dados em alguns aspectos dos mais relevantes. Essa interpretação começa com uma discussão sobre os "candidatos" e a questão dos psicanalistas "leigos", em seguida faz brevemente algumas considerações sobre os episódios do Congresso de Buenos Aires e também sobre os enfoques psicanalíticos locais, e finalmente essa interpretação é encerrada com uma analogia entre os ritos de iniciação dos "candidatos" e os de um "Study group".

Nos anos 40, o Grupo Psicanalítico de São Paulo gozou de um certo prestígio no meio científico e cultural paulistano que foi o resultado de várias décadas anteriores de disseminação ininterrupta. O Grupo Psicanalítico já tinha a oferecer um treinamento psicanalítico que se tornou atraente para certos profissionais de Saúde Mental e até mesmo para "leigos" sem qualquer prática nessa área. O que pode ser encarado como uma evidência da disseminação da psicanálise, pois esses profissionais recrutados já tinham tomado contato ou possuíam um conhecimento prévio da psicanálise quando se tornaram "candidatos".

No caso de Amauri e Alfredo, o recrutamento deles permaneceu sendo intermediado pela atuação direta de Durval Marcondes. Ambos eram especialistas da Seção de Higiene Mental Escolar, sob a direção de Durval Marcondes, onde o tratamento das "crianças-problemas" possuía uma orientação psicanalítica. Não foi possível constatar se na verdade ambos solicitaram a Durval e/ou se Durval os induziu a fazerem uma "análise didática", mas o fato consumado é que se tornaram "candidatos".

Enquanto as adesões à psicanálise destes dois "candidatos" podem ser entendidas convincentemente como uma busca de outra especialização, no caso de Aquiles isso não aconteceu e, por isso mesmo, pode acabar revelando muitos aspectos significativos que acabam passando despercebidos nos outros casos. Ao ouvir a conferência da dra. Koch, Aquiles encontrou nela um representante mitológico da psicanálise. Foi despertada nele a demanda de se submeter a uma "análise" para confirmar ou não a sua crença nela. Nesse caso, não se trata de uma procura deliberada de "análise didática" para fins de formação e nem de uma "análise" para fins terapêuticos, mas de uma "análise" que aparentemente vai servir para fins terapêuticos e acaba sendo transformada em "análise didática". Isso demonstra que nesse período as diferenciações entre as "análises didáticas" e as "terapêuticas" não são feitas a priori e correspondem às conveniências de

caso para caso, segundo as avaliações do "analista didata", como fica demonstrado no caso de Aquiles que no decorrer da sua "análise" passou a ser considerado um "candidato".

O caso de Aquiles merece receber essa atenção particular pois levanta a questão importante da "análise leiga". Se Alda, Ângela e Alfredo eram "visitadores psiquiátricos sociais" e foram aceitos como "candidatos"⁽¹⁷⁾ isso não se deve necessariamente ao fato de serem profissionais de Saúde Mental. O que deve ser atribuído à aceitação deliberada de "leigos" independentemente dos seus antecedentes profissionais, como deixou explícito o caso de Aquiles ao ser admitido no Grupo Psicanalítico⁽¹⁸⁾. Definitivamente, a Psicanálise estabeleceu uma distância com a Psiquiatria pois incluiu "leigos" que nem pertenciam às profissões paramédicas e, portanto, a psicanálise reforçou só em parte a Psiquiatria que nunca aceitou "leigos".

Em São Paulo, a admissão de "leigos" pode ser considerada um sinal diacrítico em relação à psiquiatria. Assim como na primeira e extinta Sociedade de Psicanálise havia a presença prestigiosa dos intelectuais e modernistas de 22, nesse Grupo Psicanalítico vai continuar havendo a presença de "leigos" que, ao contrário dos modernistas de 22, vão passar pelos rituais de iniciação com o objetivo de pertencerem ao Grupo. Além da confirmação mitológica encontrada nos argumentos do próprio Freud em seu clássico "A Questão da Análise Leiga", a admissão de "leigos" no Grupo Psicanalítico de São Paulo parece estar ligada a dois fatores inter-relacionados: de um lado, um desinteresse atribuído, pelos psicanalistas paulistanos, aos psiquiatras em vir a ser psicanalistas em contraposição ao interesse de alguns "leigos", num momento histórico em que havia a necessidade de recrutar "candidatos", para dar existência e reforçar o Grupo Psicanalítico; de outro, a posição defendida por Durval Marcondes a quem se atribui uma posição "liberal" de admitir "leigos" no Grupo Psicanalítico, desde o início de sua existência. Mais uma vez, as relações econômicas e políticas no Grupo Psicanalítico são transformadas em relações pessoais de favor que, no caso, envolvem os "candidatos leigos" e Durval Marcondes. O que, quer dizer que, baseadas nessas relações de favor - mesmo não sendo Durval

Marcondes um "analista didata" e, portanto, ocupando a mesma posição dos seus colegas - acabou assumindo uma posição de liderança que nenhum dos outros "candidatos" da dra. Koch chegaram a assumir nos anos 40 e 50.

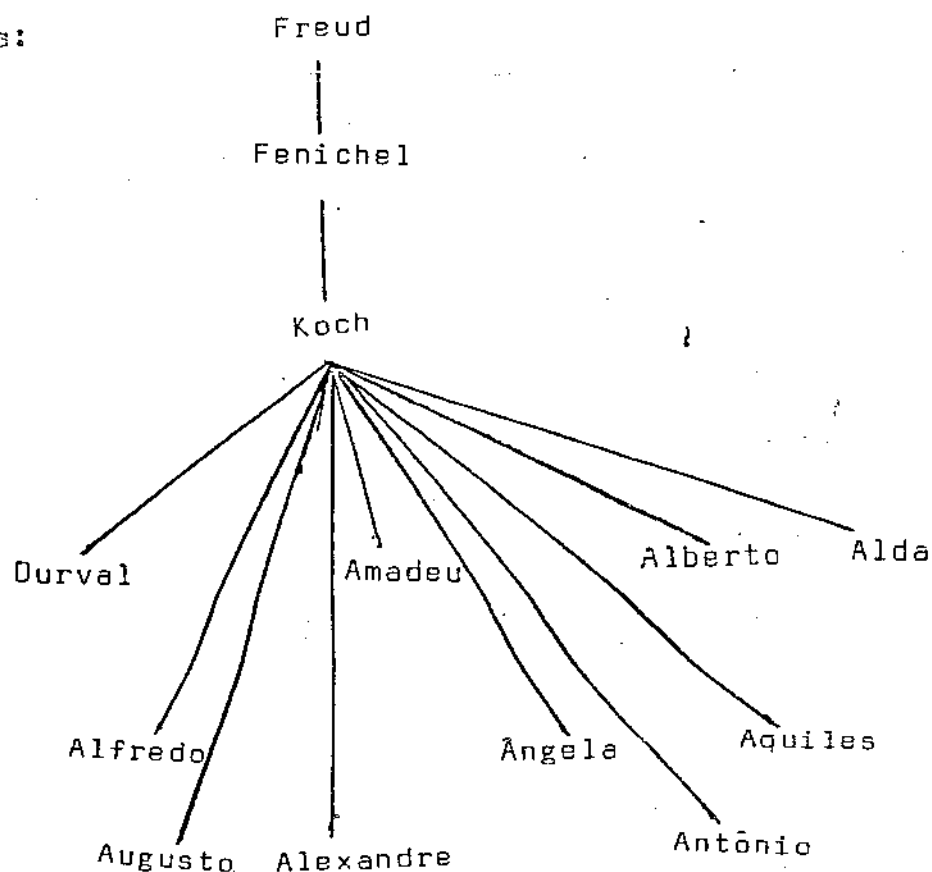
De qualquer maneira, o recrutamento e a admissão de "leigos" no Grupo Psicanalítico de São Paulo foram coerentes com seu passado histórico, desde quando a psicanálise se distanciou da medicina tanto na adesão dos modernistas de 22 quanto na proposta da psicanálise, não só como uma terapia mas também como um sistema cognitivo. A constatação destes dois aspectos enfatizados pela psicanálise criou e reproduziu um espaço, sui generis da psicanálise em relação à medicina e, mais particularmente, em relação à psiquiatria. Não existiu uma resolução dessa equação formulada pelas diferenciações entre psicanálise e medicina pois se trata de relações recorrentes ao longo do tempo, com maior ou menor ênfase. Pelo menos nesse período, essas relações não foram conflituosas e, talvez, pela primeira vez estabeleceram um padrão de coexistência sem os atritos ou acusações existentes anteriormente.

A situação social envolvendo os diversos psicanalistas e psiquiatras brasileiros e estrangeiros vem a ser elucidativa nesse aspecto das relações de conflito e de acomodações mútuas. Ao contrário do que aconteceu naquele concurso público de 1936, em que Durval Marcondes e A.C.Pacheco e Silva, cada um ao seu modo, discriminou e delimitou as fronteiras grupais em relação à psicanálise e psiquiatria, nessa situação social posterior as conseqüências foram inversas. Em lugar de enfatizar as diferenciações e provocar os distanciamentos entre psicanalistas e psiquiatras, ocorreu a ênfase em aspectos comuns e, dessa maneira, veio a ser possível as aproximações entre eles. Em outras palavras ainda, os psiquiatras envolvidos nesses episódios dos anos 40 estavam muito mais propensos a aceitar as exigências de formação psicanalítica do que A.C.Pacheco e Silva e os demais neopsiquiatras daquela época anterior. O resultado do impasse criado pelos psiquiatras brasileiros resultou no recrutamento e adesão de

Augusto e, poucos anos depois, dos seus colegas psiquiatras - para o Grupo Psicanalítico de São Paulo. Dessa maneira, a "linhagem" freudiana saiu fortalecida desses episódios e pôde continuar reforçando a coesão interna do Grupo Psicanalítico.

Ainda antes de prosseguir, vamos discutir as posições hierárquicas no Grupo Psicanalítico, que passam a sofrer transformações. Os "candidatos" recrutados nos anos 40 também passaram pelos mesmos rituais de iniciação já descritos. Mas, ao serem feitas novas modificações nos estatutos da IPA, elas foram adotadas em seguida pelo Grupo Psicanalítico. A mais importante delas foi aquela que estabeleceu um novo degrau na escala hierárquica existente. Se antes existiam somente os analistas professores ou "didatas" e os analistas membros da Sociedade, foi criada uma outra categoria que é a dos "membros associados" e que por sua vez redefiniu os "analistas" da Sociedade como os "membros efetivos". No primeiro grupo de "candidatos" da dra. Koch, todos foram considerados "membros efetivos" ao ser criado o Grupo Psicanalítico e não deve ter havido ritos de passagem para a promoção hierárquica de "candidatos" a "analistas". Mas a mesma coisa não aconteceu com os "candidatos" recrutados nos anos 40, que passaram pelos ritos pós-liminares ao serem promovidos de "candidatos" a "membros associados", num novo estágio liminar, anterior a "membros efetivos". O "membro associado" possui o reconhecimento local da Sociedade filiada à IPA, mas não possui o reconhecimento definitivo da IPA. A passagem ritual de "membro associado" a "efetivo" depende somente da Sociedade local porque de fato a IPA apenas reitera o reconhecimento da Sociedade local e não exerce nenhum controle sobre essa passagem ritual. No Grupo Psicanalítico, essa passagem ritual de "membro associado" a "efetivo" era feita pela apresentação de um trabalho clínico e pela eleição numa assembleia convocada com este objetivo. Apesar desta maior complexidade dos estatutos da IPA, o treinamento psicanalítico continuou sendo feito apenas pela dra. Koch, nos anos 40. E, portanto, a avaliação desse treinamento só poderia ser favorável desde que a própria dra. Koch e seus primeiros "candidatos", exercendo a liderança no Grupo Psicanalítico, eram eles mesmos os responsáveis por essa avaliação.

Como vamos passar a discutir os enfoques psicanalíticos locais, seria o caso de reproduzir a "linhagem" freudiana do Grupo Psicanalítico para facilitar ao leitor a sua discriminação no seguinte diagrama:



Em termos culturais, correspondeu a essa genealogia um determinado conteúdo, ou seja, um enfoque local da psicanálise que foi sendo transformado ao longo do tempo. Se inicialmente referia-se ao "pansexualismo" de Franco da Rocha, passando pelo auto-didatismo de Durval Marcondes, transformou-se numa psicanálise transmitida pela "linhagem" freudiana com a vinda da dra. Koch. Nesse último período, uma questão relevante a ser respondida, ou apenas levantada, é aquela que se refere à produção psicanalítica de acordo com as condições culturais e sociais locais. Determinados autores como Turkle - (1981:49) consideram a "reinvenção" freudiana local como uma explicação da estratégia terapêutica bem-sucedida, como por exemplo a psicanálise lacaniana na França ou a psicologia do ego nos Estados Unidos, exagerando apenas o conteúdo, ou seja, o enfoque psicanalítico local. Essa questão vem a ser melhor respondida em termos dialéticos de forma (a "linhagem" freudiana) e de conteúdo (o enfoque psicanalítico

local) num processo variável de acordo com as circunstâncias históricas e sociais. Trata-se, na verdade, da mesma discussão já desenvolvida no capítulo anterior a respeito da "importação" das idéias psicanalíticas no Brasil. Só que as circunstâncias são completamente diferentes pois no período auto-didático as idéias psicanalíticas são adotadas por conta própria enquanto no período da "análise didática" dependem também de quem as transmite na "linhagem" freudiana.

É interessante notar que a genealogia acima mais as informações obtidas dos diversos psicanalistas incluídos nela caracterizam um quadro dinâmico, nada estático e onde se pode vislumbrar as possíveis mudanças. A dra. Koch transmitiu uma psicanálise freudiana "ortodoxa" que infelizmente não pôde ser reconstituída pela falta de material empírico. A produção psicanalítica da dra. Koch não foi encontrada nos arquivos e nem na bibliotexa da Sociedade⁽¹⁹⁾. Em todo caso, é plausível sustentar que essa psicanálise freudiana "ortodoxa" era e continuou sendo o enfoque local adotado por todos os "candidatos" e "analistas" formados pela dra. Koch naquela época. Só que alguns "analistas" do Grupo Psicanalítico começaram a demonstrar o interesse por um outro enfoque, conforme fica patente na carta escrita por Aquiles e endereçada a Durval. Era a psicanálise inglesa e particularmente o enfoque kleiniano. É citada com destaque a Paula Heimann que foi uma das primeiras discípulas de Melanie Klein. Esse contato com Paula Heimann deve ter exercido uma profunda influência em Aquiles que, ainda na segunda metade dos anos 40, retornou a Londres onde iniciou a sua segunda "análise" com Melanie Klein e se tornou em seguida um dos seus discípulos fiéis, somando-se ao grupo "kleiniano", ainda bastante reduzido naquela época. Aparentemente, essa segunda "análise" de Aquiles ocorreu isolada do Grupo Psicanalítico e de fato naquela época não teve nenhuma repercussão em São Paulo. Mas já revelou a predisposição favorável de alguns dos primeiros "analistas" formados pela dra. Koch pela psicanálise "kleiniana". E se iniciou, assim, uma história entrelaçando

alguns membros do Grupo Psicanalítico de São Paulo com os da Sociedade Britânica, que exerceram modificações profundas em São Paulo nas décadas subseqüentes.

Nos anos 40, o Grupo Psicanalítico foi qualificado como um "Study Group" e nessa fase pode ser caracterizado pela liminaridade. Assim como os "candidatos" são submetidos aos ritos de iniciação, o grupo de psicanalistas que pretende ser reconhecido como uma Sociedade filial da IPA também é submetido aos respectivos ritos. A autorização da dra. Koch, dada pelos mais altos escalões da burocracia da IPA, para vir ao Brasil a fim de formar novos psicanalistas correspondeu à fase preliminar. Nessa fase, os primeiros "candidatos" começaram a ser "analisados". Quando esses "candidatos" foram reconhecidos pela dra. Koch como "analistas", constituíram com a dra. Koch um novo agrupamento, cujo reconhecimento precisou ser obtido da IPA. Esse reconhecimento foi inicialmente provisório e correspondeu a fase liminar na qual o Grupo Psicanalítico já não é mais um simples agrupamento local mas ainda não se tornou uma Sociedade "oficial".

De fato, a analogia entre a iniciação de um psicanalista e o reconhecimento de uma Sociedade reproduz uma continuidade histórica entre ambos: a "análise didática", ao transformar o paciente em "candidatos", começa a introduzir esse "candidato" no mundo psicanalítico que deve ser considerado legítimo de acordo com os critérios aceitos pelos psicanalistas; o reconhecimento provisório da IPA ao modificar o status de um "Study Group" numa Sociedade filial da IPA, introduz um grupo local na comunidade psicanalítica internacional. No caso do Grupo Psicanalítico, essa continuidade histórica pode ser considerada a partir de Durval Marcondes. Conforme havíamos apontado no capítulo anterior, Durval Marcondes foi bem-sucedido na sua clínica psicanalítica, mas não permaneceu um auto-didata e ao ter promovido a vinda de um "analista didata", além de ter sido um líder do Grupo Psicanalítico, não só reforçou como também aumentou o prestígio atribuído a ele pela sociedade mais ampla.

Igualmente o Grupo Psicanalítico, ao buscar o reconhecimento internacional, não só consolidou como aumentou a coesão interna do Grupo Psicanalítico que passou a ser encarado como o representante legítimo da psicanálise.

A partir disso, podemos afirmar que o reconhecimento da IPA tem a sua importância no contexto local devido ao fato de ser encarado como um agente do processo de legitimação da psicanálise, que já havia sido iniciado com a "análise didática" e foi reforçado pelo reconhecimento da IPA. Obviamente, este argumento está subjacente ao argumento comumente veiculado pelos próprios psicanalistas que seria o seguinte: a IPA foi criada e reconhecida por Freud como a única instituição onde seria ensinada e praticada a psicanálise de acordo com a teoria psicológica, a técnica terapêutica e o método de investigação que havia sido descoberto por ele. Esse argumento dos psicanalistas deve ser levado em consideração no contexto social onde as filiais da IPA se instalam. Nesse sentido, os rituais de iniciação tanto de "candidatos" quanto de "Study Group" deixam explícito que subjacente ao reconhecimento da IPA está em jogo um processo de legitimação, conforme estamos procurando sustentar aqui. A Sociedade de Psicanálise não se limita a suas tarefas de instituição de ensino (formar novos psicanalistas) e de agremiação profissional ou científica (definir e defender os interesses do grupo) pois ao cumprir essas tarefas passa a produzir outros efeitos sociais e simbólicos que são tão importantes para a psicanálise quanto essas tarefas devidamente racionalizadas em estatutos, regras administrativas, etc. Esses outros efeitos sociais e simbólicos podem ser traduzidos em termos de credibilidade ou prestígio atribuídos pelos pacientes, candidatos e público mais amplo aos psicanalistas que pertencem a uma Sociedade de Psicanálise. Esta questão da legitimidade da psicanálise vai ser retomada na próxima seção numa tentativa de procurar aprofundá-la na devida proporção de sua relevância aos argumentos sustentados aqui.

Antes de prosseguir, vale a pena observar que desde a chegada da dra. Koch ao Brasil, as informações sobre os pacientes deixaram de ser publicadas como vinha acontecendo nos artigos de Durval Marcondes publicados em revistas médicas nos anos 30. A partir da formação do Grupo Psicanalítico, passou a haver um segredo deliberado sobre os pacientes. De fato, esse segredo não é uma característica específica do Grupo Psicanalítico, mas está de acordo com a ética médica que garante aos pacientes o direito de sigilo e identificação pessoal. No entanto, a questão do segredo no Grupo Psicanalítico não se reduz às relações "éticas" entre paciente e médico (ou psicanalista), mas abrange também as relações entre os membros do Grupo Psicanalítico e os não-membros. Nos próximos capítulos, vamos procurar fazer uma discussão mais detalhada sobre esse caráter de sociedade secreta da qual participam apenas os membros "iniciados" e são excluídos os "não-iniciados".

Uma Sociedade de Psicanálise Legítima e Sem Concorrentes

Em 1951, o Grupo Psicanalítico de São Paulo obteve o reconhecimento definitivo da IPA, no Congresso Internacional realizado em Amsterdam, e passou a ser denominado Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Esse reconhecimento definitivo foi prorrogado durante os anos 40 devido ao fato de a dra. Koch permanecer sendo a única "analista didata", o que contrariava os estatutos da IPA.

Numa "Homenagem Póstuma a dra. Koch" realizada na Sociedade⁽²⁰⁾, Alda fez uma avaliação retrospectiva desse período anterior ao reconhecimento definitivo da IPA. Essa avaliação relativa à dra. Koch é a seguinte:

"(...) A dra. Koch foi a professora para as aulas teóricas, para as supervisões e para a análise. Penso que é muito importante considerar uma tal situação de uma única analista didata para fazer a for-

mação de analista. Segundo os estatutos da Internacional, era exigido que a formação fosse desenvolvida por mais de um didata, distribuindo assim as funções entre os vários didatas. Então, quais estatutos a dra. Koch seguia? A dra. Koch seguia os seus próprios estatutos determinada em desenvolver uma nova Sociedade em São Paulo. Depois da formação de mais de uma turma, a Sociedade Internacional de Psicanálise reconheceu, não fez indagações e objeções ao fato de os analistas estarem sendo formados fora dos estatutos da Internacional".

No *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. XXXII, 1951, referente aos anos de 1949-50, consta no pequeno relatório do Grupo Psicanalítico de São Paulo como equipe de ensino: a dra. Koch (presidente) e mais dois dos seus primeiros "candidatos". Em 1950, foram contratados dois analistas europeus na qualidade de "didatas": um deles retornou ao seu país de origem logo em seguida, mas o outro (Américo) permaneceu trabalhando aqui em São Paulo e se naturalizou brasileiro. Muito provavelmente, essa contratação de analistas europeus, o número de "candidatos" formados e a qualificação dos primeiros "candidatos" da dra. Koch nas atividades docentes, fizeram com que a direção da IPA não retardasse mais um reconhecimento reivindicado sistematicamente, desde a primeira metade dos anos 40.

Américo havia feito a sua "análise didática" com August Aichorn, quando a Sociedade Psicanalítica de Viena já havia sido dissolvida por causa da invasão nazista na Áustria. Aichorn se tornou um dos dois "analistas" remanescentes em Viena⁽²¹⁾. O outro foi Otto Fleishman, que também tinha sido "analisado" por Aichorn, e com quem Américo fez uma segunda "análise".

A "análise didática" com Aichorn foi feita em 3 anos⁽²²⁾, com 5 sessões semanais, de 50 minutos cada uma. Ao indagar sobre um padrão mínimo de duração de "análise" naquela época, Américo respondeu que "isso depende de caso para caso". Perguntei sobre a duração da "análise didática" dos seus "candidatos" em São Paulo e obtive esta resposta: "Três, quatro anos. Não tem um tempo pré-determinado. Depois de se "analisarem" comigo, André e Ailton continuaram e foram fazer "análise" na Inglaterra". Para esclarecer melhor a sua opinião, acrescentei que atualmente a "análise didática" tem um padrão mínimo de 5 anos e Américo continuou respondendo: "É uma tolice porque uma pessoa precisa de 2, 3 anos ou 1 ano. É um bitolamento. São padronizações malucas".

Os "candidatos" "analisados" por Américo foram: André, Ailton, Aderbal e Alan, que eram psiquiatras (com exceção de André que ainda era estudante de Medicina) e todos eles se tornaram membros da Sociedade; além de Vera, Maria José (que desistiram de ser psicanalistas) e Diaulas que se tornou um "psicoterapeuta livre". Esse foi o número total de "candidatos" "analisados" por Américo no Brasil. Um número relativamente pequeno porque Américo resolveu abandonar a profissão de psicanalista e se afastar da Sociedade em 1957, para se dedicar às artes. Por causa dessa atitude de mudança radical, o depoimento de Américo colhido hoje em dia acabou sendo bastante relevante porque foi possível tocar em assuntos sobre os quais os membros da Sociedade, em geral, se recusam a fazer qualquer comentário ou descer a detalhes. Isto é, trata-se de uma versão que nem mesmo poderia ser obtida de outros psicanalistas e muito menos poderia constar no livro de atas da Sociedade onde estão comunicadas as versões "oficiais", colhidas sobretudo nas Assembléias e reuniões científicas. Aliás, o livro de atas correspondente a esse período, de 1949 a 1957, desapareceu e não sobrou nenhum vestígio dele, conforme foi registrado por Barcellos(1976).

O depoimento de Américo⁽²³⁾ foi dividido em duas partes referentes a: 1) os pacientes e os "candidatos; e 2) os conceitos e as "linhas" psicanalíticas adotadas.

1) Os pacientes e os "candidatos". É importante ressaltar que a vinda de Américo estava vinculada ao interesse da Sociedade em formar novos psicanalistas. No entanto, a Sociedade só encaminhou alguns candidatos, o que permitiu a Américo atender também os pacientes particulares. Assim, chegou-se a um acordo satisfatório para ambas as partes.

Os pacientes foram sendo recrutados principalmente entre os próprios parentes dos pacientes ou dos "analistas". Américo citou um outro psicanalista brasileiro "que tinha parentes muito ricos, que viviam em Paris e eram muito cultos: esse era o círculo dele". No seu próprio círculo de pacientes, teve inicialmente uma paciente "judia austríaca culta, esclarecida" que era a mulher desquitada do proprietário de uma grande indústria paulistana. "Ela mobilizou toda a família" do seu ex-marido para fazer "análise": o ex-marido e a irmã dele foram também pacientes de Américo.

As descrições dos problemas dos pacientes particulares e os resultados do tratamento psicanalítico, segundo Américo, foram os seguintes: Caso 1. O paciente foi abandonado pela mulher e por isso "sofria de sentimento de inferioridade", sentia-se desvalorizado e sentia a "falta de contato com uma outra mulher". "Era um grande traumatismo narcísico de ter sido abandonado, de não ter sido bastante amado pela mulher". Na época que fazia a sua "análise", estava andando com "prostitutas e mulheres da noite". "Ele arranjou uma mulher que gostava dele e que estava interessada em conviver com ele. Então, o problema dele foi resolvido".

Caso 2. O paciente era um "senhor casado que arranjou uma amante. Continuou vivendo com a sua mulher mas sem ter relações sexuais com ela e, por isso, tinha sentimentos de culpa". Depois da sua "análise", "ficou com menos sentimento de culpa".

Caso 3. Uma paciente casada que, "para se sentir independente e fugir da submissão que ela imaginava que fosse o casamento, arranjou um amante. Ela continuou se relacionando com o amante e não con-

seguir nenhuma modificação. Talvez ficou um pouco mais aliviada, com menos sentimento de culpa".

Caso 4. Uma moça "meio paralítica que tinha sido submetida a eletro-choque e insulino-terapia. Ela se considerava doente. Foi um caso de pura histeria. Ela queria imobilizar a mãe dela porque era muito coquete, só se preocupava com suas roupas e sua beleza, viajava muito, tinha uma vida social intensa. Não ligava para a filha que vivia abandonada com as babás. Uma vez que a filha não podia imobilizar a mãe, agrediu a mãe dentro dela. Casou-se e, como não encontrou a mãe ideal no casamento, se separou. Na análise, vivenciou uma mãe boa que perguntava todo dia pelo bem-estar dela, que na imaginação dela dava o afeto do qual ela necessitava e ela sarou. Ela deixou de ser paralítica e começou a se identificar com a mãe, passando a ter os mesmos interesses que a mãe tinha. A raiva e a vingança contra a mãe passaram".

Segundo Américo, esses pacientes eram "pessoas com conflito, que se sentiam com problemas, com um certo mal-estar". Em relação ao fim da análise, deve ser uma decisão de ambas as partes. Existe "um único critério para estabelecer o fim da análise: a independência. Se a pessoa se tornou capaz de resolver os seus problemas sem a ajuda do analista, terminou a sua análise. Um certo amadurecimento. Quando se tornou independente das dependências infantis".

Entre os seus "candidatos", Américo considerou que "somente um deles tinha uma neurose, tinha graves problemas sexuais. Achava impossível ter relações sexuais com mulheres. Era muito católico e tinha um senso muito forte de pecado. Ele foi tratado por uma outra analista durante três anos, sem resultados. O fato de eu ser homem, mobilizou nele o ideal de homem. Ele começou a fazer uma tentativa de praticar relações sexuais com uma semi-prostituta, que andava com os homens por dinheiro. Ele queria se casar com essa mulher por causa do seu sentimento de culpa mas ela não era mais virgem. Então arranhou uma moça de boa família e fez um casamento perfeito".

Os outros "candidatos" não apresentavam neuroses e, conforme deu a entender gestualmente, não havia mais o que comentar em relação a eles.

Indaguei então, se o analista ao estar informado pela teoria psicanalítica não induz os pacientes numa direção e não em outras, Américo respondeu: "Temos que nos aproximar do cliente de uma maneira absolutamente aberta, sem bitolamentos teóricos. Dei um curso de Introdução a Psicologia Profunda onde examinei Freud, Jung, Adler e os existencialistas. Falava para os alunos que não era justo sacrificar o cliente para justificar a teoria. Pelo contrário, temos que sacrificar a teoria para o bem-estar do cliente". Esta seria a atuação ideal de um psicanalista que corresponderia a sua prática quando ainda atendia os pacientes. E como quem faz uma auto-avaliação crítica, criticando simultaneamente a atuação dos colegas, Américo afirmou: "Os psicanalistas em geral são os técnicos da alma. Eles querem resolver os problemas da alma. Fazem os pacientes funcionarem da melhor maneira possível dentro do contexto social, realístico, dentro do qual nós vivemos".

Em relação ao dinheiro, Américo declarou: "Me disseram que 300 cruzeiros era o preço normal. Era isto que eu pedia durante todo o tempo que trabalhei. Era muito dinheiro. Eu vivia com muita facilidade. Nunca me interessei em saber quanto os outros ganhavam. Só sei que a dra. Koch reclamava que ela ganhava pouco. (...) Pedia aquilo que a Sociedade me ensinou a cobrar. Isso irritava mas eu não pedia mais. Tem analista que pede de acordo com aquilo que a pessoa ganha. Eu fiquei no preço do meu trabalho. Eu não quis me aproveitar da riqueza alheia. Então, nesse caso, o fulano que ganhava não sei quantos milhões por mês, eu poderia pedir um, dois ou três contos por sessão, mas eu nunca fiz isso. Acho injusto, um pouco explorador fazer o seu honorário de acordo com o que a pessoa ganha. Você tem que fixar o seu preço porque o seu trabalho tem que ser pago honestamente. Mas no mais não concordo. Senão vira comércio, especulação".

2) Os conceitos e as "linhas" adotadas. Américo se considerava um "freudiano ortodoxo" que dava "mais ênfase na parte instintiva da pessoa do que na parte religiosa, como faz Jung, ou na parte das ambições e competições, como faz Adler. Dava mais ênfase na parte instintiva-afetiva do relacionamento entre os dois sexos, no relacionamento com os pais e com os irmãos". Ao solicitar que fizesse uma definição do complexo de Édipo, Américo respondeu: "É uma primeira tomada de atitude diante da diferença de sexos e uma definição sexual: o rapaz quer ser homem e tomar o lugar do pai; a moça quer ser mulher e tomar o lugar da mãe. É o primeiro vislumbre do futuro caminho que cada um vai tomar. Ou também uma questão de identificação do menino com o seu pai ou da menina com a sua mãe. O inverso dá na homossexualidade manifesta. (...) Os pacientes vivenciam o complexo de Édipo na análise ou que eles tinham vivência do na sua infância".

Uma questão relevante a ser levantada sobre os pacientes era saber na opinião de um psicanalista europeu se foram discriminadas as diferenças entre os pacientes europeus e brasileiros. A resposta de Américo foi: "Nenhuma. Os problemas são comuns a todo mundo. Só que lá o peso cultural é maior. A tradição cultural é maior. A maioria da gente culta conhece a música, os compositores, a literatura, e aqui conhece menos". Insisti em continuar perguntando se em cada cultura o que é normal e anormal varia e, portanto, os diferentes padrões culturais devem interferir na análise. A resposta dele foi: "Não. São os mesmos preconceitos, os mesmos bitolamentos. (...) Quando cheguei aqui, achei uma liberdade muito grande. Uma liberdade dos costumes, de tudo. As pessoas são muito narcisistas. Cada uma é um mundo à parte. Na Europa, o peso da cultura e da tradição é muito grande. Você não pode fugir disso. Aqui a liberdade chega a ser até anarquista e escandalosa. Me lembro de um episódio que me impressionou muito no início. Na avenida onde morava, apareceu numa noite três bêbados que ficavam no meio da avenida discursando, cantando e atrapalhando o trânsito. Se isso acontecesse na Europa, os policiais pegavam os três com a maior brutalidade e libertavam o trânsito.

Aqui os policiais ficaram conversando com eles, com muito jeito, com amizade. Aí levaram os três até a calçada e libertaram o trânsito. Aqui existe um respeito pela individualidade que é algo escandaloso e que não existe na Europa".

A respeito das "linhas" adotadas na Sociedade, Américo declarou: "Quando cheguei aqui, tinha muita influência kleiniana⁽²⁴⁾

entre os analistas de São Paulo, mas foi uma influência vinda da Argentina. Os analistas argentinos foram para Londres e fizeram a sua análise com os kleinianos e se formou um grande grupo argentino de kleinianos. Também no grupo dos brasileiros, dois do Rio de Janeiro fizeram a sua análise didática em Buenos Aires. Era todo um clima de kleinismo. Pessoalmente fui uma das poucas pessoas que me interessei por outras teorias psicanalíticas. Eu tinha conhecimento de Adler e Jung. Uma coisa que os meus colegas não tinham - nem em Viena e nem aqui em São Paulo. (...) Os brasileiros são muito favoráveis para todas as novidades. Em excesso. Muitas vezes com uma falta de crítica, só porque é uma novidade estão prontos para aceitar. O kleinismo foi uma moda. A última palavra. E ficam fanáticos. O Amauri foi um fanático do kleinismo; não sei como ele é hoje em dia. O Arimar e a dra. Koch também eram mais kleinianos. O Durval era freudiano ortodoxo. O André também se tornou um kleiniano".

Como possuía poucas informações sobre o trabalho psicanalítico da dra. Koch⁽²⁵⁾, perguntei a Américo quais eram as posições teóricas dela na psicanálise. Essa foi a resposta: "Ela era indefinida. Era freudiana, tendo sido analisada pelo Fenichel, mas tinha muita simpatia pela Melanie Klein. Até que ponto ela aceitava as teorias da Melanie Klein, não posso dizer".

Continuei perguntando a que poderia ser atribuído o fato de a Sociedade ter sido muito pouco produtiva, até hoje, em termos teóricos. Observei que o psicanalista brasileiro em geral vai se firmando mais pela posição hierárquica institucional do que pelas suas elaborações teóricas. Américo respondeu: "Falta de cultura. Falta

interesses teóricos. Falta de uma super-elaboração filosófica em torno do acontecimento psicanalítico. Enfim, ignorância. (...) Eles não têm conhecimentos teóricos. Eu dei um curso teórico sobre a psicologia profunda para o atual presidente da Sociedade abrangendo a teoria freudiana, a teoria junguiana, a teoria adleriana e os existencialistas. Ele não tinha a menor idéia de nenhuma delas, nem sequer da teoria freudiana".

Sobre a opção de se afastar voluntariamente da Sociedade, Américo disse: "(...) No ambiente psicanalítico me sentia um estranho. O meu analista professor sempre falava que eu seria psicanalista até ganhar um pouco de dinheiro. Depois eu ia abandonar tudo e me jogar em escrever. Isso aconteceu aqui no Brasil. Os meus colegas não tinham interesses estéticos. Eles não se interessavam pelas artes, então não tinha mais nenhum vínculo".

Após ter transcrito uma grande parte do depoimento de Américo, vamos prosseguir e novamente voltar a atenção para alguns acontecimentos envolvendo os médicos e os psicanalistas de São Paulo. Conforme já comentamos, trata-se de relações de conflitos e acomodações mútuas ao longo do tempo. Estas relações foram reconstituídas e se tornaram uma fonte importante de informações graças às reações notórias dos psicanalistas envolvidos direta ou indiretamente nesses acontecimentos. Felizmente, ao contrário do que aconteceu nos períodos anteriores, nesse período foi possível reconstituir também uma parte da versão dos médicos psiquiatras.

Em 1954, a Associação Paulista de Medicina promoveu em São Paulo o I Congresso Latino-Americano de Saúde Mental, com o apoio de diversas sociedades profissionais e instituições públicas relacionadas com a saúde pública, a medicina, a psicologia e a psicanálise. Comparceram diversos psicanalistas argentinos (Celes Ernesto Cárceño, Angel Garma, Enrique Pichon-Riviere e Arnaldo Rasovsky) e também o psicanalista cubano José Angel Bustamante.

Foram abordados temas como a terapêutica psiquiátrica, epilepsia, hospitais psiquiátricos, alcoolismo, além de incluírem os temas específicos de psicanálise (psicodinamismo do processo analítico, psicogênese das úlceras pépticas, etc.).

Dando um depoimento retrospectivo sobre os acontecimentos envolvendo os psicanalistas, Durval Marcondes se expressou através destas palavras: "Mais tarde já na década de 50, veio a dra. Koch a passar certos apertos, certas agressões do meio médico paulista. Num dos congressos que houve aqui naquela ocasião, ficou decidido denunciar às autoridades sanitárias e governamentais a presença de charlatões que estavam poluindo o meio médico sem nenhum direito de ensino e prática médica que não eram regulares e nem aceitos. E ficou a dra. Koch ameaçada de ir para a cadeia: passou dias difíceis. Porque no Rio de Janeiro as autoridades de saúde não foram tão displicentes como as daqui de São Paulo. O nosso colega Kemper foi mesmo preso" (conferência de 30/10/1980).

Além de terem envolvido a dra. Koch, Alda narrou que foi acusada de "charlatã" em pleno congresso⁽²⁶⁾ e se vendo obrigada a sair do recinto onde transcorria o congresso. Tanto Alda quanto Angela, que eram "leigas", tomaram a precaução de avisar os seus pacientes que, se houvesse qualquer problema de repressão policial, não ficariam sem a "análise", pois a Sociedade se encarregaria de providenciar imediatamente outros "analistas" para eles.

Essa prisão do professor Kemper foi a pauta de uma matéria com o título,

"Teve origem em São Paulo a campanha que importou na prisão do professor Kemper (Diário da Noite, - 27/9/1955) onde Durval Marcondes declarou:

"O que acaba de suceder no Rio de Janeiro é, sem dúvida, consequência de uma campanha sistemática contra a psicanálise que, sob a forma de perseguição aos psicólogos clínicos e

psicanalistas não formados em medicina, foi iniciada por alguns médicos em São Paulo por ocasião do Primeiro Congresso Latino-Americano de Saúde Mental. A razão dessa campanha é fácil de compreender: certos psiquiatras estão sentindo que sua clientela começa finalmente a perceber que as neuroses não se curam por meio de drogas.

Não sei com segurança donde partiu a denúncia que, segundo um dos matutinos desta Capital, teria dado lugar à brutalidade sofrida pelo professor Kemper. Mas tenho fundados motivos para suspeitar a sua origem.

Um professor de psiquiatria de São Paulo, muito conhecido como alérgico à psicanálise, enviou recentemente à Associação Paulista de Medicina uma carta, que deve se achar nos arquivos daquela instituição e ali poderá ser compulsada, declarando que o Ministério da Saúde já havia sido informado da existência, no Brasil, de psicanalistas leigos em medicina e garantindo que iriam ser tomadas providências.

Aqueles que planejaram a presente campanha contra a psicanálise podem ficar satisfeitos com os resultados que já conseguiram no sentido de dificultar o progresso cultural e técnico de nossa pátria. O ensino da psicanálise já se ressentiu dos resultados da campanha. (...) A vinda de analistas professores para o Brasil, país de escassos recursos técnicos, tem sido possível somente através da iniciativa privada, inclusive na

parte financeira, como acontece no caso do professor Kemper. Cumpre-se, desse modo, uma obrigação que, em rigor, caberia às universidades.

(...) Ficarão, pois, os candidatos a psicanalista na sua longa espera, a não ser que se decidam a uma dispendiosa e demorada viagem de estudos ao estrangeiro. Quanto aos doentes, continuarão, por tempo indefinido, a luta contra a escassez de psicanalistas. Os sofrimentos dos neuróticos não constituem problema para os promotores da campanha. Estes os curarão com fósforo e vitaminas”

A título de esclarecimento histórico, vale a pena transcrever ainda uma outra parte do depoimento de Durval Marcondes, registrado em 30/10/1980:

“(...) Isso repercutiu em São Paulo. Dois psicanalistas professores que já estavam apalavrados para virem para cá e que vieram mesmo para tomar contato conosco. Chegando aqui e assistindo a esse espetáculo, resolveram não vir mais. Um deles era Kirchof, que era de Viena, e psicanalista didata na Clínica Menninger, nos Estados Unidos. Veio aqui, soube (...) e foi embora para nunca mais voltar. E nos levou uma analista didata em perspectiva que estava morando aqui e que tinha vários pacientes e ia entrar dentro de poucas semanas para o nosso corpo de analistas didatas. Outro que vinha para cá e que também veio conversar conosco foi Racker, um dos grandes mestres da psicanálise internacional, um técnico de primeira ordem, um professor de primeira ordem, que estava trabalhando em Buenos Aires e que desejava sair de lá porque naquele tempo, na época do peronismo, havia uns certos coloridos anti-semitas. Aqui chegando, soube desses acontecimentos e cancelou os seus compromissos. Mas a dra. Koch continuou aqui em

seu trabalho. Ela foi a viga mestra do ensino da psicanálise no Brasil".

A réplica à denúncia de Durval Marcondes foi feita por A.C. Pacheco e Silva Filho, naquela época um psiquiatra organicista, que é justamente o filho do professor de Psiquiatria na Faculdade de Medicina da USP, com quem Durval Marcondes havia concorrido em 1936 no preenchimento da vaga deixada por Franco da Rocha. Em um artigo publicado pelo jornal "O Estado de São Paulo", com o título "Acerca do Exercício da Psicanálise no Brasil" (12/10/1955), A.C. Pacheco e Silva Filho fez esta réplica:

"A Psicanálise, como tratamento psiquiátrico, faz parte da medicina e portanto é campo da atividade médica. Apesar dessa evidência, houve quem absurdamente escrevesse deverem os médicos (psiquiatras) ir tratar de outras doenças, como a Schistosomose, e deixar as neuroses para os leigos!

(...) Como a Psicanálise guarda relações estreitas com a Psicologia e a Psiquiatria e também, como não são bem distintos os limites destas disciplinas, há uma tendência dos profissionais de ambos os setores a invadir seara alheia. Admite-se assim, que os psicólogos exerçam até certo ponto a Psicoterapia (analítica ou não), mas esse exercício, deve ser sempre feito sob o controle de um psiquiatra. Em outras palavras, o psicólogo clínico deverá ser um elemento da equipe chefiada pelo psiquiatra, da qual pode também participar a assistente social, o pedagogo e outros profissionais (...).

Tal ocorrendo, o psicologista (psicanalista ou não) que se nega a trabalhar em colaboração com um psiquiatra, só pode ser considerado um charlatão perigoso, pois a falta de conhecimentos psiquiátricos e seu fanatismo pela Psicanálise ortodoxa, como ocorre na maior parte desses casos, podem levá-los a não perceber nos analisandos, sinais evidentes de doença decorrente de lesão cerebral.

(...) É pois de se admirar, como os psiquiatras podem tolerar artigos semelhantes aos publicados recentemente por certos jornais de São Paulo, inclusive por mais absurdo que seja, por colegas, em defesa da emancipação do psicanalista não médico.

Um destes, atreveu-se a criticar, destrutivamente, os conhecimentos do catedrático de Clínica Psiquiátrica das duas escolas médicas da Capital, numa atitude das mais infelizes, esquecendo-se talvez freudianamente, que por esse psiquiatra havia sido derrotado não há muito, no concurso para a cátedra. Talvez, também freudianamente, não se recordou estar o atacado ausente do País no momento e, portanto, impossibilitado de defender-se sem demora; e o que é pior ainda, esqueceu-se, ingratamente, ter o referido professor prestigiado a sua pessoa, estendendo-lha a mão confiante e amiga, designando-o como organizador da parte psicanalítica do Congresso de Higiene Mental, aqui realizado há pouco mais de um ano.

Depois de tanto, ainda se admira da "alergia" desse mestre por psicanalistas de certo feitiço. (...)

Psicanalistas deste tipo estão em situação invertida. Nunca deveriam se colocar por trás dos divãs, mas sempre, perenemente, recostados nos mesmos, numa infundável análise "didática"...

Os verdadeiros psicanalistas (que felizmente existem), como profundos conhecedores da personalidade humana, antes de mais nada, sabem se guardar do fanatismo e da mesquinhez, da inveja e de atitudes decorrentes dos seus próprios "complexos", que são as que realmente contribuem para retardar o desenvolvimento da ciência que querem impor ao seu modo.

A prática clínica está cheia de casos, se beneficiando ao extremo com métodos somáticos de tratamento (às vezes, mesmo com fósforo e vitaminas). O advento de drogas, como a clorpromazina (ampticil) e a reserpina (serpazol, raudixoide), demonstra cabalmente tais fatos.

Verdadeiros psiquiatras são os que reconhecem tanto os métodos somáticos como os psicológicos e utilizam judiciosamente em sua clínica ambos os processos, em benefício exclusivo e único dos seus pacientes".

Em 1958, foi realizado em São Paulo o II Congresso Psicanalítico Latino-Americano que pode ser considerado o primeiro congresso exclusivamente psicanalítico realizado no Brasil. Estiveram inscritas 315 pessoas, sendo 149 os "analistas" e os "candidatos" de Ins-

titutos de Psicanálise de toda América Latina, 54 acompanhantes e 112 ouvintes. Entre os analistas de língua inglesa, estiveram presentes: o prof. William Gillespie (Londres), presidente da Associação Psicanalítica Internacional, a dra. Paula Heimann (Londres) e dra. Mollita Sperling (Nova York). As anotações transcritas a seguir sobre esse Congresso se destinavam a divulgação na imprensa como "press release".

"(...) O terceiro tema versou sobre Técnica Psicanalítica. Houve dois relatores: o primeiro, Enrique Racker (Buenos Aires), procurou estabelecer uma aproximação entre a técnica chamada clássica e a técnica moderna ou kleiniana. Mas não conseguiu, apesar de sua cultura, experiência clínica e grande zelo na elaboração do seu relatório, desfazer algumas diferenças de técnica, que, segundo o nosso modo de ver, são radicais. Isto ficou patente através da exposição que fez o segundo relator do tema, Prof. Décio de Souza (Rio de Janeiro) que insistiu nas diferenças de técnicas, mantendo quanto a concepção kleiniana permite tornar mais viva e ativa as sessões analíticas. Nem por isso, todavia, se consegue encurtar a duração do tratamento analítico. Aqui se estabelece um verdadeiro paradoxo. Quanto mais conhecemos as origens e desenvolvimento das emoções e aperfeiçoamos a técnica para atingi-los, mais longas se tornam as análises. Parece estar vaticinando que quanto mais e melhor trabalhamos com a vida psíquica dos nossos pacientes e com a nossa própria, mais profundamente e mais demoradamente precisamos trabalhar.

O quarto tema, Ensino da Psicanálise, revelou uma confirmação que já se havia acentuado no dia anterior, em respeito à Técnica Psicanalítica. (...) Foi um dos temas mais substanciosos e tratado com o maior carinho. Queremos ressaltar que os relatores reconhecem que os candidatos que não têm aptidão para serem psicanalistas devem desde logo serem advertidos de suas dificuldades a fim de que não desperdicem o seu tempo e dinheiro em uma preparação que não lhes será muito favorável. Considera-se um sucesso o fato de um candidato adquirir consciência durante a análise didática de que suas tendências têm outros objetivos do que ser analista. É claro que seria preferível que todo o candidato se revelasse um talento para o exercício da psicanálise como profissional. Como isso não é possível recomendam os relatores que todo o empenho deve ser aplicado na preparação dos psicanalistas, ajudando-os a vencer suas dificuldades e auxiliando-os a apurarem suas aptidões naturais".

Aparentemente, esse Congresso ocorreu sem problemas com os médicos e nem com as autoridades policiais. Não se tornou uma referência desse período para os psicanalistas como aconteceu anteriormente com o Congresso de Saúde Mental de 1954. Mas certamente teve a sua importância local, o que pode ser avaliado pela "colaboração de algumas das famílias mais distintas da sociedade paulistana e de organizações comerciais que se interessam pelas atividades científicas e culturais do nosso meio", conforme se observou no "press release" distribuído aos órgãos da imprensa escrita.

Ainda na segunda metade dos anos 50, ocorreu um fato que foi mencionado pelos membros da Sociedade por causa da sua impor-

tância. Nem sempre as viagens ao exterior para fazer "análise" tornam-se significativas para a Sociedade. Já nos anos 40, Alexandre havia viajado para os Estados Unidos e feito uma segunda "análise" lá, mas ao retornar ainda permaneceu na condição de "candidato" e só depois de algum tempo de "controle" (supervisões) foi eleito como membro da Sociedade. Mas a viagem ao exterior feita por Alda teve outros resultados mais significativos.

Alda viajou para Londres com o objetivo de se submeter a uma segunda "análise" e de se aperfeiçoar com os mais recentes conhecimentos teóricos e técnicos que, como já dizia Aquiles a Durval Marcondes numa carta de 1946, possuía a Sociedade Britânica - uma produção fértil e na qual estavam sendo gerados os avanços psicanalíticos mais interessantes. Alda se submeteu a uma segunda "análise" com Aquiles⁽²⁷⁾ e passou a frequentar os cursos, os seminários e as supervisões do Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica.

Esta estadia em Londres foi acompanhada por Durval Marcondes com quem Alda manteve uma correspondência relativamente regular. A transcrição selecionada de alguns trechos da correspondência de Alda é a que se segue:

Carta de 26/05/57 - "Encontro no trabalho grandes compensações aprendendo cada vez mais. A análise kleiniana trouxe valiosa contribuição para o tratamento de crianças e de psicóticos. Estou frequentando os seminários clínicos dirigidos pelo doutor Herbert Rosenfeld, nos quais são discutidos o tratamento analítico dos psicóticos. Iniciei o tratamento de um menino de 3 anos e surpreendeu-me ver o quanto uma criança dá associações, aceita interpretações, colabora e progride. Desde janeiro p.p. estou tratando de um paciente apresentando sintomas hipocondríacos e feitrebismo. Tenho

aprendido muito com o caso, tanto quanto a dinâmica como quanto a técnica. (...) Voltei a freqüentar a Nursey para observar crianças de 3 a 4 anos e no momento estou seguindo a observação de um pretinho de 3 anos recém-chegado da Nigéria, cujos pais para cá se transferiram em missão oficial. O menino não fala e nem entende inglês e para integrar-se no grupo fez uma regressão nítida em seu comportamento: sem a menor cerimônia interfere no brinquedo do grupo e de tudo procura apossar-se, no anseio de ser como os outros e ter o que os outros possuem. À noite freqüento os cursos do Instituto de Psicanálise. (...) Como vê meu esforço para aprender e levar alguma contribuição para o nosso meio tem sido grande. (...) Dr. Durval, o livro de Melanie Klein sobre "Invy and Gratitude" estará nas livrarias no começo de junho. Quer que lhe encomende um exemplar, quer perguntar aos colegas se desejam adquirir o livro e mandar-me dizer quantos exemplares devo encomendar".

Carta de 14/9/57 - "A razão de eu prorrogar a minha estada em Londres é óbvia- apesar de todo o progresso conseguido ainda não obtive o suficiente para assumir as responsabilidades que me aguardam. De sorte que o mesmo motivo que me faz desejar regressar o quanto antes, faz-me prudentemente dilatar o tempo de minha estada aqui(...)".

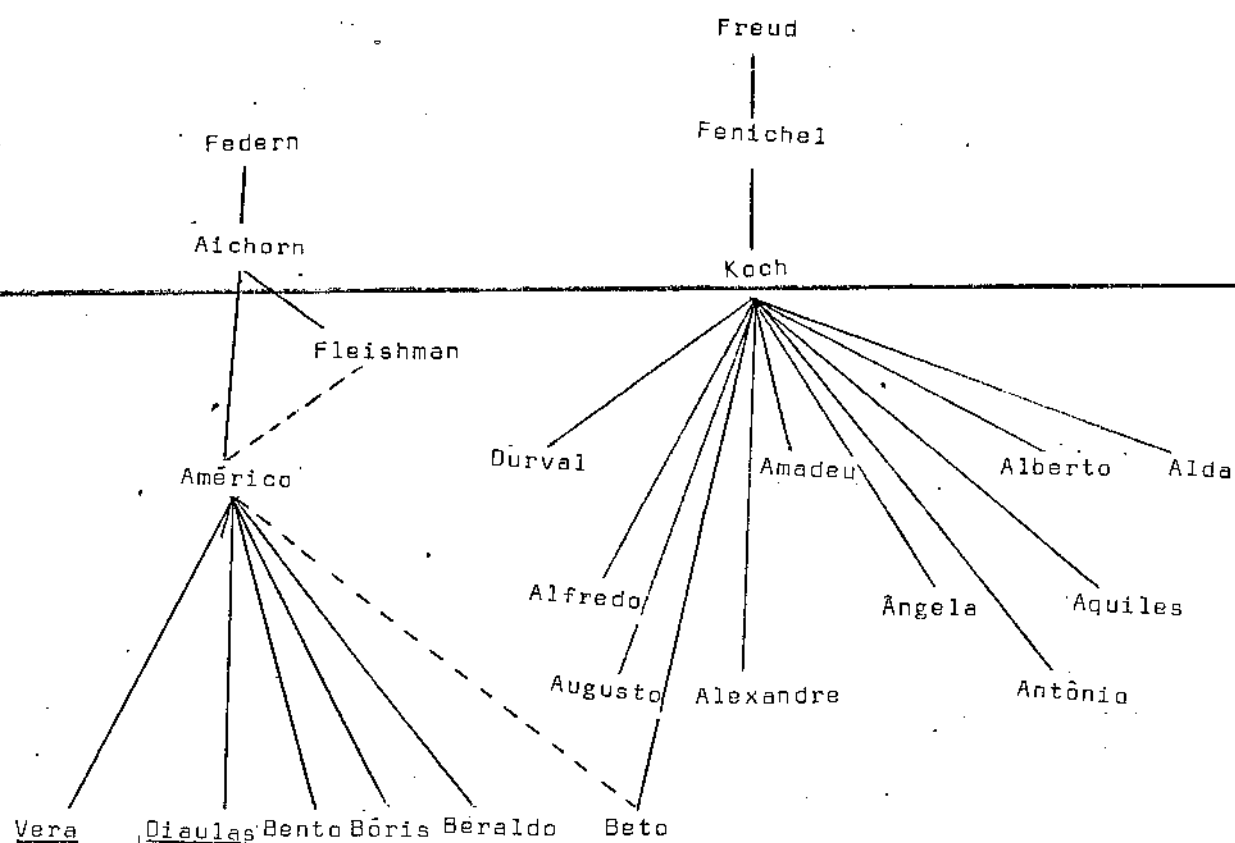
Carta de 28/12/57 - "A análise kleiniana tem-me aberto um mundo de coisas novas referentes ao inconsciente. Estou acompanhando os seminários do dr. Rosenfeld no qual são apresentados e discutidos o tratamento de casos de psicóticos. É mesmo somente quando não se teme a "loucura" é que se pode estabelecer contato com o psicótico e tratá-lo. Sigo também os seminários clínicos da dra. Segal e os do dr. Thorner. Temos feito propaganda do Brasil e parece-nos que com resultado satisfatório pois já há jovens analistas que cogitam de radicar-se no Brasil. (...) Por enquanto a vinda de brasileiro para cá é a melhor maneira de reforçar as nossas fileiras. Ouvi dizer que o Augusto está planejando vir em 59".

Carta de 23/12/58 - "(...) Estou seguindo a um seminário particular de Mrs. Klein e cada vez mais admito a personalidade dela: é simpática, profundamente honesta, inteligente e realmente interessada na psicanálise. Ela já tem outro livro no prelo! O fato é que o sucesso de Mrs. Klein tem feito mal a muitos analistas menos dotados do que ela. É notável a onda de despeito em consequência do livro Envy and Gratitude. Dr. Bowlby quer a "muque" ser o descobridor de alguma coisa e apresentou recentemente um trabalho sobre a angústia de separação entre crianças hospitalizadas, como se o assunto nunca antes tivesse sido tratado!"

Carta de 7/7/63 - "Tive ocasião de discutir o meu trabalho num grupo de 15 analistas; fiquei contente com a discussão e recepção que obtive. Estou agora discutindo-o com o Rosenfeld semanalmente de

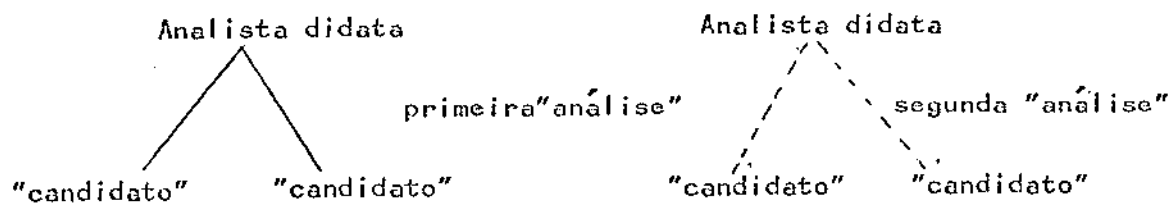
sorte que quando apresentá-lo no Congresso estarei mais segura. Nós psicanalistas temos uma profissão que "interfere" com os nossos motivos inconscientes (para não trazer uma afirmação contrária e verdadeira), fato que nos traz muitas dificuldades. É por esta razão que estou sempre empenhada em tirar da psicanálise todas as vantagens para o conhecimento do meu próprio inconsciente. O que mais desejo ao pioneiro da psicanálise na América do Sul é que também abra o seu caminho para alcançar os maiores benefícios num contato maior com o próprio inconsciente. Abro a oportunidade para insistir que Londres é uma das boas metas!"

E agora no final dessa seção, vamos reproduzir a "linhagem" freudiana nos anos 50. Um problema encontrado nesse período é que não foi possível pesquisar quais foram os "candidatos" da dra. Koch. Assim como diversos "candidatos" de Américo desistiram de ser psicanalistas ou então desistiram de pertencer à Sociedade, provavelmente também diversos "candidatos" da dra. Koch desistiram e, como também não consegui quem pudesse falar sobre eles, fiquei sem condições de obter estes dados. Uma outra observação sobre essa "linhagem" freudiana é que as "análises" feitas no exterior não foram representadas graficamente aqui. Isso deverá ser feito num outro diagrama na próxima seção. Em todo caso, o diagrama da "linhagem" freudiana é o seguinte:



Convenções:

Fulano - desistiu de ser "candidato"



Após ter apresentado os dados acima, será feita a sua respectiva interpretação que inclui o reconhecimento definitivo da IPA num processo crescente da institucionalização, o episódio envolvendo Durval Marcondes e A.C.Pacheco e Silva Filho, as relações dialéticas entre "linhagem" freudiana e o enfoque psicanalítico local, e finalmente uma discussão sobre os pacientes de Américo. Cabe prevenir o leitor que os dados obtidos no depoimento de Américo sobre os ~~pacientes foram colocados no final da seção simplesmente para dar uma~~ sequência aos argumentos anteriores que estavam muito mais relacionados entre si do que os dados sobre os pacientes.

A incorporação na comunidade psicanalítica internacional

O reconhecimento definitivo da Sociedade⁽²⁸⁾, através da sua eleição como membro filial da IPA, constituiu o rito pós-liminar, o rito de agregação, que transformou o estatuto anterior de "Study Group" numa Sociedade independente. Ao confirmar o reconhecimento definitivo, a IPA transformou Sociedade local numa instituição "oficial" que passou a definir as relações existentes entre analistas-pacientes, analistas-candidatos e analistas-analistas, através de estatutos. Foram criados - ou simplesmente formalizados porque já existiam enquanto tais - os diversos cargos e funções hierárquicas e regulamentadas as atribuições adquiridas e preservadas por esses cargos e funções. De fato, o reconhecimento definitivo da IPA foi um ato formal que em si não representou muito, mas que teve uma importância local mais ampla devido a repercussão social e simbólica atribuída à mudança de status de um "Study Group" para uma Sociedade filial da IPA.

O reconhecimento da IPA adquiriu para os psicanalistas paulistas uma importância relativa aos valores e comportamentos da comunidade psicanalítica internacional, pois se tratava de continuar buscando a pertinência a essa comunidade psicanalítica. Mas a importância desse reconhecimento não se esgotou nesse nível internacional ou ~~com~~ ^{mente} adquiriu o seu pleno significado a nível local. Quer dizer, os ritos de iniciação de uma Sociedade na comunidade psicanalítica internacional possuem uma eficácia que está relacionada com o processo

de legitimação da psicanálise no meio científico e cultural local. O grupo de psicanalistas paulistanos - que foi e continuou crescendo desde a chegada da dra. Koch e o fim do período auto-didático - não só possuía uma longevidade sui generis aqui no Brasil, como também continuou sobrevivendo sem maiores incidentes comprometedores⁽²⁹⁾.

Muito pelo contrário, a cada década conseguiu solidificar mais uma representação social a respeito da Sociedade que, progressivamente, deixou de estar ligada a relações pessoais e se tornou reconhecível num âmbito mais burocrático, através de uma instituição e suas regras. Essa transformação relacionada com uma maior complexificação institucional pode ser verificada nos diferentes níveis de interações sociais, como no caso de "analistas-candidatos", "analistas-analistas" e "analistas-pacientes". Ao chegar a essa constatação, é preciso enfatizar que a crescente institucionalização dependeu - e até certo ponto continuou dependente - obviamente, em intensidade muito menor - das relações pessoais para a implantação e sobrevivência das práticas e das idéias psicanalíticas e, portanto, não devem ser interpretados como dois níveis envolvidos em oposições, mas complementares ou co-existent, nesse processo de crescente institucionalização. Devemos a seguir demonstrar como ocorreu essa crescente institucionalização nos diferentes níveis de interações sociais.

O recrutamento e a admissão de "candidatos", que desde a chegada da dra. Koch foram baseadas nas relações pessoais, passam a ser cada vez mais regulamentados por regras administrativas, na medida em que cresceu a demanda dos "candidatos" e não aumentou a oferta dos "analistas didatas". Nos anos 50, começaram a ser formadas filas de espera de candidatos a "candidatos" conforme revelam os depoimentos.⁽³⁰⁾ O que pode ser comprovado pela facilidade encontrada pela Sociedade em encaminhar a América os "candidatos", pois essa facilidade não foi encontrada por Durval Marcondes em recrutar os "candidatos" para a dra. Koch desde a sua chegada até o transcorrer da década de 40. Se antes não houve nenhuma necessidade de regulamentar o recrutamento e a admissão, nos anos 50 essa necessidade surgiu e se impôs como um cri-

tério a ser seguido por todos os candidatos a "candidatos", mesmo quando fosse intermediado por relações pessoais.

As relações hierárquicas entre os psicanalistas do Grupo Psicanalítico não sofreram modificações pois, mesmo antes do reconhecimento definitivo da IPA, tais critérios hierárquicos ("candidatos", "membros associados", "membros efetivos" e "analistas didatas") já vinham sendo aplicados como válidos e inquestionáveis. Apenas houve a confirmação, efetivada pelos estatutos da IPA, de uma prática plenamente aceita e acatada pelos psicanalistas.

As interações analistas-pacientes não sofreram alterações mais profundas do que aquelas sofridas desde o fim do auto-didatismo. Mas certamente foram reforçadas pelo crescente prestígio e credibilidade atribuídas à Sociedade pelo meio científico e cultural local que deixaram de ser identificadas como um pequeno grupo de psicanalistas e foram gradativamente reconhecidas em termos institucionais.

Ao ser incorporado o Grupo Psicanalítico pela comunidade psicanalítica internacional, comprovou uma relevância local que se tornou identificada pela simples menção do nome da Sociedade como a única instituição psicanalítica existente, portanto sem concorrentes à altura. Assim foi sendo formada certa hegemonia em torno da psicanálise, que tornou legítimo apenas os psicanalistas da Sociedade. Os pacientes, candidatos e público mais amplo passam a encarar esses "analistas" como os agentes eficazes da psicanálise, que podem ser configurados ou não. Se a eficácia acaba sendo atribuída, no final das contas, aos "analistas", então a psicanálise como um sistema representado pela Sociedade de Psicanálise sai fortalecida. Se a psicanálise não foi eficaz, as falhas são atribuídas aos agentes envolvidos; mas se foi eficaz, confirma o sistema e a Sociedade leva a fama (31).

Esse processo de legitimação pode ser descrito parcialmente, nesse período, através de uma breve reconstituição histórica, que seria o confronto das versões dos psicanalistas e psiquiatras brasileiros envolvidos no episódio do Congresso de Saúde Mental ocorrido em 1954. Fo-

ram feitas as acusações de "charlatanismo" aos psicanalistas "leigos" pelos médicos psiquiatras em São Paulo. No ano seguinte, o professor Kemper foi preso no Rio de Janeiro por ser um "leigo" exercendo ilegalmente a profissão médica. Durval Marcondes se pronunciou em defesa do professor Kemper e ainda acusou o professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de ser o responsável pela "presente campanha contra a psicanálise". Imediatamente A.C. Pacheco e Silva Filho saiu em defesa do seu pai alegando a ausência deste no país.

Em primeiro lugar, cabe destacar que, nesse episódio, ao contrário do concurso público em 1936, Durval Marcondes não enfrentou os adversários por uma causa pessoal mas pela causa de diversos "analistas" e "candidatos" "leigos", que não possuíam o mesmo prestígio atribuído a Durval Marcondes. Tratava-se portanto de um porta-voz que, na verdade, não defendeu só a Sociedade mas sobretudo a psicanálise como um sistema terapêutico.

O idioma das acusações passou a ser enfatizado ainda mais em termos terapêuticos. Ao invés de recorrer às diferenças de técnica terapêutica, Durval transformou essas diferenças em desigualdades: a técnica psicanalítica "cura" as neuroses enquanto a técnica psiquiátrica não "cura". É mais ainda, os pacientes são os que mais saem perdendo com essa "campanha contra a psicanálise" pois, na opinião do psicanalista, eles "finalmente começaram a perceber que as neuroses não se curam com drogas" e estavam ameaçados de continuar "por tempo indeterminado, a luta contra a escassez de psicanalistas".

Essa defesa contra as acusações de "charlatanismo" ultrapassou a defesa da Sociedade per se e ampliou os limites dessa defesa para o âmbito da eficácia terapêutica. Tratava-se de continuar reafirmando um certo crédito em torno dessa eficácia, cuja comprovação somente pode ser obtida ou não por quem se submete à "análise". Dessa maneira, passou a ser encarada como um dado relevante essa eficácia terapêutica que o psicanalista apresenta como uma garantia da sua manipulação de técnicas terapêuticas.

Senão, devemos verificar como essa questão da eficácia terapêutica constitui - muito mais do que as filigranas das discussões ou ataques pessoais mútuos entre Durval Marcondes e A. C. Pacheco e Silva Filho - o verdadeiro nóculo da disputa intermediada, cada um do seu lado, pela psiquiatria e pela psicanálise. Para além das ironias pessoais destiladas na réplica por Pacheco e Silva Filho em respostas a outras tantas desferidas por Durval Marcondes, interessa constatar em primeiro lugar que a psicanálise passou a gozar de um maior crédito no conceito dos psiquiatras, o que pode ser deduzido das afirmações de Pacheco e Silva Filho no seu artigo. A contrário do seu pai que não considerou a psicanálise como uma prática médica, Pacheco e Silva Filho tomou como uma questão de princípio "evidente" que a psicanálise "como tratamento psiquiátrico" é uma exclusividade médica. Portanto, o tratamento de neuroses tanto pode ser feito por medicamentos como pela psicanálise, conforme "reconhecem os verdadeiros psiquiatras" e - sempre os médicos falando em nome dos pacientes sem que dêem a vez de eles próprios se expressarem - "em benefício exclusivo e único dos seus pacientes". Com isso, Pacheco e Silva Filho dá em parte a razão a Durval Marcondes quanto a eficácia terapêutica da psicanálise; o que o pai dele se recusou terminantemente a aceitar. Qual seria então o principal problema dessa disputa, se ambos concordam com o aspecto mais relevante da eficácia terapêutica da psicanálise?

Atacou-se os psicanalistas, que não seriam os "verdadeiros", e salvaguardou-se a psicanálise como um sistema. Como se vê, a psicanálise se tornou tão assimilada que Pacheco e Silva Filho, para conquistar um crédito a seu favor, usou os próprios argumentos e vocabulário psicanalíticos para rebater contra a "alergia" atribuída a seu pai. Acontece que Pacheco e Silva Filho está atacando somente os psicanalistas que "estão em posição invertida". O raciocínio subjacente aos argumentos de Pacheco e Silva Filho é facilmente evidenciável: o que se deve denigrir é o psicanalista que nem resolveu os seus próprios "complexos", porque a Psicanálise, representada pela

Sociedade de Psicanálise, está estrategicamente isenta desses problemas pessoais e, portanto, não deve ser envolvida nessa disputa, nem mesmo com a sua possível parcela de responsabilidade pela "análise didática" mal feita... A disputa permaneceu totalmente a nível pessoal e nunca penetrou num nível institucional comprometedor para ambas as partes pelo fato de a Sociedade já possuir uma legitimidade tanto no meio científico e cultural quanto na sociedade local mais ampla. Se Pacheco e Silva Filho tivesse optado por envolver a Sociedade onde estavam filiados muitos médicos psiquiatras, ele próprio cairia em descrédito e, nesse sentido, o silêncio sobre a Sociedade se tornou expressivo dessa legitimidade atribuída à Sociedade.

Em relação à discussão já iniciada na seção anterior sobre as relações dialéticas entre forma ("linhagem" freudiana) e o conteúdo (enfoque psicanalítico local), os dados apresentados nesta seção passam a ser elucidativos. Na medida em que começou a ocorrer uma segmentação da "linhagem" freudiana formada a partir da dra. Koch, o enfoque psicanalítico também começou a se transformar em várias direções. Nos anos 40, Aquiles viajou para Londres e se tornou um dos seguidores fiéis de Melanie Klein. Nos anos 50, a vinda de Américo ao Brasil demonstrou que, segundo o seu depoimento, o seu próprio enfoque "freudiano ortodoxo" (abrangendo pelo menos, teoricamente, Jung e Adler) era um diferenciado do "freudiano ortodoxo" existente aqui em São Paulo. Ainda nos anos 50, Alda também viajou para Londres e se submeteu a uma "análise kleiniana" com Aquiles. Considerando somente estes 3 casos, é possível constatar que o enfoque psicanalítico local possuía diferentes direções a serem desenvolvidas ou não: o enfoque "freudiano ortodoxo" da dra. Koch, um outro "freudiano ortodoxo" transmitido por Américo e o enfoque "kleiniano". No entanto, a "linhagem" freudiana da Sociedade não parece ter sofrido transformações significativas durante os anos 50, em relação a estes diferentes enfoques.

Como podemos verificar no II Congresso Psicanalítico Latino-Americano (a discussão sobre Técnica Psicanalítica consistiu em contrastar as vantagens da técnica "kleiniana" sobre a "clássica" ou a "freu-

diana ortodoxa"), nas inúmeras cartas de Alda - escritas a Durval Marcondes (só é feita a referência ao enfoque "kleiniano") e o próprio depoimento de Américo (que apontou o "kleinismo" como uma influência notável sofrida pelos psicanalistas brasileiros naquele período), o enfoque "kleiniano" foi sem dúvida o centro das atenções psicanalíticas naquela época.

O reconhecimento da "linha kleiniana" na Psicanálise paulistana começou a ocorrer com ênfase maior pelos "analistas" brasileiros como Arimar e Aquiles que foram a Londres, onde se submeteram à "análise kleiniana", tiveram supervisões e puderam estudar a teoria "kleiniana". Através de suas cartas a Durval Marcondes, Alda deixa claro que a sua adesão à "linha kleiniana" é caracteristicamente carismática, assim como já havíamos analisado, no capítulo anterior, a adesão de Durval Marcondes em relação ao carisma de Freud. Melanie Klein é considerada após a morte de Freud como um líder carismático que possui atributos extraordinários, acima dos habituais, ou originais. Conseqüentemente, os outros pretendentes a líder - como aconteceu com Bowlby, na opinião de Alda - são descartados e considerados "pretenciosos". Assim, Alda atribui a Klein uma excepcionalidade ou originalidade psicanalítica e compartilha essa atribuição ao líder com os demais adeptos. Dessa maneira, pode ser sustentado que, sem os adeptos ao redor de uma liderança reconhecida e compartilhada, não há fenômeno carismático.

De certa forma, o reconhecimento da "linha kleiniana" na Psicanálise paulistana é muito mais atribuível ao nosso olhar retrospectivo do que a uma realidade vivida naquela época pela maioria dos psicanalistas paulistanos. Apesar de todas as evidências já arroladas, a Sociedade permaneceu ainda "freudiana ortodoxa" nessa época.

Observou-se que nos anos 50 houve uma certa contradição entre o enfoque psicanalítico local e a "linhagem" freudiana devido ao fato de ocorrer as primeiras adesões "kleinianas" e um interesse generalizado pela "linha kleiniana" na Sociedade. Entretanto, a transmissão de um enfoque psicanalítico ocorre efetivamente através da re-

produção da "linhagem" estabelecida, a partir das "análises" (para não ser apenas "teórico" mas sobretudo um aprendizado "técnico e vivencial") e como não houve um "analista kleiniano" em São Paulo nesse período, então permaneceu sendo ainda predominantemente "freudiano ortodoxo".

Nos anos 50, ocorreram justamente as transformações iniciais do enfoque psicanalítico local (desde o "freudiano ortodoxo" para o "kleidiano") sem uma correspondência correlata na "linhagem" e, portanto, constituíram um dos terrenos propícios a ser explorados posteriormente pela "linha kleiniana". Justamente por que os dois outros enfoques foram abandonados e restou somente o enfoque "kleiniano" no período posterior? Este, vai ser o motivo de uma discussão na próxima seção.

Agora vamos passar finalmente a comentar os dados obtidos no depoimento de Américo. Como não conseguimos obter informações sobre os pacientes após a chegada da dra. Koch a São Paulo, as comparações dos pacientes de Américo deverão ser feitas com os dados publicados por Durval nos anos 30. Uma primeira comparação é que, nos anos 50, a psicanálise já ocupou uma posição à parte da medicina e ganhou uma vida própria. Já não se tratava mais de uma dependência das excrecências da medicina para a psicanálise existir e sobreviver através do recrutamento, tratamento e explicações da "doença". Segundo os dados referentes aos pacientes de Américo, a psicanálise deixou de ser enfatizada predominantemente em termos médicos de "cura" e de "doença", para ser enfatizada cada vez mais em termos de "pessoas com conflito, que se sentiam com problemas, com um certo mal-estar". Se inicialmente a ênfase foi eliminar os sintomas definidos medicamente, no caso dos pacientes de Américo essa ênfase médica não deixou de ser feita em dois casos (o da moça "histórica" e o do "candidato" impossibilitado de praticar relações sexuais), mas passou a ser feita sobretudo em termos de um objetivo de "bem-estar", "independência" etc.

Os pacientes passaram a se submeter à "análise" mesmo sem se definirem e nem serem definidos como "doentes". As dificuldades na resolução de problemas pessoais de relacionamento, principalmente con-

jugal ou familiar, passaram a ser um dos motivos mais encontrados entre os pacientes. Esses problemas que afligem os pacientes são "interpretados" em termos de conflitos "inconscientes" e relacionados com o modo de funcionar da psique, cuja origem, na concepção "freudiana ortodoxa", se encontra no complexo de Édipo (que foi definido por Américo em poucas palavras na seção anterior). A psicanálise transforma todos os problemas dos pacientes em problemas psíquicos "inconscientes" que, na verdade, são inerentes a todo o ser humano. Por essa razão não é de se estranhar que Américo não tenha observado qualquer diferença entre os problemas apresentados pelos seus pacientes europeus e brasileiros, mesmo levando em consideração os diferentes "padrões culturais" constatados, pois a psicanálise pretende ser universal e aplicável a toda a humanidade. Com esse tipo de paciente descrito por Américo, o objetivo e o alcance da psicanálise deixaram de ser caracterizados em termos exclusivos de "doença" e "cura" e se estenderam para outras categorias bem mais amplas como "bem-estar", "independência" etc. Assim, a psicanálise já se propõe como uma visão ou compreensão do sujeito-indivíduo, do outro e da realidade social.

O argumento levantado aqui de que a psicanálise não é somente um sistema terapêutico pode ser reforçado ainda mais ao se considerar o procedimento dos próprios "analistas" quando se submetem à "análise". Nessa época, alguns poucos "analistas" passam a se submeter à "reanálise" - o que era raro então vai ser, no período posterior, um procedimento bastante habitual, conforme ainda constataremos - e as justificações para se "reanalಿಸarem" não são de caráter terapêutico. A primeira "análise" passa a ser considerada "insuficiente" após o seu término e, por causa disso, ocorre a procura de uma segunda "análise", como aconteceu com Alan, Alda e Américo nos anos 40 ou 50. No caso de Alda que, depois de ter sido "analisada" pela dra. Koch, foi fazer uma "reanálise" com Aquiles, a justificação elaborada hoje para sua busca de "reanálise" é a seguinte: "estou sempre empenhada em tirar da psicanálise todas as vantagens para o conhecimento do meu próprio inconsciente". Arimar quis enfatizar que com a "reanálise" há sempre "outras coi

sas novas referentes ao inconsciente." a serem conhecidas pelo "analista", num processo praticamente inesgotável e interminável.

Sendo "eficaz", cada "análise" ou "reanálise" bem-sucedida reforça a crença do psicanalista no sistema. Essa é uma condição indispensável ao "analista" que vai procurar reproduzir com seus pacientes um padrão semelhante ao da relação bem-sucedida com seu "analista." Ao invés de interferir com os seus próprios problemas pessoais na relação com os seus pacientes, os "analistas" transformam os seus problemas pessoais, previamente "analisados", num instrumento de trabalho da relação estabelecida com os pacientes, na qual os problemas dos pacientes são colocados como o único centro das atenções dos "analistas".

A "reanálise" é um assunto também relativo à aquisição de "coisas novas referentes ao inconsciente", conforme disse Alda. Ela não se referia somente ao "seu inconsciente", mas também ao "inconsciente" que o público "leigo" tem acesso na vida cotidiana. Para Alda, os pacientes eram muito "ingênuos" nos anos 30 e 40 porque nunca tinham tomado contato com as idéias ou teses psicanalíticas (o complexo de Édipo, a sexualidade infantil, a repressão, etc.). Com o passar do tempo, os pacientes começaram a conhecer a psicanálise através de filmes, livros, revistas etc. sobretudo a partir dos anos 50. A partir daí, Alda relatou que os pacientes já conversavam com os "analistas" demonstrando seu conhecimento prévio das idéias ou teses psicanalíticas. Isso demonstrou que a psicanálise considerada "freudiana clássica" se tornou saturada na medida em que os pacientes e o público "leigo" tomam conhecimento das idéias ou teses que antes eram um conhecimento exclusivo dos psicanalistas. Portanto, os psicanalistas precisam renovar seus antigos conhecimentos do "inconsciente", por outros novos.

Uma das interpretações possíveis sobre a necessidade de se substituir continuamente os conhecimentos do "inconsciente" num processo interminável é que a psicanálise - assim como acontece com a medicina - é um sistema cujo paciente não é alheio ao objeto desse sistema. Ou seja,

a atuação da psicanálise não é exclusivamente sobre a doença como também sobre o doente, como diz Boltanski (1979:13). O alcance de uma "análise" se inicia antes de um paciente entrar pela primeira vez num consultório de um psicanalista: ela se inicia com a aquisição de conhecimento sobre a psicanálise e os psicanalistas, sem os quais a "análise" não pode ser realizada desde que a relação paciente-"analista" tem como princípio que o paciente aceite previamente um tipo de relacionamento particular, com regras próprias e baseado num contrato de caráter voluntário. Mais ainda do que as características do "setting" psicanalítico, o conhecimento do paciente sobre o inconsciente é muito importante porque se o "analista" não tem "novos" conhecimentos psicanalíticos a oferecer, os pacientes não terão um motivo a mais para se engajarem numa "análise" (sobretudo no caso de estes pacientes serem também "candidatos" a "analistas"), ficando restritos aos seus "sintomas", "mal-estar" etc. e tornando menos sedutoras as expectativas de "bem-estar", remissão de "sintomas" etc.

Conclusão parcial

Foi desenvolvido, neste capítulo, o processo crescente de institucionalização que culminou com o reconhecimento definitivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo pela IPA, em 1951. Essa institucionalização vai continuar ocorrendo nos anos 60 com a criação de um novo órgão da Sociedade, o Instituto de Psicanálise, que vai ser encarregado de formação de novos "analistas", estruturando dessa maneira todas as funções institucionais atribuídas a uma filial da IPA. Finalmente, o ideal de constituir no Brasil uma instituição psicanalítica, acalentada por Durval Marcondes desde os anos 30, acabou sendo realizado da maneira mais acabada possível nos anos 60.

No campo psicanalítico amplo, a Psicanálise é identificada ainda com um grupo reduzido de agentes que continuam a fazer divulgação intensa (dar palestras e cursos aos "leigos", publicar artigos ou dar

entrevistas para os meios de comunicação de massa etc.), dando uma continuidade aos procedimentos iniciados por Durval Marcondes e Franco da Rocha. Nos anos 40 e até meados de 50, os psicanalistas e a Psicanálise não gozam ainda de um prestígio no meio intelectual paulistano muito mais expressivo do que já haviam conseguido na época do modernismo de 1922. Roger Bastide, um cientista social francês muito prestigiado, desenvolveu diversos cursos sobre Psicanálise na Universidade de São Paulo, mas ele foi uma exceção. Tanto nas Ciências Sociais, na Crítica Literária, na Filosofia, quanto nas Profissões de Saúde (Medicina, Enfermagem etc.), a Psicanálise não é ainda considerado um instrumento elucidador ou adjunto de problemáticas destas áreas científicas.

Ao contrário do período auto-didático, em que os limites entre o campo restrito e o campo amplo não eram muito delimitados, neste período de iniciação houve uma delimitação do campo restrito com a criação da Sociedade de Psicanálise que começou a adquirir uma autonomia relativa em relação à medicina. Anteriormente o campo psicanalítico restrito era sempre associado ou comparado com a medicina e a psiquiatria, nesse período de iniciação isso deixou de ocorrer de maneira recorrente mostrando que o campo restrito estava conquistando o seu terreno próprio, sobretudo ao se libertar da noção de "doença" e "cura" (características remanescentes da Medicina), para estender seus limites em termos de conflitos psíquicos e assim se tornar um sistema que apresenta um alcance extensivo a toda a sociedade, ou seja, qualquer pessoa em princípio passa a ser "analisável". O que corresponde a certa proposta de a Psicanálise poder ser considerada um sistema universalista, embora apresente especificidades no contexto de suas diferentes adaptações locais.

É preciso assinalar que a Sociedade não se constitui somente como uma associação científica, mas também uma associação profissional que procura defender o direito e os interesses dos seus membros. Retrospectivamente, podemos constatar que a Sociedade de fato se tornou muito mais uma associação profissional do que científica. Ela não chegou a desenvolver uma produção científica própria ou autóctone que ti-

vesse obtido reconhecimento a nível internacional ou até mesmo a nível de América Latina. Diversos "analistas" formados, ou não, pela dra. Koch, justificam que a sua escassa produção científica se deveu ao seu empenho e dedicação à formação de novos psicanalistas, que foi a tarefa mais urgente neste período. Alguns outros até chegam a insinuar que ela era "limitada" em sua capacidade de produção intelectual escrita.

O próprio Durval Marcondes justificou (em comunicação pessoal) que viu escapar das suas mãos a oportunidade de vir a ser o primeiro psicanalista a defender uma tese "psicossomática", que seria a de comprovar a relação entre a asma brônquica e os fatores psicogênicos. Como havia tratado somente de um caso, ficou à espera de surgirem outros casos para reunir uma casuística mais convincente para o meio científico. Enquanto ficou à espera, Franz Alexander publicou diversos trabalhos sobre casos clínicos que se tornaram conhecidos como "medicina psicossomática", nos Estados Unidos. Durval Marcondes atribuiu seu fracasso científico à falta de condições de pesquisa sistemática em São Paulo, pois, se tivesse tido acesso a uma instituição de atendimento público, os casos teriam sido acessíveis em grande número e sido tratados por ele. Por exclusão, a Sociedade não se tornou a instituição que poderia vir a ocupar este lugar de centro de pesquisa científica, através de atendimento público amplo (com prestação de serviços gratuitos ou com preços acessíveis).

No campo psicanalítico restrito, deve ser ressaltado que nos processos de sua constituição observam-se atos rituais. Os ritos de passagem não só fazem sentido em termos de formação psicanalítica como também a própria criação e constituição de uma instituição psicanalítica implicou um conjunto de ritos de passagem. Uma vez submetida aos estatutos e procedimentos da IPA, a filial paulistana ganha uma autonomia local em que a formação psicanalítica reproduz o padrão da IPA, através de cada "candidato" que será transformado em "analista" reconhecido pela Sociedade local.

Nesse período de formação da Sociedade como filial da IPA e também no período subsequente, há um certo controle sobre a formação

de novos psicanalistas, para evitar que seja criado um núcleo de dissidentes dentro da própria Sociedade. Este controle vai ocorrer não somente na admissão e na qualificação de novos "analistas" como também sobre os "didatas" que, sendo considerados capazes de formar novos "analistas", constituem uma ameaça constante de vir a formar uma instituição dissidente. Este controle da Sociedade vai caracterizar a constituição de uma instituição exclusivista em que não há interesse de atender totalmente a demanda de candidatos muito maior do que a oferta de "didatas" disponíveis na formação de novos "analistas". O que vai ficar mais claro no período subsequente, conforme vai ser demonstrado no próximo capítulo.

*

NOTAS

(1) O termo instituição psicanalítica será empregado e entendido aqui como um grupo cujas relações sociais, econômicas e políticas são intermediadas ou não por leis, mas possuem em comum um objetivo de ensino, de produção científica e/ou de controle profissional definido pelo próprio grupo em relação à psicanálise. Na concepção de Lapassade, uma "organização" designa tanto uma prática exercida (ou "ato organizador") quanto "realidades sociais; uma fábrica, um banco, um sindicato" (Lapassade, 1977:101). De acordo com uma concepção congruente com a de Lapassade, Guilhaon Albuquerque definiu uma instituição psicanalítica como "o conjunto de práticas que têm lugar nas sociedades de psicanálise bem como o conjunto de práticas de seus membros enquanto tais" (Albuquerque, 1978:99). Essa definição de Guilhaon Albuquerque pode ser considerada bastante pertinente, porque levou em consideração os diferentes aspectos instituídos numa sociedade de psicanálise que, no seu modelo mais acabado, vem a ser tanto um centro de ensino sistemático quanto uma sociedade científica e um órgão de defesa dos interesses profissionais. Mais ainda, Guilhaon Albuquerque considerou que a própria prática do psicanalista é definida por esses fatores instituídos numa sociedade de psicanálise.

(2) Comunicação pessoal

(3) A referência é citada também por Galvão (1967:56), mas não foi possível localizar nenhuma cópia deste trabalho. Na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, cada membro possui uma pasta contendo os trabalhos apresentados na Sociedade ou publicados nas revistas especializadas. Ao consultar a pasta da dra. Koch, foi encontrada apenas a cópia de um trabalho publicado mais recentemente na Revista Brasileira de Psicanálise, em parceria com Helladio Capisano.

(4) Otto Fenichel (1898-1946) tornou-se conhecido no meio psicanalítico por ter elaborado o primeiro (e o mais completo, na época) manual de Psicanálise, The Outline of Clinical Psychoanalysis em 1934, o qual foi reescrito e ampliado em 1936 sob o título definitivo: The Psychoanalytical Theory of Neurosis. Ao contrário dos inumeráveis manuais surgidos posteriormente, este de Fenichel é bastante rigoroso (e, muitas vezes, tradicional demais) nas concepções teóricas e técnicas freudianas, sem ceder às tentações das simplificações e simplismos. Em termos de sua obra, deve ser ressaltado também uma breve monografia técnica psicanalítica, Problems of psychoanalytical technique, publicado em 1939, que ainda hoje mantém certa atualidade.

A respeito da carreira didática de Fenichel, Ralph Greenson, um discípulo norte-americano, relatou: "Fenichel era tão respeitado como professor que, em 1933, aos trinta e cinco anos, foi convidado para ir para a Noruega para chefiar a escola de análise didática. Fez o mesmo em Praga em 1935 e carregou o fardo do programa de análise didática em Los Angeles, de 1938 até a sua morte aos quarenta e oito anos de idade" (Alexander et alii, 1981:495).

(5) Existe uma categoria especial, o "Study Group", que é composto por alguns psicanalistas já filiados à IPA e seus "candidatos", ou em formação, quando recebem um primeiro reconhecimento provisório da IPA. Esse "Study Group" deve estar sob a "responsabilidade" de uma outra Sociedade já filiada à IPA.

(6) Conforme já justificamos na Introdução (seção "O questionário; a questão ética"), continuaremos a usar pseudônimos e idades aproximadas dos psicanalistas e candidatos a psicanalistas, com exceção de Durval Marcondes e dra. Adelheid Koch. Obviamente, as citações bibliográficas de psicanalistas estão isentas de tal critério.

(7) Comunicação pessoal.

(8) Ao ser indagado, Amadeu se recusou a dar qualquer resposta, afirmando que este não era um aspecto histórico relevante.

(9) O "visitador psiquiátrico social" foi uma especialização profissional criada provisoriamente para preencher as diversas funções que, mais tarde, passaram a ser exercidas pelos psicólogos e assistentes sociais.

(10) Comunicação pessoal. Posteriormente pude confirmar que não se tratava apenas de um equívoco de quem não havia participado desses acontecimentos, mas resultava da manipulação de informações feita retrospectivamente. Isso foi constatado no currículo dos "educadores sanitários", elaborado em 1953, onde a formação psicanalítica propiciada somente pela dra. Koch já é apresentada como o "curso de formação de psicanalista na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo". Mas, nos anos 40, a Sociedade atual ainda era o Grupo Psicanalítico em busca do seu reconhecimento definitivo e, portanto, ainda não existia.

(11) Este continuou sendo um problema persistente durante quase duas décadas subseqüentes. Somente nos anos 50 esse grupo conseguiu trazer outros "analistas professores" estrangeiros. O que não aconteceu com o grupo psicanalítico de Buenos Aires que contou, desde o início, com a presença de dois "analistas professores" e conseguiu multiplicar-se com uma rapidez muito maior, apesar de ter sido iniciado em data posterior a de São Paulo.

(12) "(...) Desejo apenas mostrar que essas teorias contrariam os princípios fundamentais da psicanálise (e em que pontos os contrariam) e que por essa razão não devem ser conhecidas pelo nome de psicanálise. (...) Quando divergências científicas inconciliáveis me obrigaram a fazer Adler demitir-se da direção de Zentralblatt, ele abandonou também a sociedade de Viena, e fundou uma nova que, de início teve o nome curioso de "Sociedade de Psicanálise Livre". Mas pessoas de fora, que não estão ligadas à psicanálise, são tão incapazes de perceber as diferenças entre os pontos de vista de dois psicanalistas quanto os europeus de fazer distinção entre as caras de dois chineses. A psicanálise "livre" permaneceu à sombra da psicanálise "oficial", "ortodoxa", e foi tratada simplesmente como um apêndice dela. Adler então tomou uma atitude pela qual lhe somos gratos; cortou todas as ligações com a psicanálise, e deu a sua teoria o nome de "Psicologia Individual". Há bastante espaço nesse mundo de Deus(...)" - (Freud, 1974(1914):

(13) Essa análise weberiana já foi desenvolvida por Castel em relação às transformações da estrutura institucional da Psicanálise na passagem da "seita à igreja" (analogia da Sociologia religiosa) ou na "passagem de uma organização de tipo corporativo a uma organização de tipo semi-industrial" (Castel, 1978:120). Entretanto, Castel somente leva em consideração essas transformações a nível internacional, que corresponde a trajetória histórica da IPA. O que se pretende chamar a atenção aqui é a respeito, mais especificamente ainda, das transformações ocorridas na própria IPA, que não correspondem de maneira idêntica em todas as suas Sociedades filiais, pois dependem das circunstâncias históricas que são partes constituintes da instituição, assim como da institucionalização da Psicanálise.

(14) São eles: Alda e Alberto. Mesmo no caso de Amadeu, que se recusou a confirmar este fato, o próprio Durval enfatizava que Amadeu tinha sido recrutado por ele.

(15) Deise observou que a passagem de um estado para o outro é considerado perigoso e, nessa condição, pode causar também perigo aos outros, porque se trata de uma situação indefinível na sociedade. Com o ritual de agregação há a reincorporação da desordem da passagem ritual pela ordem estabelecida na sociedade (Douglas, 1976:117 e 118).

(16) Carta de 28/07/1946. Aquiles escreveu também sobre uma clínica situada "numa pequena cidade rural, de classe média, bem típica da Inglaterra". Numa reunião técnica com a equipe dessa clínica, Aquiles descreveu que eles "ficaram bastante surpresos com o seu trabalho, e com inveja da aceitação da psicanálise em nosso meio em São Paulo; pois aqui existe muito mais "opposition".

(17) Na versão "oficial" de Galvão, o caso de Aquiles é estrategicamente omitido e são citados apenas os casos dos "candidatos" recrutados na Seção de Higiene Mental Escolar, que foi "o celeiro de vocações para a Psicanálise" (Galvão, 1967:59).

(18) A admissão de "leigos" na Sociedade de São Paulo é praticada ainda hoje nos mesmos padrões desse período mais remoto. Não se trata de aceitar apenas os profissionais de Saúde Mental, mas qualquer paciente com uma graduação universitária desde que seja considerado com "vocação" ou "sensibilidade" para vir a ser psicanalista.

(19) Essa produção da dra. Koch deve ter sido escassa e certamente não chegou a ser publicada em livro no Brasil, tendo produzido apenas ensaios avulsos que também não foram reunidos em um volume.

(20) Conferência do dia 30/10/1980.

(21) Nas palavras de Américo: "Sobraram dois psicanalistas em Viena, um que não era judeu, o Aichorn, e um outro que era semi-judeu, o Fleischman, que era permitido existir e não foram perseguidos".

(22) Comunicação pessoal.

(23) A partir daqui serão transcritos extratos mais longos do depoimento de Américo, os quais procurarão ser o mais fiel possível à sintaxe e à fala dele, que se caracterizou pelo sotaque de estrangeiro.

(24) Américo explicou porque não adotou o kleinismo da seguinte forma: "Eu achei que ele coloca muito precocemente o complexo de Édipo e muitas fantasias sexuais. Eu não sei até que ponto essas teses da Melanie Klein são válidas objetivamente ou não. Me parecia um pouco ambicioso querer explicar também todas as psicoses pela sexualidade infantil: uma coisa que o Freud não tinha feito. Me parecia ambicioso demais o plano de Melanie Klein e também duvidoso, mas eu nunca conheci uma análise kleiniana e então não tenho material nas mãos para poder fazer comparações".

(25) Disse a Américo: "Procurei na Sociedade os trabalhos escritos da dra. Koch e não encontrei nenhum". Ele me respondeu: "Ela não tinha. Lamentável".

(26) Comunicação pessoal. Esta acusação de "charlatanismo" foi confirmada por um depoimento de Anita de Castilho e Marcondes Cabral, colhido pelo Museu da Imagem e do Som de São Paulo, em dezembro de 1982. Neste depoimento, a profa. Anita relatou que a acusação partiu de Flaminio Fávero, professor da Faculdade de Medicina da USP, no referido Congresso. Nessa época, a profa. Anita estava engajada na criação de um curso universitário de Psicologia na Universidade de São Paulo, o que foi concretizado em 1957, quando Jânio Quadros era o governador de São Paulo. A profa. Anita convidou Anibal da Silveira, Durval Marcondes, entre outros, para serem professores de Psicologia Clínica neste curso recém-criado.

(27) Alda declara hoje em dia que teve a rara oportunidade de se submeter já naquela época a uma "análise" "kleiniana" e "bioniana", pois Aquiles teria sido "analisado" por Klein e Bion. Não deu para

confirmar se de fato Aquiles já havia sido "analisado" também por Bion ou se isso só aconteceu posteriormente à "análise" de Arimar.

(28) As referências ao nome extenso da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo serão feitas sempre sob a forma abreviada de Sociedade. Inclusive os psicanalistas filiados ou não à IPA se referem a essa instituição sob essa forma abreviada. E um outro esclarecimento ainda deve ser feito em relação ao que denominei de enfoque psicanalítico local e atualmente é identificado como uma "linha". Como, naquele período mais remoto, essa categoria de "linha" não existia, optei por essa denominação de enfoque que vem a ser tão arbitrária quanto qualquer outra.

(29) Pode parecer que se enfatizam demais as relações sociais do grupo de psicanalistas. Ao contrário, procura-se simultaneamente mostrar que o processo de institucionalização só se concretiza através da "apropriação" de um objeto" que uma instituição transforma num "monopólio de legitimidade", nos termos de Guilhaon Albuquerque (1978). Além das relações sociais hierarquizadas que caracterizam a Sociedade, ela produz a "análise" como sendo uma exclusividade legítima de maneira que vai passar a se considerar como um sinônimo de única detentora da Psicanálise.

(30) Sobre os critérios formais da "análise didática" exigidos nessa época, Durval Morcondes descreveu-se numa carta a um possível "candidato" que estava viajando no exterior: "A duração mínima de análise didática é de 2 anos e meio, o número de horas semanais é de cinco no mínimo, o pagamento mínimo de análise é de 500 cruzeiros a hora, de acordo com as condições financeiras do estudante pode ser cobrado mais. Há uma fila de espera de cerca de 40 candidatos".

(31) Estas afirmações sobre a psicanálise estão todas inspiradas nas análises de Evans-Pritchard sobre a bruxaria entre os Azande. Para Evans-Pritchard (1978:148 a 155), o sistema é sempre seguro mas os especialistas nem sempre são. Quando o sistema não funciona ou é mal-sucedido, o sistema em si não é questionado, mas, sim, o especialista

que é acusado de não ter conseguido alcançar um resultado eficaz. O ceticismo é estimulado e faz parte constituinte do sistema. Nas palavras de Evans-Pritchard, "É importante notar que o ceticismo quanto aos adivinhos não é socialmente reprimido. A ausência de doutrinas formais e coercitivas permite que os Azande afirmem que muitos, talvez a maioria dos adivinhos são trapaceiros. Como não há oposição a tais afirmativas, a crença básica nos poderes terapêuticos e proféticos dos adivinhos fica inabalada. Pois, na verdade, o ceticismo está incluído no sistema da crença em adivinhos. Tanto a fé quanto o ceticismo são tradicionais. O ceticismo explica os fracassos dos adivinhos e, dirigido contra adivinhos individualmente, reforça a fé em outros" (Evans-Pritchard, 1978:151).

*

ROBERTO YUTAKA SAGAWA

OS INCONSCIENTES NO

DIVÃ DA HISTÓRIA

VOLUME II

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da UNICAMP, sob a orientação
da Profa.Dra. Mariza Corrêa.

Campinas, 1969.

Sa18i
v.2
10881/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Í N D I C E

VOLUME I

INTRODUÇÃO: DE VIENA PARA SÃO PAULO 1

Contexto histórico brasileiro	5
O lugar da Psicanálise importada.....	9
A importação "alternativa"	15
Um recorte local	19
Pesquisa de campo	25
O questionário; a questão ética	31
Notas	34

CAPÍTULO I: OS PRIMEIROS ANOS (1920-1936):

PERÍODO AUTO-DIDÁTICO 35

Introdução	35
Franco da Rocha, o pioneiro da psicanálise em São Paulo	36
O auto-didatismo de Durval Marcondes e as elites intelectuais paulistanas	44
Um concurso público: Durval Marcondes Versus A.C.Pacheco e Silva.....	63
Os primeiros pacientes da psicanálise	72
É uma nova visão do mundo ?	84
Conclusão parcial	90
Notas	91

CAPÍTULO II: OS ANOS DE INICIAÇÃO (1937-1960):

PERÍODO INSTITUCIONAL HEGEMÔNICO 110

Introdução	110
A formação dos primeiros psicanalistas brasileiros	111
Em busca do reconhecimento "oficial" da IPA	124
Uma Sociedade de Psicanálise legítima e sem concorrentes.....	140
A incorporação na comunidade psicanalítica internacional.....	162
Conclusão parcial	172
Notas	175

CAPÍTULO III: OS ANOS DE EXPANSÃO (1961-80):

PERÍODO DE CONCORRÊNCIA INSTITUCIONAL..... 183

Introdução	183
A criação do Instituto de Psicanálise e da Comissão de Ensino...	184
O "kleinismo" como uma modernização freudiana	194
O surgimento de facções: o "establishment bioniano"	205
A "panelinha" e a "reanálise"	217
Uma "oposição democrática"	226
Os desacordos explicitadospsicanalíticamente	237
As "linhas" e a arbitrariedade simbólica	244
Conclusão parcial	256
Notas	258

CAPÍTULO IV: OS ANOS DE CONCORRÊNCIA (1970-1980):

PERÍODO DE SURGIMENTO DOS NÃO-"OFICIAIS" 264

Introdução	264
O surgimento de "linhas" e instituições concorrentes	265
Como os "alternativos" vêem a si mesmos e aos outros	273
Os rituais de iniciação dos "alternativos"	288
A psicanálise fora do consultório	298
Conclusão parcial	303
Notas	305

EPÍLOGO : A PSICANÁLISE FAZ PSICANALISTAS OU OS

PSICANALISTAS FAZEM PSICANÁLISES ? 306

Os psicanalistas-autores	311
Notas	321

BIBLIOGRAFIA 322

CAPÍTULO III

OS ANOS DE EXPANSÃO (1961-80):

PERÍODO DE CONCORRÊNCIA INSTITUCIONAL

Introdução

Este capítulo abordará a consolidação institucional da Sociedade de Psicanálise que, além de continuar sendo um centro de estudos científicos e uma associação profissional, passará a contar com a criação de um órgão de formação de novos "analistas", o Instituto de Psicanálise. Nesse período, a Sociedade de Psicanálise conseguiu reproduzir em São Paulo o modelo psicanalítico institucional já adotado nas demais filiais da IPA, desde os anos 30.

Ao mesmo tempo em que a Sociedade de Psicanálise atingiu uma consolidação institucional, também passou a apresentar diferenças internas que se manifestarem em termos de formação de facções e de "linhas". Nos anos 70, começaram a surgir novos líderes, que substituíram os antigos como Durval Marcondes e a dra. Koch. Em torno destes novos líderes foram formadas facções como o "establishment bioniano" e a "oposição democrática", que serão descritas neste capítulo. Estas facções adotaram novas "linhas", como Melanie Klein e Bion, que passaram a ser confrontadas com o Freud considerado "ortodoxo", tornando-se significativas na política interna da Sociedade de Psicanálise, que envolve sobretudo o sistema de formação de novos "analistas".

A Sociedade de Psicanálise conseguiu consolidar a aceitação da psicanálise no meio sócio-cultural local de tal maneira que já não existem mais oposições como aconteceram durante as décadas anteriores. Mesmo que surjam oposições hoje, elas já não são mais mencionadas como relevantes pelos "analistas", pois a aceitação da psicanálise no meio sócio-cultural local é tão expressiva quanto Durval Marcondes jamais teria imaginado antes, quando a oposição dos neuro-psiquiatras à psicanálise era total.

*

A criação do Instituto de Psicanálise e da Comissão de Ensino

Em 1958, começaram a ser anotadas no livro de Atas da Sociedade as primeiras discussões sobre a necessidade de fundar um Instituto de Psicanálise devido ao "crescimento de nossa Sociedade que tem agora 21 membros e 10 candidatos em preparação" (Barcellos, 1976: 8). No ano seguinte, é constituída "oficialmente" a primeira Comissão de Ensino, composta por 7 membros da Sociedade de São Paulo e mais outros 2 do "Study Group" do Rio de Janeiro. Os membros dessa Comissão são todos professores mas não são necessariamente "Analistas didatas". Afóra a dra. Koch, todos os "analistas didatas" dessa Comissão tinham sido qualificados recentemente; o que coincidiu cronologicamente com o afastamento voluntário de Américo da Sociedade.

Como os informantes se recusaram a falar sobre os detalhes da vida societária, não foi possível checar quando cada um dos membros dessa primeira Comissão de Ensino passaram a ser considerados "analistas didatas". Entretanto, os dados obtidos com os "candidatos" formados nessa época apontam que Ângela, Antônio e Alexandre eram seguramente "analistas didatas" recém-qualificados. Enquanto sabemos que Durval Marcondes nunca se tornou "analista didata"⁽¹⁾, não sabemos se Amadeu e Arlete também foram qualificados como "analistas didatas" nessa época ou somente no transcorrer dos anos 60.

No livro de Atas, não foi explicitada uma data de criação do Instituto de Psicanálise e nem o início da primeira turma sob a responsabilidade desse novo órgão de ensino e de treinamento psicanalítico. No entanto, foi anotado que o primeiro grupo de 5 "candidatos", formados depois da criação da Comissão de Ensino, foi qualificado no ano de 1964. A partir dessa data, a cada ano subsequente correspondeu um pequeno grupo de "candidatos" (no máximo em número de 5) que foram qualificados e passaram a ocupar a categoria de "sócio aspirante". Se nesse período os cursos, as supervisões e as "análises didáticas" consumiam um total médio de mais ou menos 4 anos, então pode ser deduzido que a Comissão de Ensino e o Instituto de Psicanálise passaram a existir de fato por volta de 1960.

Em maio de 1960, foram "aprovados por unanimidade os novos Estatutos da Sociedade Brasileira de Psicanálise" numa Reunião Geral Extraordinária (Barcellos, 1976:14). Não consegui obter uma cópia desta estatuto que substituiu o segundo estatuto elaborado e aprovado em 1949, do qual também não obtive uma cópia. Mesmo assim, foi constatada no livro de Atas a criação de novas categorias hierárquicas na Sociedade. Se até então existiam as 4 categorias ("candidato", "membro aderente", "membro efetivo" e "analista didata"), a partir do estatuto de 1960 passou a existir outras duas anteriores a "membro aderente" que foram as de "sócio aspirante" e "sócio aderente". Enquanto a passagem de "candidato" a "sócio aspirante" era considerada automática, quando o diretor do Instituto de Psicanálise simplesmente comunicava a Sociedade que o "candidato" havia cumprido todos os requisitos exigidos, a passagem de "sócio aspirante" a "sócio aderente" assim como a de "sócio aderente" a "membro aderente" eram feitas através da apresentação obrigatória de trabalhos escritos e "eleição" na Assembleia Geral. Portanto, aumentou a distância hierárquica de "candidato" a "membro aderente" com as duas novas categorias e, conseqüentemente, tornou mais extensa a hierarquia da Sociedade (de 4 para seis categorias, no total).

Em 1961, a Comissão de Ensino é composta de "seis analistas professoras" (dra. Koch, Amadeu, Ângela, Aida, Antônio e Alexandre)

que foram "eleitos"⁽²⁾. Sem dúvida, esta Comissão de Ensino já passou a ser composta somente por membros da Sociedade qualificados para conduzir a "análise didática". Nessa Comissão, consta o nome de Alda que retornou de Londres para São Paulo nesse início dos anos 60. Diversos membros da Sociedade costumam atribuir a Alda a iniciativa de organizar o Instituto de Psicanálise em São Paulo pois teria sido a única "analista" da Sociedade que, devido a sua segunda formação no Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica, estava em condições ideais de realizar este empreendimento em São Paulo. Além de ser considerado como uma das principais organizadoras do Instituto, a atuação de Alda parece ter tido uma importância significativa, sobretudo durante os anos 60, quando foi "eleita" diversas vezes consecutivas na diretoria do Instituto de Psicanálise.

Com a criação do Instituto de Psicanálise, o recrutamento e a admissão de novos "candidatos" passou a ser definitivamente regulamentados por normas burocráticas. Para cumprir especificamente este objetivo, foi criada uma Comissão de Seleção composta por membros da Sociedade e psicólogos que não pertenciam a Sociedade mas foram convidados especialmente para participar desta Comissão (um dos psicólogos era bastante conhecido como um especialista no teste de Rorschach). Em 29 de setembro de 1965, aparece no livro de Atas da Sociedade a primeira referência a um "longo debate a respeito dos critérios de seleção de candidatos (...). Presentes: Diretoria da Sociedade e Instituto, assim como a Comissão de Ensino" (Barcellos, 1976:25). Essa Comissão de Seleção não teve uma vida muito longa e permaneceu atuante somente até a primeira metade dos anos 70, quando deixou de existir. Parece que não houve uma certa unanimidade sobre a sua existência ou a sua validade, tendo sido bastante questionada por "membros" e "candidatos".

A Comissão de Ensino passou a ganhar uma existência efetiva com a criação do Instituto de Psicanálise que passou a tor-

nar o ensino cada vez mais sistematizado em períodos curriculares sequenciais. Se antes o ensino dependia dos cursos oferecidos de maneira avulsa, com o Instituto de Psicanálise os cursos passaram a ser definidos por um currículo prévio que todos os "candidatos" devem cumprir. A organização e a definição de prioridades dos cursos a serem dados foram as atribuições da Comissão de Ensino que também ficou encarregada de dar um parecer sobre os "candidatos" ou "analistas" aspirantes aos títulos hierárquicos da Sociedade. Antes de qualquer "candidato" ou "analista" ser submetido a uma "eleição" na Assembléia Geral, acabava sendo submetido a um exame pela Comissão de Ensino⁽³⁾.

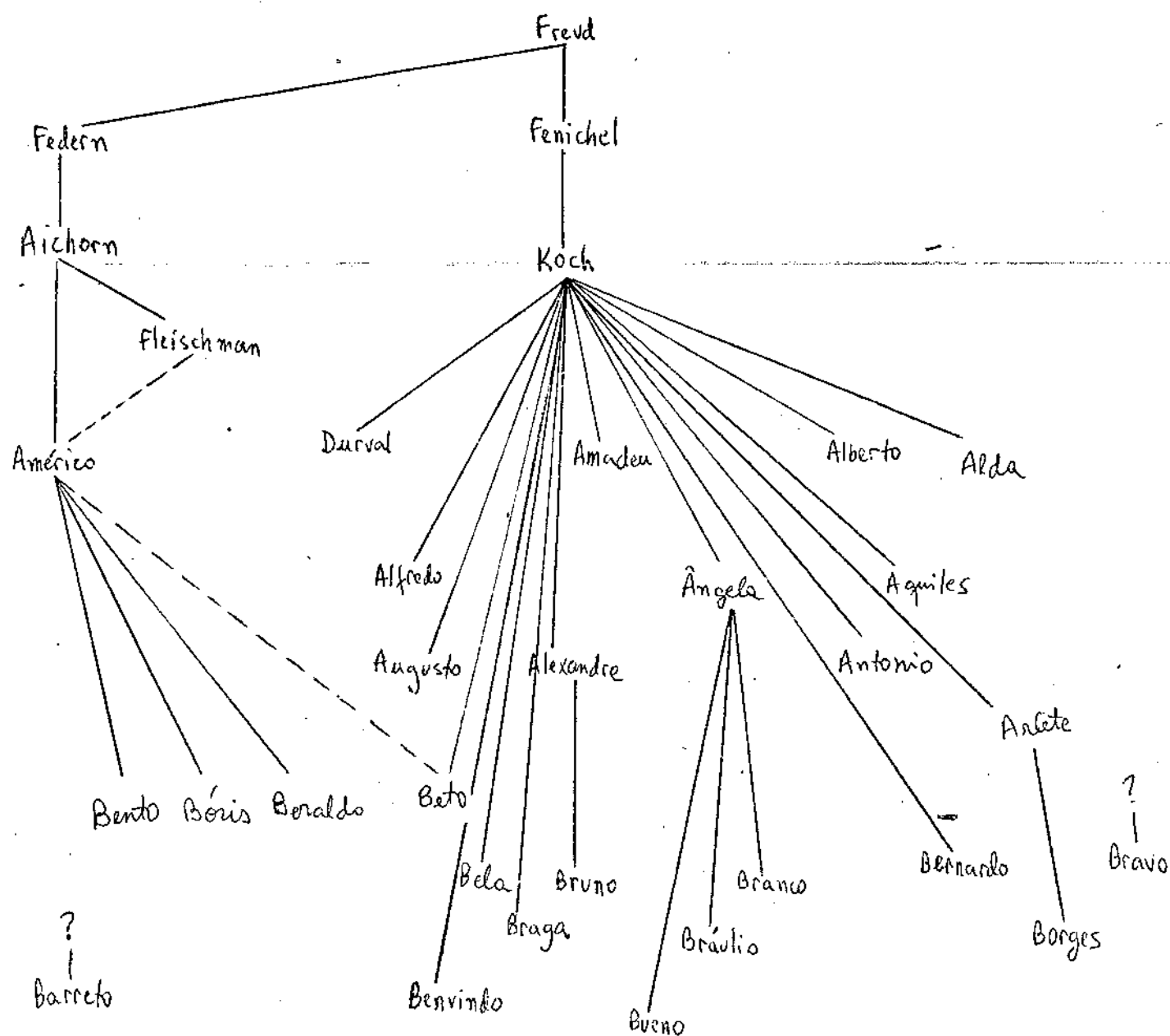
A versão de Branco (que na época era "candidato") é reveladora nesse sentido, das intervenções institucionais da Comissão de Ensino. A turma de "candidatos", a qual pertencia Branco (56 anos), tinha sido formada nos critérios anteriores à criação do Instituto de Psicanálise, mas foi submetida aos critérios de promoções hierárquicas dos novos estatutos aprovados em 1960 e, por isso, foi considerada uma "turma de transição". Branco contou que um colega de turma, Bruno, foi um dos primeiros a apresentar um trabalho para se tornar "sócio aderente". Quando Bruno obteve um parecer favorável da Comissão de Ensino, Branco contou que o colega havia dito que acabava de sair de uma situação de "sufoco". Segundo Branco, nem ele próprio e nem alguns outros colegas dele apresentavam uma comunicação científica devido às expectativas rigorosas dos "didatas". O que acabou criando um impasse na própria Sociedade, pois os "candidatos" eram formados e o número de membros da Sociedade não crescia numericamente. Para resolver esse impasse, foram feitas "modificações nos estatutos" e foi abolida a obrigatoriedade de o "candidato" ser submetido a apresentação e julgamento de uma comunicação científica.

Ainda na opinião de Branco, esta "flexibilidade" da Sociedade em aceitar modificações foi um sinal de "democracia". Em comparação com a Sociedade do Rio de Janeiro que, nessa época, não

admitiu sofrer estas mesmas "modificações", a Sociedade de São Paulo estava muito mais "avançada". Infelizmente não possui a versão dos "didatas" que pertenciam a essa Comissão de Ensino, para poder confrontar as diferentes versões. No entanto, isso vai ser possível de ser feito mais adiante no período referente aos anos 70, quando a Comissão de Ensino vai ser considerado, por determinados membros da Sociedade, o alvo principal dos problemas institucionais existentes.

Nos anos 60, acentuaram-se as diferenças hierárquicas já existentes de tal maneira que se formou uma pirâmide onde os escalões superiores são ocupados por um pequeno número de "membros" e, os inferiores, por um número maior - e sempre crescente - de "membros". Enquanto os mais baixos não conseguem ascender na escala hierárquica (o número de "membros" e de "candidatos" é sempre maior do que o de "didatas"), os altos escalões ocupam todas as posições de poder nos diferentes órgãos da Sociedade. Os mesmos sete "analistas didatas" existentes e mais Durval Marcondes são sempre os mesmos elementos a ocuparem a presidência da Sociedade, a diretoria do Instituto de Psicanálise e a Comissão de Ensino, que se revezavam nos mandatos sucessivos através das "eleições" nesse período.

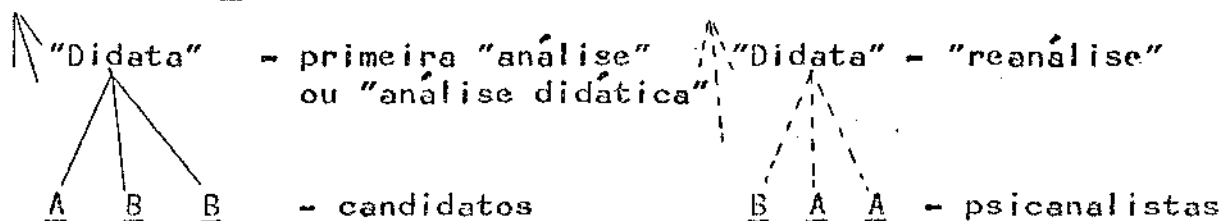
A seguir, a apresentação do diagrama da "linhagem" freudiana relativa aos anos 60:



Convenções:

Iniciais A - psicanalistas formados até os anos 50

Iniciais B - psicanalistas formados até os anos 60



Nesse período, a "linhagem" freudiana deixou de possuir poucos "analistas didatas" (a dra. Koch e Américo) e passou a aumentar esse número somando mais cinco novos "analistas didatas" (Alda, Angela, Antonio, Arlete e Alexandre), embora nem todos entre estes novos "analistas didatas" apareçam no diagrama com a indicação de seus "candidatos" dessa época, que não foram descobertos na pesquisa de campo como aconteceu com o caso de Alda e Antonio que, segundo os depoimentos deles, já eram "analistas didatas", nessa época. Esse total de sete "analistas didatas" permaneceu constante até o início dos anos 70, sem ocorrer a designação de novos "analistas didatas" nesse intervalo de tempo.

Nos anos 50 e 60, a "analista didata" com maior número de "candidatos" foi a dra. Koch que estava vivendo a sua última década de trabalho, nos anos 60, antes de seu afastamento voluntário da Sociedade, quando estava com uma idade avançada. Os outros "didatas" também possuíam "candidatos" sob sua responsabilidade no processo de formação, mas nenhum deles se igualou nesse período ao número de "candidatos" da dra. Koch.

Ainda sobre a "linhagem" na Sociedade, cabe fazer a observação de que nesse período a "reanálise" ainda não se constatou de maneira tão pronunciada quanto viria a ocorrer no período subsequente.

Em maio de 1964, a Sociedade passou a possuir a sua primeira sede própria na rua Itacolomi, no bairro (elegante, na época) de Higienópolis. Nessa ocasião, "reúne-se a Sociedade (...) com o objetivo, declara o sr. Presidente, de comemorar o XX aniversário da Fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo⁽⁴⁾". Em seguida falou sobre a personalidade dos conferencistas, Drs. Adelheid Koch e Durval Marcondes, e do papel de ambos na formação da nossa Sociedade. Ressaltou a importância do Dr. Durval Marcondes como pioneiro da Psicanálise no Brasil e da Profa. Dra. Koch como a primeira analista professora do Brasil" (Barcelos, 1976:11 e 12).

O "kleinismo" passou a ser adotado na Sociedade, sobretudo depois de Alda ter retornado da Inglaterra, após a sua análise "kleiniana" feita por Aquiles. Para dar uma idéia do "kleinismo" dessa época, apresentamos uma versão bastante resumida, e talvez por isso mesmo esclarecedora, feita por um intelectual "leigo" que não era "membro" da Sociedade, mas era muito bem-relacionado com diversos "membros" influentes da Sociedade. Este "leigo" foi a Londres para aprofundar os seus conhecimentos psicanalíticos que seriam utilizados numa tese acadêmica a ser apresentada na USP. Numa carta enviada a Durval Marcondes, de Londres, este "leigo" fala de seu contato com a linha "kleiniana": "Estudando bastante, fazendo análise 6 vezes por semana e vendo muito coisa nova e bonita. (...) Só a partir de janeiro começarei a assistir as reuniões da Sociedade Internacional de Psicanálise. Quando cheguei os cursos caminhavam para o fim e também eu queria prazo para melhorar o meu inglês. Parece-me que vou ouvir coisas muito interessantes. Estou informado de que é enorme a atividade científica dos kleinianos que são os que mais me interessam. Disse-me o Aquiles que de Freud a Melanie Klein, houve grandes dificuldades para o progresso, mas que dela para cá tem havido relativa facilidade nesse domínio. Pela condução da análise que ele me fez, talvez possa dizer o seguinte: 1) na era freudiana a preocupação dos analistas recaía sobretudo sobre os fatos sexuais; 2) na era kleiniana, essa preocupação se deslocou sobretudo para os acontecimentos da etapa oral; 3) Neste período post-kleiniano, o interesse do analista procura abarcar a totalidade da vida infantil, em suas repercussões ou influências na vida do adulto. Caminhou-se do instinto de reprodução para o de conservação, e deste para toda a vida emocional da criança. Análise das mais amplas dimensões. (...) O que ora lhe digo são meras impressões, que o tempo confirmará ou não" (Carta de 12/12/1962).

Na transcrição do livro de Atas da Sociedade, as referências a Melanie Klein são esparsas e incluem também as primeiras referências a Wilfred Bion,⁽⁵⁾ um outro psicanalista inglês "kleiniano". Junto com Freud, Melanie Klein e Bion são considerados hoje

na Sociedade de São Paulo os três psicanalistas mais "criativos", "originais", "profundos" etc.

Em 1960, foi apresentado um trabalho onde Arimar "(...) tentou demonstrar com exemplos clínicos que somente interpretações transferenciais têm um efetivo curativo no tratamento psicanalítico e pensamos sempre achar o ponto de ansiedade no "aqui e agora" para depois poder ligar a situação atual a transferencial com o passado" (Barcellos, 1976:13). No ano seguinte, Arimar "apresenta o trabalho de W. Bion, sobre "Processo de Pensamento"(6). Em termos dos registros, observamos ser esta a primeira manifestação de trabalho deste autor" (Barcellos, 1976:16 e 17).

Em 1966, houve a "visita do prof. Sidney Klein, psicanalista de Londres, onde tem destacada atuação dentro do grupo kleiniano, desenvolvido mais recentemente por W.R.Bion. O prof. S. Klein proferiu três conferências "na apreciação das idéias de W.R. Bion", além de atender a seminários e supervisões" (Barcelos, 1976: 28).

Por volta de 1965,66, foi formado - segundo contou Benvindo(62 anos) - o primeiro grupo de estudos de Bion constituído por Carmen(60 anos), Bráulio (60 anos), César (50 anos), Cátia (47 anos), e o próprio Benvindo. Eram todos "os que começaram no início dos anos 60": "candidatos" ou "analistas" recém-qualificados por volta de meados dos anos 60. Ainda na sua versão, Benvindo afirmou: "A Sociedade era parada, obsessiva, quase não publicava trabalhos. Mas é como se estivesse em preparo básico, para um crescimento". Retrospectivamente, Benvindo considerou que a Sociedade de São Paulo "foi o lugar onde Bion mais encontrou guarida, afinidade, uma boa aceitação como se houvesse um terreno propício".

Entretanto, o entusiasmo pela novidade "bioniana" não se restringiu a esse primeiro grupo de estudos. Por exemplo, Branco que não pertenceu a esse primeiro grupo, afirmou: "O Bion é uma leitura freudiana de Klein com características dele. Quando comecei a ler o Bion, fiquei maravilhado. Ele fala uma linguagem que eu sempre quis...".

Em 1968, Aquiles recebeu um convite do presidente da Sociedade "dando-lhe a conhecer que seu desejo de vir trabalhar entre nós era do agrado geral, tendo portanto o bom acolhimento da SBPSP. A Diretora do Instituto propõe que também em nome do Instituto enviaria mensagem igual. Ambas propostas são aprovadas unanimemente pela Assembléia" (Barcellos, 1976:35). Alguns meses depois dessa troca de correspondência, Aquiles chegou em São Paulo mas não foi colocada em pauta o seu pedido de participar das atividades da Sociedade Brasileira de Psicanálise na qualidade de analista didata" (Barcellos, 1976:35), pois seu nome não constou na Comissão de Ensino "eleita" nesse período.

Aquiles começou a ser procurado por diversos "membros" da Sociedade para se submeterem a uma segunda "análise" ou para receberem supervisões. Borges (62 anos) narrou que foi o primeiro "analista" a procurar Aquiles no hotel quando ele tinha acabado de chegar a São Paulo e lá mesmo no hotel fez o contrato marcando o início das suas sessões de "análise" com Aquiles. Também para evidenciar o grande interesse despertado nos "analistas" da Sociedade pela presença de Aquiles em São Paulo, citamos as observações de um sociólogo que estava presente a uma recepção informal dada a Aquiles, na residência de um parente desse sociólogo, que era Amauri, uma "analista didata". Esse sociólogo era um "estranho" nesse meio de "analistas" e observou que havia uma "idolatria" por Aquiles.

Parece que a intenção inicial de Aquiles era permanecer temporariamente no nosso país e depois retornar à Inglaterra, mas acabou ficando até hoje e se tornou um dos protagonistas da história da Sociedade, nesse período mais recente conforme pretendo descrever e analisar no próximo capítulo.

Ainda antes de passar ao próximo capítulo, vou elaborar algumas interpretações do material de pesquisa apresentado nesta seção. Isso será feito a partir da constatação da crescente institucionalização da Sociedade que, nos anos 60, chegou a realizar esse ideal sonhado por Durval Marcondes nos anos 30: uma instituição psicanalíti-

ca composta por uma sociedade científica, um órgão de ensino autônomo. À essa crescente institucionalização correspondeu um estatuto mais elaborado com um maior número de categorias hierárquicas e com atribuições específicas aos cargos ocupados, como no caso da Comissão de Ensino que começou a existir de fato nesse período. Começou a ocorrer desde então uma pirâmide hierárquica, com os "didatas" sendo colocados nos escalões superiores e os demais "membros" da Sociedade nos intermediários ou inferiores. As relações sociais entre os "analistas" deixaram de ser somente pessoais e passaram a ser intermediadas pelas normas burocráticas, nas quais foram encontradas as representações relativas ao individualismo. E finalmente, vou procurar discutir o "kleinismo" em termos de conteúdo e de "linhagem", pois passou a ser adotado na Sociedade com bastante ênfase em contraposição ao enfoque "freudiano" que deixou de ser enfatizado puramente enquanto tal.

*

O "kleinismo" como uma modernização freudiana

Nos anos 60, a crescente institucionalização da Sociedade chegou ao seu limite, previsto nos estatutos da IPA, com a criação do Instituto de Psicanálise que, junto com a Sociedade, constituiu-se no modelo institucional adotado até hoje. Concomitante com a criação do Instituto de Psicanálise houve uma maior complexificação hierárquica e institucional na Sociedade. Cresceu a hierarquia de "candidato" até "analista didata" tanto quanto um órgão já existente, em tese (a Comissão de Ensino) passou a existir na prática com a criação do Instituto de Psicanálise. Estas duas mudanças estão entrelaçadas de fato e não podem ser dissociadas uma da outra.

O mesmo estatuto aprovado na Assembléia Geral e colocado em prática a partir de 1960 criou novas categorias hierárquicas

("Sócio aspirante" e "Sócio aderente"), além de continuar mantendo as outras categorias ("Membro aspirante", "Membro efetivo" e "Analista didata") e também confirmar a Comissão de Ensino (onde estavam incluídos tanto o presidente da Sociedade como o diretor do Instituto por serem também "didatas") nas atribuições de qualificar os "membros" da Sociedade. Dessa maneira, o novo estatuto tornou legal uma atribuição que já vinha sendo assumida pelo grupo de "didatas" pertencentes todos à Comissão de Ensino. Como os "didatas" são os "membros" da Sociedade mais "respeitados" e mais "ouvidos", a Comissão de Ensino passou a exercer um papel decisivo também nas "eleições" destinadas a promover ou não os "membros" da Sociedade nas categorias hierárquicas; mesmo que isso não tivesse sido prescrito pelos estatutos, assim funcionou informalmente. Portanto, a Comissão de Ensino interferiu não só nos rumos didáticos e curriculares do Instituto de Psicanálise, como também nas qualificações hierárquicas da Sociedade.

Os ritos pós-liminares - que consistem nas "eleições" e novas qualificações hierárquicas - passaram a ser desdobrados e tornaram ainda mais complexo o "conjunto cerimonial", conforme havia sustentado Van Gennep (1978:26). Se os 4 primeiros "candidatos" da dra. Koch simplesmente foram submetidos aos ritos liminares com os ritos pré e pós-liminares sendo colocados num plano secundário, nos anos 60 os "candidatos" e os "analistas" recém-formados passaram a ser submetidos aos ritos pós-liminares que ganharam uma importância equivalente aos ritos liminares, em termos de tempo e de investimento pessoal. Agora a passagem de "candidato" a "membro efetivo" passou a consumir um lapso de tempo maior (no caso da "turma de transição": Boris levou 4 anos, Bruno levou 6 anos e Branco 11 anos), o que também está implicado na apresentação de comunicações científicas que devem ser considerados satisfatórias pelos "membros" e "didatas" da Sociedade, em cada nova qualificação hierárquica. Portanto, uma maior complexidade ritual correspondeu à crescente institucionalização da Sociedade.

Em termos de poder, os ritos de iniciação são manipulados para expressar a dominação do grupo de "didatas" em relação aos "candidatos" e "analistas" nos escalões inferiores e intermediários, pois se trata de reproduzir a hierarquia que nos escalões inferiores devem permanecer sendo mais numerosos e, nos superiores, menos numerosos. Essa contradição inerente aos interesses dos grupos nos altos e baixos escalões hierárquicos aparece à tona ou é vivenciada como um problema pelos agentes, quando um dos grupos ou uma parte deles não conseguiu atender aos seus interesses considerados "justos", "merecidos", etc. Isso pode ser observado a partir dos escalões inferiores na hierarquia da Sociedade, em dois momentos históricos diferentes. Um deles vai ser reconstituído por um dos primeiros "candidatos" da dra. Koch e um outro já descrito por Branco que fez parte da "turma de transição", tendo sido este o primeiro grupo de "candidatos" a se submeter aos novos estatutos aprovados em 1960.

A primeira situação cronologicamente anterior foi bastante bem-sucedida e se constitui no caso da dra. Koch e seus primeiros "candidatos". Foi uma situação de conciliação na qual tanto a dra. Koch como os "candidatos" só tinham a ganhar ao se unirem e também só tinham a perder se não se unissem. A versão de Alda, que foi um desses primeiros "candidatos" da dra. Koch, vem a ser significativa porque atribui essa situação de conciliação aos méritos pessoais. Na "Homenagem Póstuma à dra. Koch", Alda afirmou:

"(...) Eu penso que esse senso de liberalidade caracteriza também o Durval Marcondes. Se não fosse a compreensão dessa atitude, muitos de nós - eu em primeiro lugar não teria feito a formação. Quando iniciei a minha formação, eu não tinha o curso universitário. Para isso o senso de liberalidade que (...) foi uma característica fundamental da dra. Koch. Estou particularizando no momento a determinação de Adelheid Koch sozinha se colocar uma tarefa que é bastante

difícil (...). Um outro traço da personalidade da dra. Koch é que ela não fazia a formação senão levando em conta as possibilidades econômicas de quem a procurava. (...) De modo que a dra. atendia levando em conta a capacidade econômica do candidato à análise. É claro então que tinha o seu tempo tomado com os alunos candidatos.

E as pessoas que tinham a capacidade de melhor remunerar os honorários eram submetidas para trabalhar com eles. Então ficavam os analistas que estavam começando com honorários superiores ao da dra. Koch que estava com a responsabilidade de analisar dos que tínhamos menos (...). Penso que se não fosse essa atitude da dra. Koch de não seguir os estatutos para poder fazer a formação, antes trabalhar para a formação; segundo, a perder a capacidade de remuneração para os seus candidatos, estaríamos ainda como dr. Durval disse, porque demorou anos e anos para trazer para São Paulo um analista para fazer a formação. Penso que aos aspectos de liberalidade da personalidade de Durval e dra. Koch devemos a nossa existência. O que esperamos é que esse aspecto de liberalidade continue sendo ilustrado na nossa Sociedade" (conferência de 30/10/1980)

De fato, a dra. Koch e seus primeiros "candidatos" começavam naquela época a constituir as relações hierárquicas - apesar da transgressão dos estatutos mencionada por Alda e tolerada pela direção da IPA - que viriam a caracterizar as diferentes posições ocupadas na Sociedade. Se a dra. Koch abriu mão das vantagens econômicas

é porque precisava de "candidatos" para confirmar a sua posição de "analista professora", que estava construindo a sua carreira com base no seu esforço plausível de vir a constituir uma Sociedade em São Paulo. Esses aspectos sociais e econômicos são reduzidos aos níveis pessoais e atribuídos por Alda a "aspectos de liberalidade da personalidade". Quer dizer que a personalidade "liberal" é considerada a ideal e foi identificada com uma situação de conciliação entre um "didata" e seus "candidatos", sem o intermédio da Sociedade que era, então, um embrião nessa situação inicial.

Uma outra situação pode ser considerada mais exemplar do que essa primeira referente à dra. Koch e seus primeiros "candidatos". Em contraposição a essa primeira situação de conciliação, a segunda foi vivenciada como um problema pelos escalões hierárquicos inferiores. Na versão de Branco já apresentada, o problema foi resolvido através das "modificações nos estatutos" e a aceitação dessas modificações, pelos "didatas", foi interpretada como sendo "democrática". Dessa maneira, constatamos que, nessa situação de oposição de interesses entre os escalões hierárquicos mais altos e os mais baixos houve um questionamento de uma parte da hierarquia relativa às novas categorias hierárquicas, mas a hierarquia em si não é questionada pelos escalões mais baixos e assim a Sociedade saiu ileso con seguindo conter os diferentes interesses em questão.

Na verdade, subjacentes à questão da hierarquia podem ser encontradas as representações dos "analistas" sobre eles próprios ou sobre as suas relações sociais. Tanto no caso de Alda, enfatizando a "personalidade liberal", quanto no de Branco, encarando a "mudança dos estatutos" como sendo "democrática", podemos perceber que existe como pressuposto fundamental a noção de "indivíduo" em relação à burocracia hierárquica.

Segundo Dumont (1988), a noção de "indivíduo" é uma construção social que deve ser diferenciada do "agente biológico empírico" e presente em todas as sociedades humanas. Nas sociedades capitalistas ocidentais, o "agente empírico" se representa e é representado

como um "indivíduo" que corresponde a um ideal de igualdade e de liberdade (a ideologia individualista). No caso dos "analistas" da Sociedade, pode ser constatada essa noção de "indivíduo" que surge como representações ("personalidade liberal", "democracia", etc.). Em princípio, todos os "analistas" da Sociedade são "indivíduos" que devem ter as mesmas capacidades que são regulamentadas pelos estatutos, para evitar os favoritismos e as preferências pessoais.

Na versão de Alda, os estatutos eram aqueles criados pela IPA e que foram "transgredidos" parcialmente pela dra. Koch, mas de fato ela estava tentando implantá-los em São Paulo (portanto, foi uma "transgressão tolerável"). Na versão de Branco, os estatutos da IPA já tinham sido adaptados ao contexto local e as "modificações" foram relativas a estas adaptações locais, mas não relativas às categorias hierárquicas em si, criadas e cultivadas pela IPA. Dessa maneira, fica explicitado que, em tese, os "analistas" da Sociedade são "indivíduos" iguais entre si, mas - como os estatutos expressam uma hierarquia - quando se mostram inadequados são esses estatutos que devem ser modificados parcialmente e não totalmente, uma vez que a "igualdade" ao nível do "indivíduo" corresponde à "hierarquia", ao nível da Sociedade.

Ao contrário da noção de individualismo já apontada no primeiro capítulo referente às categorias psicanalíticas de "inconsciente", "complexo de Édipo", etc., aqui se trata do individualismo em relação às representações dos psicanalistas sobre si próprios e sobre a sua Sociedade.

O que também pode ser constatado em relação aos "didatas" que, ao contrário do período anterior quando foram referidos em termos pessoais, nos anos 60 passaram a ser referidos em termos impessoais como membros da Comissão de Ensino. Em princípio, isso quer dizer que foi criado um consenso - por sua vez garantido pelos estatutos - em relação à Comissão de Ensino fazendo com que não se questione mais a sua existência, pois os "didatas" não foram

"eleitos" por acaso e sim baseados em critérios "justos", "democráticos" etc. Mas na prática a tese já não é mais a mesma: a Comissão de Ensino permaneceu composta por um mesmo grupo de "didatas" nos anos 60. Isso pode ser atribuído ao fato de ser exercido um controle maior sobre o "didata" porque este passa a ser o reprodutor de novos "analistas" e, assim, representa permanentemente a ameaça de romper e vir a se constituir num concorrente. A partir desta opção de exercer um maior controle sobre a qualificação de novos "didatas", foi observado nos anos 60 que a Comissão de Ensino passou a ser constituída de uma gerontocracia vitalícia, pois foram "eleitos" unanimemente durante inúmeras Assembléias, como já foi assinalado. Como não podem ser destituídos (ou pelo menos isso nunca aconteceu na Sociedade), os "didatas" ao se tornarem idosos, passam a se comportar como se tivessem adquirido, por herança, as atribuições dos "didatas".

Alguns "didatas" mais idosos passaram a ter uma maior demanda de "candidatos". É o caso da dra. Koch que, já no final de sua vida profissional, formou um grande número de "candidatos", como não se observou nos períodos anteriores. Como a escolha do "didata" feita pelos "candidatos" sempre foi considerada "livre"⁽⁷⁾, podemos deduzir que, sobretudo no caso da dra. Koch, a idade avançada passou a ser vista como um símbolo de "maior experiência", "maior auto-conhecimento", "mais profundo", etc. O que pode ser considerada uma explicação plausível em relação aos "didatas" mais idosos, pois a dra. Koch não foi um caso isolado. Como será mostrado no próximo capítulo relativo aos anos 70, outros "didatas" também bastante idosos passarão a gozar desse tipo de prestígio atribuído pelos "candidatos".

Foi nos anos 60 que um grupo de "analistas didatas" se destacou dentro do grupo maior de "membros" da Sociedade, através da composição vitalícia da Comissão de Ensino. Em termos de prestígio, as categorias hierárquicas passaram a ser vistas pelos "membros" da Sociedade como se fossem reduzidas a duas categorias fundamentais: os "didatas" nos escalões mais altos e os demais "membros" nos es-

calões intermediários ou inferiores, sem distinções a princípio. Os "didatas" são considerados os "mais dotados", os "melhores", etc. e, portanto, constituem um ideal a ser atingido por todo psicadista dentro da Sociedade. Assim, deixam de ser mais um papel prescrito para se tornarem "os detentores de um grau na hierarquia de especialistas" (Berger e Luckmann, 1973:131), através de mecanismos institucionais que passam a ser manipulados por esses detentores como um grupo especializado de conhecimentos.

Os "membros" da Sociedade costumam atribuir aos "didatas" uma importância decisiva também nos rumos científicos adotados. Assim, a discussão já iniciada sobre as relações dialéticas entre forma ("linhagem" freudiana) e conteúdo (o enfoque psicanalítico local) vai ser melhor elucidada ao destacar essa importância atribuída aos "didatas". Se nos anos 50 houve pelo menos três possíveis enfoques psicanalíticos⁽⁸⁾, que seriam desenvolvidos ou não, nos anos 60, um desses enfoques - o "kleiniano" - passou a ser hegemônico enquanto os outros dois deixaram de ser mencionados ou valorizados tanto quanto o "kleiniano". Essa hegemonia de um dos enfoques coincidiu com o retorno de Alda que havia feito uma "análise kleiniana" em Londres. De acordo com a ideologia psicanalítica, a teoria e a técnica são transmitidas sobretudo através da própria "análise", a qual se submete o "analista", sendo colocadas em segundo plano as leituras e as reflexões sob a forma escrita e sistematizada. Também deve ser ressaltado que a vinda de diversos "analistas kleinianos" ingleses, para dar seminários e supervisões na Sociedade de São Paulo, desde o final dos anos 50, foi um fator importante. Ao receber seminários e supervisões "kleinianas", os próprios "didatas" passaram a adotar as interpretações "kleinianas"⁽⁹⁾ em suas "análises" dos "candidatos". Por sua vez, os "candidatos" passaram a adotar o enfoque "kleiniano". O resultado acabou sendo uma hegemonia "kleiniana". Por outro lado, cabe ainda assinalar que esse enfoque "kleiniano" passou a ser hegemônico justamente no período relativo ao aumento do número de "didatas" no final dos anos 50, quando passou de 2 para 7 "didatas". Quer dizer que a "linhagem" também passou a sofrer um processo de crescimento que se tornou gradativamente mais complexo.

Nos anos 60, houve essa hegemonia "kleiniana" mas a "linhagem" não se reconstituiu de maneira significativa nesses novos termos "kleinianos". Ou seja, o enfoque local pode ser caracterizado como "kleiniano" mas a "linhagem" não pode ser caracterizada a rigor como "kleiniana", a não ser no caso de Alda, para ser coerente com a ideologia psicanalítica, segundo a qual importa sobretudo a "análise" pessoal do "analista". De qualquer maneira, existiu uma diferença muito grande em relação aos anos 50, quando houve um interesse pelo "kleinismo", mas não houve nenhum "analista" que tivesse se submetido a uma "análise kleiniana" e nem estavam ocorrendo as visitas temporárias dos "analistas kleinianos" ingleses a São Paulo.

Antes de prosseguir, seria o caso de discutir um pouco o "kleinismo" que passou a ser tão adotado nesse período. Partindo das diferenças estabelecidas pela correspondência daquele "leigo" que não pertencia a Sociedade, mas foi a Londres para aprofundar os seus conhecimentos psicanalíticos, é possível afirmar que não se trata de uma substituição evolutiva da era "freudiana" mais "tradicional" pela era "kleiniana" mais "moderna". Trata-se de um sistema que, para alargar os seus horizontes, veio apresentando, a partir de um esquema já conhecido (a era "freudiana"), um outro considerado como novidade (a era "kleiniana") e se tornou mais diversificado. Melanie Klein não é apresentada como se fosse um "novo" Freud mas um psicanalista que como ninguém conseguiu desenvolver a obra de Freud de uma maneira "original" e "criativa", à altura da genialidade do criador da psicanálise.

Infelizmente consegui muito poucas evidências em termos de conteúdo do "kleinismo". A mais esclarecedora evidência do "kleinismo" também foi encontrada na correspondência citada acima, que descreve: "Neste período post-kleiniano, o interesse do analista procura abarcar a totalidade da vida infantil, em suas repercussões ou influências na vida do adulto"⁽¹⁰⁾. Ao contrário do enfoque "freudiano" em termos de "sintomas" e "outras", o "kleinismo" passou a lidar com "toda a vida emocional da criança" e, portanto, reforçou ainda mais

a psicanálise não só como um sistema terapêutico já reconhecido, mas também como uma forma de auto-conhecimento. Assim como Durval Marcondes já demonstrava as "vantagens" da psicanálise mesmo quando não removesse os "sintomas", a partir do "kleinismo" essas "vantagens" passaram a se justificar por si próprias, pois todo mundo possuiria uma "vida emocional" infantil a ser "analisada", com proveito para o paciente. Dessa maneira, poderia ser argumentado que o "kleinismo" passou a justificar a psicanálise de maneira sistemática não só como um sistema terapêutico mas sobretudo como um sistema cognitivo que, ao rever na vida adulta a "vida emocional" infantil, fornece aos pacientes uma interpretação ou uma visão de si próprio e do mundo.

Merece ser discutida a razão pela qual houve e continua havendo uma sucessiva importação da psicanálise européia, sobretudo inglesa, que acaba assumindo uma feição própria, nas às custas das inovações feitas lá fora e não aqui no Brasil. Os psicanalistas brasileiros, incluindo os de São Paulo, produzem muito poucas tentativas de elaborações teóricas e técnicas. Isso provavelmente poderia ser correlacionado com o reduzido número de "didatas" no Brasil, os quais acabam vivendo exclusivamente com os honorários do atendimento de pacientes em consultórios particulares e sem maiores chances de tempo e de investimento para se dedicarem a reflexões, estudos e investigações próprias, num contexto com pouca tradição científica autóctone. Além disso, o número reduzido de "didatas" não tem estimulado a produção psicanalítica brasileira, pois esta não seria mais uma fonte de prestígio na competição entre eles. Se essa competição deixa de fazer sentido devido a esse número reduzido de "didatas", parece que a produção depende apenas dos desejos ou habilidades pessoais e, portanto, existe um estímulo científico e social muito menor. Dessa maneira, a Sociedade de São Paulo assim como as outras Sociedades brasileiras filiadas à IPA não podem ser caracterizadas como um centro de pesquisas científicas originais que estivesse em busca permanente de novas descobertas, mas um centro que recorre predominantemente às descobertas ou elaborações feitas em outros centros.

Agora, finalmente, vamos passar às duas últimas interpretações que se referem a Bion e às homenagens feitas na Sociedade nos anos 60.

Assim como já havia ocorrido com Melanie Klein, Bion também começou sendo introduzido de maneira bastante discreta, desde os anos 60. Também como ocorreu com Klein, os primeiros "analistas" ou "candidatos" interessados em Bion não se submeteram a uma "análise bioniana", mas se convenceram da importância ou da originalidade de Bion e passaram a estudar de maneira auto-didática, como ocorreu com o primeiro grupo de estudos de Bion. Somente com a vinda de Aquiles a São Paulo é que os "analistas" e "candidatos" da Sociedade passaram a se submeter a uma "análise bioniana". Mas esta já é uma outra história referente aos anos 70.

De novo constatamos que as relações dialéticas entre a forma (a "linhagem" freudiana) e o conteúdo (o enfoque psicanalítico local) estão de acordo com a ideologia psicanalítica.

Parece que tanto o interesse por Melanie Klein quanto por Bion começou a ser despertado inicialmente através de leituras auto-didáticas que tornaram esses interessados e o próprio ambiente científico da Sociedade propensos a se submeterem à "análise kleiniana" ou "bioniana"; ou - como disse Benvindo - havia um "terreno propício" que, na verdade, só se confirmou enquanto tal devido a um acordo generalizado sobre um certo enfoque psicanalítico e não outros.

Vale frisar mais uma vez que, também, Bion passou a ser apresentado como um novo enfoque psicanalítico importado da Sociedade Britânica. Não seria o caso de argumentar de novo que os diversos países ocidentais tiveram um Freud "reinventado" (a exemplo de Lacan na França, a psicologia do ego nos Estados Unidos, Melanie Klein na Inglaterra etc.) e, conseqüentemente, todo país ou centro psicanalítico deveria possuir também o "seu" Freud. Em todo caso, a Sociedade de São Paulo não produziu o "seu" Freud, mas trouxe os ingleses como se fossem a última palavra em questão de psicanálise.

Aquela homenagem feita em maio de 1964 a Durval Marcondes e à dra. Koch foi somente mais um exemplo registrado de uma série de homenagens. Nos anos 60, começaram a ocorrer de maneira sistemática as homenagens e as comemorações relativas à história da psicanálise em São Paulo. De fato, elas traduzem muito mais do que meras recordações ou estabelecimentos de verdades históricas como podem parecer à primeira vista. Têm a ver com o processo de legitimação que, na concepção de Berger e Luckmann (1973:128), não se fazem necessárias na primeira fase de institucionalização quando são evidentes para os seus agentes e podem ser reconstituídas em suas memórias. Mas, numa fase posterior, precisam ser transmitidas às novas gerações através de certas reconstituições que façam sentido e que estabeleçam uma determinada tradição que seria conveniente à instituição. Dessa maneira, a importância dessas homenagens e comemorações faz com que o passado venha a estabelecer certos parâmetros para o presente e o futuro dentro da instituição. Este seria um "elemento cognitivo" que junto com o "elemento normativo" (os estatutos) constituem a legitimação da ordem institucional, na concepção de Berger e Luckmann (1973:128).

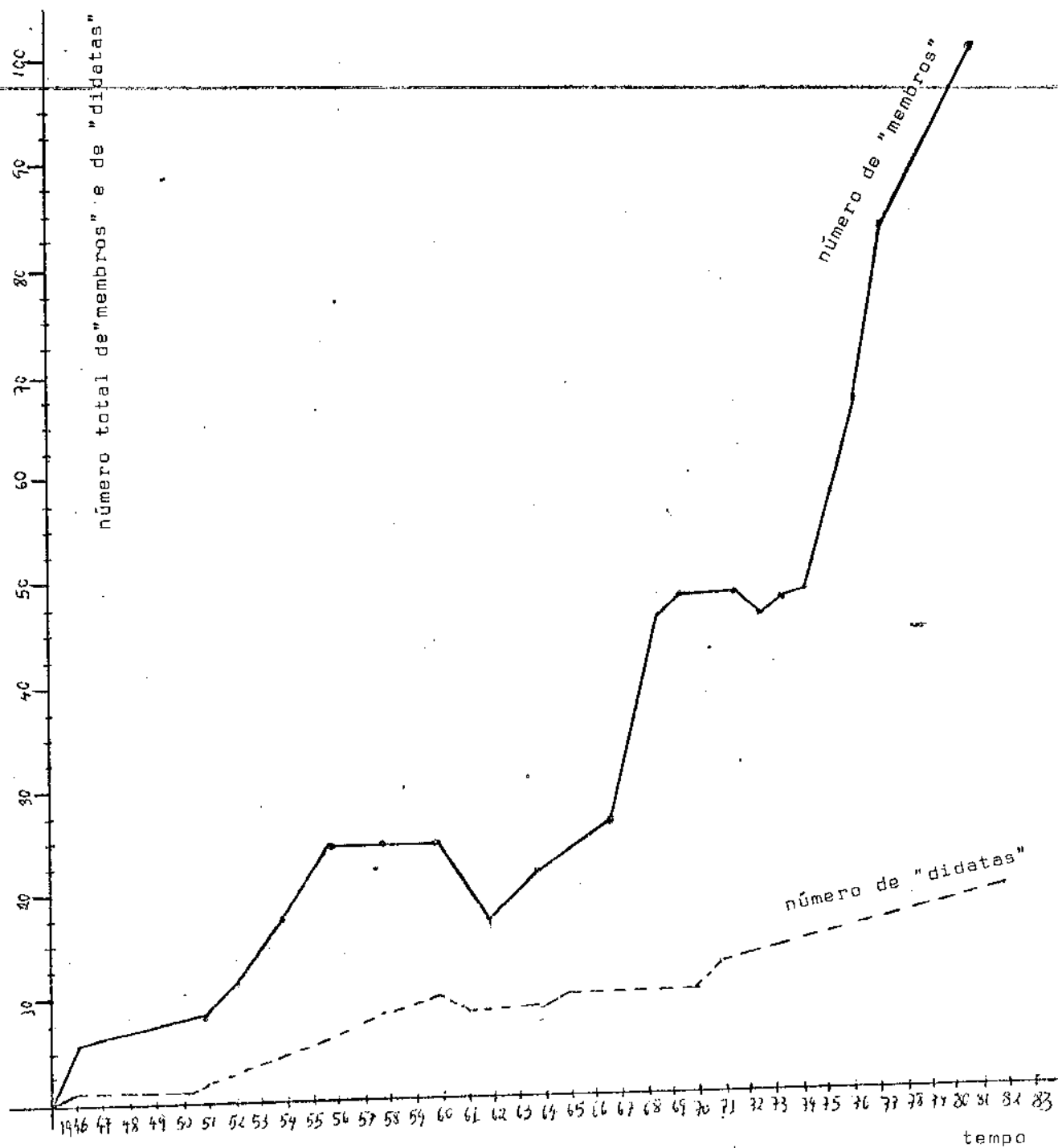
*

O surgimento de facções: o "establishment bioniano"

Em agosto de 1969, foram aprovados os novos Estatutos numa Assembléia Geral Extraordinária, "(...) após elaboração de projeto por Comissão encarregada, e correspondendo ele, às manifestações ensejadas por todos os sócios da Sociedade" (Barcellos, 1976:39). Apesar de não ter obtido uma cópia desse Estatuto, uma modificação observada na transcrição do livro de Atas da Sociedade foi uma outra reorganização das categorias hierárquicas. Foram eliminadas as duas categorias de "sócio aspirante" e "sócio aderente", além de serem mantidas as de "membro aspirante" (que passou a ser denominado "membro associado"), de "membro efetivo" e de "analista didata".

Sem condições de checar pela impossibilidade de obter as cópias dos diferentes Estatutos da Sociedade, é possível supor que nesse Estatuto de 1969 (ou num Estatuto independente do Instituto de Psicanálise provavelmente recém-criado ou prestes a ser criado), foram estabelecidas as duas novas categorias hierárquicas e intermediárias de "membro efetivo" a "analista didata": as de "assistente de ensino" e "professor adjunto" (cujas funções são restritas ao programa teórico através de aulas e seminários no Instituto de Psicanálise, sob a orientação da Comissão de Ensino).

Em termos numéricos, esta hierarquia da Sociedade pode ser representada, nos seguintes gráficos, de acordo com as suas categorias:



Esses seriam os dados numéricos que indicam um novo período da história da Sociedade que deixou de ser um pequeno agrupamento de psicanalistas em suas primeiras décadas de existência, para ser transformada numa instituição cada vez mais complexa sobretudo nas últimas décadas de 70 e 80. Em termos numéricos, essa transformação institucional recente pode ser indicada pelo aumento do número total de membros da Sociedade, sobretudo no ano de 1967 e, em seguida, no ano de 1975. Em 1967, começou a ocorrer um aumento bastante significativo assim como já havia ocorrido no início dos anos 50 com a chegada de um segundo "didata" (Américo) na Sociedade de São Paulo. Em 1975, ocorreu novamente um aumento significativo dando continuidade à tendência no aumento do número total de membros da Sociedade, em termos de uma progressão aritmética.

No período entre 1967 e 1975, ocorreram diversas mudanças importantes na liderança da Sociedade que até então era detida exclusivamente pela dra. Koch e alguns dos seus primeiros "candidatos", como Durval Marcondes e Alda. A partir de 1967, os "candidatos" formados mais recentemente, a partir da segunda metade dos anos 50 (que em termos de genealogia freudiana constituem a segunda geração formada a partir da dra. Koch), começaram a ocupar também os cargos hierárquicos superiores na Sociedade. Em 1971, foram "eleitos" os 3 novos "didatas" (Bráulio, Bruno e Barreto). A partir dessa "eleição" começaram a fazer parte da Comissão de Ensino e também começaram a ser "eleitos" nos principais cargos burocráticos na Sociedade e no Instituto. Esses 3 novos "didatas" foram acrescentados ao pequeno grupo que vinha exercendo a liderança da Sociedade desde os anos 50, na época do reconhecimento "oficial" pela IPA.

Também nesse período entre 1967 e 1975, Durval Marcondes deixou de ocupar qualquer cargo nos diferentes órgãos burocráticos e, em março de 1971, juntamente com a dra. Koch foram "eleitos Presidentes Honorários da Sociedade, embora cargos não previstos pelo Estatuto, teve acolhida favorável e votação pela Assembléia" (Barcellos, 1976: 42). Em 1973, a dra. Koch foi "homenageada na ocasião do seu afastamento"

mento das atividades didáticas" (*International Journal of Psychoanalysis*, vol. 55, part 1, p.145, 1974).

Nos anos imediatamente posteriores ao afastamento definitivo de Durval Marcondes e da dra. Koch nas atividades da Sociedade, a estadia inicialmente temporária de Aquiles começou a se tornar definitiva. Enquanto a dra. Koch começava a se preparar para sair de cena, Aquiles também começava a substituí-la como o analista com mais prestígio na Sociedade. Tendo sido "analisado" pela dra. Koch e "reanalisado" por Klein e Bion, Aquiles foi gradativamente investido de um tamanho poder que começou a representar um novo foco de liderança. Apesar de não fazer mais parte da Sociedade de São Paulo, foi transformado e se transformou num "analista dos analistas", pois os diversos membros da Sociedade começaram a ser "reanalisados" por ele. Esse fenômeno da "reanálise" ainda não havia ocorrido com um número significativo de membros da Sociedade de São Paulo. Só tinham ocorrido dois casos precedentes que foram os de Alan, que tinha sido "analisado" pela dra. Koch sem sucesso e depois foi submetido a uma "análise" bem-sucedida com Américo, e de Arimar, que também tinha sido "analisado" pela dra. Koch e depois se submeteu a uma "reanálise" com Aquiles. Esses dois casos de "reanálise" ocorreram durante os anos 50.

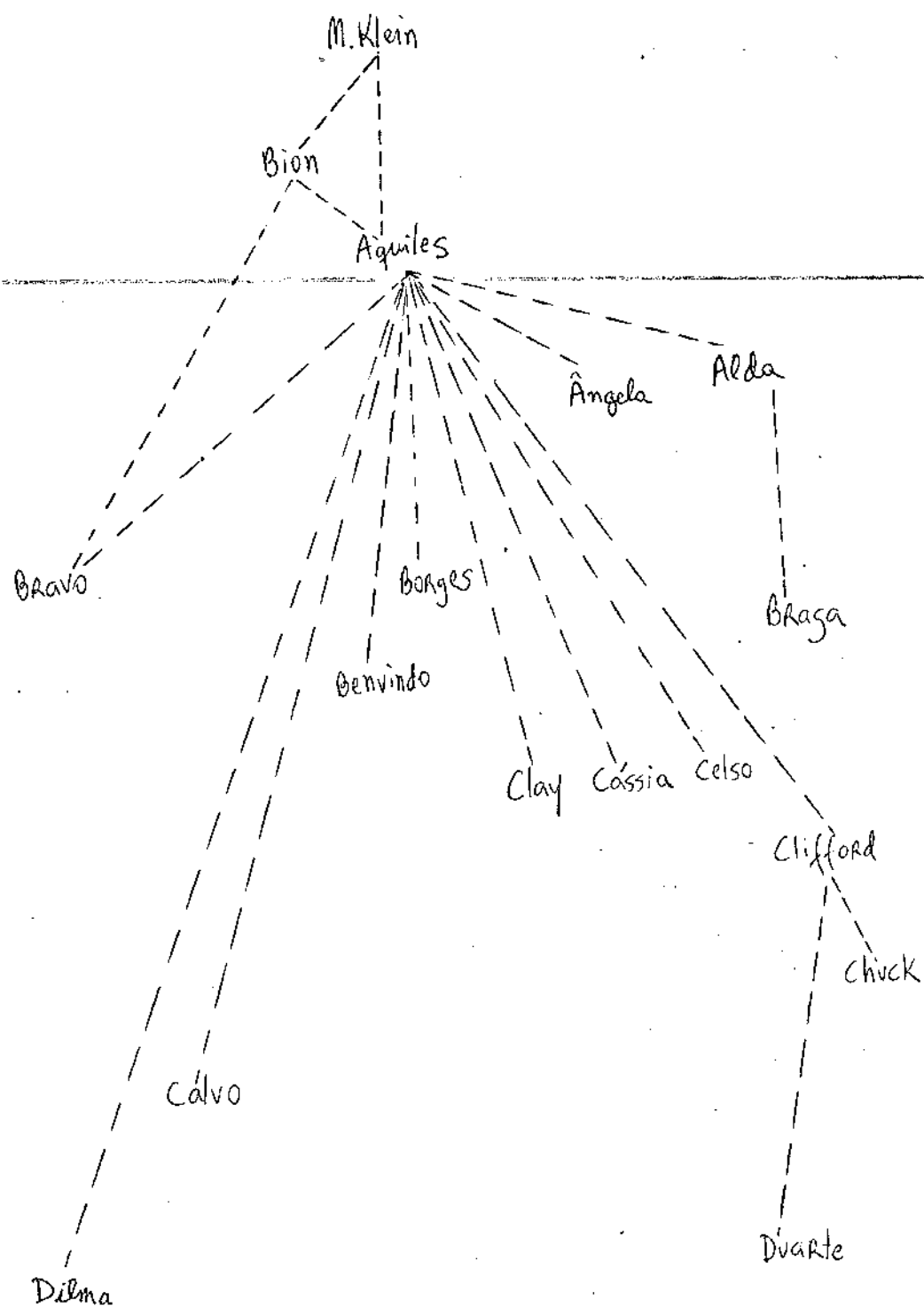
Em 1976, foi "aprovado pela Assembléia o parecer da Banca Examinadora do Curriculum Vitae do Prof. (Aquiles) que se candidata a Membro Associado. Por proposta da mesa e com votação favorável da Assembléia, o Prof. (Aquiles) é alçado à categoria de Membro Efetivo" (Barcellos, 1976:54). Essa "eleição" de Aquiles aconteceu na gestão de Bráulio, na presidência da Sociedade, que se tornou um importante aliado de Aquiles. Ao reconstituírem a sua versão dessa história recente, alguns membros da Sociedade consideram que, a partir de 1974-75, começou a haver a dominação dos grupos formados ao redor de Aquiles e de Bráulio.

Na reconstituição das diferentes facções em disputa no período mais recente dentro da Sociedade, a versão mais encontrada seriam essas três facções: a de Aquiles, de Bráulio e de Antonio. Enquanto os grupos de Aquiles e de Bráulio são identificados como "establishment", o de Antonio é caracterizado como "oposição", "democrático", etc. Os grupos de Aquiles e de Bráulio se consideram os defensores da psicanálise "verdadeira" que é refutada e criticada pelos componentes do grupo de Antonio, que se reivindicam uma outra interpretação da psicanálise. Vejamos a seguir como o "establishment" se vê e depois como é visto pela "oposição".

O "establishment" costuma ser identificado na Sociedade como "bioniano", sobretudo a partir da primeira metade dos anos 70. Entre os "analistas" entrevistados, apenas Bráulio se declarou abertamente "bioniano". Os outros "analistas" entrevistados como César, Benvindo, Caim e Clóvis reconhecem em Freud, Klein e Bion as influências ou orientações mais importantes na sua opção de uma "linha" e não se consideraram predominantemente "bionianos". Outros três "analistas" Doro, (34 anos), Dilson, (45 anos), e Dilma, (43 anos), também entrevistados, que são considerados mais como aliados do "establishment" do que da "oposição" e apesar de eles próprios não se considerarem componentes do "establishment", não se consideraram adeptos de "linhas" definidas, se bem que reconhecem neles as fortes influências kleinianas e bionianas.

Entretanto, os analistas do "establishment" que são considerados os "bionianos" mais convictos não puderam ser entrevistados.

Com exceção de Bráulio, outros três analistas do "establishment" considerados "bionianos" convictos, que me receberam para a entrevista, foram: Cássia, Celso, Clay e Calvo. Mas nenhum deles quis fazer qualquer espécie de declaração em relação a "linhas". Além desses quatro citados, os outros analistas do "establishment" considerados "bionianos" convictos são: Clifford, Ângela, Darci, Bravo e Braga.



Entre os "bionianos", é importante assinalar que a maioria deles fez uma "reanálise" com Aquiles. Seria o caso de Ângela, Ben- vindo, Braso, Borges, Calvo, Clifford, Clay e Cássia. Todos esses "reanalísandos" foram promovidos a "analistas didatas" ou "analistas com funções didáticas" no período de 1974-82, quando se conside- ra que o "establishment bioniano" deteve os principais cargos bur- cráticos da Sociedade, do Instituto e da Comissão de Ensino. Os ou- tros "analistas" que foram promovidos a "didatas", nesse mesmo perí- odo, foram: Celso, Braga, Can, Cravo e Clóvis. Tanto Braga quanto Cel- so e Clóvis foram considerados aliados de Bráulio nesse período, sen- do que Celso foi "reanalísado" por Bráulio e Braga "reanalísado" por Alda. Restam apenas os casos de Can e Cravo que nem foram "reanali- sados" por Aquiles e nem foram considerados aliados de Bráulio.

Para explicitar mais ainda como o "establishment" se vê, de- vemos fazer algumas citações que se referem às maneiras pelas quais se vêem dentro da Sociedade. Bráulio considera que os problemas de relacionamento entre os psicanalistas são decorrentes "do conflito de idéias e não de gente". Para César, as lutas pelo "poder e pres- tígíio interessam aos nossos membros. Parece que isso origina conflí- tos centrados em "linhas" de pensamentos e grupos". Dilson conside- ra que as lutas "existem em qualquer instituição em função de poder e prestígíio, divergências de opinião pessoal, diferenças de persona- lidade e giram ao redor de líderes". Segundo Dilma, as lutas "ocor- rem porque isso é humano. Aqui (no Brasil) creio que ocorrem em tor- no de líderes sobretudo. Creio que as linhas são secundárias".

Uma outra questão bastante elucidativa é a da formação psi- canalítica que interessa aqui porque se trata de um ponto nevralgi- co nas interações entre os membros da Sociedade. Residem na forma- ção de novos psicanalistas os principais interesses dos membros da Sociedade pois nela se incluem as análises didáticas, supervisões, en- sino teórico, nomeação de novos analistas didatas, etc. Isto é,

a formação psicanalítica assume uma importância aqui devido ao fato de ser um dos principais focos nos quais se envolvem as fac- ções existentes na política interna da Sociedade.

Segundo a versão de diversos membros da Sociedade, a formação psicanalítica no Instituto de Psicanálise restringiu-se a Freud, Klein e Bion a partir de 1970. Antes de 1970, havia na formação uma ênfase interdisciplinar na qual tanto outras disciplinas como Filosofia e Ciências Sociais poderiam ser incluídas, quanto outras "linhas" como Hartman, Jones, Abraham, Alexander etc., também eram abordadas. Essa maior restrição na formação psicanalítica foi o resultado de lutas na política científica da Sociedade. Isso ficou explicitado de uma maneira patente no depoimento de César que fez parte do primeiro grupo de estudos de Bion e portanto pode ser considerado uma testemunha participante dos fatos narrados por ele próprio.

Segundo César, houve uma época em que a dra. Koch e depois Alda foram "líderes incontestáveis". Nessa época que abrangeria desde a chegada da dra. Koch até os anos 60, "não houve lutas pelo poder". A partir dos anos 60, foi formado o primeiro grupo de estudos de Bion liderado por Bráulio e ocorreu a chegada de Aquiles, então começou a haver "lutas" e esse grupo "bioniano" conseguiu impor-se.

Essas são as representações encontradas sobre a formação no passado. No presente, elas não só revelam uma continuidade em relação a Bion como também são especificadas em relação à maneira pela qual se forma um "analista".

Segundo Bráulio, a validade e o reconhecimento psicanalítico não são dados somente pela pertinência institucional a IPA mas sobretudo pela maneira de "preservar a psicanálise" dentro das Sociedades filiadas à IPA, o que vem a ser feito através do desenvolvimento do processo de "vir a ser psicanalista" que "não é uma carreira e nem uma profissão".

Na opinião de Clóvis, "(...) Você não forma ninguém em psicanálise; você vai dar condições ou não para que se desenvolvam as suas aptidões naturais. Quanto mais o Instituto não interferisse, seria melhor. Talvez até houvesse vantagem em fazer análise pessoal e só depois fazer os cursos do Instituto".

Doro afirmou: "Não é porque está na Sociedade que é um psicanalista. Lá não é um lugar que canoniza. O psicanalista precisa de talento, precisa trabalhar com personalidade. A formação não é feita na Sociedade, mas no consultório dele e no consultório do seu analista. O Instituto não pode agambarcar a proposta de formar o psicanalista. O psicanalista vai se formando na vida dela e continua se formando".

Ainda mais uma opinião que não se refere especificamente à formação, mas a extrapola em termos de um "ideal" a ser perseguido por todo psicanalista. Esta é a opinião de Dilson: "É importante o analista ser coerente e unitário. Nas situações mais diferentes, o ideal é o analista dizer e se comportar sem cair em contradições. O que ele diz numa sessão também diz numa reunião científica ou num bate-papo".

Ainda sobre o "establishment", devemos citar as versões dos próprios membros do "establishment" sobre a sua participação na política interna da Sociedade. Essas versões são relativas mais especificamente ao período de 1974 a 82, durante o qual os presidentes da Sociedade, os diretores do Instituto e os componentes da Comissão de Ensino foram "eleitos" entre os membros do "establishment", compostos pelos grupos do Aquiles e do Bráulio.

A versão de Bráulio é uma das mais representativas porque ele se explicou extensamente e também foi possível ouvir alguns dos seus aliados: Clóvis e Celso, que também se estenderam sobre o assunto. Bráulio fez as seguintes afirmações: "Às vezes, a Sociedade é vista como autoritária. Os grupos mais fortes mantendo o poder. Na minha vicência, isso não é verdade. Como isso era feito previamente através da troca de idéias com as pessoas mais representativas. As pessoas eram eleitas porque representavam a maioria. Quando existiam oposições, não eram apoiadas e saíam dizendo que éramos autoritários. Qualquer um pode candidatar-se na Sociedade. Ao invés das pessoas irem à luta democrática, recuavam e saíam acusando".

Clóvis é um importante aliado de Bráulio, que inclusive teve a indicação bem-sucedida do seu nome feita por Bráulio para se candidatar a ser "eleito" presidente da Sociedade. Clóvis deu a seguinte versão sobre a sua "eleição": "A política não me era estranha quando me indicaram para ser presidente da Sociedade. Havia um entendimento. Tem uma hora certa. Eu era jovem e preenchia as expectativas de esperança no grupo. Quando era mais jovem tinha mais flexibilidade e tomava o cuidado de não confrontar. Se hoje eu me candidatasse, não seria eleito. Existe desentendimento: hoje eu faço afirmações, firmo posições e isso causa desentendimento. As tensões não são mais as mesmas da época em que fui eleito presidente da Sociedade".

Outra versão convergente com as de Bráulio e de Clóvis é a de Celso que ainda hoje se submete a uma "reanálise" com Bráulio. Celso fez as seguintes afirmações: "Eu nunca vi espírito de fechamento na Sociedade. Nunca vi lá aquilo que pudesse ser chamado de ditadura, oligarquia. Sempre houve democracia, sempre houve eleições. Durante meses, as pessoas se reuniam para conversas e surgia do consenso uma chapa. Sempre houve uma chapa e era uma questão de consenso. Era tudo livre. Um levantava e dizia: eu proponho alguém; quero ser candidato. Era marcada uma eleição com a maioria. Agora luta pelo poder sempre houve e não vai acabar: sempre tem gente que gosta de prestígio. No meu ponto de vista, era democrático".

É preciso explicitar, por fim, que essa formação mais recente de facções dentro da Sociedade foi o resultado de uma reconstituição baseada nas representações dos seus agentes exatamente quando estava ocorrendo uma das "eleições" consideradas mais importantes nos últimos anos. Desde que o "establishment bioniano" havia mantido uma certa hegemonia em todas as "eleições" mais recentes, não havia surgido qualquer chapa concorrente. Em 1982, quando estava sendo desenvolvida a pesquisa de campo, havia acabado de ocorrer uma "eleição" em que surgiu uma chapa concorrente e, mais ainda, não havia surgido uma chapa representativa do "establishment bioniano". Assim, a chapa con-

corrente - que veio a ser considerada como uma espécie de PMDB dentro da Sociedade, ou seja, uma frente ampla reunindo as diferentes tendências "democráticas" existentes, assim como estava ocorrendo no país em suas eleições diretas para governador, senador e deputados estaduais e federais - foi a única candidata a "eleição" e saiu vencedora. Mas esse acontecimento de política interna da Sociedade chamou mais ainda a atenção porque tanto os "analistas" de "oposição" como os "analistas" do "establishment bioniano" ressaltavam que havia acabado a época hegemônica do "establishment bioniano". E na medida em que enfatizavam de um lado a derrota do "establishment bioniano" e, de outro, a vitória da "oposição" na última "eleição", davam a oportunidade ao pesquisador de investigar o que tinha constituído, sido e feito o "establishment bioniano" e sua "oposição democrática".

Dessa maneira, fica explicitado que a formação das facções, como o "establishment bioniano" e a "oposição democrática", constituem fenômenos situados historicamente que, nos diferentes momentos, se compõem e se recompõem de uma maneira dinâmica e móvel. Se esta mesma pesquisa voltasse a ser efetuada a partir desta "eleição" decisiva de 1982, certamente as facções existentes seriam outras ou estariam reorganizadas em outros termos.

A seguir, vamos passar a analisar a mudança de liderança, que passa a ser constituída simultaneamente com a formação do "establishment bioniano", a partir do afastamento dos "pioneiros" da psicanálise em São Paulo. Além da nova liderança e da formação do "establishment bioniano", vão ser analisadas as representações dos "analistas" sobre "as linhas" e a formação de novos "analistas" que, nesse período, estão associadas com um procedimento até então pouco encontrável: a "reanálise".

A "panelinha" e a "reanálise"

A partir de 1967/68, a Sociedade começou a sofrer profundas modificações que ainda não haviam sido observadas nela. Os pioneiros da Sociedade, que vinham ocupando os principais cargos e eram considerados os líderes até então, começaram a se retirar de uma vez por todas da vida societária. Enquanto não se retiraram, estes pioneiros (sobretudo a dra. Koch e Duryal Marcondes) representaram os últimos momentos em que foi mantida uma certa unanimidade entre os membros da Sociedade. Essa unanimidade vai deixar de existir no período subsequente quando surgem alguns novos líderes. Se até então a Sociedade tinha um número menor de membros mas solidários entre si, a partir daí aumentou bastante esse número e ao redor dos novos líderes foram formadas facções que se opõem, umas as outras.

Esses novos líderes e suas respectivas facções começaram a se fazer identificar em termos de "linha". Vejamos quem, como e quando a "linha bioniana" começou a ser introduzida e se tornou bem-sucedida na Sociedade.

Existe um certo consenso de que o introdutor e principal adepto de Bion na Sociedade é Aquiles que retornou a São Paulo em 1968 quando a Sociedade estava consolidada e estava passando por aquilo que diversos membros denominavam de "crise de crescimento" e, ainda hoje, continuam denominando assim porque, se essa "crise" era passageira naquela época, acabou chegando até os nossos dias cronificada. Se Aquiles era um "estrangeiro" convidado pela Sociedade de São Paulo, como e por que veio a se tornar esse introdutor e principal adepto de Bion?

Ao contrário da época da vinda de Américo, quando a Sociedade ainda não havia obtido o reconhecimento "definitivo" da IPA e estava necessitando de "analistas didatas", na época da vinda de Aquiles a Sociedade já tinha obtido o reconhecimento "definitivo" há um bom tempo, possuía até uma certa tradição institucional de quase 2 décadas e, sobretudo, não estava necessitando de mais "analistas didatas". Nessas

duas diferentes circunstâncias históricas, Américo foi imediatamente considerado "analista didata" na Sociedade e Aquiles não o foi da mesma maneira. Entretanto, Aquiles viró a ser transformado em "analista dos analistas" num período em que a proporção de "didatas" é maior do que a de "candidatos", ou seja, quando havia "didatas" de sobra. E por que Aquiles foi bem-sucedido se a demanda era menor do que a oferta? Para poder compreender e explicar essa transformação, devemos levar em consideração o próprio Aquiles em relação a diversos membros da Sociedade, que passaram a se reunir em torno de Aquiles. Seria o caso de passar a considerar o caso de Aquiles em termos de processos grupais que ocorreram dentro da Sociedade. Para tanto, vejamos como Aquiles esteve, no início, à margem da Sociedade e, depois, foi integrado formalmente nela recrutando diversos analistas ao seu redor.

O caso de Aquiles pode ser comparado com o da dra. Koch na época da chegada dele no Brasil. Enquanto a dra. Koch estava fora dos estatutos da IPA na constituição de um "Study Group" em São Paulo, mas não estava fora da IPA de acordo com a sua formação no Instituto de Berlim, Aquiles estava fora dos estatutos da Sociedade de São Paulo, mas estava dentro dos estatutos da Sociedade Britânica, da qual era um "membro". A diferença notável entre a situação da dra. Koch e a de Aquiles é que no período mais recente a Sociedade de São Paulo já havia constituído os seus próprios estatutos de acordo com a orientação da IPA e conquistado, assim, a sua relativa independência ou autonomia, enquanto filial, em relação à sua matriz. Ao contrário da dra. Koch que se viu na iminência de criar os estatutos, Aquiles encontrou os estatutos prontos que constrangeram o seu comportamento na Sociedade de São Paulo.

Acontece que Aquiles não era um caso solitário numa luta "quixotesca" contra os "dragões" dos estatutos. Até pelo contrário, havia muitos adeptos que o transformaram num "analista dos analistas" sem considerar que estavam agindo apenas informalmente, ou seja, fora dos estatutos. Dessa maneira, uma tal situação de liminaridade pode ser caracterizada nos termos de Turner como uma "communitas" em

contraposição à "estrutura" (Turner, 1974:116-159). Aquiles e seus "reanalísandos" estabeleceram relações ambíguas e indeterminadas que não são reconhecidas enquanto tais nem pela Sociedade Britânica e nem pela Sociedade de São Paulo. Entretanto, nem Aquiles e nem seus "reanalísandos" deixaram de pertencer a estrutura formal das suas respectivas Sociedades. Portanto, trata-se de uma posição liminar relativa e definida pelas relações de determinados membros entre si, que não são incompatíveis com suas posições respectivas na estrutura formal e sim sobrepostas uma na outra.

Essa situação de liminaridade de Aquiles e seus "reanalísandos" teve um fim com a inclusão de Aquiles na estrutura formal da Sociedade de São Paulo, ao ser "eleito" membro "efetivo" e, logo depois, "analista didata". Esta "eleição" de Aquiles não foi um ato isolado, mas em 2 níveis diferentes e complementares entre si que se referem a estratégias de Aquiles e seus "reanalísandos". De um lado, a inclusão ou a "eleição" de Aquiles na Sociedade de São Paulo deu a legitimidade formal à "análise bioniana" feita por Aquiles e, dessa maneira, passou a ser incorporada "oficialmente" pela Sociedade. De outro lado, a "eleição" de Aquiles pode ser correlacionada com a formação do "establishment bioniano" cujos integrantes foram recrutados sobretudo entre os "reanalísandos" de Aquiles, num momento de mudança da antiga liderança da Sociedade e de emergência de alguns novos líderes.

A partir da "eleição" de Aquiles e a formação do "establishment bioniano", Aquiles e seus aliados passaram também a possuir o respaldo da estrutura formal. Esse "establishment bioniano" pode ser considerado uma panelinha, conforme esse conceito é usado por Leeds (1973) em relação a grupos de interesses político-econômicos atuantes na sociedade brasileira. As panelinhas político-econômicas são compostas por diferentes tipos de agentes (inspetor de alfândega, banqueiro, advogado, deputado, etc.) que se relacionam sistemática e informalmente, sem qualquer tipo de contrato formal, cuja constatação é feita através de "relatos de informantes ou a-

través da observação de esforços cooperativos duradouros entre as pessoas envolvidas" (Leeds, 1978:73). O "establishment bioniano" possui elementos atuantes na estrutura formal da Sociedade que se relacionam entre si na defesa dos seus interesses e com seus aliados nas situações cooperativas como as "eleições". A própria atuação na estrutura formal é marcada pela interferência da panelinha "bioniana" na medida em que todos os cargos hierárquicos na Sociedade e no Instituto, assim como as "eleições" dos novos "analistas didatas", foram beneficiados somente os "bionianos". Mesmo não sendo este um critério discriminado nos estatutos, foi transformado num critério seletivo pelo "establishment bioniano", nas suas atuações institucionais.

Tanto Bráulio quanto Aquiles são formalmente apenas membro da Comissão de Ensino, entretanto foram citados unanimemente como os "verdadeiros" líderes do "establishment bioniano". Essa constatação torna-se ainda mais surpreendente levando em consideração que nenhum dos presidentes da Sociedade e nem os diretores do Instituto chegaram a ser indicados também como líderes de uma maneira unânime (como aconteceu com Bráulio, Aquiles e Antonio), durante o período hegemônico do "establishment bioniano". A liderança de Bráulio e Aquiles é informal, mas através dela a estrutura burocrático-administrativa (cooptada por esses líderes do "establishment bioniano") é manipulada em benefício da panelinha "bioniana", pois os presidentes da Sociedade e diretores do Instituto estiveram incluídos nessa panelinha durante o período hegemônico do "establishment bioniano".

Vejamos agora quais foram as representações encontradas entre os "analistas" do "establishment bioniano" sobre si próprio e, em seguida, sobre a sua atuação na Sociedade.

Ao contrário do período anterior em que os "analistas" estiveram envolvidos predominantemente em buscarem o seu reconhecimento internacional, para obter a consolidação da Sociedade local, nesse período mais recente já estão assegurados do reconhecimento internacional da Sociedade e estão sendo capazes de criar e cultivar uma tradi

ção local da Sociedade. Anteriormente, as referências aos conflitos entre os psicanalistas e os psiquiatras foram encontradas de maneira freqüente durante os anos 20 a 50; nesse período mais recente, elas deixaram de ser feitas e deram lugar as referências aos relacionamentos entre os próprios psicanalistas e membros da Sociedade de uma maneira que não havia ocorrido antes. Os próprios "analistas" passam a se discriminar em relação aos relacionamentos entre si com base em certos critérios específicos. O critério mais evidente em primeiro plano é o da separação entre líderes e não-líderes feita para discriminar os próprios "analistas" do "establishment bioniano".

Em suas falas, os líderes do "establishment bioniano" tendem a se excluírem de um afrontamento mais direto com os demais membros da Sociedade. Este é o caso de Bráulio que não atribui os conflitos ou as reivindicações existentes na Sociedade às pessoas e sim às "idéias", excluindo-se portanto de qualquer confronto direto com seus colegas da Sociedade. Mais revelador ainda é o caso de Aquiles que se recusou a prestar qualquer esclarecimento sobre si mesmo ou sobre a sua atuação na Sociedade. Por sua vez, os aliados de Aquiles faziam referência à atuação dele como sendo o primeiro e o mais importante "analista bioniano". Entretanto, estes mesmos aliados de Aquiles não faziam referência à atuação de Aquiles na política interna da Sociedade, relativa à promoção de novos didatas, eleições, etc. Se é possível fazer alguma afirmação sobre as lideranças de Bráulio e de Aquiles, ela deve ser feita com base na constatação de que quanto mais reconhecida a liderança no "establishment bioniano", maior a sua inacessibilidade dentro da Sociedade.

Outros "analistas" que não se consideram e nem são considerados líderes como César, Dilson e Dilma demarcam todos, com diferentes ênfases, um denominador comum que é o reconhecimento da atuação predominante dos líderes. Se as "linhas", os grupos e opinião pessoal, por exemplo, são citados, isso ocorre em complementação à constatação da atuação dos líderes. Existe nas falas desses outros

"analistas não-didatas" justamente um reconhecimento inversamente proporcional ao encontrado nas falas dos "didatas" considerados como líderes; o que vem a confirmar de novo a separação entre líderes e não-líderes na atuação dentro da Sociedade. É preciso acrescentar que essa separação nas falas dos "não-didatas" ocorre a partir de uma dupla justaposição de papéis sociais: líderes/"didatas", de um lado, e não-líderes/"não-didatas", de outro.

Em termos mais amplos, a Sociedade é considerada "democrática", na versão de Bráulio e de Celso, o que vem a ser a mesma opinião de seus aliados. Segundo esta versão, a "democracia" aparece representada como tal, simplesmente pelo fato de ter sido preservada a realização de "eleições". Caso contrário, a Sociedade - ou melhor, o "establishment bioniano" identificado totalmente com a direção da Sociedade nesse período de sua hegemonia - poderia ser acusada com toda razão de ter sido "autoritária", "oligárquica", "ditadura", etc. Mas, como as "eleições" sempre foram convocadas e realizadas, a Sociedade deve ser considerada "democrática" nesse período de hegemonia do "establishment bioniano".

O que deve ser frisado ainda é que essa versão foi colhida na época imediatamente posterior a "eleição" de 1982, quando o "establishment bioniano" perdeu uma "eleição" pela primeira vez naqueles últimos anos. Trata-se então de uma versão que, diante desse acontecimento mais recente, procurou reconstituir a atuação do "establishment bioniano" em defesa dos seus interesses atuais, permanecendo assim tão "democrático" hoje quanto teria sido ontem.

Entretanto, a especificidade do "establishment bioniano" ainda não é de todo definível somente por estas singularidades da sua atuação na política interna da Sociedade. Tal especificidade se refere a concepções a respeito do sistema de formação psicanalítica encontrada entre os "analistas" do "establishment bioniano". É justamente o que vamos passar a destacar como um dos aspectos mais significativos que indicam as características próprias das representações e das atuações dos "analistas" do "establishment bioniano".

Na opinião dos "analistas" do "establishment bioniano", a formação psicanalítica propriamente dita pela Sociedade (como já vimos no capítulo anterior, ela depende em primeiro lugar dos estatutos da IPA, que regulamentam essa formação de acordo com os rituais de iniciação) é uma condição necessária, mas deixou de ser considerada suficiente para distinguir um psicanalista. Para tanto, os critérios passaram a ser as características "pessoais" atribuídas a alguns psicanalistas e identificadas como "aptidões naturais", "talento", "personalidade", "coerente e unitário", etc. (!!). E mais importante ainda, esses critérios procuram estabelecer que somente algumas pessoas possuem ou apresentam tais características "pessoais", na medida em que elas não são atribuídas a quaisquer características humanas, mas somente a algumas delas discriminadas como "pessoais".

É importante considerar quem discrimina em quem as características "pessoais". Trata-se de "analistas" do "establishment bioniano" atribuindo essas características "pessoais" aos seus aliados. Na maioria desses casos, eram "analistas não-didatas" fazendo comentários e apreciações sobre certos "didatas" ou os "didatas" se referindo a futuros candidatos a "didatas". De tal maneira que se marca uma inacessibilidade de uma minoria composta pelos "bionianos" e aspirantes a "bionianos", entre os quais não são incluídos os "analistas" que também se consideram "bionianos" mas não pertencem ao "establishment" e sim à "oposição", ou a nenhuma das facções.

Comparando com o período anterior referente aos anos 40, 50 e 60, quando o critério para distinguir um psicanalista era apenas a formação exigida pelos estatutos da IPA, nesse período mais recente outros critérios passaram a se sobrepôr aos já existentes. De tal maneira que somente os critérios estatutários prévios são considerados insuficientes e outros critérios que não são absolutamente previstos pelos estatutos, mas passam a ser considerados igualmente relevantes.

Até aqui, procuramos interpretar as representações sobre a formação psicanalítica de acordo com os "analistas" do "establishment bioniano". No entanto, foi observado que os próprios "analistas" do "establishment bioniano" não fizeram referência a certas correlações entre a atuação desse "establishment bioniano", a "reanálise" e a política interna da Sociedade. Estas correlações se referem ao fato de diversos "reanalisandos" de Aquiles terem sido "eleitos" como "didatas" ou como "presidentes" da Sociedade e "diretores" do Instituto, no período correspondente a formação e consolidação do "establishment bioniano". Essa correlação entre a atuação do "establishment bioniano" e a política interna da Sociedade vai ser discutida somente mais adiante. Por enquanto, procurei ficar restrito à questão da "reanálise", para poder posteriormente inseri-la na discussão mais ampla.

Em primeiro lugar, a "reanálise" demonstra que o status de cada "analista" na Sociedade não é adquirido e sim atribuído. O contrato entre o "didata" e seus "ex-candidatos" - uma vez transformados em "analistas" - pode ser rompido sem nenhuma sanção legal, prevista nos estatutos. Ao contrário, esse contrato implica uma margem de escolha mútua cuja característica, em termos de status é definida como sendo essencialmente adscrita. Através da "reanálise", um "analista" pode reatualizar o seu status anterior e isso quer dizer que na Sociedade há uma margem relativa de opção e de escolha que pode ser manipulada pelos "analistas".

Deve ser dito que a "reanálise" dos "analistas bionianos" não se restringiu aos que foram "eleitos" como "didatas" logo após terem feito a sua "reanálise". Alguns outros "analistas", que não pertenceram ao "establishment bioniano" e nem foram "eleitos" como novos "didatas", como Borges e Chuck, também se submeteram a uma "reanálise" com os "didatas bionianos". Nesse caso, fica confirmado que na "reanálise" se trata de reatualizar o status anterior.

Mais um aspecto a ser ressaltado - e que ficava implícito nas falas dos "analistas" do "establishment bioniano" - é a manei-

ra pela qual a identificação distintiva das características "pessoais" eram sempre atribuídas aos "analistas reanalizados" e aos próprios "analistas didatas", pertencentes ao "establishment bioniano". Esses "analistas" eram considerados como tendo passado por uma etapa de "desenvolvimento" posterior ao cumprimento das exigências estatutárias e relativo a características "pessoais". Se bem que os "analistas" ao não terem "desenvolvido" estas características "pessoais" não tivessem sido recusados como não-psicanalistas e sim como psicanalistas "menos desenvolvidos", na opinião dos "analistas" do "establishment bioniano". Nestes termos, trata-se de uma contraposição entre os semelhantes que pertencem igualmente a uma mesma Sociedade. Ou seja, o "establishment bioniano" não pode classificar de não-psicanalista qualquer membro da Sociedade, porque isso vai implicar seu próprio descrédito ao deixar de reconhecer os requisitos estatutários mínimos exigidos pela IPA. Entretanto, o "establishment" pode classificar os membros da Sociedade entre os mais ou menos "desenvolvidos" em suas características "pessoais" devido à "reanálise"; o que vai ser um critério totalmente coerente com a ideologia psicanalítica. Mais ainda, essa classificação distintiva entre os membros da Sociedade, assumida pelo "establishment bioniano" para identificar os psicanalistas da Sociedade, constitui uma estratégia de jogo político em que as diferenças ressaltadas como características "pessoais" são transformadas em desigualdades entre os psicanalistas mais ou menos "desenvolvidos".

Antes de passar a interpretar a Sociedade enquanto um todo, a partir da constatação da existência de "linhas" e facções durante os anos 70 e desenvolver aquela discussão já anunciada sobre a correlação entre a atuação do "establishment bioniano", a "reanálise" e a política interna da Sociedade, devemos ainda apresentar a "oposição democrática" que se constituiu numa outra facção importante e influente dentro da Sociedade.

Uma "oposição democrática"

Enquanto existe uma certa continuidade entre o afastamento dos antigos líderes (dra. Koch, Durval Marcondes, etc.) e o surgimento dos novos líderes do "establishment bioniano", não existe, em princípio, esse mesmo tipo de continuidade entre os antigos líderes e o surgimento da "oposição". Este surgimento da "oposição" parece muito mais ligado a circunstâncias conjunturais da Sociedade durante os anos 70. Tais circunstâncias puderam ser avaliadas no próprio momento da pesquisa de campo em que as versões dos "analistas" foram colhidas e tinha acabado de ocorrer uma "eleição" considerada muito importante na Sociedade.

Em 1982, houve uma "eleição" dos principais cargos hierárquicos da Sociedade: presidente da Sociedade, diretor do Instituto e "didatas" da Comissão de Ensino. A cada dois anos ocorre esta "eleição", mas, segundo os próprios "analistas" da "oposição", esta foi a primeira "eleição" desde a tomada do poder pelo "establishment bioniano", que venceu uma chapa apoiada pela "oposição". De fato não foi considerada uma chapa de "oposição" e, na opinião de alguns "analistas" como Cátia, esta chapa "eleita" constituiu uma espécie de "PMDB" que se uniu para constituir uma "frente ampla" contra o "establishment bioniano". Mesmo tendo sido apoiada pela "oposição", esta chapa "eleita" não tem sido reconhecida como representante da "oposição".

Esta "eleição" também teve uma importância considerável devido ao fato de três "didatas" considerados líderes (Aquiles, Bráulio e Antonio) não terem sido "reeleitos" como membros da Comissão de Ensino, o que vinha acontecendo em todas as "eleições" anteriores. Segundo Duarte, estes três "didatas" foram os que mais "podaram" e, por isto, foram também "podados". Alguns outros "analistas" da "oposição", como Denis, consideraram que a "não-reeleição" dos três "didatas" representou a rejeição das duas posições mais "extremas",

a do "establishment" e a da "oposição", em função do reforço de uma posição mais conciliatória.

Nestas circunstâncias, a "oposição" é um grupo de "analistas" que se consideram e são considerados "opositores" do "establishment". No entanto, a "oposição" não pode ser caracterizada a grosso modo como sendo unitário⁽¹²⁾. Foram encontradas diferentes versões e, entre elas, podem ser reproduzidas duas que parecem ser as mais relevantes. Estas versões foram as de Branco e de Deise.

Na versão de Branco, "somos independentes e não dissidentes dentro da Sociedade. A pretensão não seria formar outro grupo e nem sair da Sociedade. A atuação dentro da Sociedade seria a seguinte: tudo que a diretoria fizer de abertura, o voto é a favor; tudo que coartar, o voto é contra".

Na versão de Deise, Antonio foi "marginalizado" até há pouco tempo. Já existia um "grupo original" formado em torno de Antonio e composto por Cristina, Denis, Cátia, Carla, Dimas, Donald e Aírton. Mais recentemente, esse "grupo original" aumentou e os "analistas" que se acrescentaram (Branco, Dráusio, Cosmo e Cromo) tinham sido "excluídos" do "establishment bioniano". Segundo Deise, esse grupo que se diz liderado por Antonio é um grupo muito pouco coeso, não há nele uma "ideologia" comum e nem Antonio poderia ser considerado o líder.

Como vem sendo confirmado, a "oposição" se reuniu em torno de Antonio devido aos diferentes interesses e motivações de cada "analista" ao aderir a um grupo de "oposição" numa determinada circunstância conjuntural da Sociedade, que ora relativa ao desacordo ou contestação contra o "establishment bioniano". Entretanto, a adesão ao grupo de "oposição" aconteceu num contexto bem mais complexo do que pode transparecer até o momento. Para tanto, vamos continuar a narrar mais alguns episódios ocorridos durante as "eleições" de 1982 na Sociedade.

No caso da "oposição" é preciso situar não somente os "analistas" que fazem parte dela como também os que não fazem parte, segundo os próprios critérios da "oposição". Os "analistas" que não fazem parte da "oposição" incluem obviamente o "establishment bio-niano". No entanto, ainda existem outros "analistas" da Sociedade que também não são considerados como membros da "oposição". Esses outros "analistas" da Sociedade, excluídos tanto do "establishment" quanto da "oposição" emergiram na pesquisa de campo justamente num momento crítico da Sociedade e subsequente às eleições de 1982. Durante os primeiros meses posteriores à posse da diretoria "eleita" em 1982, a presidência da IPA enviou os seus representantes autorizados para "avaliar" uma situação denunciada por alguns membros da Sociedade de São Paulo. A denúncia se referia ao número restrito de "didatas" em oposição ao número crescente de "candidatos" não atendidos, devido ao pequeno número existente de "didatas" no momento e que não vinha tendendo a aumentar. Essa denúncia tinha sido feita por alguns "analistas" da Sociedade interessados em obter a autorização da IPA para constituir um "Study Group" em São Paulo, que viria a ser uma segunda Sociedade concorrente da outra Sociedade já constituída.

O representante autorizado da IPA veio "ouvir" os "membros" envolvidos no caso levantado pela denúncia. Depois a avaliação desse representante da IPA foi exposta e julgada pela Assembléia da reunião anual da IPA, com um parecer desfavorável aos autores da denúncia. Isto é, a situação da Sociedade de São Paulo foi considerada sob controle submetida à observação da IPA, devido às "promessas" de mudanças feitas pela maioria dos "membros" da Sociedade de São Paulo. Além disso, não foi autorizado o reconhecimento de um "Study Group" em São Paulo, conforme estava sendo reivindicado por alguns membros da Sociedade de São Paulo, que também foram os autores da denúncia citada.

O que interessa nesse caso não é o resultado das articulações internacionais, ao nível da IPA, envolvendo a Sociedade de São

Paulo, mas o posicionamento dos diversos membros da Sociedade de São Paulo em suas repercussões locais diante desses acontecimentos internacionais. Enquanto o "establishment bioniano" tinha um posicionamento, digamos assim, óbvio de não aceitar a denúncia como sendo tão "grave" e muito menos ser favorável ao reconhecimento de um novo "Study Group" em São Paulo, o posicionamento da "oposição" não foi tão óbvio assim. A "oposição" concordava com a denúncia do pequeno número de "didatas" ou da falta de "democracia" na Sociedade; no entanto, discordava, assim como o "establishment bioniano", com a criação de um novo "Study Group" em São Paulo. Foi feito pela "oposição" um panfleto para circular entre os membros da Sociedade, em que se defendia abertamente o não-reconhecimento de um novo "Study Group" em São Paulo.

Através desses episódios, foi possível mostrar que a "oposição" não incluiu os "analistas" da Sociedade que estavam reivindicando o reconhecimento de um novo "Study Group" e, simultaneamente, reafirmou a "oposição" em relação de confronto com o "establishment bioniano", no momento crítico pelo qual passava a Sociedade de São Paulo.

Devemos agora passar a descrever em que consistiu o desacordo da "oposição democrática" com o "establishment bioniano". Esse desacordo incluiu apenas parcialmente a "linha" adotada por cada "analista". Isso porque a grande maioria dos "analistas" de "oposição" se declararam, em maior ou menor grau, concorrentes com as três "linhas" principais compostas por Freud, Klein e Bion. Obviamente, existem sutilezas importantes a serem consideradas na "oposição" relativas a essas "linhas" e, por isso, vejamos quais são elas.

Foi constatado que, de um lado, existe um certo consenso sobre essas três "linhas", mas, de outro, existe também a interpretação diferenciada dessas "linhas". Foram apenas alguns os "analistas" que se consideraram somente "freudianos" e/ou "kleinianos" porque, somente "bionianos", não foram encontrados na "oposição". Acontece que existe um reconhecimento da importância de Bion feita pela "oposição",

mas os "bionianos" da Sociedade são questionados e criticados enquanto constituem o "establishment". Nessa medida, a própria interpretação da "linha bioniana", feita por alguns "analistas" da "oposição", cuja aceitação de Bion é maior do que a dos outros "analistas" da "oposição", pretende demonstrar que Bion pode ser colocado lado a lado com Freud e Klein. Portanto, o desacordo não é assumido necessariamente contra a "linha bioniana" por estes "analistas" da "oposição" e sim contra o "establishment". Este é o caso de Cátia, Carla, Duarte, Dráusio e Deise.

Alguns outros "analistas" da "oposição" se consideraram "freudianos" e/ou "kleinianos" sem fazerem qualquer referência à importância de Bion na sua opção de "linha". Ao contrário dos "analistas" da "oposição", citados no parágrafo anterior, cuja aceitação de Bion é maior, estes "analistas" da "oposição", que se consideram somente "freudianos" e/ou "kleinianos", não colocam Bion lado a lado com Freud e Klein. Nessa mesma medida, os "bionianos" da Sociedade não são reconhecidos por estes "analistas" da "oposição" como os que permanecem "fiéis" às "descobertas" de Freud e Klein. Estes "analistas" da "oposição" são Cândido, Cristina e Dimas. Inclusive pode ser destacada a crítica feita por Dimas aos "bionianos" da Sociedade. Para Dimas, Bion foi escolhido pelo "establishment" da Sociedade "por acaso" pois "qualquer outro poderia ter sido escolhido". Esse "grupo bioniano" pretende ser hegemônico mas não tem nenhuma "produção científica" e nem "teoria de peso". Não existe uma "briga ou disputa científica" na Sociedade, mas uma "luta pelo poder".

Em número também bem menor, foram os "analistas" de "oposição" que não se consideram adeptos de nenhuma "linha". Apenas Antonio e Denis fizeram este tipo de declaração. Entretanto, foi constatado que tanto Antonio quanto Denis possuem uma influência "kleiniana" marcante. O próprio Antonio fez referências a inúmeras supervisões que recebeu de "analistas kleinianos" ingleses (como Hanna Segal e Hans Turner), nos anos 50 e 60. Por sua vez, Denis possui um ensaio no qual o reconhecimento da importância científica de Melanie

Klein é evidente. Trata-se de um ensaio introdutório de uma coletânea dos trabalhos considerados mais importantes de Klein, publicada por uma grande editora de São Paulo, e escrito em co-autoria com Camilo.

Mesmo apresentando os mais diferentes tipos de opção em relação a "linhas", a "oposição" apresentou muitas posições convergentes no que se refere aos rumos políticos assumidos pelo "establishment bioniano". Se a "eleição" de um novo "analista didata" e as atribuições da Comissão de Ensino não foram abordadas e nem discutidas pelos "analistas" do "establishment", a mesma coisa não aconteceu com os "analistas" da "oposição". Na opinião dos "analistas" da "oposição", a "eleição" de um novo "didata" e as atribuições da Comissão de Ensino não podem ser dissociadas uma da outra como vamos procurar demonstrar a seguir.

O principal alvo das críticas feitas pela "oposição" é a Comissão de Ensino que teria se tornado uma "cúpula fechada" e, inclusive, com um "poder" maior do que os estatutos e as assembleias da Sociedade. É preciso considerar que esta crítica ao "poder" da Comissão de Ensino não se limita aos "analistas" da "oposição". Senão, vejamos as versões de Alda e Dario que não se consideram e nem são considerados "analistas" do "establishment" e nem da "oposição".

Apesar de Alda ter sido "reanalizada" por Aquiles, não é considerada e nem se considera um membro do "establishment" da Sociedade. Durante muitos anos, Alda esteve afastada da Comissão de Ensino e quando retornou à Sociedade ouvia dizer muito sobre o "poder" dos "didatas". Alda não compreendia e não sabia onde é que estava esse "poder". Mas depois de assistir a algumas reuniões dos "didatas" percebeu que eles impediam intencionalmente que os outros "analistas crescessem", quer dizer, fossem considerados aptos para serem "eleitos" como "didatas", mantendo "a cúpula inacessível".

Dario, que fez sua "análise didática" com Alda, fez o seguinte comentário sobre o afastamento temporário de sua "analista"

da Comissão de Ensino: "A cúpula de didatas é tão fechada que quando há uma crise ou um desentendimento entre eles só se fica sabendo das conseqüências e não das causas".

Vamos passar agora às críticas feitas pela "oposição". Existem três pontos mais destacáveis nessas críticas à Comissão de Ensino, que são os seguintes: 1) a decisão monopolizadora do "didata" na qualificação do candidato à "analista" e do "analista" à "didata"; 2) o alto preço cobrado pelos "didatas"; 3) a ênfase exagerada na "análise didática" em detrimento da produção científica original.

A primeira das críticas se refere ao fato de os "didatas" darem a última palavra na qualificação de um novo "analista" e de um novo "didata". Em princípio, um novo "analista" ou um novo "didata" passa pelo ritual pós-liminar ao ser "eleito" nas Assembléias, conforme está prescrito nos estatutos. Entretanto, as Assembléias servem apenas para referendar a última palavra dos "didatas" em relação ao candidato à "analista" ou à "didata" pois, segundo os "analistas" da "oposição", caso já não tenham sido aprovados pelos "didatas" não terão chance alguma de vir a ser "eleitos".

Algumas versões como as de Dráusio e de Branco podem ser citadas a respeito das manobras políticas atribuídas à Comissão de Ensino. Para Dráusio, "A Comissão de Ensino seria uma espécie de Conselho de Segurança Nacional que de fato possui o poder nas mãos. Tanto pode vetar os candidatos e os membros como pode ter todo controle sobre professores, currículos, candidatos, etc. Para ser didata, é preciso apresentar um caso em supervisão, diante dos 12 membros da Comissão de Ensino. Para ser aceito, é preciso que o analista tenha um prestígio político em relação a todos os doze e não fira os interesses deles. Qualquer ameaça aos privilégios deles significa não entrar no grupo de didatas". Branco, que nos anos 60 foi proposto por um colega recém-nomeado "didata" (Bruno) naquela época, mas não foi aceito pela Comissão de Ensino, afirmou: "A Comissão de Ensino sempre foi a eminência parda do poder. Eles controlam tudo. A assembléia

nunca funcionou. E os estatutos dão pleno poder à Comissão de Ensino. Os didatas sempre indicam quem está do lado deles e assim sempre vão ser reforçados".

A crítica ao "poder" dos "didatas", feita pelos "analistas" de "oposição", não se restringe à Comissão de Ensino e se torna mais abrangente ao questionar a "análise didática". Enquanto o "establishment" coloca a "análise didática" como o mais importante fator de formação psicanalítica, como já foi mostrado na seção anterior, a "oposição" também reconhece a importância da "análise didática" mas questiona a forma adotada pelo "establishment". A discordância da "oposição" se refere ao fato de que a "análise didática" não deveria ser feita exclusivamente pelo "analista didata".

Denis afirmou que Antonio havia dado a "pauta mais cabível" sobre a exclusividade dos "analistas didatas": "Quem é que falou que fulano não pode analisar os candidatos se pode analisar a população?". Na opinião de Denis, a escolha de um novo "didata" deveria ser "democratizada" em assembléia geral e o ensino passar a ser "livre". A posição de Antonio também foi confirmada por diversos "analistas" da "oposição" que, igualmente, são favoráveis a "análise didática" ser exercida por qualquer membro da Sociedade e acabar com a categoria exclusivista de "analista didata".

Segundo Cátia, a "análise didática" não passa de uma "análise" como qualquer outra - só que ela recebe esse nome porque é feita por um "didata". A "análise didática" compromete quem vai tornar-se "analista" porque o "didata" é quem vai dizer se o "candidato" pode ser ou não um "analista". Na opinião de Cátia, a "análise" deve ser "isenta" e preservar o caráter de sigilo. O "candidato" faz a "análise" e isso não tem nada a ver com o seu "analista didata" dizer se ele vai ser "analista" ou não. Quem vai dizer se o "candidato" pode ser "analista" ou não é a trajetória do "candidato" nos grupos de estudo, seminários, supervições, etc. Quando um "analista didata" "analisa" um "candidato" e também assume uma posição hierárquica dentro da Sociedade, o saber transforma-se num instrumento de manipulação e de poder.

A "análise" é uma "experiência libertária" que mexe com "conteúdos primitivos". Mas a instituição através do poder do "didata" faz com que essa experiência resulte em "repressão". Acontece que, atualmente, na Sociedade quem detém o poder e controla a instituição são os "burocratas" e não o "bom psicanalista".

Assim como Denis, Cátia e outros "analistas" da "oposição," Deise se considera "totalmente contra a figura do didata", pois a "análise didática" é uma "análise" pessoal antes de ser considerada "didática". Quando o "didata" só atende "candidatos", como vem acontecendo na Sociedade, acaba formando "um clã dos didatas".

Apesar de não serem considerados mas se considerarem "oposição" na Sociedade, alguns "analistas" como Chuck e Bento assumem a mesma posição contra o "analista didata". Chuck se considerou "a favor" de qualquer "membro" efetivo da Sociedade poder fazer "análise didática", porque é igual a qualquer outra "análise". Passaria a existir um maior número de "analistas didatas" e não continuaria perpetuando a situação atual em que os "didatas" só trabalham com "candidatos".

A segunda das críticas feitas pela "oposição" é relativa ao alto preço cobrado pelos "didatas". Vejamos algumas das versões recolhidas como as de Dráusio, Deise, Dimas e Chuck.

Dráusio afirmou: "Por que é importante ser didata? Por causa do prestígio. Quem é didata não cobra pouco. Um valor médio seria 40 mil, mas vai desde 20 até 50 ou 60 mil por sessão. É como uma Opep que faz seu preço: os didatas não declaram, mas entre eles se entendem, se regulam e se controlam no preço."

Na opinião de Deise, o preço cobrado pelos didatas é um "absurdo" porque acaba inflacionando o "mercado todo numa reação em cadeia": o "didata" cobra caro e o "candidato" também vai ter que cobrar caro para poder pagar o seu "didata". Se o "didata" cobrar menos, a seleção de "candidatos" vai deixar de ser econômica porque hoje a seleção é só econômica. Assim como Deise, Dimas também considerou que "entre as muitas mudanças a serem feitas na Sociedade, a

mais imediata é o critério de seleção que hoje somente se baseia no econômico. Ao aumentar o número de didatas, automaticamente cai o preço".

Na opinião de Chuck, "Aquiles contribuiu para inflacionar o preço, de maneira nociva, inclusive para selecionar os candidatos em relação aos altos honorários em detrimento de quem tivesse habilidades. A análise didática deveria ser encarada como sacrifício, como disse André numa reunião científica, ao contrário do que vem acontecendo na Sociedade, onde a análise didática virou uma maneira de ganhar dinheiro".

A terceira das críticas feitas pela "oposição" está relacionada com a ênfase exagerada na "análise didática". Foi constatado que diversos "analistas" da "oposição" consideram a produção científica da Sociedade quantitativamente muito pequena ou qualitativamente muito precária. Na versão destes "analistas", isso é atribuído a uma ênfase excessiva na "análise didática" em detrimento da produção científica original.

É preciso ressaltar que, ao contrário das duas críticas anteriores feitas pela "oposição", esta terceira não se mostrou tão presente e evidente como as duas anteriores. Em todo caso, também foram constatadas de maneira enfática como no caso de Cândido e de Dimas, para citar os dois "analistas" da "oposição" que mais insitiram em acentuar esta crítica, contrapondo a ênfase exagerada na "análise didática" com a escassez da produção científica.

Na opinião de Dimas, "uma mudança a ser feita na Sociedade é o critério de escolha de didatas que venha a ser feita também por mérito científico. Em relação ao currículo, aumentar a qualidade e o número de aulas. Freud é dado de forma superficial; o que é um absurdo. Devia dar 3 anos de Freud e um ano de Klein e Bion. Mas aconteceu que hoje é dado 3 anos de Klein e Bion e um ano de Freud. Freud é muito negligenciado. A teoria foi negligenciada pelo grupo de poder e então houve a crise e a decadência científica. Foi como se houvesse uma incompatibilidade entre teoria e clínica".

Cândido afirmou que os membros da Sociedade adquirem uma profissão. Ao conseguirem ser psicanalistas dividem menos suas atividades com outras atividades não-psicanalíticas. "Isso pesa no sentido da "análise didática" ser o núcleo das atividades psicanalíticas. Acho que essa ênfase na atividade "didática" tem dado certo mas, em termos de aperfeiçoamento, a produção científica es tá pouca e fica prejudicada. Uma das causas dessa absorção é o dinheiro pois passa a existir uma procura muito grande que escapa das mãos da própria Sociedade. Você não vai entrar na Sociedade só para ganhar dinheiro. Você não tem a obrigação de psicanalista só com a clientela, mas também com a ciência, como dizia Freud. Se você não tem a ligação com o conhecimento, não aperfeiçoa, não se alimenta e não pode alimentar o outro".

Ainda em relação a essa terceira das críticas feitas pela "oposição" sobre a ênfase exagerada na "análise didática" em detrimento da produção científica, cabe estendê-la às versões explicitadas por diversos "analistas" da "oposição" como Dráusio, Douglas, Dimas e Denis, ou outros "analistas" menos comprometidos com a "oposição", como Dante e Dário. Estas versões se referem ao "establishment bionismo" em termos de uma interpretação do comportamento grupal desse "establishment".

Para Dráusio, Dimas e Denis, o "establishment bioniano" é comparado com o grupo religioso. Na opinião de Dráusio, "existe na Comissão de Ensino a idéia de que existe uma psicanálise verdadeira, sendo que o guru dela é Aquiles." De acordo com Dimas, o "grupo bioniano" é "místico-profético" e pretende ser a "psicanálise pura, verdadeira". Já Denis considera que existe na Sociedade um "mito soterológico" representado pelos "bionianos". Ao contrário destas três versões, a versão de Douglas é feita em termos de psicopatologia. Para Douglas, o grupo de Aquiles estava "muito seguro", possuía uma certeza muito grande de que "não perderia o poder" e estava "tão onipotente" que não estava nem um pouco "paranóico". Este seria um "sintoma" da "psicose" que vivia a Sociedade "dominada" pelo grupo de Aquiles. Foi uma fase completamente "psicótica".

Na opinião de Dilma, "tem um mito de que quanto mais velho o psicanalista melhor. Discordo porque o analista, depois de certa idade, já não tem mais aquela energia e vigor, além de começar a cometer algumas incoerências. O que acontece é que as pessoas precisam ter um Aquiles lá em cima para servir de guia aos outros".

Para Dario, "os candidatos do Aquiles têm um comportamento místico-religioso quase beirando o fanatismo. O Clifford, por exemplo, faz análise com Aquiles há 10 anos e continua até hoje. O Aquiles assume a posição de não endeusar a teoria. Acontece que os seus candidatos - mesmo que o Aquiles não se considere um deus - fazem dele um deus". Dario ainda citou o caso de um "candidato" que vendeu tudo no Brasil e foi "como um fanático" atrás do Bion nos Estados Unidos para ser "analisado". E Dario concluiu: "isso tudo deixa de ser ciência".

A seguir, vamos passar a elaborar algumas interpretações sobre os dados já apresentados sobre a "oposição", que se referem a uma contraposição constante com o "establishment bioniano". Procuraremos mostrar como essa contraposição pode ser considerada não como um mero confronto e sim como um elemento constituinte do inter-relacionamento entre "oposição" e "establishment".

*

Os desacordos explicitados psicanaliticamente

Uma primeira observação sobre a "oposição" é que não chegou a se constituir - até a época em que estava sendo desenvolvida esta pesquisa - numa panelinha como já demonstramos que ocorreu com o "establishment bioniano". Foram constatadas as relações informais entre os membros da "oposição" ao nível de amizades, tráfego de pacientes, etc., assim como puderam ser constatadas entre os membros do "establishment". Entretanto, não foram constatadas na "oposição" as relações informais que inter-relacionavam os membros que ocupa-

vam e os que não ocupavam os cargos hierárquicos, em benefício da "panelinha" (Leeds, 1978). Na "oposição", houve apenas um "analista didata" (Antonio), que pertencia a cúpula burocrática da Sociedade como um membro da Comissão de Ensino. Enquanto estava ocupando essa posição, não foi constatado que qualquer um dos aliados de Antonio tivesse vindo a alcançar a "eleição" como "analista didata" e nem a "eleição" nos diferentes cargos burocráticos na Sociedade ou no Instituto. Nessas condições, a "oposição" poderia vir a ser caracterizada como um grupo que surgiu em reação ao "establishment bioniano" na tentativa de interferir a seu favor, pois a "oposição" considerou que os seus interesses e direitos estavam sendo impedidos de serem exercidos pelo "establishment"⁽¹³⁾.

A "oposição" não se mostrou tão articulada ou coesa quanto o "establishment bioniano". Enquanto os "analistas" do "establishment" somente faziam referências de inclusão e evitavam as de exclusão entre eles, os "analistas" da "oposição" faziam igualmente as referências de inclusão mas não evitavam necessariamente as de exclusão. Dependendo do "analista" da "oposição", as suas referências variavam. As versões de Branco e de Deise foram escolhidas porque são bastante representativas nesse sentido. Enquanto Branco considera os "independentes" como as relações de inclusão e os "dissidentes" como relações de exclusão, Deise considera as de inclusão o "grupo original" e as de exclusão "os que foram excluídos" do "establishment". Dessa maneira, a "oposição" se apresenta unida quando se trata de assumir uma posição contra o "establishment", mas se apresenta diferenciada quando se trata de assumir uma posição entre si.

Como já vimos, o "establishment" discrimina e atribui características pessoais particulares ("talento", "personalidade", "coerente", etc.) aos "verdadeiros psicanalistas"; dessa maneira, seleciona alguns e exclui outros de acordo com esses seus critérios, transformando a Sociedade numa instituição basicamente excludente. Ao contrário, a "oposição" se recusa a atribuir

e discriminar as características pessoais, porque o fator mais importante é considerado o tipo de sistema vigente que permite aos demais diferentes psicanalistas virem a ser um "bom psicanalista".

Na "oposição", o reconhecimento de quem é ou não é psicanalista passa a depender mais do sistema adotado do que das características pessoais. Os "analistas" de "oposição" contrapõem o "burocrata" ao "bom psicanalista" e não ao "não-psicanalista", porque mesmo sendo "burocrata" a "oposição" não se considera no direito de reconhecer ou não qualquer psicanalista em particular. Obviamente, fica subentendido que o "burocrata" é visto como um "mau psicanalista" mas ainda assim é visto como um "psicanalista"; ao contrário do "establishment" que considera somente o "verdadeiro psicanalista" como um psicanalista e desqualifica todos os demais como "não-psicanalista". Assim, o critério do "establishment" pode ser considerado muito mais inflexível do que o da "oposição".

Enquanto as "linhas" e as "análises didáticas" são determinantes na adesão dos "analistas" ao "establishment bioniano", a mesma coisa não aconteceu em relação à "oposição". Justamente a ênfase do "establishment" nas "linhas" e nas "análises didáticas" vai ser contraposta e uma crítica delas fazendo com que as "linhas" e as "análises didáticas" não sejam o único critério adotado na adesão dos "analistas" à "oposição". Ao contrário dos "analistas" do "establishment bioniano", os "analistas" de "oposição" são ecléticos em relação a "linhas" e "análises didáticas". Tanto os "analistas" de "oposição" se consideram "freudianos", "kleinianos" ou a combinação variada destas "linhas", quanto não se constituem na maioria que teria sido "analisada" ou "reanalisada" por um ou outro "didata", também pertencente à "oposição".

Em termos de "linhas", os "analistas" de "oposição" também assimilaram Bion. É esperado que os "bionianos" coloquem Bion ao lado de Freud e de Klein que, pelo menos na Sociedade de São Paulo, são considerados autores de "descobertas originais". Mas é surpreendente constatar que a "oposição" também realce essa importân-

cia de Bion tanto quanto o "establishment", no final das contas. Se o Bion tem aspectos ignorados pelo "establishment", isso significa reconhecer que Bion realmente está à altura de outros grandes teóricos "originais", como Freud e Klein, que continuam sendo estudados e discutidos de maneira exaustiva, uma vez que a obra deles não foi esgotada e dela pode ser obtida resultados novos.

Seria de esperar que a "oposição" pudesse ser caracterizada em termos de "linhas" de uma maneira independente, o que de facto ocorre com alguns "analistas" de "oposição" que se consideram "kleinianos" ou "freudianos", mas se recusam a ser considerados "bionianos". Entretanto, uma grande parte dos "analistas" de "oposição" consideram Bion tão importante quanto Klein e Freud, apesar de divergirem necessariamente da interpretação de Bion feita pelo "establishment bioniano". Essa predominância de Bion confirma que se trata de uma identidade generacional.

Considerando que os "grupos de idade são núcleos de socialização do indivíduo e recursos asseguradores da continuidade do sistema" (Foracchi, 1972:25), os "bionianos" em seus diferentes matizes identificados no "establishment" e na "oposição" atuam em termos de identidade generacional na transição ou mudança das gerações mais velhas para as mais novas. Todos os "bionianos" se opõem à tradição estabelecida que, ao ser confrontada, conseguiu absorver essas gerações mais novas, pois os "bionianos" passam a ser reconhecidos como parte integrante dessa mesma tradição inicialmente contestada ou confrontada. Ao serem "bionianos", os mais novos aprendem e incorporam ao seu modo a tradição estabelecida, a partir dos mais velhos.

Essa interpretação sobre os bionianos baseada na identidade generacional está ainda longe de esgotar a complexidade do que é o ser bioniano dentro da Sociedade. Por enquanto pode ser anunciado um outro aspecto considerável - a ser aprofundado mais adiante - que se refere à arbitrariedade simbólica constatada no ser "bioniano" de maneira inequívoca por Dimas. Antes porém devemos con-

tinuar a discutir no que consistiu o desacordo da "oposição" com o "establishment democrático".

Retomando um argumento já colocado para enfatizar bastante qual é o desacordo da "oposição" com o "establishment bioniano", deve ser reafirmado que esse desacordo não recai na recusa do sistema tradicional de formação baseado na "análise didática", supervisões e seminários teóricos, mas na forma pela qual este sistema tradicional está sendo colocado em prática, que, no caso local, corresponde à política interna adotada pelo "establishment bioniano". Assim como os "analistas" do "establishment" consideraram que somente a formação tradicional era necessária mas não suficiente para discriminar um "analista", também os "analistas" de "oposição" consideraram que faltava "democracia" na política interna adotada pelo "establishment" em relação a três das suas principais reivindicações: contra o poder centralizador dos "didatas", contra o alto preço cobrado pelos "didatas" e contra o "misticismo religioso" dos "bionianos".

Quer dizer que desde o ponto de vista dos "analistas" de "oposição" a formação tradicional é uma condição necessária mas também insuficiente, por razões completamente diferentes daquelas assumidas pelo "establishment bioniano". Para os "analistas" de "oposição", estas razões não são buscadas nas "reanálises", como aconteceu com o "establishment bioniano" e sim nas transformações "democráticas" da política interna que determina desde a formação tradicional de novos "analistas" até as "eleições" de novos "didatas", e da cúpula administrativa-burocrática.

As críticas e os desacordos não são feitos pela "oposição" de uma maneira aleatória. Ao contrário, foram feitas em termos psicoanalíticos que são considerados aceitáveis por todos membros da Sociedade. Senão, vejamos cada um dos três itens já destacados acima como os mais importantes pelos "analistas" de "oposição", que seriam: o poder centralizador dos "didatas", o alto preço cobrado pelos "didatas" e a ausência de produção científica "original".

Em relação ao poder centralizador dos "didatas", existe o desacordo da "oposição", porque os "didatas" monopolizam totalmente o "poder" de qualificar um novo "analista" ou um novo "didata". Essa forma monopolizada pelos "didatas" é considerada "repressiva", "comprometida", etc. pelos "analistas" de "oposição". Mas não existe nenhum desacordo em relação à existência e à necessidade da "análise didática", assim como em relação à existência de um processo de qualificação do novo "analista" ou do novo "didata". A "oposição" reivindica que a todo membro qualificado pela Sociedade como "analista" deveria ser permitido fazer a "análise didática". Quanto ao reconhecimento da qualificação de um novo "analista" ou de um novo "didata", deveria ser feito nos seminários, supervisões, grupos de estudo, etc. Portanto, a reivindicação da "oposição" seria acabar com a atual "cúpula dos didatas", mas não acabar com o sistema em que se baseia, e sim transformar os meios pelos quais têm sido colocados em prática.

Em relação ao alto preço cobrado pelos "didatas", a "oposição" questiona por que os preços devem ser tão "exorbitantes" fazendo com que a seleção seja "econômica", sem levar em consideração qualquer outro aspecto. Entretanto, não existe qualquer questionamento sobre a necessidade de cobrar pela "análise", porque a "oposição" também considera que a análise não deve ser gratuita. No momento da pesquisa, o fato de a "análise" não ser gratuita ficou tão evidente que não fazia sentido indagar quais as razões pelas quais não deveria ser gratuita. Naturalmente a pesquisa teria ganho muito mais, caso estas razões tivessem sido explicitadas.

Não existe tanta unanimidade da "oposição" em relação à ausência de produção científica "original", como aconteceu com os dois pontos anteriores. Mesmo assim, alguns analistas de "oposição" enfatizam com muita veemência - e os demais não chegam a discordar deles - que não existe "escola" psicanalítica na Sociedade responsável por uma produção científica "de peso". Para esses "analistas", o "bom psicanalista" deve possuir um compromisso com a ciência, ou

seja, com a produção de teoria e de conhecimento científico. Um psicanalista não deve possuir e cultivar somente os interesses econômicos, mas deve também estar engajado no desenvolvimento da psicanálise como uma ciência que deve resultar de um empreendimento coletivo.

Em contraposição ao "científico", o "místico-religioso" atribuído aos "bionianos" é depreciado, desvalorizado e desconhecido pelos "analistas" de "oposição". Não ficamos sabendo exatamente qual é ou deveria ser o caráter "científico", mas não é isso o que mais importa nessa contraposição de duas categorias. Mais importante é a insuficiência ou inadequação do "místico-religioso" em relação ao "científico" e, mais ainda, enquanto o "místico-religioso" corresponde exatamente ao "establishment bioniano", o "científico" aparece como sendo a grande aspiração ou reivindicação da "oposição" que se isenta, dessa forma, de ser classificada também como "místico-religioso".

Os "analistas" de "oposição" caracterizam-se fundamentalmente por serem críticos em relação a instituição. Por esta razão, encontrei somente entre os "analistas" de "oposição" uma atitude de constante questionamento dos principais órgãos e cargos constituídos da Sociedade, do Instituto e da Comissão de Ensino, ao contrário dos "analistas" do "establishment" que defendiam ou justificavam a instituição, por terem ou estarem ocupando os cargos burocráticos e, portanto, eles próprios estarem comprometidos com a situação vigente.

De fato, essas críticas e desacordos formulados pelos "analistas" de "oposição" não foram totalmente ignorados pela direção burocrática-administrativa da Sociedade, na medida em que foram formuladas de uma maneira coerente com a ideologia psicanalítica. Mais importante ainda a destacar é que essas críticas e desacordos podem ser assimilados pelo sistema sem provocar qualquer ameaça substancial à sua existência ou ao seu funcionamento; e que não acontecerá no caso da proposta de criar uma nova Sociedade, para poder

colocar em prática as críticas e os desacordos apontados pelos "analistas" de "oposição". No final das contas, é possível afirmar que as críticas e os desacordos feitos pela "oposição" servem para reforçar o sistema psicanalítico que sai fortalecido enquanto um todo. Em outras palavras, as críticas e os desacordos internos fazem parte constituinte do sistema psicanalítico exercido numa Sociedade de Psicanálise.

*

"Linhas" e arbitrariedade simbólica

A seguir vamos procurar analisar, a partir de "linhas" e facções, os princípios estruturais da Sociedade enquanto um todo. Para tanto, será necessário começar discutindo o crescimento numérico da Sociedade, nas últimas décadas, que está relacionado com o sistema de formação psicanalítica. Essa correlação foi apontada pelos próprios "analistas" da Sociedade e tem sido objeto de alguns estudos deles. Além disso, veremos que "analistas" tanto do "establishment" quanto da "oposição", assim como os "bionianos" e "não-bionianos" da Sociedade, possuem muito mais semelhanças do que diferenças, conforme poderia levar a suspeitar uma avaliação menos apressada.

Em primeiro lugar, vejamos por que o crescimento numérico da Sociedade é tão significativo nesse período mais recente. O equacionamento do número de "membros" da Sociedade é dado pela proporção de "didatas" por "candidatos", que assume duas fórmulas predominantes: um menor número de "didatas" por "candidatos", sendo que os "didatas" vão estar dedicados predominantemente a atividades "didáticas" e, secundariamente, ao atendimento de "leigos"; ou um maior número de "didatas" por "candidatos", sendo que as ocupações dos "didatas" vão ser proporcionalmente inversas às do caso anterior. Ao menor número de "didatas" corresponde, em princípio, uma menor possibilidade de crescimento do número de "membros", enquanto ao maior número corresponde uma maior possibilidade de crescimento.

Bicudo e Ferrari (1973) estabeleceram um critério para estimar a taxa de crescimento com base na "capacidade mínima de trabalho do didata" que seria "a formação de três candidatos em cada cinco anos. Com este critério definimos o índice geracional de 0,60 por ano para cada Didata" (Bicudo e Ferrari, 1973:416). Estes autores chegaram à seguinte conclusão sobre a Sociedade de São Paulo: "Cabe-nos ressaltar que durante os dez primeiros anos de atividade didática, quando a Sociedade praticamente contou somente com o trabalho de um didata, a taxa mínima de 0,60 foi superada. A partir de 1955 (até 1972), com o concurso de mais de um didata, o crescimento em conjunto baixou para 0,39" (Bicudo e Ferrari, 1973:416).

Em termos da proporção de "didatas" por "candidatos", os números são estes: no período de 1945-55, 2 didatas por 12 "candidatos" formados (incluindo os seis "candidatos" que foram formados antes de 1945), resultando numa proporção de seis "candidatos" por um didata; no período de 1955-72, 30 "candidatos" foram formados por 7 "didatas", resultando numa proporção de aproximadamente 4,2 "candidatos" por um "didata". Portanto, fica confirmada a constatação de Bicudo e Ferrari (1973) em que a proporção de "candidatos" formados decresceu nesse período de 1955 a 72. Mas esse decréscimo merece receber uma observação à parte porque se trata de uma média aritmética que, obviamente, não corresponde a uma distribuição efetiva entre "analistas didatas" e "candidatos". Essa distribuição efetiva pode ser avaliada de maneira mais detalhada, segundo a genealogia reconstruída e relativa aos anos 60, na qual podemos constatar que a dra. Koch teve um número bastante elevado de "candidatos" em relação a todos os outros "didatas" que tiveram um número bem menor de "candidatos" formados. Isso mostra que de fato a média aritmética decresceu em função de um número menor de "candidatos" formados pela quase totalidade de "didatas", mas não ocorreu no caso da dra. Koch.

No período de 1970-79, foram formados 50 "candidatos" por 15 "didatas", resultando numa proporção de 3,3 candidatos por um "didata". Entretanto, essa proporção de "candidatos" por um "didata"

- deve ser reconsiderada porque diversos "candidatos" formados pela dra. Koch, que deveriam ter sido "eleitos" como membros da Sociedade, na década anterior, acabaram sendo "eleitos" somente na primeira metade da década de 70 e, portanto, diminuiu bastante o número de "candidatos", diminuindo também a proporção de "candidatos" por um "didata". Na segunda metade da década de 70, essa proporção de "candidatos" por um "didata" aumentou de maneira bastante acentuada, confirmando a tendência que começou a ser observada na primeira metade da década de 70, em oposição a tendência observada nos anos 60.

Apesar de não ter obtido o número de "candidatos" na segunda metade dos anos 70, através de fontes "oficiais", os "analistas" formados nesse período afirmam que até 1974 o número de "candidatos" por turma anual era de até 7,8 candidatos e, depois de 1974, passou a ser de 20 a 25 "candidatos", por turma anual. Também nessa segunda metade dos anos 70, não foi possível obter, através de fontes "oficiais", quando os novos "didatas" foram "eleitos" e portanto determinar o aumento do número de "didatas". Entretanto, obtemos a proporção de "candidatos" por um "didata" referente ao ano de 1983 e essa proporção vem a ser representativa dessa tendência observada a partir da segunda metade dos anos 70. Segundo o Roster de 1983, estavam sendo formados aproximadamente 180 "candidatos" por 19 "didatas", resultando numa proporção de aproximadamente 9,4 "candidatos" por um "didata". Esta proporção de "candidatos" por um "didata" foi a mais alta encontrada em toda história da Sociedade de São Paulo e portanto pode ser concluído que este é o período mais característico no qual ocorreu a tendência de um menor número de "didatas" por um maior número de "candidatos".

Ao comparar estes dados sobre o crescimento do número de "membros" da Sociedade de São Paulo com o das demais Sociedades latino-americanas, Cabernite (1982) constatou que "São Paulo tem a menor proporção de candidatos por analistas didatas (7,3:1). Depois vem Porto Alegre com uma proporção de 4:1 e Rio (SPRJ) com 3,9:1.

Brasil é o país na América Latina que tem o menor número de analistas didatas em relação ao número de candidatos, isto é, 4,2 candidatos por cada analista didata" (Cabernite, 1982:400).

Este artigo de Cabernite havia sido encomendado "oficialmente" pela diretoria internacional da IPA e após a sua publicação no órgão oficial serviu de documento para a já citada denúncia feita por alguns "membros" da Sociedade de São Paulo. Apesar de já ter descrito essa denúncia, ainda restou a ser elaborado uma interpretação dela; o que vai ser feito agora. Esta seção é a mais oportuna para este objetivo porque a partir dessa interpretação da denúncia vamos poder destacar os princípios estruturais da Sociedade como um todo, de acordo com o que anunciamos no final da seção anterior.

Se as facções e as "linhas" estão relacionadas com uma determinada política interna da Sociedade, exercida a partir da formação de novos psicanalistas pelo "establishment bioniano" e sua "oposição democrática", este confronto de "linhas" e facções, restrito ao âmbito interno da Sociedade, vai ser colocado em xeque a partir da denúncia feita solicitando a intervenção internacional da IPA. Enquanto em termos de política interna da Sociedade o "establishment bioniano" e a "oposição democrática" se confrontaram de maneira ativa e engajada na discordância de como o sistema de formação psicanalítica estava sendo operado, em termos da Sociedade como a única instituição local, estas duas facções assumiram um mesmo posicionamento em discordância aos denunciantes que pretendiam fundar uma segunda instituição local filiada à IPA. Isso demonstra que as facções não são tão impermeáveis dentro da Sociedade e se posicionam de acordo com as circunstâncias apresentadas, em defesa de seus interesses. É mais ainda, os denunciantes - apesar de não se constituírem num número tão significativo quanto o número de adeptos do "establishment" e da "oposição" - foram considerados como mais uma facção dentro da Sociedade naquele momento. Não devemos passar a examinar de maneira mais ampla, apontando para os princípios estruturais subjacentes às atuações das facções na Sociedade.

Conforme vimos até agora, o principal problema levantado pelos "analistas" da Sociedade se referem basicamente ao sistema de formação psicanalítica, seja discordando quanto ao método empregado (como no caso da "oposição" em relação ao "establishment"), seja discordando quanto à validade de uma única instituição local (no caso dos denunciantes em desacordo com o "establishment" e a "oposição"). É possível explicitar a partir destas discordâncias qual é o sentido delas em termos de princípios estruturais, que não são uma questão exclusivamente interna da Sociedade.

Até agora estivemos lidando com as facções da Sociedade que discordavam entre si na defesa de seus diferentes interesses. Entretanto, o surgimento de uma discordância sobre a validade da existência de uma única instituição local pode revelar que as posições do "establishment" e da "oposição" não são simplesmente demarcadas ou assumidas internamente, mas se prestam à manutenção da Sociedade como um todo na circunstância local. É necessário destrinchar ainda mais esse argumento passando a considerar alguns detalhes.

A cúpula administrativa e didática da Sociedade - composta pela diretoria "eleita" da Sociedade, do Instituto e da Comissão de Ensino - sempre tem exercido um maior controle sobre a "eleição" de um novo "didata", que até o momento atual deve estar de acordo com o sistema vigente. Como já constatamos no início desta seção, o número de "didatas" na Sociedade sempre cresceu proporcionalmente em número muito menor do que o crescimento do número de "membros" e de "candidatos". O fato de o "establishment bioniano" ter assumido esta política interna de crescimento reduzido e controlado de novos "didatas" não deve ser atribuído somente a suas características próprias, apesar de o "establishment" ter sido a facção totalmente entrosada com ela. Já mostramos na seção anterior como o desacordo da "oposição" com o "establishment" pode acabar sendo assimilado pelo sistema vigente. Mas resta agora destacar a razão pela qual esse processo ocorre nesses termos específicos.

Existe um denominador comum entre o desacordo da "oposição" com o "establishment" e o desacordo dos denunciantes com os demais "membros" da Sociedade. Trata-se do modo pelo qual ocorre a reprodução de novos "analistas" e "didatas", ou seja, o sistema de formação psicanalítica. Assim como já foi demonstrado que a "oposição" discordou do modo pelo qual estava sendo colocado em prática o sistema de formação, mas não discordou da existência do sistema em si, os denunciantes também discordaram - por razões diferentes das da "oposição" - do modo pelo qual o sistema estava sendo praticado na Sociedade, embora igualmente não discordassem da existência do sistema em si. Em ambos os casos, o desacordo veio à tona devido o fato de a "eleição" de um novo "didata" ter sido considerada muito mais problemática durante os anos 70, quando o aumento do número de "didatas" foi bastante desproporcional em relação ao aumento de "didatas" nos períodos anteriores.

A "eleição" de um novo "didata" resulta no principal problema a ser resolvido no sistema de formação psicanalítica, porque o "didata" não está imbuído apenas do poder de formar novos psicanalistas como também possui o poder de vir a formar uma nova instituição. Nesse período mais recente, a "eleição" de um novo "didata" foi feita em número sempre reduzido porque a possibilidade de controlar um menor número de "didatas" aliados ao "establishment" seria muito mais viável do que um maior número de "didatas".

Por outro lado, existe uma outra razão igualmente plausível que seria relativa à possibilidade de vir a ocorrer a fissão. Sendo um menor número de "didatas", essa possibilidade se tornaria em princípio muito menor do que se houvesse um maior número de "didatas" em condições de se tornarem dissidentes e promoverem novas articulações políticas, transformando-se em ameaça a situação vigente. Qualquer fissão que viesse a ocorrer daria origem a uma instituição concorrente com a chancela de um "didata" da Sociedade. Para a Sociedade, até podem surgir outras instituições concorrentes; só não podem surgir com o apoio de qualquer "didata" da Sociedade, pois isto já seria uma condição necessária e suficiente para

dar origem a uma segunda Sociedade local, concorrente e filiada à IPA. Entre os denunciante, nenhum deles era "didata" da Sociedade e, por isso, foram totalmente dependentes dos "didatas" da Sociedade, sem terem obtido a aprovação da assembléia internacional da IPA para formar um novo "Study Group" em São Paulo. Esta é uma diferença fundamental porque basta existir um único "didata" dissidente para ocorrer a possibilidade de ser uma segunda instituição concorrente que pode vir a reivindicar a filiação à IPA. Esta circunstância não se constitui numa mera hipótese especulativa pois teve um antecedente numa Sociedade brasileira filiada à IPA, que seria a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Nos anos 50, houve um desacordo entre alguns "didatas" da Sociedade carioca, o que chegou a requerer a intervenção da direção internacional da IPA. O desenlace dessa intervenção da IPA resultou na criação de um novo "Study Group" carioca que, em questão de uma década, foi reconhecido como uma segunda Sociedade carioca filiada à IPA, a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

A possibilidade de ocorrer uma fissão significa que a ameaça não vem somente de fora, mas pode vir sobretudo de dentro. Quando vem de fora pode ser considerada descartável em maior ou menor grau, mas não pode ser da mesma maneira descartável quando vem de dentro mesmo. Nessa condição, quando se procura garantir um número minoritário de "didatas" na Sociedade, trata-se de sustentar o controle interno que se refere à possibilidade de ocorrer ou não uma fissão.

É necessário frisar que o de fora não é considerado, pelos "didatas", somente o "não-membro" da Sociedade como também o "membro" da Sociedade que não é "didata" e exerce atividades didáticas fora da Sociedade. Assim é que alguns "membros" da Sociedade, como aconteceu com os denunciante, passaram a ser considerados como sendo os de fora pelo grupo de "didatas" que, nesse episódio particular da denúncia, contou com um apoio conjunto do "establishment bleniano" e da "oposição democrática". Se bem que os

denunciantes tivessem continuado a ser "membros" da Sociedade sem serem punidos ou expulsos, devido a esta iniciativa de denúncia.

Ser um "membro" de fora ou de dentro implica uma classificação cujo significado é dado pelo contexto de interações dentro da Sociedade. Os de dentro se opõem aos de fora não só para marcar diferenças assim como para produzir essas diferenças. Ou seja, essa classificação existente na Sociedade serve para marcar um lugar para si e para os outros; o que fornece um modelo simbólico de interações entre "membros" e "não-membros" da Sociedade. Essa classificação, da qual as facções são simultaneamente condição e produto, assume uma significação social e política que se refere ao modo pelo qual se reproduzem o sistema de formação psicanalítica e a existência local de uma Sociedade.

Entretanto, as interpretações possíveis sobre as atuações dos "membros" da Sociedade não se reduzem aos aspectos apontados acima. Até agora estivemos lidando com a Sociedade sobretudo em relação a facções nas quais as "linhas" não chegaram a se constituir num sinal diacrítico, na medida em que tanto a "oposição" quanto o "establishment" adotaram Bion de uma maneira diferenciada entre si. Estivemos constatando a existência predominante de duas facções que não estão de acordo com o modo pelo qual o sistema de formação psicanalítica estava sendo colocado em prática. A essa dinâmica da política interna da Sociedade correspondeu uma adesão desigual à "linha bioniana" que, ao invés de ser exclusiva do "establishment bioniano" como seria esperado, também foi adotada pela "oposição" à sua maneira. Assim é possível afirmar que, sobreposta ao desacordo quanto à política interna, existe hoje um certo consenso na Sociedade quanto à adoção de Bion. Portanto, o que existe em comum entre os "membros" da Sociedade - pelo menos em sua grande maioria - é muito mais do que as diferenças de "linhas" apontadas até aqui.

Bion veio a ser adotado nos anos 70 e 80 justamente quando a psicanálise exercida na Sociedade começou a se restringir, de maneira mais acentuada do que no período anterior, a Klein que foi

considerada como a grande novidade psicanalítica no Brasil a partir dos anos 50. Bion foi contrastado de uma maneira seletiva dentro da própria Sociedade com Freud e Klein que, por sua vez, estavam sendo colocados em evidência numa conjugação inexistente até então. O que passou a caracterizar de uma maneira particular a Sociedade de Psicanálise de São Paulo em relação a outras três Sociedades brasileiras filiadas à IPA, entre as quais é conhecida como uma Sociedade "kleiniana" ou "bioniana", sendo que nenhuma das outras assumiu uma fama semelhante nesse período mais recente.

Conforme poderia parecer à primeira vista, não se trata aqui de lidar com Bion em termos de "escola", "corrente", "teoria", etc. e sim como característica ou traço simbólico ao qual se referem os "analistas" como "linhas". Ao invés de analisar internamente as diferenças entre Klein e Bion, por exemplo, em termos de teorias e técnicas psicanalíticas conforme se propõe uma extensa bibliografia existente, a tentativa é de verificar e de interpretar como as "linhas" constituem um dos locus nos quais as diferenças são apropriadas e, ao mesmo tempo fazem sentido localmente.

Antes de mais nada, é preciso enfatizar que entre alguns "analistas" da Sociedade existe a constatação da arbitrariedade simbólica⁽¹⁴⁾ relativa a Bion, sob a forma de uma oposição crítica ao "establishment bioniano". Além de apontar para a evidência política do inter-relacionamento entre "oposição" e "establishment", aponta para o caráter simbólico enquanto tal. Ou seja, o Bion referido na Sociedade de São Paulo não é o Bion britânico que, no caso paulistano, foi levado a atravessar o Atlântico atribuindo a ele a manutenção de propriedades "originais". Não há nada intrínseco ao Bion britânico que seja conservador ou inacessível em si mesmo. Em contrapartida, o Bion paulistano está intimamente relacionado com o conservadorismo ou a inacessibilidade de alguns "analistas" da Sociedade. Em outras palavras, Bion representa uma "linha" muito menos acessível do que Klein, por exemplo, e nessa medida é possível estabelecer uma relação entre a inacessibilidade do Bion paulistano e a inacessibilidade de alguns "analistas" da Sociedade.

Entre os "analistas" da Sociedade, Dimas é quem coloca em evidência indisfarçável a arbitrariedade simbólica sob a forma de uma crítica que reafirma a possibilidade casual de combinações relativas à ortodoxia freudiana. Nesse sentido, o caráter arbitrário ou convencional não é criticado por si mesmo mas pelo significado que possui no contexto da Sociedade referente à apropriação da ortodoxia freudiana. Essa crítica da "oposição democrática" pode ser feita somente numa linguagem da ortodoxia freudiana que da mesma forma faz sentido para o "establishment bioniano". Portanto, a arbitrariedade de Bion é explicitável na medida em que qualquer outro pudesse ocupar o lugar de Bion e não pudesse restar um lugar vago. Só que essa arbitrariedade simbólica tem como parâmetro a ortodoxia freudiana excluindo dela os dissidentes freudianos num empreendimento local e, ao mesmo tempo, visando a expressar a dissidência possível dentro da Sociedade. Na ortodoxia freudiana, os dissidentes freudianos - como, por exemplo, Jung, Reich, Lacan, etc. - estão excluídos de serem adotados "oficialmente" na mesma medida em que os "analistas" da Sociedade estão incluídos na ortodoxia freudiana, ao excluírem todo e qualquer psicanalista ou psicanálise fora da Sociedade filiada à IPA.

Se Bion pode ser interpretado como arbitrário em termos simbólicos, não devemos deixar de frisar que essa arbitrariedade é uma espécie de um gênero mais amplo ao qual se refere. Ou seja, o Bion paulistano está referido à psicanálise e à Sociedade de psicanálise local que, no caso paulistano, possuía uma tradição freudiana anterior traçada a partir da psicanálise freudiana "ortodoxa" e mais recentemente da psicanálise "kleiniana". Nessa referência encontrada na Sociedade, a adoção de Bion não é arbitrária per se, mas também está sujeita a uma certa coerência interna. A partir da aceitação gradual e cada vez mais generalizada da psicanálise "kleiniana" na Sociedade, a adoção de Bion foi considerada como uma renovação da psicanálise "kleiniana" e, por tabela, da "freudiana ortodoxa"; enquanto outras "linhas" não foram consideradas nestes mesmos termos. Assim, Bion confirmou de um lado a tendência "kleiniana" prévia e,

de outro, precipitou, de uma maneira que foi considerada "renovadora", essa tendência "kleiniana" já existente.

A interpretação da arbitrariedade simbólica da adoção de Bion não se esgota nos termos explicitados acima. Deve ser considerado também que tanto os diferentes entendimentos do que seja a obra de Bion quanto do que seja o ser "bioniano" na Sociedade

referem-se à continuidade da "linhagem freudiana". Retomando a interpretação weberiana esboçada no segundo capítulo, sobre a rotinização do carisma freudiano, essa interpretação pode ser estendida a essa adoção recente de Bion na Sociedade. Em cada geração, a rotinização do carisma freudiano é reatualizado através da continuidade da "linhagem" freudiana encarnada nos "analistas" da Sociedade, a partir de seus ancestrais. Desde a dra. Koch até os "reanalistas" de Aquiles não existiu nenhuma ruptura na continuidade da "linhagem" freudiana, sendo que a variante mais relevante da ortodoxia freudiana tem sido atestada pela adoção de Bion nas últimas décadas dentro da Sociedade. A distância entre a Psicanálise vienense de Freud e a Psicanálise paulistana dos descendentes de diversas gerações da dra. Koch é intermediada, no presente, pela adoção de Bion que pertence a um passado recente reproduzido aqui, a partir da atualização da Psicanálise "bioniana" como sendo a "linha kleiniana" mais "renovada". Não se trata de estar restrito à constatação de uma sobrevivência da ortodoxia freudiana, que sempre pretende ser perpetuada dentro da IPA, e sim constatar a reapropriação local dessa ortodoxia freudiana que se expressa em dois níveis complementares: 1) a pertinência a IPA através de uma filiação a uma Sociedade local; 2) a adesão a uma "linha" exclusivamente praticada pelos "membros" da IPA. Enquanto a filiação a uma Sociedade local já não recebe no período mais recente tanto destaque dos seus "membros" quanto recebeu no período anterior em que estava sendo pretendido e depois efetivado o reconhecimento da filiação da Sociedade local à IPA, a adesão a uma "linha" exclusiva dos "membros" da Sociedade passou a receber esse destaque mais significativo e dessa maneira se sobrepôs à filiação a uma Socie-

dade local da IPA, transformada numa constatação muito mais evidente do que era no período anterior. Esta é uma mudança de significado atribuído à Sociedade pelos seus "membros" ao longo do tempo em que a significação de Bion é justaposta à significação prévia da Sociedade de São Paulo, no contexto paulistano. Essa significação recente resulta num efeito de metonímia, isto é, a parte (Bion) representa em substituição o todo (Sociedade); o que tem como condição prévia o estabelecimento cronologicamente anterior da Sociedade e como consequência imediata a complexificação do contexto paulistano. Ainda antes de discutir essa complexificação, devemos aprofundar um pouco mais a mudança de significado em termos locais.

Independentemente de comprovar as origens⁽¹⁵⁾ mais ou menos freudianas de Bion, ou de qualquer outra "linha", essa reatualização da ortodoxia freudiana serve para representar a fidelidade ou continuidade da "linhagem" freudiana. Não é que todos os "membros" da Sociedade deveriam ser "bionianos", apesar de ser ou de ter sido esta a pretensão do "establishment bioniano", porém, que todos os "bionianos" possuem ou se reconhecem uns aos outros como possuindo uma mesma origem mítica. Dessa maneira, a continuidade freudiana é construída de acordo com certos critérios que não se referem a qualquer origem mas a uma determinada origem cultivada localmente. Essa busca de origem corresponde à reatualização do passado, através de Bion, de Klein, etc., que serve para legitimar os atores e as circunstâncias da Sociedade no presente.

As diferenças locais são relevantes na medida em que, de um país para outro ou mesmo de uma região para outra, essas diferenças adquirem e fazem ressaltar significados diferentes. Uma analogia da psicanálise parisiense, em que surgiu um líder carismático como Lacan, com a psicanálise paulistana em que não surgiu um líder dessa natureza pode ser elucidativa sobre essas diferenças locais. Outra analogia, já apontada nesta seção, da Sociedade de São Paulo com as demais Sociedades brasileiras filiadas à IPA também são indicativas de diferenças locais, apesar de todas serem

filiadas a uma mesma instituição internacional. Enquanto a Sociedade de São Paulo é considerada a mais "bioniana" das quatro, as outras três não são consideradas tão "bionianas" quanto a de São Paulo. Entretanto, todas as quatro Sociedades brasileiras aspiram a uma mesma ortodoxia freudiana.

Essas colocações sobre as diferenças locais ressaltam que existe uma margem de manipulação dessa ortodoxia que permite a um processo, mais ou menos, congruente de rotinização do carisma freudiano em Sociedades filiadas à IPA, estar baseado em certas diferenças locais que são transformadas em marcas legitimadoras dessa ortodoxia. As diferenças locais são marcantes ou contrastantes em relação a regiões ou países, mas elas existem, no final das contas, em função de certos fatores característicos de um determinado contexto.

No caso da psicanálise paulistana, existe uma predominância "kleiniana" e "bioniana" que foi o resultado de um processo no qual a Inglaterra é o produtor e São Paulo/Brasil é o consumidor. Nestes termos, torna-se irrelevante saber o que significa Bion na Sociedade Britânica, mas não é irrelevante saber o que significa Bion no Brasil, conforme estamos tentando estabelecer. O que interessa não é Bion em si mesmo, como já mostramos alguns parágrafos acima, mas o sentido que faz a importação de Bion à S/sociedade paulistana. Esse argumento é convergente com o de outros antropólogos que não vão pesquisar na África para desvendar o significado das religiões afro-brasileiras, mas vão procurar explicitar a significação da África no Brasil (cf. Fry, 1982; Dantas, 1982; Velho, 1975).

Recorrendo a uma linguagem religiosa, não surgiu desde a introdução da psicanálise nenhum "orixá" ou "santo" brasileiro assim como surgiu em outros países: na França (onde Lacan é um "orixá" nativo), na Inglaterra (o caso de Melanie Klein ou Anna Freud), nos Estados Unidos (Kris, Hartmann e Loewenstein, o chamado "triumfo da psicologia do ego") e assim por diante.

Ao estudar a difusão da psicanálise na França, Turkle (1981) tomou como objeto de estudo o caso de Lacan atribuindo ao mérito de

Lacan uma atualidade correspondente aos acontecimentos sociais e políticos franceses ocorridos na época (maio de 68, agitações estudantis, etc.). Turkle dá uma ênfase determinante a fatores "externos" como se outros fatores como a dissidência lacaniana na "linhagem" e ortodoxia freudiana não fosse igualmente relevante. Mais ainda, esse fenômeno da construção social de um "orixá" nativo parece estar fora de alcance interpretativo no enfoque de Turkle.

Se de um lado não surgiu nenhum "orixá" nativo na psicanálise paulistana, de outro foi adotado um "orixá" estrangeiro como se fosse um nativo. Essa adaptação bem-sucedida de Bion ocorreu numa época em que estava no auge da moda o estruturalismo francês (Levi-Strauss, Althusser e um pouco mais tarde Lacan) aqui no Brasil. Entre Bion e os estruturalistas franceses existe em comum uma certa ênfase na recorrência a domínios e linguagens mais abstratas como seriam a filosofia, matemática, etc.

Bion conquistou sua afirmação no contexto paulistano assim como outros "orixás" foram importados por "analistas" fora da Sociedade, como aconteceu com Lacan, Jung, Reich, Moreno etc. A partir dos anos 70, as "linhas" tornaram-se um sinal diacrítico da Sociedade como um todo, o que foi comparável a seus concorrentes de "fora". No campo psicanalítico, a Sociedade vai deixar de ser a única fonte legitimadora da psicanálise e dos psicanalistas, apesar de permanecer lutando para continuar a ser "a mais legitimadora" ou a "única legitimadora". Sendo assim, o monopólio anterior da Sociedade passa a estar inserido numa situação de concorrência estrutural entre Sociedade "oficial" e os outros.

Conclusão parcial

Com a criação do Instituto de Psicanálise, a institucionalização da Sociedade de Psicanálise concretizou de modo total o modelo-padrão adotado pelas filiais da IPA. Como consequência desta organização institucional, a Sociedade de Psicanálise conheceu um crescimento do número de "membros" e de "candidatos" que jamais atingiu em qualquer período anterior, em São Paulo. Tanto houve o estabelecimento de uma hierarquia (de "candidato" até "analista didata") quanto de órgãos ou comissões burocráticos (Instituto de Psicanálise e Comissão de Ensino) adotados e preservados até hoje.

Com as mudanças institucionais no período recente, o sistema de formação psicanalítica tornou-se mais complexo em relação à política interna da Sociedade de Psicanálise que define quem é ou não é promovido na hierarquia (de "membro" a "analista didata"), ou nomeado como "professor" no Instituto de Psicanálise ou como integrante da Comissão de Ensino, que são cargos muito cobçados pelos "membros" da Sociedade. Se até então os ritos pós-liminares consistiam na passagem de "candidato" a "membro" da Sociedade, a partir da criação do Instituto de Psicanálise estes ritos passaram a incluir também a passagem de "membro" a "analista didata". Isso quer dizer que cumprir os itens exigidos pelo sistema de formação psicanalítica ("análise didática", Supervisões e estudos teóricos) é condição prévia para se tornar "membro" da Sociedade, porém insuficiente para se tornar "analista didata".

Neste período recente, constatou-se que os "membros" da Sociedade promovidos a "analistas didatas" foram recrutados entre os que se submeteram à "reanálise" com determinados "membros" da Sociedade (sobretudo Aquiles e Bráulio), que pertenciam à Comissão de Ensino ou que tinham influência política nela, caracterizando assim o "establishment bioniano". A formação deste "establishment bioniano", que foi interpretada sociologicamente como uma panelinha atuante na Sociedade, repercutiu entre alguns "membros" da Sociedade que forma-

ram uma outra facção, a "oposição democrática". Como já vimos, tais confrontos entre facções chegavam somente até o ponto em que a fis são viesse a ameaçar a integridade da Sociedade, através da possibilidade de "membros" da própria Sociedade virem a formar outra Sociedade filiada à IPA, em São Paulo. O "establishment" e a "oposição" estavam em desacordo quanto ao modo como um ou outro concebem e praticam o sistema de formação psicanalítica. Entretanto, ambas facções estavam de acordo sobre a necessidade política de manutenção, no contexto paulistano, da filiação de uma única filial da IPA.

Em termos mais específicos, a adesão a "linhas" e facções dentro da Sociedade expressam um caráter geracional em que os "kleinianos" e os "bionianos" pertencem a gerações formadas após 1950/60, em contraste com os "freudianos ortodoxos" formados nos anos 40. Em relação ao contexto sócio-cultural mais amplo, as "linhas" expressam traços distintivos dos "analistas" da Sociedade que se referem à atualização da "ortodoxia freudiana", através de Klein e Bion, em contraste com os concorrentes "não-oficiais" que começam a surgir no período mais recente. Pode-se afirmar que na Sociedade de Psicanálise as "linhas kleinianas" e "bionianas" não são essencialmente diferentes entre si e nem diferentes da "freudiana ortodoxa", mas representam diferenciações internas que se contrastam entre si. No entanto, estas diferenciações mudam conforme o contexto. Quando surgem os concorrentes "não-oficiais", como veremos no próximo capítulo, os "analistas oficiais" passam a enfatizar a pertinência à Sociedade filliada à IPA como um sinônimo de "ortodoxia freudiana". Assim, esta "ortodoxia freudiana" é atestada por todos os "membros" da Sociedade, quando confrontados com os concorrentes fora da Sociedade, embora esta "ortodoxia" seja traduzida internamente em termos de diferentes "linhas" e facções.

NOTAS

(1) Durval Marcondes afirmou, em comunicação pessoal, que tinha tomado a decisão de não se tornar "analista didata" porque não lhe agradava o envolvimento com os "mexericos" entre "didatas".

(2) Existe uma imprecisão do critério de escolha dos membros da Comissão de Ensino. Na transcrição de Barcellos, ora aparece como "eleição" na Assembléia Geral e ora como "designação" do presidente da Sociedade (Barcellos, 1976:23). Mas, a partir de 1969 tudo indica que o critério passou ser sempre a "eleição" na Assembléia Geral e continuou sendo este o critério adotado, até hoje.

(3) Não soube exatamente quando essas atribuições passaram a ser feitas à Comissão de Ensino e tampouco soube se estas atribuições foram ou não regulamentadas pelos estatutos. Em todo caso, os "candidatos" e os "analistas" fazem referência aos pareceres decisivos da Comissão de Ensino como sendo um grupo oficial ou ofício responsável pelo julgamento dos trabalhos apresentados.

(4) Mais uma vez, existiu uma manipulação de informações. Assim como já tinha sido assinalado na nota 8 deste capítulo, esta comemoração seria do Grupo Psicanalítico de São Paulo e não da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo que só passou a existir enquanto tal em 1951, portanto a comemoração dos 20 anos seria em 1971...

(5) A introdução das idéias de Wilfred Bion no Brasil ocorreram de forma mais visível através da publicação de uma tradução de Elementos de Psicanálise, em 1966, quando não havia ainda um interesse tão específico em suas obras. Esta tradução brasileira poderia ser considerada precursora de um autor ao qual atualmente se atribui, na Sociedade, uma importância tão grande quanto se atribui a Freud e a Klein.

(6) Numa comunicação pessoal, Alda contou que naquela época tinha ficado muito impressionada com este trabalho de Bion escrito recentemente então. Quando foi apresentado na Sociedade Britânica, Alda procurou e solicitou ao autor uma cópia deste trabalho. Bion emprestou e Alda fez uma cópia manuscrita, de um dia para o outro, pois havia prometido entregar em seguida e, não havia ainda o xerox. Foi esta cópia que Alda trouxe a São Paulo.

(7) A escolha do "didata" somente pode ser considerada "livre" em relação às preferências pessoais dos "candidatos" porque de fato essa "liberdade" é restrita aos "didatas" disponíveis num número reduzido, pelo menos no caso da Sociedade.

(8) Não se trata aqui de discutir diferenças ou desenvolvimentos teóricos e técnicos conforme existe extensa bibliografia especializada. Ao contrário, trata-se de discutir as teorias e técnicas psicanalíticas conforme são aludidas pelos psicanalistas como diferenciações distintivas. Assim, um psicanalista que se considera ou é considerado adepto de "Klein", de "Bion" etc. pode possuir, ou não, diferenças substanciais na prática em relação a outro(s) adepto(s). Enfim, o que nos interessa é que são conferidas tais diferenças uns em relação aos outros quando se consideram adeptos de "Klein", de "Bion" etc.

(9) Antonio afirmou numa conversa informal que já na sua própria análise feita pela dra. Koch, na segunda metade dos anos 40, podia ser observada nas "frestas" das "interpretações" dela uma influência "kleiniana". Como o próprio Antonio se considera hoje filiado à "escola kleiniana" inglesa, é também plausível supor que este seja um mito de origem "kleiniano" traçado através da dra. Koch. De qualquer maneira, podemos constatar que desde essa época as referências ao enfoque "kleiniano" são enfatizadas na Sociedade.

(10) Melanie Klein fez suas "descobertas" psicanalíticas através das "análises" de crianças. No Brasil, não houve um número de psicanalistas tão grande que se dedicasse a atender exclusivamente crianças. Mesmo quando constam no Roster da IPA como analista de crianças, sabemos que esses analistas atendem predominantemente adultos.

(11) As referências explícitas a um psicanalista considerado "bom", "verdadeiro", "competente" etc. em contraposição ao "mau", "falso", "incompetente" etc. nunca foram taxativamente formuladas e variavam de analista para analista. Era enfatizada a contraposição entre tipos diferentes, mas não os termos em que ela era verbalmente formulada. Sendo extremamente sutil, tal contraposição costumava ser formulada sem adjetivações através de termos subentendidos como acontecia com a exaltação de um "analista" por ser, ou não, "bioniano".

(12) Nessa época imediatamente posterior a eleição de 1982, quando transcorria os primeiros meses da posse da nova presidência da Sociedade, havia muitos comentários sobre a existência de um grupo de analistas e candidatos interessados na obra do psicanalista norte-americano Heinz Kohut que é considerado um discípulo kleiniano e que também teria sofrido influências da psicologia do ego. Dentro deste grupo de analistas e candidatos da Sociedade de São Paulo era atribuída a liderança a um didata, que passou a fazer parte da cúpula burocrática-administrativa eleita em 1982, mas que não fazia parte da "oposição" propriamente dita.

(13) Aqui, vale destacar que, quando nos referimos a Aquiles, a Bráulio ou a Antonio, essa referência a eles como líderes não foi constatada imediatamente na pesquisa de campo pelas entrevistas com os "analistas" isoladamente. Muito pelo contrário, cada um deles teve uma reação que jamais poderíamos considerar indicativo de seus significados na Sociedade. Aquiles simplesmente se recusou a ser entrevistado com diferentes e sucessivas respostas

evasivas, nos inúmeros contatos telefônicos. Bráulio aceitou ser entrevistado todas as vezes em que foi solicitado. Antônio também teve o mesmo comportamento de Bráulio. Entretanto, o comportamento dos demais "analistas" da Sociedade eram explicitados pela maior aproximação (ou distanciamento) em relação aos três analistas citados. Por exemplo, quem se considerava aliado de Aquiles, considerava-se igualmente não-aliado de Antonio. Quem se considerava aliado de Antonio, freqüentemente considerava-se não-aliado de Aquiles e Bráulio. Devido a esse comportamento, foi possível constatar que se tratava de um fenômeno coletivo onde o próprio comportamento de alguns analistas puderam ser conhecidos apesar de não terem sido entrevistados como aconteceu com Aquiles. Portanto, as facções não se formaram apenas pela vontade ou estratégia premeditada de líderes como Aquiles, Bráulio e Antônio, mas puderam ser formadas e sustentadas em suas existências devido a uma demanda coletiva numa determinada conjuntura social dos membros da Sociedade.

(14) A arbitrariedade simbólica se refere à convenção estabelecida e aceita de maneira consensual por um grupo ou uma comunidade. Essa interpretação bastante aceita na antropologia teve como precedente a lingüística de Saussure que considerou a atribuição de um significado a um significante em termos de "uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade" (Saussure, 1974:22).

(15) O cultivo da origem mítica freudiana não é privilégio e nem exclusividade dos membros da Sociedade. Pelo contrário, existe de uma maneira generalizada entre os junguianos, reichianos, lacanianos etc. Todos concordam em atribuir o descobrimento dos princípios básicos do inconsciente a Freud. Somente a partir desse reconhecimento prévio, os "dissidentes" estabelecem as discordâncias de cada um com a teoria e a técnica freudianas.

CAPÍTULO IV

OS ANOS DE CONCORRÊNCIA (1970-80):

PERÍODO DE SURGIMENTO DOS "NÃO-OFICIAIS"

Introdução

Se houve o surgimento de novas "linhas" dentro da Sociedade a partir dos anos 50, também ocorreu o surgimento de "linhas" e instituições concorrentes fora da Sociedade, nos anos 70 e 80. Entre os concorrentes surgidos fora da Sociedade, estão as "linhas" e instituições psicanalíticas que passaram a ser conhecidas como "não-oficiais" ou "alternativas".

Neste capítulo, veremos a maneira pela qual estas "linhas" e instituições "não-oficiais" configuraram-se no campo psicanalítico restrito, destacando sobretudo o sistema de formação psicanalítica. Além disso, constataremos que os "alternativos" estiveram estritamente ligados aos "oficiais", embora as falas dos "alternativos" estivessem repletas de críticas e desacordos com os "oficiais" que teriam "distorcido" a psicanálise freudiana.

Este capítulo inicia-se com um histórico do surgimento dos concorrentes "não-oficiais", depois descreve como os "alternativos" vêem a si mesmos, como realizam os seus rituais de iniciação e como propõem ampliar o alcance da psicanálise para além do consultório.

O surgimento de "linhas" e instituições concorrentes

A expansão de novas "linhas" ocorreu tanto dentro da Sociedade quanto começou a ocorrer também fora dela, durante os anos 70. A partir do final dos anos 60, a psicanálise vai deixar gradativamente de ser a única "linha" psicoterápica existente assim como a Sociedade vai deixar de ser a única instituição psicoterápica existente, apesar de continuar sendo a única com uma tradição sólida. Enquanto ocorria o surgimento de novas "linhas" dentro da Sociedade concomitantemente ocorria também o surgimento de novas "linhas" e instituições concorrentes da Sociedade.

A primeira "linha" psicoterápica que surgiu fora da Sociedade foi o psicodrama. A partir de 1968, um grupo de psicodramatistas argentinos (liderados por Rojas Bermudez que havia feito a sua formação psicodramática com Zerka Moreno, nos Estados Unidos) começaram a vir para São Paulo e passaram a realizar sistematicamente as sessões psicodramáticas com pequenos grupos de psiquiatras e psicólogos interessados em se submeterem eles próprios a essa nova técnica psicoterápica. Nesse mesmo período, um grupo de psicólogos recebe a influência do "National Training Laboratories" (que é um centro norte-americano de treinamento e de técnicas de grupos) e funda o GEPSA (Grupo de Estudos de Psicologia Social Aplicada) que oferece um curso de formação de "monitores de grupo" e também prestava serviços de consultoria às empresas privadas utilizando as técnicas psicológicas de grupo. Também nesse período, começaram a existir nas Faculdades de Psicologia um grande surto de adeptos do "behaviorismo" que passou a ser visto como a ciência "pura" e "consequente" em contraposição à psicanálise considerada "burguesa" e "comprometida com a ideologia dominante".

No final dos anos 60, já existia em São Paulo uma insatisfação crescente dos psiquiatras e psicólogos - muitos deles recém-formados - contra a "hegemonia elitista" da Sociedade de Psicanálise

que era considerado o único centro de formação psicoterápica "oficial". Esse estado de coisas encontrou uma expressão das mais significativas num Congresso de Psicoterapia, realizado em 1970 no Museu de Arte de São Paulo, reunindo os adeptos ou simpatizantes das mais variadas "linhas" psicoterápicas emergentes (psicodramatistas, junguianos, reichianos, etc.) que possuíam uma posição convergente de serem "contestatários" e se considerarem "contra" a psicanálise "tradicional", "reacionária", etc. A partir da publicidade favorecida por este Congresso, diversos psicoterapeutas em início de suas carreiras em São Paulo começaram a se tornar figuras públicas: viraram manchete de revistas e jornais de grande tiragem e de circulação nacional, apareceram nos programas de televisão, promoveram debates abertos ao público em geral, etc. Alguns desses psicoterapeutas viraram verdadeiras "estrelas" como aconteceu no caso do psiquiatra José Ângelo Gaiarsa que apareceu simultaneamente nos mais diferentes meios de comunicação de massa.

Também a partir desse Congresso, diversos grupos de psiquiatras e psicólogos se reuniram em torno de "linhas" e começaram a se tornar mais conhecidos por oferecerem cursos de formação ou de especialização psicoterápica nos seus próprios consultórios. Entre essas "linhas" cultivadas por esses grupos informais, o psicodrama e a psicanálise foram as que se organizaram mais rapidamente em centros de ensino ou de formação psicoterápica. Já no início dos anos 70, foi fundada a Sociedade de Psicodrama de São Paulo que continuou a se desenvolver até os nossos dias. A psicanálise praticada fora da Sociedade teve um impulso significativo principalmente a partir de 1974 como veremos a seguir.

Antes de prosseguir, é necessário frisar que, ao estar narrando o surgimento de novas "linhas" e instituições, essa narrativa está sendo feita de acordo com determinados critérios dos próprios agentes. Esses agentes referem-se a algumas "linhas" e instituições de maneira explícita deixando em segundo plano sem se referirem a outras "linhas" e instituições. Assim, quem se refere a psicanálise

não se refere ao psicodrama, a terapia corporal, a análise transacional, etc. assim como quem se refere ao psicodrama não se refere a psicanálise, a terapia corporal, a análise transacional, etc. - e assim por diante. Entre os que se referem a psicanálise, alguns deles se referem somente a Sociedade "oficial", outros se referem somente a instituições "não-oficiais", outros se referem tanto a Sociedade "oficial" quanto a "não-oficiais", etc.

Em termos de "linhas", é a psicanálise que nos interessa nessa pesquisa e, portanto, seguindo o critério constatado entre os especialistas, levaremos em consideração somente essa "linha". Em termos de instituições, já constatamos que os "analistas" da Sociedade, ou pelo menos a maioria dos "analistas" da Sociedade, somente se referem a Sociedade. Entretanto, as instituições "não-oficiais" surgidas sobretudo na segunda metade dos anos 70 se referem em sua grande maioria a Sociedade "oficial" e não se referem a algumas outras instituições "não-oficiais". Mas, antes de verificar como essas instituições "não-oficiais" se referem umas às outras, vejamos quais são essas instituições "não-oficiais" desde o período de seu surgimento até os nossos dias.

Entre os especialistas pertencentes a instituições psicanalíticas "não-oficiais"⁽¹⁾, a primeira referência encontrada foi a formação de um grupo de estudo, por volta de 1967,68, composto por alguns psicólogos ou psiquiatras como Rita, Sílvia, Denis, Carlos, entre outros. Rita, 60 anos, havia sido "analisada" por Barros e também por um "didata", mas quando se candidatou a "candidata" da Sociedade foi recusada e nem chegou a se inscrever nos cursos⁽²⁾. Sílvia havia sido "analisada" por Antonio durante 5 anos antes de ter sido aceita como "candidata" do Instituto e ter começado a frequentar os cursos. Durante os primeiros cursos que frequentou no Instituto, a sua "análise didática" ficou interrompido devido a uma viagem ao exterior do seu "didata". Foi exigido que Sílvia interrompesse os cursos do Instituto e que somente ficava autorizada a retornar aos cursos depois de ter recommençado uma nova "análise didática". Sílvia retomou a "análise didática" e solicitou a

reinscrição nos cursos, mas o Instituto alegou que "o tempo de análise ainda era insuficiente". Por causa destes desentendimentos, Sílvia acabou sendo considerada excluída da Sociedade. Outros membros desse grupo como Denise e Carlos se tornaram "membros" da Sociedade, com o passar do tempo. Já no início dos anos 70, outros psicólogos como Sandro, Souto e Tristão participaram desse grupo de estudo⁽³⁾.

Ao se referir a sua situação ou identidade nessa época, uma vez que não fazia parte como "membro" da Sociedade, Rita afirmou que "fui um dos primeiros psicanalistas leigos de São Paulo". Assim como Rita, Sílvia considerou que "quando fiz o primeiro ano de curso na Sociedade de Psicanálise eu já tinha lido o Freud inteiro. É muito curioso porque você vai ver que eu tenho uma formação quase de auto-didata".

Também nesse início dos anos 70, o curso de psicologia clínica da Faculdade Sedes Sapientiae da PUC-SP começou a se tornar um dos centros psicoterápicos mais importantes. Sob a coordenação de Madre Cristina, reuniu muitos psicólogos e psiquiatras interessados nas novas "linhas". Além do curso de psicanálise, estavam também começando a ser desenvolvidos diversos outros cursos de "linhas" como o psicodrama, reich, terapia corporal, etc. despertando o interesse dos alunos de graduação em psicologia clínica. Rita narrou que foi convidada junto com Roxo, que era psiquiatra e estudioso da psicanálise, mas não era membro da Sociedade, para dar aulas sobre psicanálise na Psicologia clínica.

Em 1974, a Faculdade de Psicologia Sedes Sapientiae é desativada pela PUC-SP e o curso de Psicologia Clínica é transformado no Instituto Sedes Sapientiae, que continuou sendo coordenado pela Madre Cristina, tornando-se independente e organizado como um centro de "ensino livre", totalmente desvinculado dos modelos e critérios burocráticos adotados e regulamentados pelo MEC. Os professores da extinta Faculdade foram convidados a organizarem e coordenarem cursos independentes de formação psicoterápica nas diferentes "linhas".

O curso de formação em psicanálise ficou sob a orientação e coordenação de Bento, que havia acabado de retornar de Londres, onde havia se submetido a uma "análise kleiniana", tornando-se também "membro" da Sociedade de Psicanálise. Além de Rita que já fazia parte do grupo de professores da extinta Faculdade Sedes Sapientiae, diversos "analistas" da Sociedade foram convidados por Bento para darem aulas, seminários e supervisões nesse curso recém-fundado.

Este foi o primeiro curso "paralelo" - como se dizia na época - de psicanálise, fundado em São Paulo, que recebeu a denominação de "Psicoterapia de orientação psicanalítica". Este curso era dado em 3 anos, com um currículo prévio incluindo as aulas, seminários e supervisões, sendo que a "análise" de cada aluno ficava por sua própria conta e iniciativa.

Em 1976, um grupo de oito dos dez professores do Sedes que eram "membros" da Sociedade (entre eles estavam: Calvo, Clóvis, Cravo) retiraram-se do Sedes sob a "alegação explícita de incompatibilidade entre a função docente no curso (do Sedes) e funções administrativas no Instituto de Psicanálise" (Tafarel e Carone, 1983). Além dessa "alegação explícita" que de fato ocorreu com a divulgação de uma circular assumida pela Sociedade, essa saída dos "membros" da Sociedade foi interpretado por Tina, 36 anos, de uma maneira que contestou de propósito essa "alegação explícita". A versão de Tina é a seguinte: "A entrada e saída no Sedes foi um marco nesse grupo de analistas da Sociedade. Dizem que a saída foi uma barganha. De todo grupo da Sociedade que entrou (no curso do Sedes) só não saíram Rita e Denis. Os que saíram logo passaram a ser didatas. Aqueles que aderiram ao grupo que estava no poder dentro da Sociedade tiveram uma rápida ascensão".

Em 1979, ocorreu uma cisão no grupo inicial de professores do Sede que divide-se internamente em duas facções: a de Bento e a de Rita, que cada um juntamente com seu grupo de professores e alunos se tornam independentes um do outro formando dois novos cursos mantidos até hoje, apesar de ambos continuarem ligados ao Instituto

Sedes Sapientiae. Ao explicar essa cisão do curso inicial em dois novos cursos, Tina considerou que existiam dois grupos: Bento era "líder pró-forma" enquanto Rita possuía uma "liderança mais merecida". As discussões lideradas por Rita e Bento giravam em torno das "alterações no programa e na estrutura do curso". Entretanto, Tina também deu uma outra explicação retrospectiva: "Foi uma cisão que se tornou inevitável na medida em que parecia que a perspectiva do Bento, era a de transformar o curso no study group. Não é que ele dissesse: eu quero transformar o curso num study group e os outros dissessem que não queremos nos ligar à Internacional; mas com o passar do tempo isso foi ficando claro para nós, os outros. O que confirma mais a Sociedade como um paradigma, um parâmetro e uma força que a Sociedade tem nos grupos fora dela. O contrário é verdadeiro porque a Sociedade se transformou com o surgimento de outros grupos. A influência é recíproca. Na época da primeira cisão do Sedes, não estava claro para a Sociedade o que seria o Sedes, então era preciso combater. Depois entrou em fase de calmaria em que se formaria no Sedes os psicoterapeutas de linha analítica (defendida pelos argentinos). Não havia unanimidade sobre o que se formava. Alguns se dizendo psicanalistas. Então deixou de ser ameaçador para a Sociedade".

Em 1980, ocorreu um outro "movimento de extirpação" que, conforme a versão de Tina, "foi quando surgiu a proposta de colocar os alunos formados pelo próprio curso e reconhecê-los como profissionais". Essa proposta tinha sido feita por três professores do curso: Tina, Tania e Denis. Ainda segundo a versão de Tina, "isso desencadeou uma discussão violenta. A dúvida era se entravam outros argentinos ou se trazia alguém da Sociedade porque a pressão lá tinha diminuído ou se colocavam os ex-alunos mais brilhantes. Qual dessas opções daria força para o curso". Como Rita e os outros professores foram contra a proposta de Tina, Tania e Denis, estes três professores resolveram abandonar o curso. Estes três professores foram "substituídos" por "analistas argentinos" (Simone, 34 anos, Sara, 40 anos, e Souto) e por "analistas" da Sociedade (Dimas e Deise).

Além do Sedes, novas instituições e grupos começaram a surgir a partir de 1975. Um grupo de psicólogos fundou em 1975 o Centro de Estudos Freudianos que possuía o objetivo de estudar e de praticar a psicanálise "lacaniana", apesar de não se propor a ser um centro de formação e nem possuir qualquer filiação institucional internacional. Em 1976, foi fundado o Núcleo de Estudos de Psicologia e Psiquiatria (NEPP) por um grupo de 4 psiquiatras com formação psicanalítica "independente" (Téo, Taco, Tarso e Toro) e mais um "analista" formado pela Sociedade "oficial" (Cruz). O NEPP começou oferecendo diversos grupos de estudos interdisciplinares e a partir de 1977, 78 começou a oferecer um curso de formação, com duração de 2 anos, cuja ênfase é psicanalítica.

Nos anos subsequentes a fundação do CEF, alguns psicólogos ou psiquiatras que estavam no exterior e tinham tomado contato ou estudado a obra de Lacan começaram a se corresponder com Roni que era considerado o principal coordenador do CEF. Entre 1977 e 78, alguns psicólogos ou psiquiatras retornaram do exterior e se filiaram imediatamente ao CEF como no caso de Toledo que estava na França ou no caso de Tales que estava na Argentina. Também vieram em seguida para São Paulo e se filiaram ao CEF alguns "analistas" argentinos que se consideravam "lacanianos" como Tadeu e Teda. Todos estes membros do CEF (Roni Toledo, Tales, Tadeu, Rute e Teda) formaram diversos grupos de estudo ou davam seminários para pequenos grupos sobre a obra de Freud e de Lacan. Ao contrário do que acontecia no Instituto de Psicanálise da Sociedade "oficial" e dos dois cursos do Instituto Sedes Sapientiae, o CEF não oferecia cursos sequenciais com um currículo prévio e determinado em x anos.

O ano de 1978 deixou marcas bastante significativas na psicanálise "não-oficial" que a partir de então passou a ser conhecida como "alternativa". Além da cisão já narrada do curso original do Sedes em dois novos cursos, também houve uma cisão no CEF. Um grupo de 12 membros "dissidentes", liderado por Toledo, resolveu declarar o seu desligamento do CEF e fundou uma instituição, a Escola Freudiana de São Paulo. Entre os "dissidentes" considerados mais importantes ou influ-

entes estavam, além de Toledo, Tadeu, Tales, Tanger e Teda. Assim como o CEF, a Escola Freudiana continuou realizando grupos de estudos e seminários que anteriormente estavam sendo realizados no CEF. Nos primeiros anos de existência, a Escola Freudiana reuniu cerca de 30 membros, incluindo os 12 membros "dissidentes" do CEF, que na maioria eram psicólogos ou psiquiatras.

Entre 1980 e 81, ocorreram uma série de rearticulações entre os membros do Sedes, NEPP, CEF e Escola Freudiana. Em 1980, foram incorporados como professores do Sedes os coordenadores do CEF, Roni e Rute, que passaram a ser identificados como "analistas lacanianos". Em 1984, Roni se retirou do curso do Sedes, mas permaneceu na coordenação do CEF enquanto Rute se retirou do CEF, mas permaneceu como professor no Sedes.

Em 1980, Tarso resolveu abandonar o NEPP devido a sua "insatisfação" ou "desacordo" com a orientação psicanalítica adotada nessa instituição, passando a optar pela "linha lacaniana" e se filiando ao CEF, onde se tornou o "diretor científico".

Em 1981, um grupo de 3 "analistas" (Tadeu, Tanger e Tales) resolveu abandonar a Escola Freudiana e continuou a desenvolver os seus grupos de estudo e seminários de maneira autônoma em seus próprios consultórios. Em 1982, Tarso juntou-se aos 3 "analistas" que abandonaram a Escola Freudiana (Tadeu, Tanger e Tales) e mais uma "analista" vinda da Bahia (Tefé) para fundar uma nova instituição: a Biblioteca Freudiana Brasileira. Assim como todas as anteriores (CEF, NEPP e Escola Freudiana), a Biblioteca Freudiana também organizou os seus grupos de estudos e seminários, reunindo cerca de 25 participantes.

Esta reconstituição histórica sobre o surgimento de novas "linhas" e instituições, que acabou de ser feita, não foi casual como já havíamos assinalado antes de começar a narrá-la. Isso porque os "analistas" do Sedes, do CEF, da Escola Freudiana, do NEPP e da Biblioteca se referem uns aos outros desde um nível de crítica ou de reconhecimento nos mais variados graus. Mais ainda, os "analistas"

dessas instituições participaram ou participam de diversas delas ao mesmo tempo ou ao longo do tempo. Entretanto, essas "linhas" e instituições "alternativas" pesquisadas excluem outras "linhas" e instituições como aconteceu com a Associação Brasileira de Psicoterapia, Associação Paulista de Psicoterapia de Grupo, Sociedade Brasileira de Psicanálise Dinâmica, Sociedade Internacional de Psicanálise Integral, etc. que nunca foram citadas por nenhum dos agentes das "linhas" e instituições pesquisadas. Quando procurei indagar sobre essas outras "linhas" e instituições, os agentes pesquisados simplesmente se recusavam a responder por que não tinham nenhum conhecimento dessas outras "linhas" e instituições assim como não consideravam que a prática e a teoria deles pudessem ser reconhecidas como "psicanalíticas".

*

Como os "alternativos" vêm a si mesmos e aos outros

A psicanálise e os psicanalistas não se restringem aos "oficiais" como viemos relatando até aqui e abrangem outros psicanalistas "não-oficiais". Se aceitássemos essa restrição aos "oficiais", estaríamos emitindo um juízo de valor assim como tomando partido dos "oficiais". Em nenhum destes dois casos estaríamos atendendo ao objetivo de uma pesquisa antropológica, se desconsiderássemos esse risco etnocentrista sem analisá-lo nos devidos termos.

Devemos levar em conta essa questão de definição da psicanálise, de quem é ou como se identifica o psicanalista e de quem detém o saber e a prática da psicanálise. Isso porque essa questão é colocada pelos próprios "analistas" e pode ser vista por diferentes agentes e instituições no campo psicanalítico. Ela se coloca de uma maneira muito mais contundente do ponto de vista dos "alternativos", que não estão filiados à Sociedade "oficial", e para quem esta questão se coloca de maneira muito mais recorrente também. Observaremos essa constatação na maneira como os "alternativos" apresentam seus pontos de vista que se referem a: (1) a ma-

neira como se identificam em relação a "linhas" psicanalíticas; (2) a interpretação dos "alternativos" sobre suas adesões a "linhas" e instituições; (3) a referência recorrente dos "alternativos" aos "oficiais".

(1) As "linhas psicanalíticas segundo os "alternativos".

Antes de referirmos aos diferentes, vejamos o que é comum aos "oficiais" e aos "alternativos". A unanimidade absoluta é a referência a Freud, pois todos eles se declaram "freudianos". Enquanto os "oficiais" preservam uma continuidade genealógica em relação ao seu mito de origem "freudiano", os "alternativos" romperam essa continuidade genealógica com suas "dissidências" ao não se filiarem mais à instituição "oficial" fundada por Freud, mas continuam reivindicando pelo mesmo mito de origem.

Entre os "oficiais", existem duas "linhas" citadas de uma maneira predominante: a "kleiniana" e a "bioniana", conforme já citamos no capítulo anterior. Entre os "alternativos", existem diversas "linhas" que se definem de maneira geral pela mistura variável delas, ou por uma crítica a essa mistura quando se adere a uma "linha" somente.

Num esquema genérico, a pertinência a "linhas" relacionadas às instituições "alternativas" poderia ser representada assim:

Sedes (curso Bento)	Sedes (curso Rita)	NEPP	CEF	Biblioteca Freudiana
Freud, Klein, Psicologia do Ego, Lacan	Freud, Klein, Lacan	Freud, Klein, Bion, Lacan	Freud, Lacan	Freud, Lacan

Vamos passar a caracterizar melhor os dois aspectos apontados: a mistura de "linhas" e a adesão somente a uma "linha".

No primeiro caso, pode-se encontrar diferentes justificações para se adotar a mistura de "linhas". No caso de Telma, professora do Curso do Sedes, seria a seguinte justificação: "Acho ruim essa coisa de rotular. Se fosse para rotular, seria freudiano-kleiniano-lacaniano, embora saiba que existem diferenças fundamentais de técnica entre estas linhas".

Simone, professora do curso do Sedes, declarou: "Sou contra a definição por linhas. Sou psicanalista. A psicanálise se define por dar conta do inconsciente. Posso recorrer a diferentes linhas sem ser eclético dependendo da questão abordada". Apesar de se colocar "contra a definição por linhas", Simone admite que pratica uma mistura de "linhas" e se reserva o direito de não ser considerado um "eclético".

Rita, professora do Sedes, deu a seguinte opinião: "Acho que as leituras das várias derivações da psicanálise têm importância e devem ser feitas. Eu pelo menos acho que Freud e Melanie Klein são as pedras angulares da formação psicanalítica. Atualmente considero também a contribuição teórica de Lacan, com todas as restrições que faço a um certo empobrecimento da abordagem dos afetos, na medida em que ele põe de lado a teoria energética e econômica. Não se pode hoje em dia ler Freud sincronicamente sem a contribuição teórica de Lacan".

Chuck, professor do curso do Sedes e membro da Sociedade "oficial", afirmou: "Existe um tronco principal na psicanálise. A meu ver, a escola que tem dado mais contribuições nos últimos 30 anos é a escola kleiniana, a qual pertence o próprio Bion".

Em todas estas diferentes falas, a mistura de "linhas" pode ser entendida de maneira significativa como uma forma de situar-se no campo psicanalítico desde o ponto de vista "alternativo". Fazendo ou não restrições à mistura de "linhas", o fato é que aceita-se certas misturas de uma forma valorativa. Isso quer dizer que certas misturas (Freud, Klein e Lacan, por exemplo, que apareceu com frequência) são

mais aceitas do que outras (Freud, Klein e Bion, por exemplo) entre os "alternativos". Entretanto, esse procedimento de aceitação da mistura de "linhas" não é incompatível com a adesão a somente uma "linha" entre os "alternativos".

No esquema acima referente a instituições e "linhas alternativas", os dois cursos do Sedes e o NEPP revelam-se praticantes da mistura de "linhas" enquanto as duas últimas (CEF e Biblioteca Freudiana) consideram-se adeptos de somente uma "linha". Entretanto, esta afirmação genérica não deve ser entendida em termos literais pois no Sedes há professores que se declaram filiados exclusivamente a Freud e Lacan enquanto no CEF e na Biblioteca há "analistas" que estiveram vinculados a uma "linha kleiniana" ou até mesmo a "linhas" consideradas não-psicanalíticas como o psicodrama, a terapia corporal etc.

No NEPP, Téo considerou-se adepto da "psicanálise freudiana". No entanto, as suas falas são repletas de referências e de reflexões sobre as "linhas" kleiniana, bioniana e lacaniana. Essa aparente contradição não se constitui numa exceção na medida em que a adesão declarada a uma "linha" somente pressupõe um conhecimento prévio das demais "linhas" e uma certa opção que prioriza somente uma em detrimento das demais. Isso pode ser constatado no caso dos "lacanianos" que tomaram contato com outras "linhas" antes e somente depois fizeram a sua opção por uma "linha" somente. Tarso, professor na Biblioteca Freudiana, e Roni, coordenador do CEF, tiveram uma formação "kleiniana" e durante algum tempo declararam-se como tais; mais recentemente, passaram a ser adeptos "lacanianos". Tales, professor na Biblioteca Freudiana, foi psicodramatista antes e, desde alguns anos para cá, considera-se "lacaniano".

Tanto no caso de uma adesão a uma "linha" somente quanto no de uma mistura de "linhas", pode-se constatar que a finalidade dos "alternativos" não é a de chegar ao ponto de escolher um ou outro procedimento, mas, muito pelo contrário, ambos convivem bem entre si e caracterizam uma flexibilidade existente entre os "alternativos" e inexistente entre os "oficiais", segundo a opinião dos "alternativos".

(IA)- A revisão freudiana e os "alternativos".

Existe um denominador comum subrepticamente à mistura de "linhas" e à adesão a uma "linha" somente que é a unanimidade dos "alternativos" em torno de Freud. Independentemente de sua instituição, grupo ou "linha", os "alternativos" concordam que a obra, a teoria e a prática freudianas são fonte básica ou mais importante de fidedignidade da psicanálise. Entretanto, deve ser ressaltado que o Freud dos "alternativos" adquiriu um significado diferente daquele Freud assumido na Sociedade "oficial".

Desde a segunda metade dos anos 60, diversos especialistas que estavam no início de suas carreiras, como Rita, Sílvia e Denis, reuniam-se no primeiro grupo de estudos, constituído fora da Sociedade "oficial", a fim de discutir e aprofundar os conhecimentos da obra de Freud. Nessa mesma época, outros especialistas, que já eram "candidatos" ou "membros" recém-eleitos da Sociedade "oficial", estavam envolvidos em grupos de estudos voltados para a obra de Bion. A menção a esses dois grupos de estudos não é feita ao acaso, pois entre os membros desses dois grupos estavam aqueles que se tornaram bastante conhecidos no meio psicanalítico local e nos meios de comunicação de massa. Sílvia, pertencente ao grupo dos "alternativos", tornou-se uma adepta de Lacan e é reconhecida hoje como um dos principais introdutores de Lacan no Brasil. Bráulio, do grupo dos "oficiais", foi um dos líderes do "establishment bioniano" em São Paulo e também tornou-se reconhecido como um dos intérpretes competentes de Bion. Um dos colegas de Bráulio, que também é "membro" da Sociedade, chegou a afirmar (e pediu para não ser identificado) que Bráulio tinha uma leitura mais "pobre" de Bion, o que não acontecia com Aquiles. Enquanto este tinha uma referência simultânea à obra de Bion e de Freud, Bráulio não era capaz de fazer essa articulação.

A partir da segunda metade dos anos 70, a referência a Freud tornou-se ainda mais intensa. Na pesquisa de campo, inúmeros "alternativos" como Téo, Rita, Sandro, Sara, Simone, entre outros, identi-

ficaram-se como "freudianos" independentemente de terem qualquer preferência por uma ou várias "linhas" psicanalíticas. Todos os lacanianos contatados durante a pesquisa de campo também faziam a referência a Freud e Lacan de maneira inseparável.

Entre os "alternativos", surgiram constantemente as denúncias das "distorções" da tradução inglesa e da espanhola das obras completas de Freud. Alguns deles dedicaram-se ao estudo da língua alemã para poderem ler Freud "no original". Um deles tem escrito diversos ensaios sobre estas "distorções" da "Standard Edition", a tradução inglesa na qual se baseia a tradução brasileira, e atualmente dedica-se à tradução das obras completas de Freud a partir do texto em alemão.

Vejamos, na própria fala de alguns "alternativos", como se configuram as várias referências à importância atribuída à Freud.

Segundo Rita, "Acho que é impossível conhecer a psicanálise sem entrar também na vida de Freud, na história e no tempo. É a coisa básica: não se desliga a descoberta de Freud da história de vida de Freud". Freud é descrito aqui como um "herói" cuja especificidade em sua vida pessoal teria elementos que explicam ou, pelo menos, devem ser considerados relevantes para compreender o seu ato "heróico", a descoberta do inconsciente.

Rita está referindo-se à auto-análise de Freud em que ele teria vencido sozinho na prática, num ato inaugural, a "resistência" que consiste num mecanismo psicológico e que impede sistematicamente o acesso ao inconsciente. O testemunho dessa auto-análise bem-sucedida está comprovada nas primeiras obras consideradas psicanalíticas, como A interpretação dos sonhos, A psicopatologia da vida cotidiana, entre outras, em que os exemplos das experiências e das observações da vida pessoal narrados pelo próprio Freud são abundantes e quase chegam a contar a maioria do material empírico apresentado. Este é um caso único da literatura e da prática psicanalíticas, no qual se combinam numa única pessoa o psicanalista e o seu paciente.

No entanto, a importância atribuída a Freud não se esgota no nível pessoal e só se justifica no reconhecimento da perenidade da sua obra comparada com a dos seus sucessores. Nestes termos, Rita acrescentou ao seu argumento as seguintes afirmações: "Eu me lembro de uma frase dita por um colega: no começo, eu achava que precisava estudar Freud para entender Melanie Klein, agora eu preciso estudar Melanie Klein para entender Freud. Aliás, esta é a minha opinião também". Nesta fala, fica patente que a obra de Freud sendo mais antiga em termos cronológicos acabou revelando-se mais importante conforme passou o tempo e a própria Rita teve que reformular a sua opinião anterior na comparação com a obra mais recente de Melanie Klein. Assim, o que mudou foram os critérios de comparação e a atitude valorativa na comparação das obras, pois o conteúdo delas permaneceu o mesmo ao longo do tempo.

Sandro, professor do Sedes, deu uma opinião bastante ilustrativa do que representa Freud para os "alternativos". Ele afirmou: "Podemos dizer que o curso tem uma definição em geral freudiana, mas a referência a Freud não deve ser tomada como dogmática. Damos muita importância na formação ao conhecimento profundo da teoria psicanalítica. Muitos textos de Freud são estudados praticamente durante todos os quatros anos do curso. O que não implica em uma aspiração a ortodoxia caso se entenda por ortodoxia fazer certas coisas, não fazer outras e seguir com precisão um ritual específico que se deve fazer". Nesta fala de Sandro, Freud nem é "dogmático" e nem "ortodoxo" ficando subentendido que^o Freud "revisto" pela eliminação do "dogmatismo" e da "ortodoxia" certamente será um outro Freud mais valorizado.

A revisão de Freud, referida tanto por Rita quanto por Sandro, faz parte de uma tendência observada na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, durante os anos 50 e 60, quando a importância da obra de Freud ganhou mais ímpeto nos meios intelectuais e passou a ser incorporada por uma certa "vanguarda". A revisão freudiana feita por Marcuse, um intelectual de "esquerda", assim como os ensaios epistemológicos de Althusser sobre a psicanálise e o marxismo,

são dois exemplos dessa tendência intelectual mais recente, cujos antecedentes foram Adorno e Benjamin, os filósofos da chamada "Escola de Frankfurt". Recentemente, Walter Kauffman (1980) publicou um estudo filosófico ressaltando a importância da obra freudiana que teve um certo impacto sobretudo porque não se tratava de um psicanalista mas de um filósofo de renome nos meios intelectuais ocidentais.

Na França, Lacan e seus discípulos promoviam "o retorno à Freud" baseado nas "distorções" e "desvios" constatados por eles na psicanálise praticada até então, depois de Freud. Lacan deu uma ênfase muito acentuada nos escritos psicanalíticos da primeira fase de Freud, como A interpretação dos sonhos, A Psicopatologia da vida cotidiana, entre outros. Esse procedimento lacaniano relativo a leitura de Freud contrapunha-se às duas orientações predominantes na IPA - sobretudo nas Sociedades "oficiais" inglesas e norte-americanas - que se baseavam nas obras de Freud posteriores a 1920, dando ênfase a obras como "Mais além do princípio do prazer", no caso da "linha kleiniana", ou que se baseavam nas obras menos tardias de Freud, considerando um equívoco a teorização sobre os "instintos de vida e de morte", no caso da "linha" da "psicologia do ego". Quer dizer que Lacan e seus discípulos consideravam "distorções" e "desvios" os "esquecimentos" de certas obras freudianas pelas duas orientações "oficiais" da IPA, o que deu motivo à promoção de um "retorno à Freud".

O "retorno à Freud" dos lacanianos aguçou ainda mais essa tendência revisionista que entrou em voga, com vigor, nos anos 70 e 80. E no Brasil aconteceu a mesma coisa, mesmo para quem não fosse "lacaniano", embora fosse válido somente para uma certa parcela dos "analistas" brasileiros.

Se a revisão freudiana não foi assumida pelos "analistas oficiais" de maneira militante, embora alguns deles concordassem sobre a necessidade de "reler" Freud hoje, foi exatamente a situação oposta e assumida pelos "alternativos" que encontraram na revisão

freudiana uma causa de contestação plausível e aceitável para eles próprios e para seu público de "candidatos" e pacientes. Mas, antes de examinar a questão da "oficialidade" ou da "alternativa" da psicanálise nas próximas seções, vamos continuar a explicar um pouco mais o argumento de que a configuração estrangeira da revisão freudiana deve ser considerada no contexto brasileiro em seus termos próprios conforme pode ser depreendido do material colhido na pesquisa de campo.

O Freud dos "alternativos" pode ser considerado diferente ou desigual dependendo de cada "alternativo". Só que os "alternativos" concordam que por exclusão o "seu" Freud não é o mesmo dos "analistas oficiais". Nesse sentido, o Freud dos "alternativos" ganha o sentido de ser mais psicanalítico do que o Freud "oficial" que seria, na mesma proporção, menos psicanalítico. O que não é pronunciado tão expressamente pelos próprios "alternativos" quanto se afirma aqui, embora seja mesmo este o significado assumido pelos referenciais do Freud dos "alternativos".

Ainda cabe fazer mais uma observação a respeito do significado de Freud no contexto local. Se o Freud dos "alternativos" é o mesmo para os diferentes "alternativos" somente quando confrontado com o Freud dos "oficiais", por sua vez o Freud dos "oficiais" é o mesmo para os diferentes "oficiais" somente quando confrontado com o Freud dos "dissidentes". E mais ainda, o Freud dos brasileiros - que cada um à sua moda deseja um Freud mais próximo ao "original" vienense - nada tem a ver com esse vienense. O Freud vienense está acessível aos brasileiros somente através da literatura biográfica de autores estrangeiros pois não houve brasileiros que privassem da convivência diária de Freud. Dessa maneira, o Freud vienense configura-se pela intermediação de biografias como a de Ernest Jones ou a de Max Schur, que embora muito citadas são pouco lidas pelos psicanalistas brasileiros.

O descuido editorial generalizado pode ser encontrado na edição brasileira das obras completas de Freud que, além de terem sido

traduzidas somente há questão de uma década, reproduzem a tradução inglesa e ignoram o texto alemão. O Freud vienense de cada brasileiro ainda pode ser reconstituído por obras resultantes de pesquisas extensas como a de Henri Ellenberger, The discovery of the unconscious, que não foi traduzida no Brasil, mas nesse caso a exceção é uma regra.

Apesar disso tudo ou por causa disso mesmo, o Freud vienense existe como um Freud adaptado à moda de cada um que, dependendo dos referenciais adotados, assume certas feições sem precisar estar respaldado necessariamente pelo Freud "original" vienense; se bem que, se estiver respaldado, tanto melhor...

(2)- A interpretação dos "alternativos" sobre suas adesões a "linhas" e instituições.

A adesão a "linha" e instituições é interpretada pelos próprios "analistas" como algo que nada teria a ver com a psicanálise como ciência ou com seu desenvolvimento científico, mas teria a ver com questões de outra ordem.

Ao indagar a Telma sobre esse assunto, respondeu: "acho ruim essa coisa de rotular. Se fosse para rotular, seria freudiano-kleiniano-lacaniano, embora saiba que existem diferenças fundamentais de técnica. Essa coisa de rótulo tem a ver com a instituição, com a delegação de poder, com o econômico, e que não tem a ver com a psicanálise". Essa fala de Telma revela de maneira explícita que as "linhas" e instituições estão relacionadas com a apropriação da psicanálise em termos de "poder", "economia" etc. que constituem uma outra realidade, considerada não-psicanalítica, mas que interfere na prática da psicanálise.

A respeito do mesmo assunto, Rita declarou: "A luta é brava. Existe um momento social, econômico e político que nós estamos vivendo. A competição é muito grande. A psicanálise não é só quem vai ter

o cliente, quem vai ganhar dinheiro. Essas coisas existem, fazem parte da realidade, elas dificultam o caminho da ciência e da pesquisa". Assim como a fala de Telma, esta outra de Rita expressa também de maneira clara que a apropriação da psicanálise inclui não só a prática e a teoria psicanalíticas mas elas estão contrangidas por outra realidade não-psicanalítica. Ou melhor, esta outra realidade referente ao "social", "econômico", "político" não devem ser interpretadas psicanaliticamente, resguardando o alcance da psicanálise e definindo o seu próprio domínio científico.

Bento explicita mais ainda a sua opinião a respeito da apropriação da psicanálise: "Não acredito na possibilidade dentro do contexto econômico em que vivemos que haja uma possibilidade de se dar psicanálise para todo mundo e formar um grande número de psicanalistas. Acho que essa é uma questão que se esta cidade fosse mais organizada haveria uma pesquisa de mercado para não haver superávit de médico, de psicólogo, de psicanalista, de engenheiro, etc. (...) É preferível que tenhamos um número menor de profissionais mas que sejam profissionais que venceram numa competição". Nesta fala de Bento, fica bastante caracterizado que se trata de uma questão de "mercado", de "contexto econômico", etc. com o qual o "analista" se relaciona e estabelece critérios de relacionamento.

Em todas estas falas acima, as referências ao "econômico", "social" ou "político" são feitas tanto em termos de um profissional autônomo que tem sua clientela particular e compete com seus colegas por clientes mais ricos, prestigiados etc. quanto ao "momento social e econômico" que vive o nosso país. Trata-se de uma maneira de afirmar uma posição "não alienada" na medida em que os "alternativos" valorizam não só a psicanálise como uma ciência, mas consideram importante pensar também na sua inserção e apropriação sociais. Fica subentendido que ao pronunciar uma interpretação não-psicanalítica em termos de "mercado", "competição", "poder" etc., este pronunciamento pode ser entendido como "engajado" ou proveniente de alguém "engajado".

Deve ser destacado que a noção de "mercado", "competição", "poder", etc., constitui uma maneira de interpretar a si mesmo e ao contexto onde se insere, dando uma maior verossimilhança à psicanálise como ciência na medida em que essa interpretação não-psicanalítica complementa a psicanalítica justamente no que se refere a objetos que não dizem respeito à psicanálise. Ao estabelecer este tipo de critério, fica explícito que se trata de uma intervenção dos "alternativos" relacionada à apropriação das teorias científicas que se supõe, no caso dos "analistas oficiais", interpretarem não só a realidade psíquica como também a social, econômica e política, em termos exclusivamente psicanalíticos.

O discurso dos "alternativos" relacionados a apropriação e a inserção social da psicanálise, a partir da adesão a "linhas" e instituições, constitui um bem simbólico. Isto é, o próprio discurso sobre "mercado", "poder", "competição" etc., vem a ser um bem simbólico num mercado de bens simbólicos, no qual a produção e o consumo resultam numa troca de significados entre os agentes envolvidos.

A relação entre o que é psicanalítico e o não-psicanalítico fica ainda mais explícita na importância atribuída à interdisciplinariedade. Muito veiculada e propagandeada pelos "alternativos", a interdisciplinariedade é uma proposta que não consiste numa mera exigência formal baseada na necessidade ou na compulsão de abranger os mais diferentes e possíveis campos do conhecimento humano. Ela é um modo de discriminar o alcance da psicanálise, enquanto produto e produção de conhecimento, e simultaneamente estabelecer a relação adequada ou competente dessa ciência com as demais.

Bento declarou que o curso do Sedes mantém um caráter de interdisciplinariedade envolvendo inúmeras disciplinas, além do "resumo de todo o Freud, toda Psicologia do Ego, toda teoria kleiniana, toda teoria lacaniana e assim por diante". Em sua opinião, "isso significa que o nosso curso não ensina só a psicanálise: ensina mais do que a psicanálise". Nestes termos, está declarando que a interdisciplinariedade é valorizada por ele assim como valoriza ainda mais o curso.

Sandro desenvolveu uma fala bem articulada e explícita a respeito da interdisciplinariedade: "A teoria psicanalítica não é suficiente para dar conta de todos os problemas que se deve enfrentar em uma prática clínica, individual, grupal ou institucional. O conhecimento psicanalítico pode dar conta de certas coisas e tem muitos elementos que estão em jogo na prática profissional de Saúde Mental hoje em dia e que devem ser explicados desde outro ponto de vista sociológico, antropológico, linguístico, ideológico, etc. Ou seja, pretender explicar e entender todos os problemas de Saúde Mental desde a teoria psicanalítica, isso seria um cientificismo ou um psicanalismo que a gente procura evitar".

Quase sem exceções, os "alternativos" concordam que existe a necessidade de se reconhecer e atribuir a devida importância à interdisciplinariedade. Entre os "lacanianos" que rejeitam veementemente qualquer outra "linha" psicanalítica, costumam dedicar alguma atenção à Antropologia Estrutural (leia-se Levi-Strauss), à Linguística e à Lógica, retrazendo os campos de interesse de Lacan. Em compensação, os outros "alternativos" podem mostrar interesse pelos mesmos campos dos "lacanianos", mas também se interessam por enfoques tão "posicionados" como os marxistas quanto as disciplinas como a filosofia, a biologia, a etologia, a gerontologia etc.

(3)- A referência recorrente dos "alternativos" aos "oficiais".

Se os "oficiais" podem ignorar a existência dos "alternativos" conforme foi constatado na pesquisa de campo, a mesma coisa não acontece com os "alternativos" em relação aos "oficiais". Mais ainda, a Sociedade e os "analistas oficiais" fazem parte constante da maneira pela qual os "alternativos" concebem a si mesmos e a suas práticas. Isso poderá ser constatado ao verificarmos as versões dos "alternativos" sobre a Sociedade e os "analistas oficiais".

Sara afirmou: "Ninguém pode se arrogar à propriedade de um saber e ser o único que forma em psicanálise. São coisas que transcendem o grupo de poder. (...) A análise didática é uma forma que a Sociedade tem instituído para manter o poder econômico e a estratificação hierárquica. Uma estrutura que pode ter sentido na época de Freud quando a psicanálise era perseguida e era quase como uma sociedade maçônica, mas hoje não tem mais sentido. A Sociedade de Psicanálise se mantém como uma estrutura medieval que está fixada no início do século: existem os senhores e os plebeus".

Téo declarou: "A gente não concorda com a idéia de que só a Psicanálise ligada à oficialidade deve merecer o enfoque ou deve merecer o rótulo de legítimas representantes da tradição e da herança freudiana. Porque inclusive a Sociedade de Psicanálise tem uma concepção e um aparelho burocrático-institucional tão rígido na própria manutenção dessa rigidez acaba se desvirtuando os grandes propósitos da psicanálise freudiana".

Tanto na fala de Sara quanto na de Téo, os "analistas oficiais" são descritos como os "proprietários de um saber", "os únicos que formam em psicanálise", "os representantes da tradição e da herança freudiana" etc.; o que os "alternativos" não aceitam como um fato consumado, senão os próprios "alternativos" virariam "oficiais" para continuarem existindo. Não se trata somente disso, pois ao criticarem os "oficiais" os "alternativos" colocam-se como opções viáveis e legítimas aos pacientes e "candidatos a analistas" que também não recorrem à Sociedade e aos "analistas oficiais".

É importante frisar que, ao serem tão criticados pelos "alternativos", os "oficiais" acabam revelando-se como referenciais básicos dos "alternativos". Mais ainda, ao criticarem os "oficiais" os "alternativos" formulam simultaneamente a sua maneira de conceber a instituição, a prática psicanalítica, a formação etc.

Continuando com as falas dos "alternativos", vejamos o que Sandro tem a dizer: "O curso do Sedes teve e continua tendo uma modalidade fundamentalmente democrática quanto à sua gestão. A gente pre-

tende trabalhar em comum, os professores e os alunos, na direção do curso. Isso se viabiliza, por exemplo, no Conselho Diretivo que dirige o curso e hoje está composto paritariamente por representantes de alunos e de professores. Então a gente nesse sentido se caracteriza por uma modalidade de gestão em relação aos outros centros de formação de psicoterapeutas de linha psicanalítica”.

Para Téo, professor do NEPP, a proposta desta instituição é “construir uma instituição alternativa não-elitista. Eu entendo que a justificação maior dessa proposta é constituir um local onde se pode estudar a psicanálise. A rigor o NEPP me parece uma das únicas alternativas à Sociedade de Psicanálise. Eu penso que a nossa instituição ainda é a instituição alternativa mais livre, onde se pode estudar e criticar Freud. Outras instituições surgiram mas eu entendo que elas surgiram com um espírito de serem livres e acabaram criando dentro delas uma série de manipulações burocráticas que viraram outra espécie de Sociedade de Psicanálise”.

Na fala imediatamente anterior de Sandro, pode ser destacado que o Sedes é caracterizado como “democrático” em contraposição à Sociedade “oficial” e “não democrática”. Também na fala de Téo, o NEPP é caracterizado como uma “instituição alternativa não elitista” em contraposição à Sociedade “oficial” e “elitista”. Sobretudo na fala de Téo, pode ser destacado que não se trata apenas de uma contraposição dos “alternativos” com os “oficiais” como também se trata de um esquema de classificação subjacente às comparações explícitas.

Na fala de Téo, o NEPP aparece como sendo “a instituição alternativa mais livre, não-elitista”, o que quer dizer que tanto a Sociedade “oficial” como os demais “alternativos” ficam colocados num segundo plano expressando uma valorização classificatória nesta comparação do caráter das instituições psicanalíticas.

Ainda nesta perspectiva de argumento, pode ser citada uma outra fala de Chuck bastante ilustrativa: “Só tem dois cursos de psicanálise mais sérios: o do Instituto de Psicanálise e o do Sedes Sapientiae. Os outros não são dignos de muita confiança. Tem os lacanianos,

os reichianos, os junguianos, mas eles não têm uma formação adequada. Essas escolinhas de psicanálise começam a pulular como cogumelo no ambiente propício. Isso é inadmissível". Não é em vão repetir que Chuck não deixa qualquer dúvida de que a psicanálise é sinônimo de Sociedade "oficial" e de Sedes enquanto os outros são "escolinhas de psicanálise" que não merecem "muita confiança".

Esse referido esquema classificatório dos "alternativos" adquire uma importância ao ser analisado mais atentamente. Não se trata de uma mera questão de constatar qual é a instituição mais "importante", mais "séria" etc. entre todas as existentes, conforme mostra e reforça a tendência predominante para quem vive a realidade cotidiana e toma partido a todo momento. Ao contrário, trata-se de revelar que subjacente a esse esquema classificatório dos agentes existe um procedimento recorrente em termos de compreensão de uma lógica interna constatável no campo psicanalítico.

Ao valorizarem os "alternativos" as suas próprias instituições como as "mais democráticas", as "mais sérias" etc, eles não estão classificando os demais como sendo não psicanalíticos, mas como menos psicanalíticos. Dessa forma, estabelecem um padrão de relacionamento com os demais ao recorrerem a um esquema classificatório em que os diferentes são transformados em desiguais. Os demais não podem ser classificados como não psicanalíticos na medida em que essa categoria fugiria totalmente a um esquema ou critério classificatório pertinente no campo psicanalítico; o que não acontece quando se recorre a categorias como mais ou menos psicanalíticos.

*

Os rituais de iniciação "alternativos"

Muito mais do que as diferenças, existem alguns itens compartilhados pelos "oficiais" e "alternativos" que se referem ao processo de formação de novos "analistas". Se os "oficiais" possuem um mesmo centro de formação psicanalítica desde a sua fundação até hoje, os

"alternativos" possuem diversos centros, cujos integrantes mudam ao longo do tempo, e às vezes esses centros encerram suas atividades ou variam de intensidade destas atividades conforme cada época. Mais ainda, não foi constatado o caso de algum "alternativo", que não tivesse feito a sua formação em algum centro de formação psicanalítica, a não ser alguns dos primeiros "alternativos" que se submetiam a "análise" pessoal e supervisão com alguns analistas "oficiais" e se reuniam em um grupo de estudo informal.

Ao contrário do que acontece na Sociedade "oficial", os candidatos a "analistas alternativos" não adquirem formalmente um novo status ao serem selecionados nas instituições "alternativas". Entretanto, não se pode afirmar que o processo de formação de novos "analistas alternativos" ocorra de maneira casual. Se o processo de formação dos "oficiais" é altamente formalizado, o dos "alternativos" é mais informal escapando aos imperativos regidos por estatutos e definidos em termos institucionais. Entretanto, essa informalidade dos "alternativos" é tão ritualizada quanto a dos "oficiais", apesar de ser muito menos aparente à primeira vista na medida em que suas principais características constituem uma forma "contestatária" ao modelo "oficial". Vejamos com mais detalhes quais são as principais características dos "alternativos" em seus próprios termos.

Conforme a própria ideologia psicanalítica, o sistema psicanalítico baseia-se nos três itens da formação psicanalítica exigidos por Freud: a "análise" pessoal, a supervisão e o estudo teórico. Todos os "alternativos" concordam em acatar estes três itens freudianos, mas a maneira pela qual estes três itens são postos em prática diferem de maneira significativa. Cada um destes três itens possuem certas peculiaridades que vão ser apresentadas a seguir conforme as diferentes instituições "alternativas".

a) "Análise" pessoal. Este é o item freudiano considerado mais importante e por isso mesmo o mais enfatizado pelos "alternativos". Ele chega a caracterizar uma diferença fundamental entre o processo de formação dos "oficiais" e o dos "alternativos", segundo

o ponto de vista dos "alternativos". Enquanto a Sociedade "oficial" encarrega-se de fazer cumprir os três itens freudianos com seus recursos institucionais e sob seu controle total, os centros de formação "alternativos" restringem-se a serem caracterizados como centros de ensino, que oferecem supervisões e estudos teóricos, mas se negam a administrar a "análise" pessoal dos seus candidatos assim como procede a Sociedade "oficial" através de seus "didatas" e de sua "análise didática standard".

Um dos aspectos mais importantes a ser destacado refere-se a maneira pela qual o candidato relaciona-se com a sua "análise" de acordo com o contexto institucional. Enquanto na Sociedade "oficial", o "candidato" é obrigado a já estar fazendo "análise" durante um ano, no mínimo, antes de se submeter ao exame de seleção para ser admitido no Instituto de Psicanálise e tornar-se "candidato", nos "alternativos" não existe essa exigência prévia e, muito pelo contrário, existe uma ênfase na própria iniciativa do candidato.

Segundo Sandro, "o curso do Sedes sugere e até indica que o aluno em formação tenha uma experiência analítica pessoal, mas ao mesmo tempo resiste a todo o tipo de interferência administrativa a respeito dessa análise. Não se indica com quem, não se estabelece por quanto tempo, nem quanto pagar, nem nada. Todo manejo dessa experiência é uma coisa pessoal do aluno. Evita-se terminantemente o estabelecimento de qualquer sistema de análise didática".

Os "alternativos" consideram que a prescrição de uma "análise didática", com um tempo mínimo de duração de 5 anos, com 4 ou 5 sessões semanais, e reconhecida somente se é feita por um "analista didata", conforme as exigências da IPA, deve ser recusada por causa de "todo tipo de interferência administrativa" como diz Sandro. Se é recusada a "análise didática" a "análise" dos "alternativos" é proposta como sendo qualquer "análise" pessoal porque a "análise" de formação não precisa e não deve possuir qualquer diferença ou especificidade em relação a "análise" de "leigos".

Sobre as diferenças entre a "análise" de formação dos "oficiais" e a dos "alternativos", Telma declarou: "No limite, a única

formação válida é fora da Sociedade, pois não acredito em análise didática e a IPA forma analistas apesar dela. Sei que há gente nova que batalha dentro da Sociedade, mas sou contra esta formação. Há uma estrutura na Sociedade que determina e é determinada hierarquicamente. Para mim, a análise didática é a anti-análise e que chega ao extremo do analista julgar o analisando quando a regra básica nada tem a ver com isso. Nesse caso, há um impedimento da singularidade". Esta outra fala de Telma mostra que, muito mais do que uma recusa do modelo "oficial", ocorre uma busca de um outro modelo em que caberá a "singularidade". Por outras vias, a fala de Sandro apontou para a mesma direção. Toda a preocupação de Sandro em preservar o "manejamento pessoal do aluno" relacionado com sua "análise" pessoal constitui um estilo ou um modelo que se tornou uma opção a mais no campo psicanalítico, correspondendo aos padrões "alternativos" de "análise" pessoal na formação psicanalítica.

Bento declarou a respeito desse mesmo assunto: "Quando os alunos entram no curso não é posto como obrigação que eles façam terapia ou que já tenham se submetido a uma experiência psicoterápica ou psicanalítica. Porque nós achamos que institucionalmente o aluno tem que sentir a necessidade disso e não que seja uma coisa imposta. Se é uma coisa imposta, que ele não sente, é uma coisa que realmente não é genuína". Essa fala de Bento demonstra que, contrapondo-se à "imposição" da Sociedade "oficial", os "alternativos" estão propondo um outro modelo diferente do adotado pelos "oficiais" e nesse sentido estão desempenhando uma função sináptica (Sahlins, 1979:238). Os "analistas alternativos" estão sendo capazes de atender a uma demanda latente ao oferecerem aos candidatos um outro modelo "alternativo" de "análise" proposto e encarado como mais flexível.

Uma informação adicional poderá revelar que a recusa do modelo "oficial" não é levada tão ao extremo quanto a fala poderia levar a supor. Coincidentemente ou não, Telma, Sandro e Bento colocaram-se contra a formação da IPA, mas os "analistas" com quem se submeteram ou se submetem à "análise" pessoal pertencem à IPA. Estes três "alternativos" confiam ou confiaram muito na IPA para se submeterem à "análise".

lise" pessoal com algum "analista oficial", apesar de apresentarem hoje uma fala retoricamente contra a IPA.

Se as falas dos "alternativos" acima tinham uma preocupação de recusar a "análise" de formação "oficial" deixando de certa forma implícito que não existiria uma diferença de "setting" tão acentuada quanto existe explicitamente em termos institucionais, existem ainda alguns "alternativos" como, por exemplo, Téo que, além das diferenças institucionais com os "oficiais", manifestam de maneira bem pronunciada as diferenças de "setting".

Segundo Téo, "o inconsciente pode aparecer sob o divã ou sob a poltrona. O inconsciente aparece onde os seres humanos existem. Eu penso que a análise didática para nós do NEPP é qualquer análise que a pessoa faça. É uma análise que independe da linha que o candidato adotou. Nós imaginamos que se a pessoa fizer por exemplo uma terapia psicodramática, reichiana ou junguiana, e esta for feita com um profissional reconhecido é válida. Isso nada difere de um outro candidato que fez uma formação dentro de uma área estritamente psicanalítica. Nós não podemos acreditar que só um enfoque permite à pessoa desenvolver um auto-conhecimento. Não implica que a gente vai exigir que a pessoa faça psicanálise como a que foi feita por Freud. Freud mesmo reconheceu que a partir de suas descobertas a própria psicanálise poderia vir a ser abreviada, modificada, conservando sempre a idéia de que nós devemos chegar perto de alguma coisa que determina a nossa consciência, que fica escondida em cada um de nós e que pode emergir segundo várias estratégias e vários procedimentos técnicos".

Nesta fala, Téo recusa o "setting" psicanalítico mais tradicional que se restringe ao divã para o paciente e à poltrona para o "analista", acrescentando no seu "setting" uma segunda possibilidade de o paciente - caso preferir assim - sentar-se numa outra poltrona assim como fica o "analista" em sua poltrona. Se os outros "alternativos" nem tocaram no assunto da duração de "análise", Téo foi incisivo nesse assunto declarando que a "análise" pode ser "abreviada" ou "modificada" adaptando-se às modificações pós-freudianas. E mais ainda, Téo considerou que a "análise" pessoal não precisa ser

necessariamente a psicanalítica e qualquer outra "linha" não-psicanalítica também pode ser aceita como um equivalente de uma "análise" de formação.

A versão de Téo é ainda mais flexível do que a dos outros alternativos citados acima, mas no final das contas nada de essencial mudou nessa sua concepção de critérios válidos para a "análise" de formação. Isso porque Téo pode ser muito mais tolerante ou aberto do que os outros pares "alternativos" mas não discorda dos outros quanto a sua orientação predominante psicanalítica ao reafirmar que seu interesse e sua prática sobretudo referem-se ao inconsciente e à psicanálise. Os caminhos são tortos, alguns possuem veredas e todos eles levam a Freud.

b) Supervisão e estudo teórico. Estes outros dois itens freudianos são muito menos enfatizados do que o primeiro citado, apesar de serem considerados igualmente relevantes.

Vejamos o item relativo a estudo teórico, ao qual os "alternativos" dedicam uma parte de suas atividades e que não são encarados como meramente docentes. O ensino da psicanálise é muitas vezes visto como um "ato psicanalítico" que, através do acesso ao saber, "desalíe na o sujeito".

Conforme a instituição "alternativa", o programa de estudo teórico possui ou não um currículo prévio com um prazo mínimo e determinado para ser cumprido. Os dois cursos do Sedes e o do NEPP possuem um currículo estabelecido previamente para cada semestre ou ano, devendo ser obedecido numa certa sequência progressiva. O prazo mínimo para cumprir este currículo nos dois cursos do Sedes é de quatro anos (assim como acontece no Instituto de Psicanálise "oficial") enquanto no caso do NEPP é de dois anos.

Em um dos cursos do Sedes, a própria forma de desenvolver as aulas é considerada muito importante. O programa de estudo teórico estabelecido é desenvolvido em pequenos grupos que depois são reunidos

num grupo maior, quando um professor desenvolve uma aula expositiva sobre o mesmo assunto estudado nos pequenos grupos, e finalmente os pequenos grupos voltam a se reunir para uma última discussão e avaliação. O coordenador desse curso do Sedes considera que este esquema de desenvolver o estudo teórico é uma "inovação" e um "aperfeiçoamento" que nem mesmo a Sociedade "oficial" chegou a desenvolver.

Em relação a avaliação do aproveitamento do estudo teórico, os dois cursos do Sedes exigem a apresentação de um trabalho acadêmico que devem ser aprovados pelos professores a fim de os alunos se inscreverem no semestre ou ano subsequente. No NEPP, a apresentação de trabalhos acadêmicos é estimulada e às vezes é feita uma "prova" no final do semestre ou do ano; no entanto, a passagem de um semestre ou ano para outro não depende de um "julgamento" dos professores, ocorrendo de maneira automática, pois as "provas" e os trabalhos não têm este objetivo de aprovar ou não os alunos.

Os outros "alternativos" como CEF e Biblioteca Freudiana não possuem um currículo prévio e muito menos um prazo mínimo determinado. O programa de estudo teórico é montado por cada candidato conforme vai se inscrevendo nos grupos de estudo e sendo capaz de acompanhar os estudos dos textos psicanalíticos. A peculiaridade do estudo teórico desses "lacanianos" é muito menos o conteúdo do programa com prazo determinado e muito mais a proposta de desenvolver o estudo teórico em grupos de estudo, cujo número de participantes é reduzido entre cinco e dez pessoas em média. A avaliação do aproveitamento dos estudos é feita às vezes sob a forma de apresentação de um trabalho escrito, nunca é feita através de "provas" e às vezes é feita apenas uma avaliação verbal informal.

Apesar de os três itens freudianos serem considerados como condições necessárias à formação psicanalítica, elas não são suficientes per se e nessa condição não garantem a formação psicanalítica. Veremos como os próprios "alternativos" lidam com essa questão em seus termos.

Por que os três itens freudianos não são suficientes per se? Tadeu e Téio responderam a essa pergunta abordando a questão de "garantia" e da "legitimidade" da formação psicanalítica.

Nas palavras de Tadeu, "a possibilidade de engano, mistificação e equívoco é absoluta porque não existe a garantia. Por isso na história da psicanálise sempre se procurou criar algo que garantisse sua eficácia coletiva. A necessidade de institucionalizar a formação e inventar cursos é para garantir isso".

Segundo Téo, "a busca do emblema no caso do psicanalista é importante porque nós lidamos com algo tão abstrato e etéreo pela própria natureza do objeto da psicanálise que ele por si próprio não garante a legitimidade".

Recorrendo a justificações diferentes, ambos abordam a questão da "garantia" e da "legitimidade" que não ocorre na prática como uma indagação ou reflexão abstrata sobre o sistema ou sobre os analistas em geral, e sim como uma dúvida incômoda e inaceitável que se pode levantar sobre todo e qualquer "analista".

Ocorre, então, outra pergunta: como os "alternativos" resolvem o problema dessa dúvida incômoda e inaceitável? Tadeu e Téo responderam cada um à sua maneira.

Para Téo, "não temos que impedir nada em termos de reconhecimento do psicanalista. Não temos em primeiro lugar condições de separar o joio do trigo. Não temos interesse em fazer isso. Penso que quem deve fazer isso é a própria seleção natural da cultura. Uma seleção ampla vai depois determinar de algum jeito quem são os profissionais qualificados ou não. Obviamente que corremos muitos riscos, mas entendo que é preferível correr esse risco e acreditar no ser humano do que a gente ditar normas para esse ser humano tornar-se psicanalista. Penso que nós não devemos impedir ninguém de se qualificar do jeito que achar oportuno".

Certamente, não existe uma seleção "natural" da cultura, como afirma Téo, pois essa seleção vai reforçar somente os que são considerados "analistas" e se descartar dos que levantam dúvidas e objeções como "analistas". A própria fala de Téo dá uma pista na direção desse argumento quando declarou que "é preferível acreditar no ser humano do

que ditar normas...". Sim, Téo "acredita no ser humano" mas não acredita em todos igualmente, acreditando ora em um e ora em outro, assim como os outros acreditam ou deixam de acreditar nele. Isso mostra que existe uma dimensão pessoal de percepção e de julgamento na "qualificação" ou "reconhecimento" de um "analista" pelos outros que podem ser os seus colegas "analistas", os candidatos a "analistas" ou os pacientes. É exatamente essa dimensão pessoal que é contraposta ao "ditar normas" na "qualificação" do "analista", correspondente ao procedimento dos "oficiais", que "separam o joio do trigo". A respeito dessa contraposição, Tadeu revelou uma formulação mais detalhada e extensa do que a de Téo; é o que veremos no próximo parágrafo.

Nas palavras de Tadeu, "a possibilidade de engano, mistificação e equívoco é absoluta porque não existe garantia. Por isso na história da psicanálise sempre se procurou criar algo que garantisse sua eficácia coletiva. Na Sociedade, seria o percurso institucional. Fora da Sociedade, Lacan criou o passe. A necessidade de institucionalizar e inventar cursos é para garantir isso. O analista tem que procurar a garantia. Para cada um o problema é específico e cada um tem que se virar. (...) A autorização pode ser feita de duas maneiras: uma pode ser chamada de burocrática na qual a autorização vem de um sistema institucionalizado, e uma outra autorização que podemos chamar de independente e na qual a autorização independe de qualquer fator externo ao sujeito. É um processo altamente individual e reflexivo porque é o se autorizar. Tem a ver com o sujeito do inconsciente e não com o percurso institucional levado a cabo".

Para Tadeu, a insuficiência dos três itens freudianos é sinônimo de a "possibilidade de engano, mistificação e equívoco" ser "absoluta". Para garantir a "eficácia coletiva" da formação psicanalítica fornecendo uma "garantia", Tadeu considera que esta "garantia" são de duas espécies: na Sociedade "oficial", é chamada de "burocrática" e "na qual a autorização vem de um sistema institucionalizado"; nos "alternativos", é chamada de "independente e na qual a autorização independe de qualquer fator externo ao sujeito".

Como já vimos, os três itens freudianos na Sociedade "oficial" estão condicionados à filiação institucional de maneira que os rituais de iniciação têm começo quando alguém se torna "candidato" no Instituto de Psicanálise e termina quando esse "candidato" se torna um "membro" da Sociedade, portanto um "analista reconhecido". Dessa maneira, os "oficiais" resolvem o problema da insuficiência dos três itens freudianos; o que na versão de Tadeu é chamado depreciativamente de "burocrático" e relativo a "percurso institucional levado a cabo".

Também constatamos que, entre os "alternativos", os rituais de iniciação não são marcados pela "interferência institucional" e por essa razão não se apresentam sob a forma de ritos de passagem como acontece na Sociedade "oficial". Entretanto, os "alternativos" também precisam lidar com a insuficiência atribuída aos três itens freudianos pois nenhuma instituição ou "analista alternativo" propõe-se a usar seu nome ou suas atribuições para "garantir" que um candidato tornou-se um "analista" delegando a esse candidato o poder de declarar ao público que foi "reconhecido" como um "analista".

Se na Sociedade "oficial" o problema é resolvido pela filiação à Sociedade como um "membro" e portanto como um "analista reconhecido", isso não acontece entre os "alternativos" e essa não-filiação a qualquer instituição "alternativa", que não coincide e nem tem relação com o "fim da análise pessoal", marca a peculiaridade do "reconhecimento" dos "alternativos". Esse "reconhecimento", "garantia" ou "legitimidade" da formação psicanalítica ganha mais credibilidade quanto menos "burocrática", "institucionalizada", e mais "pessoal", "individual", dispensando inclusive a filiação a qualquer instituição. Como disse Tadeu, quanto mais "tem a ver com o sujeito do inconsciente" mais será "reconhecido" e "autorizável" por si mesmo e pelos outros "alternativos" que levam em consideração a maneira "individual" como o candidato se relacionou com o "sujeito do inconsciente".

A Psicanálise fora do consultório

Ao contrário dos "oficiais", os "alternativos" enfatizam que o alcance da psicanálise não está restrito ao consultório particular e abrange outras áreas de atuação mais ampla. Nas palavras de Taylor, "o que faz com que a psicanálise não seja isolada é a interdisciplinaridade no plano teórico e prático". Taylor tem razão porque os "analistas alternativos" apregoam a interdisciplinaridade desde a segunda metade dos anos 70 nas entidades e grupos privados. Agora, depois de dez anos, a interdisciplinaridade chegou aos órgãos públicos e parece estar entretanto em voga. A Fundação Joaquim Nabuco, de Recife, tem sido considerada "pioneira" na interdisciplinaridade do trabalho nas ciências sociais. Recentemente, a USP criou o seu Instituto de Estudos Avançados que também se propõe a enfatizar a abordagem interdisciplinar.

No caso da psicanálise, a interdisciplinaridade é mais do que uma proposta de pesquisa, de estudo e de ensino pois também se propõe a transformar a prática psicanalítica fora do consultório particular considerado o locus habitual e tradicional do trabalho de um "analista".

Ao expandir os limites do consultório, essa expansão continua sendo caracterizada como psicanalítica. O depoimento de Rita é bastante esclarecedor a esse respeito: "O nosso curso está bastante preocupado com o problema da psicanálise para além do consultório. Ele ficou com essa fama e acho que procede de uma atitude nossa na medida em que nós estamos interessados - e todas as pessoas que pensam a psicanálise também estão um pouco interessados - em acabar com a idéia de que a psicanálise é aquela coisa elitista, fechada, numa relação binária. É possível fazer terapia de casal, terapia familiar, mesmo terapia breve, psicoterapia de instituição e outras coisas mais, que ainda continuam sendo psicanálise".

Bento fez a seguinte declaração sobre o mesmo assunto: "O nosso curso é um curso aberto onde não se diz: aqui só se ensina esta

corrente. Não. Nós estamos abertos ao reestudo de todo o Freud, toda a psicologia do ego, toda a teoria "kleiniana", toda a teoria "lacaniana" e assim por diante. (...) O curso procura manter um caráter de interdisciplinaridade envolvendo disciplinas como a psiquiatria, a etologia, a filosofia, a antropologia, etc. O que significa que o curso não ensina só a psicanálise: ensina mais do que a psicanálise. O curso também está procurando aperfeiçoar determinadas matérias em que temos sentido dificuldade de poder cobrir como psicoterapia familiar, psicoterapia de casal, psicoterapia institucional. Por aí você vê que o nosso curso não é só de psicanálise."

Nesta fala de Rita e na de Bento podem ser ressaltadas que ocorreu uma mudança na prática psicanalítica, sem deixar de ser considerada psicanálise ao ser utilizada nas diversas psicoterapias grupais, institucionais etc. Ao invés de restringir a psicanálise ao modelo de "análise standard" da Sociedade "oficial", os "alternativos" não só defendem a manutenção de um padrão aparentado ao "standard" como também reconhecem outras formas de psicoterapias. Entretanto, existe uma condição necessária para o reconhecimento dessas outras formas psicoterápicas que consiste exatamente em garantir uma formação psicanalítica strictu sensu, como disse Rita, antes de passar a utilizar essas outras formas. Nestes termos, podemos afirmar que essa mudança da prática psicanalítica não implica em modificar ou abandonar a formação psicanalítica estabelecida tradicionalmente; muito pelo contrário, ela se tornou uma condição prévia e necessária de tal maneira que o sistema psicanalítico continua sendo totalmente preservado. O que se modificou de fato é que essa mudança da prática psicanalítica implicou em outros usos do sistema psicanalítico.

Além de introduzirem outras formas de psicoterapia, estas passaram simultaneamente a serem praticadas fora do consultório pelos "alternativos". Segundo Taylor, "a psicanálise deve interessar às universidades, planos de saúde, instituições etc." Esse alcance da psicanálise fora do consultório é caracterizado de forma muito mais explícita na fala de Teime. Ela declarou: "O Sedes estava ligado ao político quando ele foi criado assim como continua hoje ligado ao político. Um

lugar de alcance social, um lugar de pesquisa, de alto questionamento como psicanalista. Na época da criação do Sedes, era importante existir uma alternativa à Sociedade. Alternativa não é oposição, não se define por oposição, mas por estar conectado com movimentos alternativos". Deve-se entender que essa atuação "política" e essa "conexão com os movimentos alternativos", referidas na fala de Telma, implicam num interesse e prática de trabalho fora do consultório particular e que envolva os segmentos sociais menos privilegiados. O que foi confirmado por Rita, nos seguintes termos: "Um bom psicanalista pode também aprender a fazer trabalho de grupo e a trabalhar com instituição, em periferia".

É necessário esclarecer que Taylor, Telma e Rita, que são todos os três professores do Sedes, não costumam trabalhar diretamente com a "periferia" e permanecem dedicando seu tempo e trabalho ao consultório particular e ao curso do Sedes. Quando se relacionam com a "periferia", isso acontece através de supervisões dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos do curso, sobretudo na área de Saúde Mental. Inclusive é bastante comum que essas supervisões - muitas vezes desenvolvidas fora do horário regular do curso - sejam aceitas com entusiasmo e cobradas um preço simbólico ou mesmo gratuito, quando normalmente o horário e o honorário destes "analistas alternativos" costumam ser muito concorridos.

Os chamados "movimentos alternativos" podem ser entendidos como referência a grupos como a Rede de Alternativas à Psiquiatria, formado em São Paulo por volta de 1980 e "conectado" à Rede Internacional de Alternativas à Psiquiatria, mas também podem ser entendidos como a influência ou a presença da psicanálise e de certos "analistas" nos órgãos públicos de Saúde Mental, onde alguns "analistas" têm ocupado ultimamente posições e cargos influentes. Procura-se incluir e estabelecer a psicanálise nos programas de atendimentos gratuitos nos hospitais e sobretudo nos ambulatorios de Saúde Mental públicos. Trata-se de uma tentativa que ganhou mais espaço e oportunidade ultimamente, após a eleição do governo "democrático" estadual. Entretanto, estava sendo anunciada esta proposta desde a época em que iniciei a pesquisa de campo no início dos anos 80.

A proposta de implantar a psicanálise no atendimento a classes menos favorecidas da população que buscam os serviços públicos nos hospitais e ambulatórios, não se constitui em novidade no campo psicanalítico local. Desde os anos 30, Durval Marcondes propunha aos diferentes dirigentes dos órgãos públicos na área de Saúde Mental que se recorresse à psicanálise. A tentativa não foi inútil e, desde meados dos anos 30, Durval Marcondes implantou um serviço de atendimento aos alunos "especiais" dos cursos primários da rede pública estadual que se baseava na psicanálise e era dirigida e supervisionada pelo próprio Durval Marcondes contando com especialistas que se tornaram mais tarde psicanalistas e "membros" da Sociedade "oficial".

Naquela época, tratava-se de um empreendimento individual em que a adoção e a aplicação da psicanálise no atendimento de Saúde Mental entusiasmou Durval Marcondes que por sua vez entusiasmou um pequeno grupo de seus colegas "candidatos" da Sociedade. Nos anos 50, houve também outros "analistas" da Sociedade que estiveram atuando nos órgãos públicos de Saúde Mental, mas nenhum deles se propunha a aplicar a Psicanálise nesses atendimentos de Saúde Mental. Eles faziam questão declarada de estabelecer uma distinção em suas atuações: na Saúde Mental, eram psiquiatras, e no consultório particular, eram psicanalistas.

Na época recente, a aplicação da Psicanálise na área de Saúde Mental passou a ter uma repercussão bastante distinta daquela constatada na época de Durval Marcondes. Já não se trata mais de um empreendimento limitado a certos indivíduos ou grupos, mas passou a abranger parcelas significativas de especialistas, dirigentes e órgãos de Saúde Mental e de Psicanálise.

A fim de avaliar a crescente valorização da psicanálise na área de Saúde Mental vale destacar que a proposta de aplicação da psicanálise não se restringe somente a uma valorização da técnica ou teoria psicanalítica em relação a outras técnicas ou teorias não-psicanalíticas, mas a própria formação psicanalítica passa a ser considerada indispensável e necessária na atuação dos especialistas em Saúde

Mental. De tal maneira que atualmente os órgãos públicos de Saúde Mental estimulam os seus especialistas a fazerem a formação psicanalítica strictu sensu, como dizia e desejava Rita. Com esse objetivo, os órgãos públicos dispensam os seus especialistas do horário de trabalho para que frequentem o curso de Psicanálise e consideram estes horários de frequência do curso como horários de trabalho. Por sua vez, os cursos de psicanálise como os do Sedes estimulam os seus alunos a fazerem e se engajarem em trabalhos de Saúde Mental fornecendo o referencial ideológico, teórico e técnico, que valoriza e até coloca como um dos trabalhos mais "democráticos" existentes.

A valorização da psicanálise na área de Saúde Mental tornou-se significativa para especialistas, órgãos de Saúde Mental e centros de formação psicanalítica. Não se pode afirmar que esta seja uma constatação hegemônica no meio psiquiátrico, psicológico ou mesmo psicanalítico local. Entretanto, o especialista que pretende ou começa a atuar na área de Saúde Mental nos órgãos públicos não pode ignorar a constatação da importância atribuída à psicanálise atualmente. Ao contrário da época de Durval Marcondes, que fundou o Setor de Higiene Mental Escolar dedicado a lidar com crianças escolares "especiais" e que já se dava por contente caso recrutasse um pequeno número de especialistas que certamente tiveram o mérito de terem sido os pioneiros nesse campo, hoje a situação até se inverteu a ponto de já não existir mais uma oposição acirrada à aplicação da psicanálise na área de Saúde Mental. Muito pelo contrário, pode-se até afirmar que quem se opuser eventualmente à aplicação da psicanálise corre o risco de ser visto de maneira desfavorável pelos seus colegas especialistas.

Nem a "análise" sob a forma não-standard e nem fora do consultório caracterizam exclusivamente a aplicação da psicanálise na área de Saúde Mental, em termos de "alternativos". A aplicação da "análise" não-standard e fora do consultório não é uma novidade quando comparado com a situação nos outros países como a França, onde

ocorreu inclusive um expressivo "movimento institucional" envolvendo a psicanálise na área de Saúde Mental, e que até se tornou conhecido como "Psicanálise Institucional". O que caracteriza os "alternativos" é que, além de adotarem a "análise" não-standard e fora do consultório, essa aplicação heterodoxa da psicanálise é feita em nome de um atendimento à "periferia" ou classes sociais menos favorecidas da população. Essa atuação dos "alternativos" não chega a se constituir num populismo, mas certamente quem desenvolve esse tipo de atividade é considerado "engajado" ou "comprometido" com os direitos e as reivindicações da maioria da população. O que não quer dizer que haja unanimidade na apreciação dos colegas especialistas sobre este tipo de "engajamento" ou "comprometimento" envolvendo psicanálise, psicanalistas e "periferia". Como diz um "alternativo", "a maioria dos meus colegas analistas não querem saber de atuar em Saúde Mental, pois estão interessados somente em permanecer trabalhando no consultório particular". Neste caso, trata-se de "analistas" que já possuem uma clientela privilegiada que os sustentam como profissionais autônomos; o que não acontece com a maioria dos candidatos a "analistas" que nem têm uma clientela expressiva ou numerosa e, quando conseguem passar num desses concursos muito disputados para ocupar uma vaga num órgão público de Saúde Mental, são funcionários nesses órgãos e somente passam a gozar de maior prestígio quando lidam com a "periferia" baseado nos recursos da psicanálise.

*

Conclusão parcial

A partir do surgimento de "linhas" e instituições "alternativas", o campo psicanalítico tornou-se mais complexo. Houve a possibilidade de existirem a psicanálise e os psicanalistas "não-oficiais" que, embora não mantivessem uma continuidade na "linhagem" freudiana, continuaram a manter uma continuidade em relação a Freud como mito de origem. Por não terem a chancela da filiação a IPA, que é creditada a nível internacional como a "herdeira" de Freud, os "alternativos"

reafirmam suas interpretações de Freud que fazem sentido no contexto da "revisão freudiana", constatada no panorama intelectual ocidental desde os anos 60 com a chamada "esquerda freudiana" (os filósofos da "Escola de Frankfurt", Wilhelm Reich, Norman Brown, entre outros) e com os "lacanianos" (Jacques Lacan e seus discípulos franceses).

Vimos neste capítulo que os "alternativos" concebem a si mesmos e a suas práticas nas adesões a "linhas" e instituições em termos de categorias pertinentes ao campo psicanalítico. Estas categorias são identificadas por eles como diferenças e valorizadas como desigualdades em termos de serem mais ou menos psicanalíticos. Tal procedimento ficou explicitado nos rituais de iniciação dos "alternativos". Mostramos que o sistema de formação dos "alternativos" apresenta mais semelhanças com os "oficiais" do que diferenças substanciais, embora somente as diferenças fiquem ressaltadas nas falas dos "alternativos" quando se contrapõem entre si ou com os "oficiais".

Uma das características mais marcantes da "análise" praticada pelos "alternativos" é que, além de procurarem ampliar o "setting" psicanalítico com a adoção de formas não-"standards" (análises de grupos, de famílias, institucionais etc.), pretendem levar a psicanálise para fora do consultório, onde é atendida somente a clientela "privada", atingindo a "periferia" ou as classes sociais mais baixas. Esse empreendimento tem sido realizado sobretudo pela penetração da psicanálise nos órgãos públicos de saúde mental que atendem os segmentos mais carentes da população.

NOTAS

(1) Sincronicamente, na Argentina, ocorre fenômeno similar com a criação de grupos de formação psicanalítica fora da Sociedade "oficial", conforme demonstram Braslavsky e Bertoldo (1973:33-54). Surgiram no início dos anos 70 grupos como o Plataforma, o Documento e também propostas de "formação de trabalhadores de Saúde Mental" como o Centro de investigación y Docencia no qual atuaram membros de Plataforma e Documento. Diversos membros destes grupos imigraram para o Brasil, particularmente São Paulo, e aqui tiveram intensa participação no campo psicanalítico.

(2) Os pseudônimos dos "alternativos" seguirão os seguintes critérios cronológicos relativos a sua formação: iniciais R realizaram sua formação no período de meados dos anos 50 a meados dos 60; iniciais S, de meados dos 60 a início dos 70; iniciais T, de início dos 70 a meados de 70. Quando foi possível tomar conhecimento, colocamos as idades aproximadas.

(3) Ao contrário do que acontece na Sociedade "oficial", os "alternativos" caracterizam-se por apresentar uma descontinuidade sistemática na "linhagem" freudiana e assim se tornou quase impossível montar um mapa de "análises" e "reanálises" como fizemos com a Sociedade. Esse fato foi dificultado mais ainda pelos próprios "alternativos" porque, no caso de eles terem sido "analisados" por um membro da Sociedade, recusaram-se frequentemente a nomeá-los (mesmo que lhes garantisse o sigilo ético do pesquisador). Observou-se o seguinte fenômeno nessa recusa: de um lado, tinham certo sentimento de gratidão com seus "analistas" por terem conduzido a "análise pessoal"; de outro, criticavam abertamente o modelo de formação da Sociedade "oficial" assim como a "ortodoxia" desta instituição.

EPÍLOGO

A PSICANÁLISE FAZ PSICANALISTAS OU OS PSICANALISTAS FAZEM PSICANÁLISES?

Desde que foi realizada a pesquisa de campo no período de 1981-84, o campo psicanalítico em São Paulo já não é mais o mesmo descrito e analisado até aqui. Continuou sofrendo inúmeras transformações, tanto dentro quanto fora da Sociedade, embora seja possível sustentar que diversas ou algumas descrições e análises feitas sejam recorrentes historicamente, desde o período estudado até hoje.

Dentro da Sociedade, as facções ("establishment bioniano" e "oposição democrática") deixaram de assumir confrontos ou discordâncias tão explícita e acirradamente quanto vinha acontecendo. Alguns analistas da "oposição democrática" tornaram-se analistas didatas e também assumiram a direção da Sociedade e do Instituto, o que tinha sido prerrogativa até então exclusiva do "establishment bioniano". Em termos de "linhas", os bionianos continuaram sendo convictos, mas cresceu um pouco a abertura e o interesse por outras "linhas" como a da Psicologia do Ego (por causa da vinda de alguns psicanalistas norte-americanos em Congressos no Brasil) e, sobretudo, surgiu uma proposta de Psicanálise sem "linhas" e com caráter latino-americano. Esta proposta apareceu na imprensa escrita⁽¹⁾ através de artigos de Fabio Herrmann em que define o surgimento da "terceira geração de psicanalistas" que já não mais se filiam doutrinária e partidariamente a "escolas" ou "linhas" e sim conseguem apropriar-se criticamente das diferentes contribuições e desenvolvimentos teórico-técnicos de cada uma delas passando a dar sua própria contribuição.

Fora da Sociedade, os "alternativos" já não se identificam na posição de contestatários da IPA, com tanta insistência ou pro-

selitismo quanto vinha acontecendo. Talvez pela própria "abertura" da Sociedade oficial, os "alternativos" deixam de ser tão convincentes aos olhos de seus pares e candidatos que conhecem as mudanças recentes da Sociedade. Uma outra suposição plausível para a situação atual dos "alternativos" é que algumas instituições, como o Sedes Sapientiae, por exemplo, já conseguiram consolidar seu status e prestígio no campo psicanalítico e não precisam mais recorrer a contestações incisivas que foram dirigidas frequentemente contra a "ortodoxia" e o monopólio da IPA. Em termos grupais, os "alternativos" continuam apresentando alterações constantes: uns mudam de grupo, outros de "linhas", alguns argentinos retornaram ao seu país e ainda alguns grupos desaparecem. Enfim, continua havendo uma mobilidade muito grande, ao contrário do que acontece na Sociedade "oficial".

Recentemente, começaram a surgir "produções independentes" com uma frequência bem maior do que vinha acontecendo no início desta década. Geralmente, são profissionais de Ciências Humanas (não-psiquiatras e não-psicólogos) que se deitam no divã como pacientes, depois estudam a teoria psicanalítica e, em terceiro lugar, passam a analisar pacientes, sem se filiarem a qualquer instituição ou grupo psicanalítico, ou seja, sua formação psicanalítica corre "por conta própria". Estes analistas "independentes" não possuem uma retaguarda jurídica como acontece com os analistas médicos ou psicólogos que, por estarem inscritos nos órgãos de profissão liberal, respondem por seu exercício profissional nos casos de infração ética, exercício ilegal, etc.

Apesar destas mudanças recentes no campo psicanalítico, há constatações que continuam sendo válidas porque são condições estruturais dele. Uma destas constatações é a de que existem inúmeras Psicanálises, tornando-se impossível falar em a Psicanálise⁽²⁾. A maioria dos estudos sobre psicanálise (Berger, 1980; Moscovici, 1978; Gellner, 1988; Nunes, 1984; só para citar alguns) refere-se invariavelmente à Psicanálise como se ela fosse um bloco monolítico, unitário

e compacto, o que talvez tivesse sido quando Freud foi vivo. Passados cinco décadas desde a morte de Freud, ocorrem processos incessantes de desdobramentos e/ou dissidências teórico-técnicas ou institucionais, diante dos quais cada psicanalista ou instituição deve posicionar-se inevitavelmente a favor ou contra no campo psicanalítico. Ora o acordo ou discordância deve-se unicamente a adesão a "linha" (por exemplo, há kleinianos dentro e fora da Sociedade) ou unicamente a filiação institucional (por exemplo, há analistas da IPA que informalmente oferecem serviços de formação psicanalítica fora da Sociedade) ou a combinação destas duas variáveis.

Diante deste indescartável posicionamento, pode-se considerar duvidosa ou comprometida a assunção de quem reivindica que não há conflitos ou confrontos no campo psicanalítico. Muito pelo contrário, a tendência predominante leva-nos a constatar que existem diferentes posições e interesses no campo psicanalítico, os quais disputam entre si, uns consideram-se mais prevaletentes do que outros etc. Inclusive, um exemplo bastante ilustrativo de correlação de forças e de conflitos foi o episódio de Hélio Pellegrino e Eduardo Mascarenhas que denunciaram os "barões da psicanálise" (os analistas didatas) e seus privilégios caracterizados como setores conservadores ou reacionários, no âmbito da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Como reação imediata da Sociedade carioca, Pellegrino e Mascarenhas foram expulsos desta entidade, o que acabou gerando uma repercussão nacional, em 1980-81, num momento de mobilização política em lutas democráticas por setores civis nacionais contra o regime de ditadura militar ainda vigente nesse período.

Outra condição estrutural do campo psicanalítico refere-se ao fato de a Psicanálise no Brasil resultar de uma mera adaptação da Psicanálise européia aos moldes brasileiros, sem uma reconstrução psicanalítica local. Essa mera adaptação brasileira traduz-se na adesão e filiação a "escolas" ou "linhas", dentro e fora da IPA,

o que tem levado apenas (ou predominantemente) à reprodução da psicanálise importada. No Brasil, forma-se um séquito de discípulos, distribuídos ou não em facções, cujos ideais consistem em ser o mais kleiniano, o mais bioniano, o mais lacaniano, o mais winnicottiano etc. Assim, estes psicanalistas buscam ser "mais" psicanalistas do que os outros através de adquirir um domínio do conhecimento teórico-técnico, sem se propor, no final das contas, a modificá-lo, reformulá-lo etc. O resultado é um campo psicanalítico que se caracteriza por apresentar uma plêiade de facções baseadas em "linhas" de inúmeras matizes: kleinianos, bionianos, lacanianos, etc., configurando fenômenos mais grupais do que científicos (no sentido de produção científica original).

Berlinck considera que os freudianos, os kleinianos, os lacanianos etc. assumem uma postura "militante" que se assemelha ao que se encontra em movimentos políticos ou religiosos, podendo ser considerada

"simplificadora porque "resolve", de uma certa maneira, a grande e irresolvida tensão criada na psicanálise com a morte de Freud: o que é e o que não é psicanálise" (Berlinck, 1988:16).

Embora se concorde com a comparação dos "ianos" com grupos religiosos ou políticos, a explicação de Berlinck não parece totalmente apropriada porque os "ianos" não procuram definir a Psicanálise através de suas "linhas", mas têm a pretensão de que sua linha seja mais "verdadeira", "criativa", "original" do que as outras. Esta filiação a "linhas" ganha forte repercussão a nível pessoal porque oferece respostas para indagações individuais e científicas ("o que me torna psicanalista?", "o que faço na prática é psicanálise?" etc.) e também a nível social porque formam facções e grupos que compartilham da mesma "linha" e produzem sentimentos sectário e gregário que costumam oferecer a impressão de segurança, de consenso, de legitimidade etc.

Estas explicações em si mesmas não possuem relevância porque obviamente não constituem novidade no campo psicanalítico. Elas são importantes somente para marcarem que, devido a este estado de ser, cria-se um beco sem saída para a ciência psicanalítica: os adeptos aperfeiçoam-se numa "linha", mas com isso restringem-se a serem meros reprodutores ou produtores de segunda categoria de teorias importadas. Reforçando este nosso argumento, Amazonas Alves Lima, psicanalista-membro da Sociedade, declara:

"Entravando esse processo de evolução (adoção de uma teoria; avidez de mais teorias e de questionamento; avaliação de cada teoria), a adoção de tradições e filiações a autores preenche, em grande parte, o pensamento psicanalítico que poderia investir mais em temas e em idéias"(Alves Lima, 1987:123).

Se não investem em temas e em idéias de forma criadora e criativa, pode-se afirmar que os adeptos de "linhas" ou "escolas" desestimulam e subrepticamente impedem (como se estivessem talvez diante de ameaças) qualquer tentativa de romper este estado de ser. Embora seja muito mais vantajoso em termos de prestígio científico deixarem de ser reduzidos a meros reprodutores da psicanálise importada, os adeptos de "linhas" não conseguem admitir que possam existir outros caminhos a serem trilhados. E, dessa maneira, cabe indagar nesse caso se, ao invés de os psicanalistas fazerem as Psicanálises, eles estão sendo exclusivamente feitos pela Psicanálise num efeito de alienação do psicanalista adepto de uma "linha" e de sua respectiva institucionalização sob forma de facções, quer seja a nível de teoria e de técnica psicanalíticas, quer seja de política psicanalítica local.

Os psicanalistas-autores

Entretanto, a mera reprodução da Psicanálise importada está deixando de ser a única opção de cultivar o conhecimento psicanalítico no Brasil. Recentemente, sobretudo nos anos 80, pode-se entrever uma mudança notável em termos do surgimento de diversos psicanalistas-autores como: Chaim S. Katz, Joel Birman, Jurandir Freire Costa, Fabio Herrmann, Renato Mezan, Sêrvulo A. Figueira,⁽³⁾ entre outros. Estes já não se propõem a ser discípulos iluminados e muito menos arautos de "grandes teóricos" ou "mestres-psicanalistas", cuja obra pensa o discípulo e dispensa este de pensar o "mestre-psicanalista". Muito pelo contrário, procuram dar sua contribuição calcados na tradição psicanalítica, mas sem se limitarem a ela, trilhando os inúmeros veios ou fontes que podem modificar, ou não, a construção do conhecimento psicanalítico como um processo vivo que procura romper essa espécie de círculo vicioso criado em torno de "linhas" ou "escolas". Tal mudança vem sendo cada vez mais apontada e identificada no meio psicanalítico local como, por exemplo, indica Mezan quando avalia a obra de Fabio Herrmann e a de "outros autores de igual calibre", nos seguintes termos:

Eles atestam que "a psicanálise nestas bandas começa a sair da fase de latência, ousando enfim falar em seu próprio nome e propor ao debate idéias originais" (Mezan, 1988:308).

Os psicanalistas-autores têm buscado desenvolver em suas produções um estilo próprio tanto em termos de suas concepções teórico-técnicas quanto de refletirem sobre sua escritura, na qual se calcam e servem de mais um recurso para reforçarem a explicitação de suas concepções psicanalíticas. Para dar uma idéia genérica destas características próprias, podemos citar a seguir três destes psicanalistas-autores: Chaim S. Katz, Fabio Herrmann e Jurandir Freire Costa.

Chaim S. Katz vem desenvolvendo uma obra em que questiona o teoriocentrismo prevalente em teorias psicanalíticas, do ponto de vista epistemológico. Ao desentranhar as objeções a esse teoriocentrismo, Katz chega à seguinte constatação:

"Numa produção de ordem psicotizante, de exclusão radical de significantes, não há lugar para angústias e as dúvidas são repartidas discursivamente, através de mediações articuladas em torno de um centro" (Katz, 1977:26).

A partir destas objeções, demonstra-se que as teorias psicanalíticas não se reduzem a sua produção epistemológica e, ao mesmo tempo, nem podem ser dissociadas de dimensões sociais, institucionais, políticas etc. Entretanto, essa abordagem de Katz não pretende abarcar totalidades de toda e qualquer ordem ou espécie, pois seu modo de operar o conhecimento é "feito de modo mais indicativo do que sistemático" (Katz, 1977:26).

Em outra obra subsequente, Katz discute de forma heterodoxa a questão da ética e psicanálise, cujo ponto de partida é o pensá-las de forma não-unitária e nem monolítica, pois "a ética é uma criação concretada historicamente" (Katz, 1984:11). Essa asserção é explicitada ao longo da obra, mas há dois parágrafos que podem ser citados para fornecer uma idéia das pretensões do autor.

O primeiro refere-se à pertinência e à especificidade da Psicanálise na abordagem da Ética:

"O que é esta Ética que se constituiu num saber que devemos investigar? Por que tomamos certos comportamentos e dizemos que eles estão sujeitos ao pensamento da Ética, e outros não? Volto a um exemplo anterior e o clarifico. O urinar sozinho num banheiro privado não faz deste comportamen-

to um objeto para a Ética tradicional; contudo, o comportamento coletivo de urinar seria objeto para a Ética (por exemplo, não fazê-lo diante dos outros). Mas, desde que Freud instrumentalizou a Psicanálise, urinar privadamente passará a ser um problema a ser meditado eticamente, mesmo quando feito isoladamente. Assim, um comportamento que não era ético (isto é, não pertencia ao campo das questões produzidas na Ética) torna-se ético diante de um saber que o produz como tal. Ou seja, ampliando o alcance da Ética (seu agenciamento), modificam-se, criando, os "objetos éticos". Um certo comportamento que não merecia a enunciação sob forma de juízo de valor, passa a merecê-lo desde que a Ética se pense diferencialmente. Assim, e é o que desejo começar a demarcar aqui, não existem objetos inatos para a teoria ou consideração da Ética, que fossem dados desde sempre. Os fenômenos éticos não são coisas em si, mas produções desde um certo saber. (...)" (Katz, 1984:26).

O segundo parágrafo dá as balizas do alcance geral da questão ética e Psicanálise para Katz:

"A intenção e a experiência deste livro não serão apenas de produzir um efeito de conhecimento, lido unicamente desde as epistemologias. Ele proten

de pensar as questões da Ética, a constituição de uma sua Problemática mais ampla e diferenciada, mas desde uma perspectiva que elabore e considere também a ética concretamente produzida pelas relações sociais vigentes no Brasil. Nossas lutas no campo da Psicanálise não se reduzem apenas à sua faceta teórica (pertinente); e, por isto, se por um lado podemos examiná-la à moda dos centros (isto é, com a visão que dela têm europeus ou norte-americanos), por outro não queremos (e nem devemos) nos esquivar daquilo que nos produz o pensar as produções sociais, institucionais, teóricas e desejantes que nos são (em certos níveis e articulações) específicas. Talvez isso possa ser aproximado à noção de produzir conjunturalmente. Mas esta faceta nos leva a construir um livro que pretende, conscientemente (e inconscientemente) não apenas pensar as peculiaridades da ética psicanalítica no Brasil, como se fazer um instrumento social de ação. Intencionalmente, tratar-se-á de produzir um efeito de conhecimento que será também um efeito social" (Katz, 1984:14-15).

A obra principal de Fabio Herrmann consiste em uma trilogia, "Andaimes do Real", cujos dois primeiros volumes já foram publicados. O primeiro propõe ser uma "revisão crítica do método da Psicanálise". Na medida em que, na opinião do autor, a técnica terapêutica e a teoria psicológica foram enfatizadas mais pelos sucessores de Freud, em detrimento do uso do método de investigação, Em seus próprios termos, podemos citar que:

"Este livro, portanto, está escrito no avesso da Psicanálise, lá onde a trama de seus pressupostos urde o tecido que sustenta o desenho teórico. A essência metodológica, suas condições veritativas, a noção de real que lhe compete e seus desvios, tudo isto não se encontra fora nem dentro da Psicanálise, mas nos seus limites, constituindo o avesso sustentáculo que ao presente ensaio cabe colorir e deslindar. E é no avesso de nossa disciplina que se desenvolve o pensamento único deste ensaio crítico: privilegiando o método interpretativo sobre suas decorrências teórico-técnicas, recuperar a Psicanálise como instrumento afinado para a plenitude de sua aplicabilidade - Psicanálise: experimentação acerca dos limites da realidade humana" (Herrmann, 1979:5).

No segundo volume da trilogia, "Andaimes do Real: o Cotidiano", os propósitos são definidos pelo autor nos seguintes termos:

"(...) aplicaremos o método da Psicanálise fora da situação terapêutica, observando que resultados pode proporcionar na análise do cotidiano e que incidências o estudo do cotidiano terá sobre o instrumento de pesquisa. Delas, provavelmente a mais frutífera há de ser permitir-lhe rever sua teoria do real. Essa a razão de se enfrentar um objetivo duplo: sua irrecusável conexão" (Herrmann, 1985:7).

Avaliando este segundo volume da trilogia de Herrmann, Mezan declara:

"Pois a qualidade principal desse texto é que, a partir da reflexão sobre os presupostos que constituem a Psicanálise, ele a reinventa no sentido mais amplo do termo: propõe uma renovação de sua linguagem, recentra-a em torno do método, — formula hipóteses ousadas sobre os eixos teóricos e clínicos que a organizam. A-
cham-se aqui esboçadas ou já delineadas as quatro vertentes que, em psicanálise, especificam uma teoria original: uma metapsicologia, uma hipótese sobre a gênese do sujeito, uma psicopatologia e uma reflexão sobre o processo analítico(...)." (Mezan, 1988:319).

Passemos agora ao terceiro psicanalista-autor, Jurandir Freire Costa, que procura teorizar sobre as relações entre o individual e o social, nas brechas a serem preenchidas ainda pela produção psicanalítica, sobretudo considerando-se que Freud também deu conta destas re-

lações, de forma insatisfatória. Freire Costa procura demonstrar que existe a possibilidade de abordar os pressupostos universalistas sobre o sujeito e o sistema inconsciente segundo a Psicanálise e as constatações relativistas das variabilidades sócio-culturais-políticas. Para tanto, este autor considera que tanto as formas de adoecimento mental estão imbricadas com o contexto cultural quanto as formas de produção da subjetividade se realizam somente em padrões culturais específicos. Este duplo imbricamento sujeito-contexto cultural é intermediado pelo que Freire Costa denominou imaginário egóico, nos seguintes termos:

"Nossa renascença era o ego-imaginário. Conhecendo-o melhor, pensamos, poderíamos dar conta da relação entre sujeito e cultura, sem tirar o pé da psicanálise. Evidentemente, assim como a Renascença não é a cultura italiana, o ego não é o aparelho psíquico. E assim como a Renascença surge sobre fundações histórico-arqueológicas etruscas, romanas etc., também sabíamos que o ego pressupunha o sujeito, o inconsciente, a sexualidade etc. Limitamo-nos aqui e ali a assinalar a presença destes elementos, quando necessário. O renascimento egóico era nosso alvo.

Com a concepção do imaginário egóico, pudemos, então, entender como a diversidade social marca o sujeito, sem que com isto ele perca seu estatuto de sujeito do desejo ou do inconsciente. Ao mesmo tempo, esta concepção nos impunha o reconhecimento e o respeito pela variedade das aparências culturais.

Pois o imaginário ego-narcísico não se dissolve por ser explicado a partir de seu início ou de suas fundações. Ele está lá como um monumento erguido ao esforço hercúleo do sujeito para escapar de sua fútil e evanescente condição humana. Ele é símbolo e homenagem desta luta contra a infidelidade do meio e a adversidade das circunstâncias.(...).

Este ego, tentamos articulá-lo às identidades socialmente construídas, em particular aquelas das camadas populares. Procuramos mostrar que tanto a conduta doente como a conduta sadia são condutas igualmente prescritas pelos códigos sócio-culturais, e que o indivíduo, quando adoece, continua neste mundo, portanto todos os sinais que o mundo lhe imprimiu. Ninguém adoece no éter.(...)"(Freire Costa, 1989).

Estas longas transcrições acima dos três psicanalistas-autores servem para dar uma breve idéia de suas obras em elaboração. Ao buscarem desenvolver um estilo próprio de produção psicanalítica, podem ser bem ou mal-sucedidos, mas não lhes podemos negar o mérito e o risco de procurarem dar conta de sua prática psicanalítica a partir e em função de pesquisa e produção de conhecimento. Esta estreita conrelação entre prática, pesquisa e produção demonstra que o conhecimento psicanalítico nunca é exclusivamente universal e, uma vez alcançado, não é necessariamente aplicável a qualquer contexto ou paciente. Ao contrário, justamente por apresentar um caráter intrinsecamente re

lativo o conhecimento psicanalítico pode ou precisa ser revisto, desconstruído e reconstruído por cada psicanalista em cada contexto peculiar, embora obviamente possa e deva recorrer sempre a aquisições teóricas, técnicas e metodológicas já realizadas.

Entretanto, tal empreendimento científico não existe ainda como uma expressão mais coletiva dos psicanalistas brasileiros que, somente no período mais recente, começaram a dar indícios da possibilidade de se engajarem nesse tipo de empreendimento. Por enquanto, parece ser mais verossímil a constatação de que existe ainda uma escassez da produção psicanalítica local, considerando-a mais do ponto de vista qualitativo do que propriamente quantitativo.

Essa constatação não aparenta ser, em princípio, um problema atribuível exclusivamente à área psicanalítica. Muito pelo contrário, verificam-se fortes indícios de que, em áreas científicas correlatas como a Psicologia, o mesmo problema se coloca de forma sintomática. Há uma produção recente de pesquisas (Carvalho, 1984; Bastos e Gomide, 1989) sobre a formação do psicólogo nas quais se destaca que o curso de graduação não está conseguindo transmitir ao futuro psicólogo a capacidade de produzir conhecimento e técnica em Psicologia e não somente se reduzir a ser um mero repetidor de conhecimentos e técnicas adquiridas. Mais ainda, o futuro psicólogo encara seu exercício profissional como uma simples aplicação de técnicas e de teorias, sem qualquer noção de que estas devem ser revistas, reconstruídas, inovadas etc. (Carvalho, 1984:9) e descartando a possibilidade de produção de novos conhecimentos, em termos de uma atitude de permanente pesquisa científica aliada à atuação profissional. Concordando com e reforçando essa conclusão de Almeida, Bastos e Gomide (1989) examinaram os dados coletados pela pesquisa dos Conselhos Regionais e Federal de Psicologia que abarcaram como sujeitos da pesquisa os psicólogos de todas as Regiões do País, numa amostra estatisticamente significativa. Embora as pesquisas citadas não sejam exaustivas e ainda tenham começado

a surgir recentemente, é bastante expressivo constatar que, para o contexto brasileiro, aponta-se para um mesmo problema no que se refere a escassez de produção teórico-técnica local, tanto entre psicólogos quanto entre psicanalistas.

NOTAS

(1) Diversos artigos de Fabio Herrmann podem ser citados: "Horkos ou pelos charutos de Freud" (Folhetim nº334, Folha de São Paulo, 12/06/83); "De um debate que não há" (Folhetim nº450, Folha de São Paulo, 08/10/85); "Psicanálise em São Paulo" (Folhetim nº488, Folha de São Paulo, 15/06/86).

(2) Analogamente, Guirado considera que na(s) Psicologia(s) é "uma tarefa difícil: buscar o 'plural' daquilo que é sempre referido no singular" (Guirado, 1987:IX), reconhecendo que até mesmo na atuação do psicólogo em instituições deve-se especificar a existência de Psicologia(s) Institucional(is).

(3) Entre algumas obras dos psicanalistas-autores, podemos citar: Aricó (1984, 1986); Birman (1978, 1980); Figueira (1981); Freire Costa (1984, 1989); Herrmann (1979, 1985); Mezan (1982, 1985).

B I B L I O G R A F I A

- ALBUQUERQUE, J.A.G. As metáforas da desordem. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- ALEXANDER, F. et alii. A história da Psicanálise através dos seus pioneiros. Rio de Janeiro, Imago, 1981.
- ALVES LIMA, A. Algumas idéias sobre o simpósio da FEPAL. Correio da FEPAL. Federação Psicanalítica da América Latina, São Paulo, 1967.
- ALVES LIMA, A. As características da produção psicanalítica latino-americana. Correio da FEPAL. XVII Congresso Latino-americano de Psicanálise. São Paulo, 1988.
- AMARAL, A.B. Dicionário de História de São Paulo. São Paulo, Secretaria de Cultura do Governo de São Paulo, 1980.
- AMARAL, L.A. Livros novos. Revista Brasileira de Psicanálise, 1(I), São Paulo, 1967.
- ANDRADE, M. O peru de Natal. In: _____. Contos novos. 7ª ed., São Paulo, Martins, 1976.
- ANDRADE, M. Prefácio interessantíssimo. In: _____. Poesias completas. 3ª ed., São Paulo, Martins, 1972.
- ANDRADE, O. A arcádia e a Inconfidência. In: _____. Do pau-brasil à antropofagia e às utopias. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
- ANDRADE, O. A crise da Filosofia messiânica. In: _____. Do pau-brasil à antropofagia e às utopias. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
- ANDRADE, O. Serafim Ponte Grande. In: _____. Obras completas, v.2. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- ARICÓ, C.R. Estudos sobre Psicanálise: epistemologia e política. São Paulo, NEPP, 1984.
- ARICÓ, C.R. Reflexões sobre loucura. São Paulo, Ícone, 1986.
- BARCELLOS, R. Algumas anotações biográficas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. São Paulo, mimeo, 1976.
- BASTIDE, R. Sociologia e Psicanálise. São Paulo, Melhoramentos/EDUSP, 1974.

- BASTOS, A.V.B. e GOMIDE, P.I.C. O psicólogo brasileiro: algumas características de sua formação e atuação profissional. Psicologia, ciência e profissão, Brasília, 9(1), 1989.
- BERENSTEIN, B. Classe social, sistemas de fala e psicoterapia. In: Figueira, S.A. (org.). Psicanálise e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.
- BERLINCK, M. Psicanálise da clínica cotidiana. São Paulo, Escuta, 1988.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 1973.
- BERGER, P. Para uma compreensão sociológica da Psicanálise. In: Figueira, S.A. (org.). Psicanálise e Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.
- BICUDO, V.L. Contribuição para a história do desenvolvimento da Psicanálise em São Paulo. Arquivos de Neuropsiquiatria. São Paulo, 6 (1), 1948.
- BICUDO, V.L. e FERRARI, A. Critério para a formação de novos núcleos psicanalíticos no Brasil. Revista Brasileira de Psicanálise. São Paulo, 7 (4), 1973.
- BICUDO, V.L. O Instituto de Psicanálise. Órgão de Ensino da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Alter, 6 (3):69-76, 1976.
- BICUDO, V.L. Características da produção psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Correio da FEPAL. São Paulo, Federação Psicanalítica da América Latina, 1987.
- BIRMAN, J. A psiquiatria como discurso da moralidade. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- BIRMAN, J. Enfermidade e loucura: sobre a Medicina das inter-relações. Rio de Janeiro, Campus, 1980.
- BLEGER, J. Psicoanálisis y dialéctica materialista. Buenos Aires, Paidós, 1963.
- BLEGER, J. Psycho-analysis of the psycho-analytic frame. International Journal of Psycho-analysis. London, 48, 1966.
- BOLTANSKI, L. As classes sociais e o corpo. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

- BOURDIEU, P. Gênese e estrutura do campo religioso. In: _____. Economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: _____. Questões de sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- BRASLAVSKY, M. e BERTOLDO, C. Apuntes para una história reciente del movimiento psicoanalítico argentino. In: Langer, M. Questionamos 2. Buenos Aires, Gráfica, 1973.
- BRILL, A.A. Carta de A.A. Brill. Revista Brasileira de Psicanálise, 2(4), São Paulo, 1969.
- BRIQUET, R. Franco da Rocha e a Psicanálise. Memórias do Hospital Juqueri, XI-XII (11-12), São Paulo, 1934.
- BRITO, M.S. História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana da Arte Moderna. 3ªed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- CANDIDO, A. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. Literatura e sociedade. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967.
- CARR, E. Que é história? 3ªed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- CARVALHO, A.M.A. Atuação psicológica: alguns elementos para uma reflexão sobre os rumos da profissão e da formação. Psicologia, ciência e profissão, Brasília, 4 (2), 1984.
- CARVALHO FRANCO, M.S. As idéias estão no lugar. Cadernos de Debate, 1, São Paulo, Brasiliense, 1978.
- CASTEL, R. O psicanalismo. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- CESAROTTO, O. e SOUZA LEITE, M.P. O que é psicanálise: segunda visão. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- CLARK, R.W. Freud: the man and the cause. New York, Randon House, 1980.
- CLAVREUL, J. A ordem médica. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- CORRÊA, M. As ilusões da liberdade. Tese de doutoramento apresentada no Departamento de Ciências Sociais da FFLCH da USP, São Paulo, 1982.
- CORRÊA, M. Traficantes do excêntrico: a antropologia no Brasil dos anos 30 aos anos 60. RBCS (8), São Paulo, 1988.
- DANTAS, B. Vovó Nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil. Dissertação de Mestrado. IFCH, UNICAMP, Campinas, 1982.
- DOUGLAS, M. Pureza e perigo. São Paulo, Perspectiva, 1976.

- DUMONT, L. Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- DURHAM, E.R. A dinâmica cultural na sociedade moderna. Ensaio de Opinião, 4, Rio de Janeiro, Inúbia, 1977.
- ELLENBERGER, H. The discovery of the unconscious. New York, Basic Books, 1970.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- FIGUEIRA, S.A. O contexto social da Psicanálise. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.
- FRANCO DA ROCHA, F. O pansexualismo na doutrina de Freud. São Paulo, Typographia Brasil de Rotschild, 1920.
- FRANCO DA ROCHA, F. A Psychologia de Freud. Revista Brasileira de Psicanalyse, São Paulo, 1 (1), 1928.
- FRANCO DA ROCHA, F. A doutrina de Freud. 2ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1930.
- FREIRE COSTA, J. Violência e Psicanálise. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- FREIRE COSTA, J. Psicanálise e contexto cultural. Rio de Janeiro, Campus, 1989.
- FRY, P.H. Spirits of Protest: spirit-mediums and the articulation of consensus amongst the Zezuru of Southern Rhodesia. Cambridge, Cambridge University Press, 1976.
- FRY, P.H. Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei. In: Vogt, Carlos (Org.). Caminhos Cruzados. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- FERNANDES, F. Mudanças sociais no Brasil. São Paulo, Difel, 1979.
- FINE, R. A história da Psicanálise. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1981.
- FORACCHI, M.M. A juventude na sociedade moderna. São Paulo, Pioneira, 1972.
- FREUD, S. A história do movimento psicanalítico (1914). In: _____. Edição Standard brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1974, v.14.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1920). In: _____. Edição Standard brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1972, v.VII.

- GABBI JR., O.F. A pré-história da teoria freudiana: os materiais de construção. Tese de doutoramento. IPUSP, São Paulo, 1981.
- GALVÃO, L.A.P. Notas para a história da Psicanálise em São Paulo. Revista Brasileira de Psicanálise, 1(1), São Paulo, 1967.
- GALVÃO, L.A.P. et alii Relatório do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (Biênio 1975-1976). Alter, 6(3), 1976.
- GALVÃO, L.A.P. Durval Marcondes em lapidação. Revista Brasileira de Psicanálise, 16(11), São Paulo, 1982.
- GAY, P. Freud: uma vida para o nosso tempo. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GELLNER, E. Movimento psicanalítico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- GLOVER, E. Psicanálise na Inglaterra. In: Alexander, F. et alii. A história da Psicanálise através dos seus pioneiros. Rio de Janeiro, Imago, 1981.
- GLUCKMAN, M. Analysis of a social situation in modern Zululand. Rhodes-Livingstone Paper, 28, 1958.
- GLUCKMAN, M. Gossip and scandal. Current Anthropology, 4(3), 1963.
- GOTLIB, N.B. Tarsila do Amaral: a musa radiante. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- GRATTON, H. Psicanálises de ontem e de hoje. São Paulo, Loyola, 1967.
- GREEN, A. Sobre a loucura pessoal. Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- GREENSON, R. Otto Fenichel: a enciclopédia da Psicanálise. In: Alexander, F. et alii. A história da Psicanálise através dos seus pioneiros. Rio de Janeiro, Imago, 1981.
- HERRMANN, F. e ALVES LIMA, A. Melanie Klein. São Paulo, Ática, 1982.
- HERRMANN, F. Andaimos do real: uma revisão crítica do método da Psicanálise. São Paulo, EPU, 1979.
- HERRMANN, F. Andaimos do real: o cotidiano. São Paulo, Vértice, 1985.
- JONES, E. A vida e a obra de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1989, v.2, v.3.
- KATZ, C.S. Psicanálise e instituição. Rio de Janeiro, Documentário, 1977.
- KATZ, C.S. Teoria e política na obra de Freud: indicações iniciais. Tempo Brasileiro, 70, 1982.

- KATZ, C.S. Ética e Psicanálise: uma introdução. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- LANGER, M. (org.) Questionamos a Psicanálise e suas instituições. Petrópolis, Vozes, 1973.
- LAPASSADE, G. Grupos, organizações e instituições. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- LEEDS, A. Carreiras brasileiras e estrutura social. In: _____. Sociologia do Brasil urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- LEVI-STRAUSS, C. O feiticeiro e sua magia. In: _____. Antropologia Estrutural. 2ª ed, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.
- LEVIN, K. Freud: a primeira psicologia das neuroses. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- MAC GRATH, W. Histeria e Política. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- MARCONDES, D.B. A therapeutica psychanalytica da impotência sexual. Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. 14 (4), São Paulo, 1930a.
- MARCONDES, D.B. Sobre a ejaculação precoce. Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 14(10), São Paulo, 1930b.
- MARCONDES, D.B. Os resultados do tratamento psicanalítico. Revista da Associação Paulista de Medicina, 6 (1), São Paulo, 1935.
- MARCONDES, D.B. A Medicina e a Psicologia. São Paulo, Martins, 1951.
- MARCONDES, D.B. A trajetória modernista. Ide, 4 (6), São Paulo, 1978.
- MARCUSE, H. Eros e civilização. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- MASSON, J.M. O atentado à verdade: a supressão da teoria da sedução de Freud. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1984.
- MELLO, S.L. Psicologia e profissão em São Paulo. São Paulo, Ática, 1975.
- MEZAN, R. Freud: a trama dos conceitos. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- MEZAN, R. Freud: o pensador da cultura. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- MEZAN, R. A vingança da esfinge: ensaios de Psicanálise. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- MOREIRA, D. Psiquiatria: controle e repressão social. Petrópolis, Vozes, 1983.
- MOSCOVICI, S. A representação social da Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- NUNES, M.B.M.L. Professional culture and professional practice: a case study of Psychoanalysis in the United States. Northwestern University, Evanston, 1984.

- OTTALAGANO, C. O Congresso latino-americano de Buenos Aires em discussão. IDE, 2(3), São Paulo, 1976.
- PACHECO E SILVA F., A.C. Evolução da Psicanálise. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- PERESTRELLO, M. História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação. Rio de Janeiro, Imago, 1987.
- PHILIPS, F.J. O problema da observação da realidade da depressão. Revista Brasileira de Psicanálise. 4 (1), São Paulo, 1970.
- POLITZER, G. Crítica de los fundamentos de la Psicología. Barcelona, Martinez Roca, 1972.
- PONTALIS, J.B. A Psicanálise depois de Freud. Petrópolis, Vozes, 1972.
- RIEFF, P. Freud: pensamento e humanismo. Belo Horizonte, Interlivros, 1979.
- ROAZEN, P. Freud e seus discípulos. São Paulo, Cultrix, 1978.
- ROSENFELD, A. Texto/contexto. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- ROUANET, S.P. Teoria crítica e Psicanálise. 2ª ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1986.
- ROUANET, S.P. A razão cativa: as ilusões da consciência: de Platão a Freud. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- ROUDINESCO, E. A história da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos. v.2:1925-1985. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- SAGAWA, R.Y. Durval Marcondes e o início do movimento psicanalítico brasileiro. Cadernos Freud/Lacan/ianos, 2, São Paulo, 1980.
- SAGAWA, R.Y. Durval Marcondes e o início da clínica psicanalítica no Brasil. Cadernos de Psicanálise, Arte e Literatura, 3, São Paulo, 1981.
- SAHLINS, M. Cultura e Razão prática. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- SAUSSURE, F. Curso de Linguística geral. São Paulo, Cultrix, 1974.
- SHUR, M. Freud: vida e agonia. Rio de Janeiro, Imago, 1981.
- SHWARZ, R. Ao vencedor as batatas. 2ª ed., São Paulo, Duas Cidades, 1981.
- SILVEIRA, G.M. O tupi e o alauê: uma interpretação de Macunaíma. São Paulo, Duas Cidades, 1979.

- TURKLE, S. Psychoanalytic politics: Freud's French revolution. Cambridge, MIT Press, 1981.
- TURNER, V. O processo ritual. Petrópolis, Vozes, 1974.
- UCHOA, D. Organização da Psicanálise no Brasil. In: _____. Organização da Psiquiatria no Brasil. São Paulo, Sarvier, 1981.
- VAN GENNEP, A. Os ritos de passagem. Petrópolis, Vozes, 1978.
- VIEIRA DE MELLO, M. O conceito de uma educação da cultura. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- WEBER, M. On charisma and institution building. Chicago, Chicago University Press, 1968.